WILHELM REICH

CONTATO COM O ESPAÇO

CENTRO REICHIANO
PSICOLOGIA CORPORAL

Caro Leitor

Infelizmente ainda são poucos os livros de Reich traduzidos para o português, o que limita consideravelmente o aprendizado e, consequentemente, a divulgação da Orgonomia em nosso país.

No intuito de auxiliar nossos alunos que não lêem em inglês e acreditando que o conhecimento deve ser compartilhado e não retido, foi que traduzimos esse livro.

Não somos tradutores especializados e, portanto, pedimos a sua compreensão para possíveis erros que venha a encontrar.

A fim de facilitar a leitura dessa tradução, tivemos o cuidado de encadernar esse xérox em forma de livreto, facilitando também seu armazenamento, de forma a se obter um maior proveito do texto. Assim, queremos deixar claro que essa tradução não se trata de uma "edição", mas sim, uma tradução independente de forma a auxiliar àqueles que não possuem o exemplar em sua língua original (inglês). Portanto, esse trabalho não deverá ser comercializado. Nosso objetivo não vai além da divulgação dos trabalhos de Reich.

Caso deseje mencionar o conteúdo dessa tradução em um de seus trabalhos acadêmicos, procure utilizar-se do material original que encontra-se disponível a todos os interessados na biblioteca do Centro Reichiano.

Wilhelm Reich

CONTATO COM O ESPAÇO

Traduzido de:

- *Contact with Space*, CORE PILOT PRESS, , New York, 1957.

ÍNDICE

I. Duas estrelas se apagam gradualmente 01

II. O efeito "Orur" atmosférico 17

III. Contato com a Força Aérea dos EUA 35

IV. Nuvens DOR sobre os EUA 81

V. Escolha de Tucson, Arizona 95

VI. A forja do Vale Planetário 99

VII. A batalha Ea de Tucson 117

VIII. Rompendo a Barreira 149

IX. Auto-Regulação Cósmica no metabolismo de Energia Or 177

CAPÍTULO I

DUAS "ESTRELAS" SE APAGAM GRADUALMENTE

A terra abriga homens do espaço?

Em 20 de março de 1956, às 10 hs da noite, um pensamento de possibilidade remotíssima penetrou em minha mente, o qual, temo, não me deixará nunca mais: *Sou um homem do espaço?* Pertenço a uma nova raça na terra, gerada por homens vindos do espaço exterior em abraço genital com as mulheres da terra? Meus filhos constituem a *primeira raça interplanetária?* O cadinho da sociedade interplanetária já foi criado em nosso planeta como o cadinho de todas as nações da terra se estabeleceu nos EUA 190 anos atrás? Ou este pensamento se relaciona a coisas que acontecerão no futuro? Exijo meu direito e privilégio de ter esses pensamentos e formular essas questões sem ser ameaçado de ser preso por qualquer agência administrativa da sociedade.

Com esta questão, muitos fatos de minha existência rapidamente entraram nos eixos, tendo sido incertezas há apenas quatro dias; a tentação de responder afirmativamente a questão acima é irresistível. No entanto, devo adiar a decisão final até que os fatos falem. Neste ínterim, continuarei a suposição: *Não está além das possibilidades reais que homens vindo do espaço exterior tenham desembarcado (ou desembarcarão no futuro) na terra e tenham começado a criar uma descendência aqui por uma razão qualquer.*

Esta idéia não é tão estranha à raça humana quanto pode parecer à primeira vista. Em 1951, acredito, Hollywood produziu um novo filme com o título "THE DAY THE EARTH STOOD STILL" (O dia em que a terra parou"). No filme, uma nave espacial pousava na terra; um homem do espaço, com aparência igual ao homem comum, mas muito mais inteligente do que o terráqueo, encontrou-se com os habitantes da terra. Apaixonou-se por uma mulher e fez amizade com o filho dela. Ele sabia matemática melhor do que qualquer gênio deste século. As pessoas na terra entraram em pânico porque ele era capaz de parar o tráfico terrestre ao pressionar um botão. No final, os terráqueos fizeram com ele o que sempre fazem nesses casos: caçaram-no militarmente e abateram-no na rua. O homem do espaço foi levado para sua nave por um robô; um tipo novo de medicina, desconhecido na terra, reviveu-o.

O filme era excelente. Tendia a preparar a população para os extraordinários acontecimentos do futuro. Tinha idéias corretas, e não erradas, sobre o funcionamento de energia cósmica empregada na propulsão das naves espaciais. Retratava o homem do espaço como um ser semelhante ao terráqueo, mas diferente na sua atitude para com as mulheres, no seu comportamento com o garotinho, etc. Admitia que problemas de matemática insolúveis fossem facilmente resolvidos com os conhecimentos que ele tinha da Energia da Vida. Não há dúvidas de que a energia da vida era mencionada: luzes se acendiam na nave espacial

quando dedos se moviam sobre certos interruptores; luminação de tubos de vácuo pode realmente ser alcançada com a aproximação de campos energéticos corporais fortes.

Em todo o filme tive a clara impressão de que ali estava um pouco de minha história; até mesmo a expressão e olhares do ator lembraram-me e a outras pessoas de como eu era 15 a 20 anos atrás.

Naquele momento não me ocorreu o pensamento de que podia ser na verdade descendente de um homem do espaço. Sem minha intenção, por alguma razão a história começou a desenrolar-se, colocando-me no centro de problemas espaciais: entrei em contato real, por intermédio do *cloudbuster*, com objetos luminosos no céu em 12 de maio de 1954, entre 9h40 e 10h45 da noite.

Em 1954, os planetas da tarde eram:
Vênus: 30 de janeiro a 15 de novembro
Júpiter: 1° de janeiro a 30 de junho
Saturno: 26 de abril a 5 de novembro

Latitude de Boston: Hora do acaso *

	Vênus	Júpiter
15 de Março	6:55	13:10
01 de Abril	19:37	12:13
15 de Abril	20:13	23:25
01 de Maio	20:53	22:35
15 de Maio	21:24	21:53
01 de Junho	21:49	21:02
15 de Junho	21:55	20:20

Durante esta hora, homens na terra viram pela primeira vez na história do homem e de sua ciência, *duas "estrelas" a oeste desaparecerem várias vezes* quando se drenou energia cósmica delas. O choque desta experiência foi tão grande que ela só foi repetida em 10 de outubro de 1954. O motivo da hesitação foi obviamente o risco de precipitar uma guerra interplanetária com tal experimentação. O evento foi mantido em segredo.

Sou um homem modesto, ordenado e racional. Tendo a subestimar minha estatura em vez de afirmar meu potencial completo como cientista. Odeio irracionalismo místico, mas acredito que mesmo na irracionalidade mais flagrante deve haver alguma verdade racional; não há nada neste mundo do homem que não seja de certo modo e em algum lugar verdadeiro, ainda que distorcido ao máximo; costumo dizer isto aos meus alunos. No entanto, nunca permiti mistificação irresponsável de assuntos sérios, como constato interplanetário, para confundir nossa grande tarefa.

*** De acordo com relatório por Robert McCullough. Tempo local ruim. Mesmo admitindo correção sob luz do dia, nem Vênus nem Júpiter eram observados na área na ocasião. Os objetos estavam altos sobre o horizonte.**

O relatório Rupplet sobre UFOs revela claramente a impotência do método mecanicista em atacar os problemas colocados pelos homens do espaço. A energia orgone cósmica que esses seres vivos estão empregando em sua tecnologia está além da percepção da ciência mecanicista, pois as leis cósmicas do funcionamento não são mecânicas mas o que denomino de *"funcionais"*. Até mesmo a matemática necessária para formular esses problemas e torná-los tecnologicamente usáveis, não pode empregar qualquer um dos antigos métodos mecanicistas de pensamento para lidar com os fatos OR funcionais (veja Energy Bulletin, 1950-1953).

A impotência do pensamento mecanicista aparece na trágica conseqüência dos nossos mais rápidos aviões a jato ao fazerem e manterem contato com os UFOs. Ser inevitavelmente ultrapassado não é uma situação agradável para o orgulho militar. A conclusão parece correta: métodos mecanicistas de locomoção não devem ser levados em conta ao se lidar com problemas das naves espaciais. Nem hélice nem jato poderão nos levar ao espaço.

Contato fácil foi feito naquele dia fatídico com o que veio a ser até agora um tipo desconhecido de UFO. Hesitei durante semanas em virar os tubos do meu *cloudbuster* para uma "estrela", como se eu soubesse que algumas das luzes piscantes suspensas no céu não fossem planetas nem estrelas fixas mas sim, máquinas ESPACIAIS. Com o desaparecimento das duas "estrelas", o *cloudbuster* transformou-se repentinamente num CANHÃO ESPACIAL (spacegun). A partir daí, nossa abordagem ao problema do espaço se tornou também positiva, afirmativa, confiante no emprego de nossos dados cuidadosamente protegidos. *São necessárias novas ferramentas de conhecimento.*

Quando eu vi a "estrela" do oeste desaparecer numa sucessão de quatro vezes, o que tinha permanecido do velho mundo do conhecimento humano após a descoberta da energia OR de 1936-1940 ruiu completamente. De agora em diante, toda e qualquer coisa era possível. Não havia mais nada que pudesse ser considerado "impossível". Tinha dirigido os tubos de drenagem, ligados a um poço profundo, para uma estrela comum e a estrela tinha desaparecido quatro vezes. Não havia nenhum erro sobre isto. Mais três pessoas tinham presenciado o fato. Havia somente uma conclusão: *A coisa que tinha sido drenada não era uma estrela; era uma outra coisa: um "UFO".*

Devo recordar ao leitor que em maio de 1954 tinha lido apenas um relatório sobre UFOs; não tinha estudado nada sobre o assunto. Não sabia praticamente nada sobre ele. Mas minha mente, acostumada a esperar surpresas na pesquisa natural, estava aberta a qualquer coisa que parecesse real. Tive de me convencer primeiro. Muitas pessoas tentam obter aprovação de suas impressões antes delas mesmas estarem convencidas. Há muito tempo tinha perdido a esperança de convencer qualquer pessoa mergulhada no mecanicismo ou no misticismo atuais. Não havia autoridades. Não havia ninguém com quem comentar esta observação.

(Em maio de 1954, a investigação realizada pela indústria americana de medicamentos tinham começado a importunar-nos algumas semanas antes). Estávamos ainda trabalhando para compreendermos o que tinha acontecido no começo de 1951 quando Oranur irrompeu em nossa vidas; estávamos ainda tentando averiguar humanamente, emocionalmente e cientificamente o que havia sob a avalanche de novas observações. Fatos e idéias que Oranur tinha atirado em nosso caminho. Sem que tivéssemos a intenção de fazê-lo, tínhamos perfurado um buraco, por assim dizer, na parede que durante milênios separou o homem do universo circundante. Éramos duramente pressionados em nossa tentativa de sobreviver inteiros ao dilúvio de eventos. Um tribunal de justiça norte-americano tinha expedido uma ordem em 19 de março de 1954 para pararmos todas as atividades de pesquisa OR, inclusive as publicações. Tivemos então de encarar o dilúvio de fatos novos inacreditáveis, nossa própria miséria emocional e física e o assalto realizado pela mente mecanicista de russos e americanos. Tudo isto se ajustava perfeitamente em nossa pesquisa básica como um único fato: *os terráqueos tinham encontrado o espaço como ele realmente era;* não como a ciência o havia concebido até então.

Aqui está a seqüência dos principais eventos na pesquisa OR que precederam o desaparecimento de uma "estrela":

Em 30 de dezembro de 1953, um dos nossos trabalhadores comunicou uma "visão": um objeto voador laranja viajando de SW para NE.

Em 9 de janeiro de 1954, vi o filme de Wells *War Betwenn the Worlds* ("Guerra dos Mundos", uma abordagem bastante realista à emergência planetária. O filme ainda seguia a idéia terrestre que a guerra na terra travada com seres do espaço externo produziria a visão de braços verdes, mãos em garra e outros produtos dos pesadelos humanos. O filme ignorava a natureza insidiosa, silenciosa, sutil, da guerra de atritos: *drenar energia da vida de um planeta coberto de verde, fervilhando de seres vivos.* A representação dos desembarques era, contudo, realística bem como o desmoronamento dos edifícios. Podemos estar certos ao admitir que o desmoronamento foi filmado com aceleração a alta velocidade de uma atividade, na verdade quase invisível. O pânico mostrado nas pessoas era devido mais à aceleração dos eventos do que aos próprios eventos. Na verdade, as rochas já estavam desmoronando em 1952 nos EUA, mas ninguém parecia prestar atenção a isto, pois o processo era muito vagaroso e as pessoas que o notavam eram muito evasivas ou temerosas de comentar.

Durante todo o ano de 1954, os preparativos para nossa expedição ao Arizona e a outras partes do sudoeste dos EUA estavam em andamento e, muito prejudicada financeiramente por causa do assalto realizado pela indústria de drogas e alimentos em nossos recursos financeiros, a renda provinha do emprego médico da energia OR.

Durante o verão de 1953, tinha iniciado o projeto de pesquisa química pré-atômica a fim de obter, se possível, uma resposta para o problema do Melanor, a substância preta parecida com pó que caiu sobre

Orgonon vinda da atmosfera. Ela atacou e destruiu as rochas, secou a atmosfera, tornou-nos miseráveis com sede, cianose, náuseas, dores de todos os tipos.

Em abril de 1954, baseado em nossas descobertas, o Sr. McCullough foi para Yuma, Arizona, durante 4 semanas com um *cloudbuster* para descobrir nuvens DOR e Melanor completamente desenvolvidas no deserto. Os resultados foram recompensadores e serão abordados em ligação com os problemas da química pré-atômica do espaço exterior. Foi McCullough quem primeiro se referiu ao *"teto DOR"* no deserto, corroborando assim a descoberta de nuvens DOR estagnadas sobre Orgonon.

Os preparativos estavam repletos de observações de natureza extraordinária, e conduziram ao surpreendente evento de 12 de maio de 1954: *o desaparecimento de uma estrela.* Aguçaram também nossos sentidos e nos prepararam para a formação de novos métodos de observar Ea corretamente. Foi pelo final de 1953 que eu li o relatório Keyhoe sobre objetos voadores não identificados*. Impressionou-me, à primeira leitura do assunto, que ninguém tivesse tentado ainda fazer simplesmente uma série de fotografias do céu noturno. Esta é a impressão que se tem a partir de todos os relatórios publicados, inclusive o de Ruppelt (1956). Os relatórios estão abarrotados de relatos de testemunhas com detalhes de localização, direção e coisas similares. No entanto, ninguém, até onde posso julgar, tentou começar uma investigação sistemática do céu noturno. A resposta parece ser: ninguém sabe *o que* fotografar e *quando.*

Uma outra característica surpreendente era o esforço frustrante de nossos pilotos de jatos de ultrapassar o que era obviamente um artefato bem superior tecnologicamente. Tinha, às vezes, a impressão de que a ambição competitiva e a angústia social das "autoridades" em vez da abordagem sóbria e sistemática governavam os esforços para conhecer os problemas dos UFOs. Isto tornou mais fácil aos detratores neuróticos do sério problema UFO negar todo o assunto como uma impossibilidade e denunciar aqueles que reivindicavam ter observados assuntos extraordinários como maníacos, lunáticos, vigaristas ou coisa pior. Compreendemos como o sisudo piloto que foi ultrapassado pelo UFO deve ter-se dividido entre o ridículo e o orgulho ferido. Nada disso ajuda, naturalmente.

Visto deste ponto de vista, o ataque dos agentes de alimentos e drogas sobre a orgonomia nada mais era do que uma expressão do terror da Energia Cósmica por parte dos homens doentes. Por este motivo, ela *"não existia";* seu descobridor era, de acordo com esta visão, ou um "charlatão" ou um "lunático".

É possível que essas primeiras observações fossem responsáveis, antes de mais nada, pelo desenvolvimento de técnicas sistemáticas de observação. Medidas quantitativas, exatas, podiam esperar sem prejuízo

---

* Donald F. Keyhoe - Flying Saucers from Outer Space, 1953, Henry Holt.

até que se pudesse fazer algumas observações confiáveis, discriminadoras do céu.

Por este motivo, encorajei meus assistentes a não tomares notas, a não tirarem fotografias, a não fazerem nenhuma tentativa de uma determinação quantitativa de que pensavam ser observações valiosas; mas relaxar e apenas olhar o céu casualmente, por assim dizer, e deixar os novos fatos se aproximarem deles em vez de correr com a respiração oprimida atrás de fatos esquivos e estranhos.

Essa idéia surtia efeitos a longo prazo. Aprendemos gradualmente a descobrir os UFOs entre a miríade de estrelas e a testar nosso julgamento por intermédio do canhão espacial e da câmara. A partir deste tipo de abordagem resultaram as descobertas positivas relatadas aqui. Temos sempre o cuidado de deixar que as novas observações nos *forcem* a prestar atenção a elas. As observações devem ser rejeitadas até que retornem repetidas vezes e não possam mais ser negadas. Observações questionáveis que não retornam repetidas vezes devem ser desprezadas. Recusamo-nos também a registrar em protocolo o monte de eventos incompreensíveis. Devíamos obter primeiro uma base firme. Antes de medirmos, tentávamos obter as *qualidades* do que posteriormente seria medido com exatidão. Senti que, a fim de agradar as "autoridades", os observadores sobrecarregavam seus relatórios com detalhes desnecessários e até mesmo enganadores. O que era importante acima de tudo *não* era *onde* foi visto ou *quando,* mas que impressão causou, como afetou emocional e fisicamente o observador; não se o observador era um piloto - pilotos podem ser irracionais, como qualquer pessoa -, mas se falou honestamente; não a altitude exata do UFO, sem importância neste ponto, mas se os movimentos eram fora do comum, desconhecidos. E por último, mas não menos importante, a fim de obter resultados confiáveis, a despeito de positivos ou negativos, devia-se assumir que o objeto em investigação era real e digno do esforço. É uma bobagem comer um sanduíche e proclamar ao mesmo tempo que ele não existe. Se ele não existe, então vamos deixá-lo sozinho, não vamos comê-lo e nos mantermos calados, para dizer o mínimo.

Aqui temos algumas regras de conduta a seguir no estudo dos UFOs. As regras, longe de completas, emergiram do processo de observação do céu durante os últimos anos. As regras têm sido corroboradas pelos resultados obtidos na pesquisa no deserto e no trabalho prático com nuvens DOR e de chuva.

Ao nos familiarizarmos com as regras de observação, ganharemos confiança em nossos julgamentos e nas opiniões dos outros. Não nos agarremos mais nos conceitos da opinião pública ou a uma autoridade não existente em assuntos completamente desconhecidos e estranhos. Gradualmente, nos tornamos peritos no domínio do *conhecimento do futuro".*

Ao nos livrar-mos de nossa dependência da opinião pública e de nossa necessidade de agradar, impressionar e convencer as "autoridades"

não existentes; ao aprendermos a confiar mais em nossas observações, podemos continuar com confiança nossas observações e experimentos.

Primeiro, nos familiarizamos com alguma região do globo e do céu vivendo, por assim dizer, continuamente com nosso campo de observação. Conheço bem a região em torno de Orgonon num raio de aproximadamente 100 milhas. Excursões *diárias* rotineiras através da região, equipado com binóculos, contador Geiger, equipamento fotográfico e outros instrumentos necessários possibilitou-me ver nuanças de mudança na vegetação, mudanças ocorridas em apenas algumas semanas ou mesmo dias, o papel que a são cadeias de montanhas desempenham da direção das nuvens; a forma das nuvens sobre certas áreas; a "sensação" de mergulhar no que posteriormente foi chamado "envelopes DOR", etc. Possibilitou-me também adaptar-me a mudanças específicas nas *contagens básicas (background counts)* que caracterizavam a região. Por exemplo, meu relatório sobre as rochas que escurecem (OEB* 1952) informa sobre a quantidade de elevadas contagens numa região com atividade de fundo quase normal nas estradas 17 e 2 no Maine perto de Rumford. Sem o conhecimento da forma das cadeias de montanhas em relação à localização de Orgonon tal descoberta poderia ter-me escapado.

Durante as operações Ea no Arizona, 1954/1955, bem como durante as operações Ea em Washington, 1955/1956, uma certa região foi planejada como território de pesquisa. A regra foi estritamente seguida: guiar numa certa estrada diariamente e voltar à base, 80-100 milhas no Arizona, 40-50 em Maryland, familiarizar-se com a região, conhecer bem sua vegetação, as árvores individualmente ou grupos de *chollas*, certas porções de areia do deserto, certos leitos de rios nos vales, etc. Aprendemos durante essas operações a evitar qualquer pretensão de exatidão. Tirar fotografias imediatamente ou medir alguma coisa sem saber o que se estava medindo, por que e com que fim, ou escrever registros infinitos, era apenas confundir, esvaziar o verdadeiro conhecimento. A regra era estritamente seguida: conhecer o objeto de pesquisa apenas pela observação e coordenação da observação, *antes* dos testes quantitativos serem feitos. Isto assegurou coordenações importantes como as contagens de fundo com as formas de nuvens no céu ou com o acúmulo de DOR sobre a região. Conduziu a importantes conclusões sobre os efeitos de Ea sobre o clima e a vegetação.

Há pouca utilidade na determinação de propriedades quantitativas de um objeto ou domínio desconhecidos antes de ter obtido orientação suficiente com relação às suas qualidades básicas, aparência, comportamento, funcionamento, dinâmica interior, desenvolvimento, etc. Não somente não nos informa nada sobre o *desconhecido,* bem como nos impede de nos aproximarmos realmente dele. Dá-nos a ilusão de que sabemos alguma coisa se pudermos determinar "exatamente" a que horas, minuto, segundo, a que altitude e longitude, etc, vimos o desconhecido. Isto é importante no que diz respeito à *localização* de objetivos *conhecidos*. É de

---

* Orgone Energy Bulletin.

importância secundária ou mesmo nenhuma, e pode ainda distrair-nos da questão em jogo no que diz respeito ao desconhecido. Não há nenhuma utilidade em perder tempo e enganar-se em seu um "cientista preciso" ao contar o número de palavras que um homem fala por minuto a certa hora do dia num certo edifício, se, o que o incomoda e faz com que procure um médico, é uma grave dor de barriga que não pode ser diagnosticada por muitos médicos. A primeira coisa a fazer nesses casos é relaxar, sentar-se, olhar para o paciente, conversar com ele e captar sua "emoção", uma emoção bastante desprezada pelos "cientistas do exato" como "psicologia" ou "misticismo". Tais "cientistas" não são de forma alguma cientistas. São ignorantes com relação às mais simples e básicas regras de observação, às intricadas relações entre observador e observado, à inevitável influência da impressão percebida e da estrutura emocional do observador sobre o observado. Um questionador neurótico compulsivo em ciência duvidará e perderá tempo conversando sobre tudo, sem levar em conta o que há de prova. Uma pessoa da ciências que seja arrogante, permanecerá inacessível a qualquer tipo ou quantidade da mais impressionante demonstração. Não muda nada a situação e fato do homem doente esconder sua compulsão, ignorância ou arrogância atrás de um verniz de objetividade científica falsa. Ser "científico" significa ter a mente aberta, estar pronto a aceitar tudo se certas condições de objetividade são preenchidas: ser *positivo* e não negativo ao examinar um novo campo de conhecimento. Tudo isto constitui de fato banalidades, tão antigas e boas quanto a própria ciência.

Apresentarei nas páginas seguintes alguns desenhos e fotografias de fenômenos desconhecidos da ciência. Não os apresento a fim de convencer as pessoas. O único objetivo é explicar alguns dos métodos empregados no trabalho Ea. Omitirei datas, localizações e dados semelhantes a fim de concentrar-me no *princípio* da observação confiável e não nas questões secundárias de apresentação de fatos irrelevantes no momento. Isto ajudará também a manter "cientista crítico" neurótico, amedrontado, fora do nosso debate sério.

Sinopticamente, as características seguintes de objetos desconhecidos, Ea em nossa terminologia, foram consideradas importantes na observação celeste:

Diferenciação entre Ea e Estrelas

Conhecido	*Desconhecido, Ea, UFO*
1) *Cor* das estrelas fixas: azul-aço; cintila em dias claros; não cintila antes do início da chuva	*Cor:* de amarelo a vermelho ou branco, chamejante, pulsátil. Mudando de cor de amarelo para vermelho ou verde e vice-versa.
2) *Tamanho* das estrelas fixas: menor do que Júpiter	*Tamanho:* Geralmente maior do que Júpiter.
3) *Localização* em ponto conhecido visível à noite, de acordo com horário astronômico conhecido.	*Localização irregular* em sistemática observação noturna, *Ea às vezes ausente*, ou aparecendo repentinamente no meio do céu, *desaparecendo repentinamente*, etc.
4) *Movimento* obedece leis, previsível.	*Movimento* às vezes regular de acordo com as estrelas fixas ou com os planetas na eclíptica. Mas *desviando-se* também *grosseiramente* em *velocidade e direção*. Fotografia em relação às estrelas fixas importante (veja desvio, p. 17.18)
5) *Objetos voadores conhecidos* como aviões se movem em velocidades conhecidas; retas ou curvas; balões são uniformemente levados pelo vento, nunca contra o vento.	Um Ea pode parecer uma estrela no horizonte terrestre, em seguida mover-se vagarosamente *através do horizonte* para o sul e sumir em baixo do horizonte a oeste. Ea do tipo prateado muda de velocidade abruptamente, vai contra o vento, gira como um pião, desaparece repentinamente, afeta instrumentos eletromagnéticos, *causa o desaparecimento das nuvens*. Ea paira no céu, sobre as encostas das montanhas; faz evoluções; dá a impressão de observar o solo em baixo. Geralmente se move com as estrelas no acaso mas também pode não seguir nenhuma regra.
6) *Efeito do canhão espacial* é obscurecimento, não desaparecimento. Apenas a região geral escurece um pouco. Não há sensações espaciais.	Ao se drenar corretamente energia segue-se *diminuição* da velocidade, *dissolução, desaparecimento, mudanças de direção*. Gosto azedo ou amargo na língua, náusea, às vezes perda do equilíbrio.
7) *Meteoritos* riscam uma parte do céu com um clarão, que começa e termina abruptamente, ocorrendo em direções *variadas*, *irregulares*, geralmente na direção do solo.	*Pode ter a aparência de meteoros*. Ea visível somente com poderosos binóculos em observação prolongada e cuidadosa de certas partes do céu em altitudes muito elevadas, movendo-se em grupos *sincronicamente* ou em *sucessão rápida* sobre a *mesma área* na *mesma direção*, com aproximadamente a *mesma velocidade* como se fosse uma formação militar, geralmente paralela e não perpendicular ao solo.

Ea é um evento novo, sem precedentes, em nossa vida. A humanidade, com exceção de alguns filósofos, não tinha a menor idéia da possibilidade de visitantes do espaço exterior. *O homem da terra* não tinha desenvolvido nenhuma visão, método ou ferramenta científica para lidar com o problema. Além disso, desenvolveu em sua descendência uma estrutura de caráter e uma espécie de pensamento que obstrui a abordagem do fato novo por intermédio do ridículo, da calúnia e da ameaça direta à existência do pioneiro em engenharia do espaço. Por este motivo, nossa abordagem deve *partir do nada, como se* não existisse nenhuma ciência. Os homens, ao retornarem da lua, quando perguntados se existem barbearias na lua parecidas com as da esquina da Rua 42 com Broadway em Nova York, poderão dizer: Não há nada, e ponto final. Não há "autoridades" na lua, devemos acrescentar. Não há autoridades nessas questões novas.

A astronomia começou do nada. E "nada" aqui significa o fato de que tanto a teoria copernicana como a kepleriana, o círculo "perfeito" e a elipse "perfeita", são inaplicáveis aos movimentos verdadeiros do sistema solar. O sol se move para frente enquanto os planetas "giram". Não há, conseqüentemente, nenhum círculo fechado ou trajetórias elípticas em torno do sol. Os círculos e as elipses são necessariamente substituídos pelas ondas giratórias (KRW, oscilações) em várias relações espaciais, com o sol, pelas velocidades irregularmente aceleradas ou desaceleradas como os piões, por trajetórias geralmente curvas, etc. Este exemplo pode bastar para esclarecer a abordagem nova inevitavelmente da astrofísica.

Por esse motivo, é compreensível que um painel de cientistas eminentes, realizado em 1952 para examinar o UFO, chegasse à seguinte conclusão:

"Nos, enquanto grupo, não acreditamos que seja impossível outro corpo celeste ser habitado por criaturas inteligentes. Nem é impossível que estas criaturas possam ter alcançado tal estágio de desenvolvimento que possam visitar a terra. No entanto, não há nada, em todos os chamados relatórios dos "discos voadores" que lemos, que possa indicar que isto está acontecendo". (Report on Unindentified Flying Objects), 1956)

Ruppelt continua:

"O filme Tremonton (um filme sobre UFOs) foi rejeitado como prova mas o painel (de especialistas) deu uma certa abertura quando sugeriu que o laboratório da Marinha refizesse seu estudo. Mas o laboratório da Marinha nunca revisou o relatório".

É bastante compreensível que a Marinha dos EUA fizesse isto. Não se pode julgar as funções de um elemento, enquanto se vive num outro. Devemos *viver* as coisas para julgá-las. O problema permanece enterrado no vasto domínio da Energia da Vida.

Embora as teorias atuais estejam erradas, não refletindo a realidade espacial, os cálculos estão corretos; as predições da astronomia, se estou corretamente informado, são corretas. Nada sei sobre o que se passa nos bastidores dos círculos astronômicos. No entanto, há pouca dúvida com relação à confusão criada pelos antigos nomes egípcios e

gregos dados às "constelações". São artificiais, não correspondem à realidade. As idéias do homem sobre seus deuses e não agrupamentos funcionais das eventuais estrelas determinaram as "constelações". Esses nomes deveriam ser abandonados o mais rapidamente possível, pois são enganadores, impedindo-nos de olhar imparcialmente para as estrelas por causa de suas designações arbitrárias.

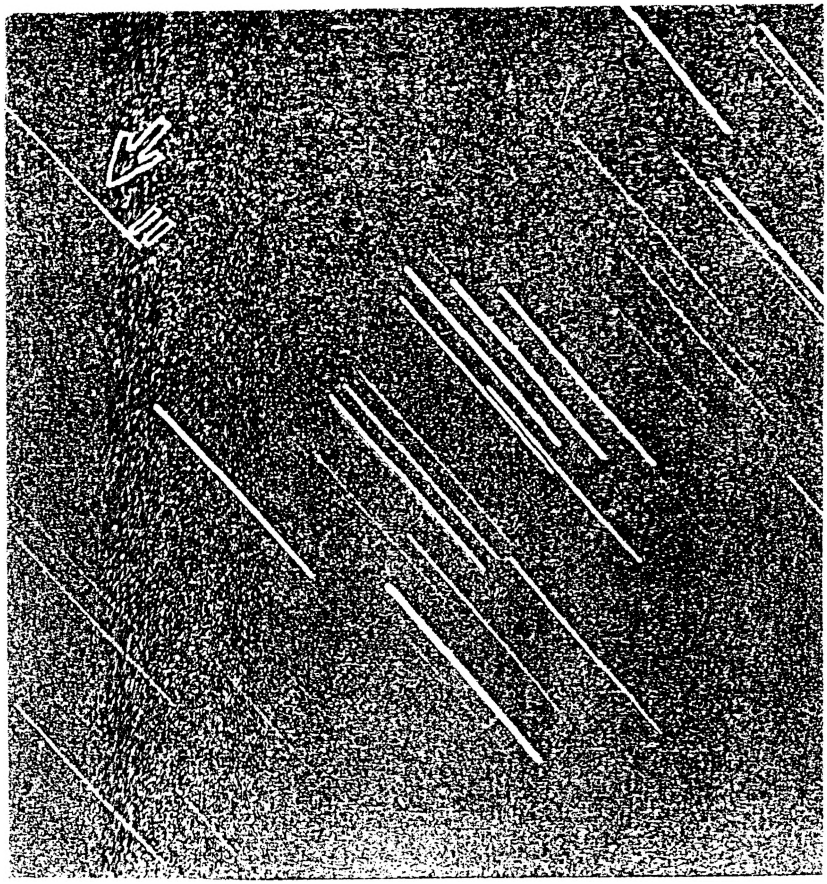


Fig. 1. Trajeto de Estrelas

Exposição 20 minutos; abertura total 3.5; noite sem lua; trajeto com seta é mais comprido do que todos ou outros; linhas paralelas; descoberta casual: a trajetória mais comprida se desvia em aproximadamente 2.5 graus.

Confesso que nunca pude me lembrar bem os diferentes nomes de deuses ou animais; nem pude perceber qualquer similaridade com os verdadeiros padrões das estrelas. Outros agrupamentos me parecem no momento possíveis. Fui bem sucedido ao longo de décadas em perder minha sensação de ignorância. Comecei a ver os padrões mais emocionantes de grupos de estrelas fixas que sugeriam agrupamentos de acordo com ondas giratórias superpostas. Posso estar inteiramente errado nisto. E não gostaria de contribuir para a confusão e paralisia existentes no pensamento astrofísico. Em vez disso, gostaria de apresentar um exemplo de uma ingênua fotografia de estrela. A fotografia seguinte foi tirada à noite, durante a expedição ao Arizona, com nenhum objetivo em mente. Precisava de uma foto de trajetória das estrelas. Estou omitindo dados concretos, pois são irrelevantes aqui. Eles não devem nos distrair do assunto principal.

A fotografia da trajetória das estrelas foi tirada com uma Leica, com abertura de 3.5, numa noite sem lua, dirigida para um certo grupo de estrelas próximas do zênite:

À primeira vista, a foto não mostra irregularidades. Com o estudo cuidadoso, contudo, *um trajeto* (veja a seta) mostrou-se na foto ampliada cerca de 2 milímetros *mais comprido do que todos os outros trajetos, que são exatamente idênticos.* Esta pequenina prova é suficiente para justificar o ponto de vista do "A PARTIR DO NADA". A diferença quantitativa é irrelevante aqui. O fato qualitativo de um trajeto ser mais comprido é o que importa.

Examinando-se mais atentamente os trajetos, encontramos um desvio do mesmo trajeto "estrelar" da direção paralela do restante dos trajetos de cerca de 2.5 graus. Recusamos terminantemente qualquer idéia ou opinião do que este fato surpreendente pode indicar. Devemos avançar sem nos submetermos às algemas da teoria.

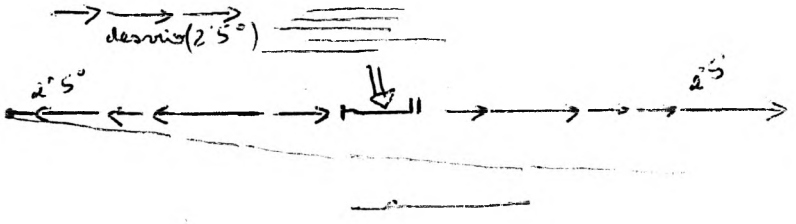


Fig. 2. Desvio do trajeto "mais comprido".
Duas fotografias de Ea sucessivas

As duas fotos seguintes foram tiradas em duas noites claras consecutivas em Little Orgonon no Arizona, durante os meses do inverno de 1954/1955. Mais uma vez, exposição, hora exata, dia do mês são omitidos aqui como irrelevantes. Somente o que *vemos* importa.

Esses fenômenos celestes são extraordinários. A hora da noite, a duração da exposição, a abertura e a posição foram as mesmas nas duas fotografias. A identidade da localização é evidente a partir da identidade da paisagem. O brilho reflete as luzes de Tucson ao sul de Little Orgonon, cerca de 8 milhas de distância. As duas fotos diferem enormemente, ao contrário das fotografias astronômicas. Apresentam trajetos de Ea em termos de Orgonomia, UFOs na linguagem da Inteligência Técnica da Força Aérea.

1. A foto A mostra um trajeto baixo em cima da árvore à esquerda (ou leste), enquanto a foto B mostra o mesmo objeto à direita (ou oeste) da mesma árvore.
2. O trajeto em A é muito mais curto, aproximadamente metade do trajeto em B durante o mesmo período de exposição. O trajeto B aparece repentinamente na fotografia como se o objeto tivesse entrado no céu vindo de nenhures, por assim dizer.
3. O trajeto A mostra várias interrupções: o objeto ainda estava aí nas áreas escuras, mas não luminava.
4. O trajeto B não mostra essas interrupções na emissão de luz. *Aparece REPENTINAMENTE na fotografia* (seta do meio) como se viesse de lugar nenhum, movendo-se para oeste (para a direita). Aparece repentinamente mais em cima. O segundo objeto aparece na fotografia no começo da exposição. Mostra uma curva "oscilatória" à primeira seta e três interrupções regulares de emissão de luz à terceira seta.
5. Existem na foto B algumas outras linhas curvas paralelas mais fracas do que as duas mais baixas. A foto A não mostra nenhum desses trajetos adicionais.

Devemos desistir de qualquer tentativa de interpretação. É objetivo declarado deste relato treinar-nos a suspender o julgamento, a omitir a descrição quantitativa disponível, a não dizer quando as fotos foram obtidas. Devemos manter esta primeira abordagem ao problema Ea terminantemente *observacional* e fim de encontrar uma primeira orientação com relação ao *que* olhamos, ao que esperamos de "desconhecido" no céu. Não desejamos ser negativos, obstrutivos. *Desejamos ser afirmativos em nossa abordagem*; afirmativos num modo cuidadoso, gradual, observacional.

Fig. 3. Duas fotografias de Ea.

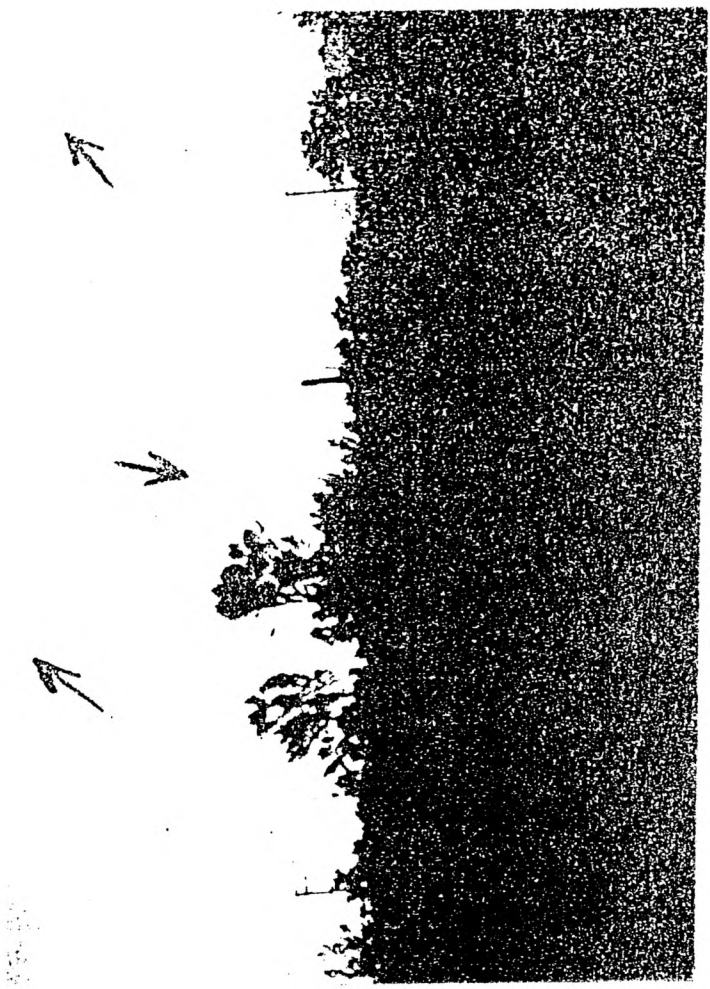


Foto A: Um Ea sob ORUR à ESQUERDA (leste) das árvores. Observe os repentinos desaparecimentos.

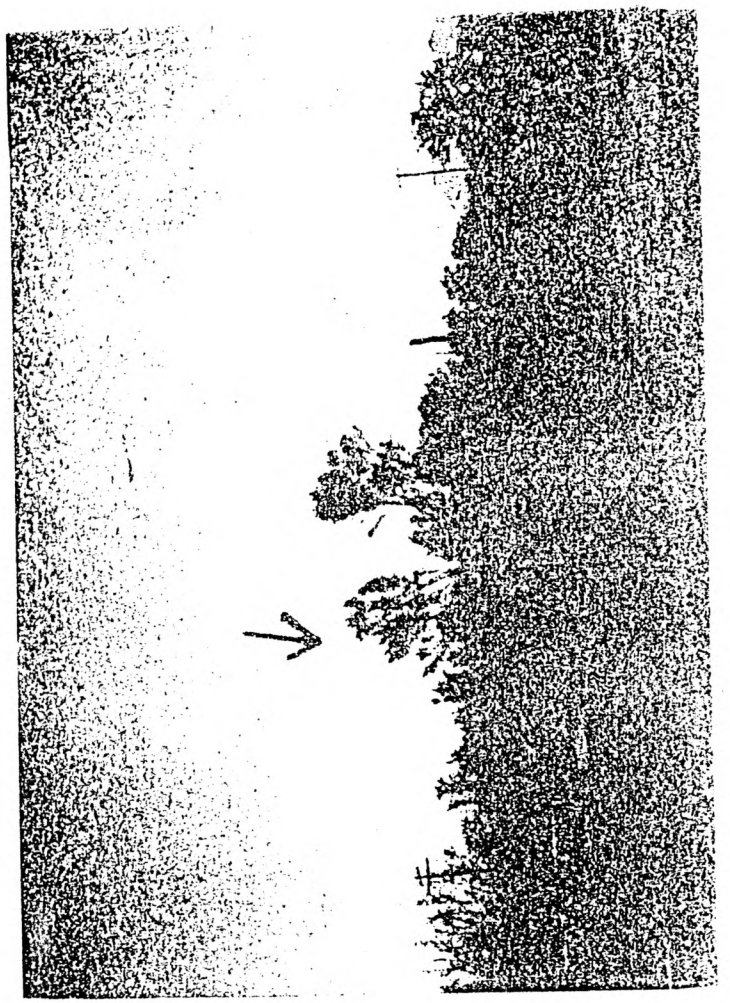


Foto B: Ea aparecendo repentinamente (seta média, à direita das árvores, na noite seguinte e na mesma hora e com a mesma exposição). As duas setas superiores marcam o desvio e os três "desaparecimentos".

CAPÍTULO II

O EFEITO "ORUR" ATMOSFÉRICO

O verão de 1954 foi passado principalmente com as preparações para a expedição. Tínhamos aprendido em duas linhas de observação paralelas que as substâncias como um preto e branco, Orite e Melanor, estavam relacionadas com a seca, estiagem e mal-estar no homem, nos animais e na vegetação. Ao mesmo tempo, foi estabelecido um relacionamento entre essas condições atmosféricas e a presença das grandes "estrelas" pulsáteis avermelhadas e amareladas que tínhamos aprendido a distinguir dos planetas e das estrelas azuis fixas. Mas, como se deve esperar em tais situações, não estávamos totalmente certos de que as correlações estabelecidas entre Ea e a seca estivessem corretas. Por este motivo, a velha idéia de ir até um deserto completamente desenvolvido e testar nossas observações nele ganhou importância à medida que as semanas passavam.

Os preparativos se concretizavam. Com os preparativos progredindo, impressionou-me, por ser incomum, o fato de ter abandonado completamente o processo Oranur original de 1951. Quando a emergência DOR atmosférica se tornou insuportável em Orgonon, as pequenas quantidades de material nuclear, três miligramas de rádio e alguns microgramas de cobalto radioativo, foram enterrados numa área desabitada na Estrada 17 para Rumford, cerca de 15 milhas de Orgonon. Durante mais de três anos este material tinha ficado enterrado no chão dentro de pesada blindagem de chumbo. Por que não testar este material mais uma vez antes de partir para o Arizona, pensei. A idéia parecia ter fundamento. Em 21 de setembro de 1954, o rádio foi trazido de volta a Orgonon e testado imediatamente com a 4096 Tracer-lab Auto-Scaler.

Os resultados foram registrados no livro de notas original. A fim de comparar com a atividade original em 28 de abril de 1951, o registro daquela data é reproduzido, a seguir, completo com relação às agulhas 1 e 2 de rádio:

A. Experimento Oranur, Primeiro Relatório, 1947-1951 - p. 323-324

Medições de duas agulhas de rádio Oranur (um mg cada), na blindagem e nuas, com Autoescalas GM, *28 de abril de 1951, 3h da tarde.*
Todas as medições a um cm de distância. Cada medição é a média de várias medições.

Material	*Escala*	*Com blindagem*	*Sem proteção*	*Tempo em seg.*	*CPM*
1. Ra 1 (1 mg não tratado)	4096	+	...	0,8	307,200
2. Ra 2 (1 mg tratado com OR)	4096	+	...	1.05	245,760
3. Ra 2	256	...	+	0.4	43,000
4. Ra 2	4096	...	+	2.8	81,920
5. Ra 1	4096	...	+	8.3	28,877
6. Ra 1	4096	+	...	0.8	307,200
7. Ra 2	4096	+	...	0.8	307,200
8. Ra 2	4096	...	+	3.0	81,920
9. Só blindagem	64			3.15	1,280
10. Micrograma Ra - tratado com OR 5 anos	4096			0.8	307,200
11. Observar, um mês	4096			10.0	24,576
12. Observar, 2 anos	4096			10.0	24,576
13. Calibração após medições	256			4.15	60

Antes de prosseguirmos, façamos mais uma vez uma revisão dos fatos em suas inter-relações e *não* isoladamente:

Primeiro: O material NR sem proteção deu uma contagem muito mais baixa (um décimo) do que o mesmo material encerrado na pesada blindagem de chumbo.

Segundo: A contagem dez vezes mais elevada na atmosfera em torno do material NR blindado é função da energia OR lutando contra NR.

Terceiro: Tão logo a interação entre OR e NR seja parada, a elevada atividade OR desaparece e cai para o nível atmosférico normal.
Quarto: Energia OR sozinha não reage intensamente a não ser irritada por NR.

B. ORANUR, Segundo relatório

Livro de registro (ao chegar): 21 de setembro de 1954, meio-dia.
Assunto: reações G-M ao rádio afetado por ORANUR.
Presentes: Wilhelm Reich, M.D., Thomas Rossa, Robert McCullough

Às 12hs (meio dia) de hoje, o Sr. Ross trouxe de volta ao Observatório a caixa contendo as 3 miligramas de rádio* , que estavam enterradas 15 milhas ao sudoeste de Orgonon, desde 31 de março de 1952. Uma contagem de fundo imediata da área em geral foi realizada com o medidor de inspeção SU-5 (SU-5 survey meter)). Deu 150 CPM. Com o tubo contador não blindado mantido a um metro da caixa de NR, a contagem foi de 8-900 CPM. Com o tubo colocado na tampa da caixa, foi de 8-9000 CPM.

* Referências ao terceiro miligrama encontram-se em First Oranur Report (1951) como o último controle NR, na pp. 324-325).

Um mg da agulha de rádio foi então testado com o tubo G-M mais comprido e mais sensível e com Autoscaler. Com a agulha nua à distância de um centímetro, a contagem foi de 2457.6 CPM (contra 16,000 em 1951, WR). Com a agulha de rádio reinserida na caixa de chumbo na qual estivera encerrada e com o tubo de contagem um centímetro distante da caixa, a contagem foi 163,840 CPM (contra 7000 em 1951). Observações: Encontrou-se um recipiente de chumbo hermeticamente fechado quase cheio com o que parecia ser água. A cabeça do parafuso estava engraxada e não havia nenhuma explicação plausível para a presença da água. WR colocou a caixa de NR tocando os cabos do *cloudbuster*. Aconteceu imediatamente o seguinte: uma sensação geral de bem-estar foi marcante em duas pessoas. Houve um brilho repentino nas rochas e na vegetação; montanhas distantes, que estavam pretas, tornaram-se azuis; o céu clareou e começou o vento oeste. WR observou que seu organismo parecia estar se enchendo. RMC observou que suas mãos estavam se enchendo como foram antes. O cachorro de WR, Troll, não mostrou aversão à caixa de NR.

C. ORANUR, Segundo relatório

Livro de registro: *26 de setembro de 1954* - 10h30
Presentes: Wilhelm Reich, M.D., experimentando, William Moise, Robert McCullough, tomando notas.
Lugar: Observatório de Energia Orgone, Orgonon, Rangeleu, Maine
Assunto: Taxas G-M de NR afetado por ORANUR (de 1951)
/Assinado/ Wilhelm Reich

O grande recipiente de chumbo duplo que continha uma das agulhas de 1 mg de rádio que tinha sido empregado no Experimento Oranur foi trazido para o Observatório e a taxa de CPM foi tirada com o tubo contador de 2.3 mg/cm^2 e o Tracerlab Autoscaler. Os resultados foram:

1. Radio no recipiente de chumbo duplo - 1 cm distante

Escala 4096	10,65 seg.	24,576 CPM
	11,65 seg.	22,000 CPM

2. Rádio num recipiente menor de chumbo interno - 1 cm distante

Escala 4096	2,50 seg.	98,304 CPM
	3,65 seg.	70,246 CPM
	2,00 seg.	122,880 CPM
	59,10 seg.	4,096 CPM

3. Agulha de rádio sem proteção - 1 cm distante

Escala 256	13,50 seg.	1,024 CPM
	11,42 seg.	1,400 CPM
Escala 4096	5,5 minutos	702 CPM

4. Grande recipiente de chumbo vazio - 1 cm distante (rádio removido)

Escala 64 1.0 seg. quase zero
1,0 seg. quase zero

5. Calibração após medições

Escala 256 4,15 seg. 60 ciclos

Voltagem limite 1200 volts.

/Assinado/ Robert A, McCullough, pesquisador associado

Rádio 1 e 2 tinham perdido muito de sua atividade de 1951. A terceira agulha que não tinha sido tratada com energia OR concentrada possuía uma taxa muito mais baixa do que a taxa original de 16,000 CPM sem proteção a 1 cm de distância do tubo contador. A grande vacilação, a atividade do material, é tão surpreendente quanto *mais elevada for a taxa dentro da pesada blindagem de chumbo.*

Esses fenômenos são basicamente novos. A característica básica de uma atividade mais forte *dentro da* blindagem permaneceu até hoje. As atividades *sem* blindagem variaram enormemente desde 1954, com o lugar, o clima, o transporte, etc. Até agora foi impossível encontrar qualquer regularidade mecânica nessas oscilações.

Emprego tecnológico de ORUR

O novo emprego do material Oranur em ligação com o projeto deserto no Arizona apareceu da maneira seguinte; enquanto procurávamos desesperadamente aliviar nosso mal-estar físico. Cito do meu livro de registro, nas datas de 21 e 28 de setembro de 1954:

21 de setembro
McCullough carregando o caminhão ***
Meu tornozelo está inchado por causa de DOR ruim em Orgonon; tornozelo esquerdo ferido, está inchado e inflamado *** (minha família partiu ***) estou sozinho, abandonado aqui.

28 de setembro
Solicitei a Moise e Eva que estivessem em Orgonon por volta de 1 de outubro, para carregamento *** Carregamento continua.
Ea esta manhã às 5h#0 muito forte até às 6h30, drenamento de energia sentido por WR (causando taquicardia, duas vezes vômitos, fadiga, depressão); Helen Trop acordou; Sra McCullough sentiu-se fraca, nauseada; Sra. Tom Ross também *** Senti-me abandonado, agonizante *** Uma estrela amarela brilhante estava suspensa no céu sul. Época de ir para o Arizona.

Controle do clima Oranur enriquecido pelo reintegramento de OR + NR, parado pela separação, com NR + Pb (recipiente) 40.000 CPM.

DOR facilmente removido por OR ++++ (significando OR + Pb).

Princípio: OR irritado causa expansão. Céu clareia, azul em poucos minutos.

Isto foi um tremendo passo à frente. Até o momento, o clareamento da atmosfera tinha sido feito ao se drenar as nuvens DOR para um lago. Agora, em poucos segundos, o céu clareou e se tornou azul no zênite e no horizonte com a Orurização. O nome ORUR foi cunhado posteriormente para distinguir esta operação de *Oranur*. Nesta, o material nuclear (NU) *original* irritado *concentrava-se* na energia OR atmosférica, na energia OR atmosférica, enfurecendo-a ou transformando-a em DOR. Agora, por outro lado, NU, tornado inofensivo por Oranur e com a radioatividade enfraquecida, foi mudado para o comportamento OR em direção de *Oranur*, como ORUR. *Era energeticamente baixo quando dentro do chumbo ou de outro tipo de metal. No entanto, tão logo foi colocado no recipiente de chumbo as contagens subiram instantaneamente fora do recipiente de chumbo de dezenas de pés para 40.000 ou mesmo 100.000 CPM medidas com SU-5 Survey Meter.* Isto era na verdade novidade: *A atmosfera podia ser carregada, "Orurizada", diretamente por ORUR.*

Repito: *O material Oranur NU não deu nenhuma reação GM ou apenas uma reação negligenciável. O recipiente de chumbo não deu também nenhuma reação. Mas no momento em que os dois foram colocados juntos à distância de dois ou três pés, o contador GM* (SU-5) elevou-se para 40.000-100.000 CPM. Isto era tão surpreendente quanto incompreensível. Era desconhecido e de certo modo fantástico. Alguns dias de observação revelou que ORUR era um instrumento extremamente poderoso. Se usado apenas alguns segundos, dois a cinco, limpava o céu de DOR. DOR pairava baixo e escuro sobre a paisagem, especialmente nos vales, parecia tornar-se cinca azul de horizonte a horizonte. Se empregado durante muito tempo, dependendo das condições meteorológicas de 20-60 segundos, as nuvens começavam a se formar quase instantaneamente; e a chuva começava algumas horas mais tarde. Também as nuvens cinza uniformes que "podiam não despejar sua água" proporcionaram uma precipitação moderada imediatamente após a Orurização. Isto foi descoberto a duras penas quando nos excedemos uma vez durante os primeiros testes. Posteriormente, aprendi a respeitar a grande sensibilidade da energia atmosférica e a força de Orur.

A reação da atmosfera parecia mais eficaz quando o material Orur era colocado dentro e fora do recipiente de chumbo. A princípio, Orur foi empregado separado do *cloudbuster*. Mas logo os dois foram combinados. Poderíamos drenar algum DOR do zênite e em torno do horizonte primeiro e em seguida "orurizar" do oeste ou do sudoeste. A direção sudoeste parecia particularmente rica. Logo aprendemos que tocando a direção galáctica sudoeste-nordeste (veja CORE, vol. VI, 1954, p. 92) durante alguns segundos poderíamos fazer com que a corrente de energia OR cinza azulada, se movesse rapidamente, cobrindo as montanhas de aspecto

anteriormente sujo e negro com uma névoa transparente cinza azulada. A mudança na atmosfera foi imediatamente sentida por todos os observadores. Até mesmo as nuvens de chuva cinza aço afetadas por DOR pareciam encher-se e tornar-se brancas numa atmosfera brilhante anteriormente pesada e deteriorada.

A idéia se impôs em mim por si mesma: *será possível drenar DOR dos desertos e puxar umidade do oceano Pacífico.* O efeito da orurização de 29 de setembro chegou até 170 milhas na direção da costa onde minha filha morava. Ela testemunhou um repentino clareamento de DOR e um brilho fresco na atmosfera, e pensou que eu estivesse fazendo algum experimento novo a oeste de Orgonon.

Estamos sendo observados ...?

Os novos fatos que se afastavam da experiência rotineira não deviam ser ignorados nem negados; deveriam ser colocados de lado repetidas vezes até que eles mesmos se impusessem ao observador como verdadeiros e objetivos e não pudessem mais ser ignorados. Isto foi feito com a impressão que tivemos durante as operações em Orgonon *estávamos sendo observados.* Ainda é difícil acreditar nisto hoje. No entanto, uma sinfonia de fatos relevantes impôs-se através da realidade. Houve três séries de processos relacionados a este fato. Inicialmente era independentes entre si; foram experimentados separadamente sem comunicação pelos três diferentes grupos:

1. Tínhamos começado a "drenar" energia de Ea; sua luminação se enfraqueceu ou mesmo se extinguiu; os Ea se moveram claramente fora de ordem em várias ocasiões em Orgonon durante 1954.
2. McCullough passou por uma experiência de um tipo estranhíssimo em 13 de outubro, a caminho do Arizona, próximo de Kansas City (veja sua carta de 19 de outubro de 1954, p. 139). Este acontecimento ajustou-se a um outro que testemunhamos em 14 de dezembro de 1954; o dia em que Orur chegou de avião em Tucson, Arizona.
3. Moise recebeu ordens de comunicar nosso contato com Ea ao quartel general ATIC em Dayton, Ohio. Os oficiais que receberam seu relatório estavam ardentemente interessados, mas não pareciam surpresos com o que ele lhes contou (veja relatório de Moise, p. 79).

Lidaremos com cada um desses processos independentes separadamente, mas devemos mantê-los em nossas mentes como parte integrante de um único processo Ea:

As operações Oranur na terra parecem estar sendo cuidadosamente observadas por seres vivos a partir do espaço exterior.

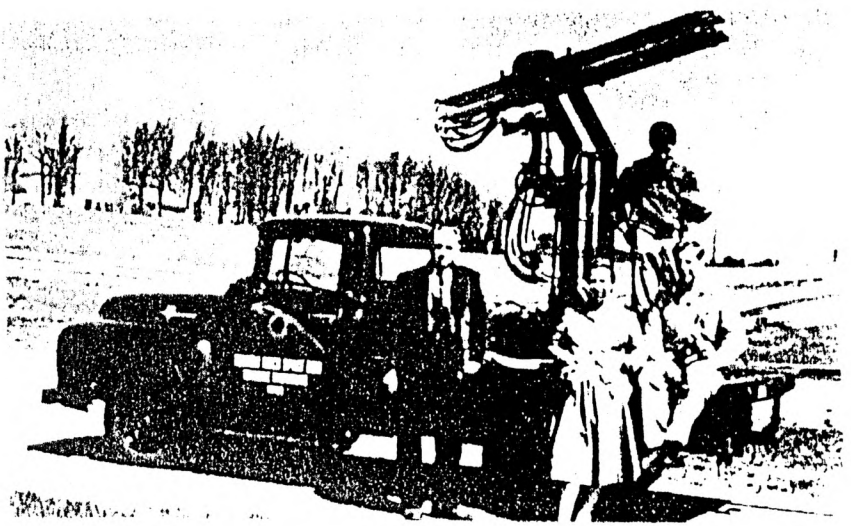


Fig. 4. Canhão espacial e operadores: E. Peter Reich, M. Silvert, E. Reich, W. Moise.
OROP no DESERTO Ea, Washington, D. C., 1955-56

Contato continuado com Ea em Orgonon, setembro-outubro, 1954

Em 29 de setembro de 1954, ao orurizar a atmosfera no morro próximo ao Observatório, eu vi, olhando para o céu diretamente à minha cabeça, às 10h45 da manhã, quatro embarcações cinza escuro atravessares a região do Observatório em alta velocidade, incomum para uma embarcação terrestre, inclusive os jatos mais velozes, a grande altitude, em dois segundos, de nordeste a sudoeste. Voavam em formação.

Um potencial de 40.000 a 60.000 CPM tinha sido artificialmente criado um pouco antes com ORUR. Eu orurizava diariamente a atmosfera agora, pois os efeitos DOR retornavam imediatamente algumas horas depois de terem sido removidos. O *"canhão espacial"*, isto é, a integração de ORUR e cloudbuster, foi concebido por mim no mesmo dia:

Registro: 29 de setembro de 1954 *Investigação do canhão espacial*
Assunto: *Combinação de ORUR e cloudbuster*

WR informou-me hoje que concebera a idéia de combinar *Oranur* e *cloudbuster* para ampliar a operação de ambos. WR acrescentou que tentará uma longa reação *Oranur* com o próximo furacão que está se desenvolvendo.

Assinado / Robert A. McCullough

O desenvolvimento tecnológico de operações Oranur para ORUR acelerou-se rapidamente em passos lógicos.

A manhã de 31 de setembro foi surpreendente. Tínhamos clareado o céu. Uma unidade de formação extremamente rápida depositou bastante orvalho sobre os vidros das janelas, sobre os carros, sobre as rochas e sobre os campos. A temperatura e o clima pareciam subtropicais. Folhas marrom e amarelo ficaram verde enquanto olhávamos para elas, fato observado por McCullough, Tom Ross, um velho madeireiro, e por mim mesmo, de pé numa fazenda. Todas as previsões do tempo foram desconcertantes nesse dia. A Força Aérea parecia estar bastante ativa sobre nossas cabeças; muitos aviões estavam circulando por nossa região. Um avião vermelho voou cinco vezes sobre Orgonon. Estávamos acostumados então a essas inspeções de nossa área a partir do ar por vários observadores. Tínhamos limpado o céu. Nossos pés sentiam-se pesados quando caminhávamos pelos degraus que conduzem ao Observatório. Conhecíamos bem este fenômeno como conseqüência do forte Oranur; a tração da gravidade era mais forte (a ser lidado num diferente contexto).

Na noite de 5-6 de outubro, quatro de nós viram três grandes Ea pulsantes e amarelos suspensos sobre o horizonte sul e um a nordeste sobre o Observatório. Não tinham estado aí na noite anterior.

McCulloug tinha partido com o caminhão na manhã de 7 de outubro. Nesta mesma noite, 7 de outubro, quatro Ea ainda estavam suspensos, enormes, parados, pulsando fortemente no céu, três a sudeste e um a noroeste. Um Ea apareceu depois, como se viesse de lugar nenhum, por assim dizer, diretamente sobre o Observatório.

Meu livro de notas me informa que DOR nos tornara miseráveis neste mesmo dia às 11h da manhã. Removi DOR por orurização às 5h da tarde. O céu ficou outra vez cinza azul. Uma observação no meu livro de notas diz o seguinte: "hoje, 7/10/54, algumas pessoas tiveram a impressão que estavam tirando energia, repentinamente, e paravam repentinamente. As cadeias de montanhas estão sem lustre, pretas, o brilho que tinha dado vida à paisagem durante as duas últimas semanas desapareceu, quando NR-OR foi usado (ORUR). Não há dúvidas de que estou em guerra com Ea. O que parecia apenas uma possibilidade um ano atrás, é agora certeza. Eles ou se "escondem" entre as estrelas ou se movem nas mesmas trajetórias, isto é, estão na mesmo posição fixa com relação à terra (tal como estão as estrelas fixas). A sensação repentina, parecida com açoite, de estar sendo puxado ou sendo aliviado foi comunicada por muitos trabalhadores".

"8/9 de outubro de 1954: 4-5 Ea no céu na noite passada mais uma vez, começando às 10h da noite, com sensação de "drenamento". Um se moveu para o norte, em seguida para cima, aparecendo e desaparecendo. A bola vermelha do sul não estava aí depois de 9h da noite. Operei duas vezes, 20 segundos cada, em 0.6 Oranur com bom resultado. Dois dias de escuridão deprimente deram lugar esta manhã a azul e cintilação mais fortes e distantes. Ea era ineficaz, assim parece".

Dois aviões da Força Aérea circularam cuidadosamente o observatório neste mesmo dia.

O segundo OROP Ea

Em *10 de outubro de 1954,* por volta das 19h, observamos um grande objeto vermelho no céu a oeste, baixo, sobre a montanha Bald. Orurizamos a atmosfera e drenamos diretamente do Ea, durante um minuto, alguns minutos depois das 19h. Para nossa surpresa o Ea *moveu-se da primeira para a segunda posição no desenho seguinte,* extraído do livro de notas, p. 50, isto é, para o *sul.*

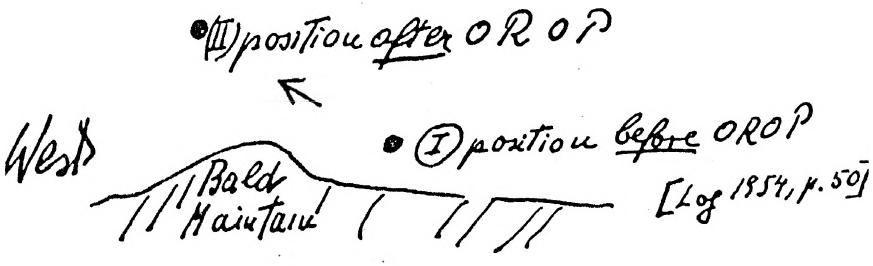


Fig. 5. Ea se move sob influência de ORUR.

O Ea se tornara menor e menos vermelho e estava um tanto mais alto no céu. De acordo com este comportamento, ele não era nem um planeta nem uma estrela fixa. A operadora Eva Reich disse que o viu sumir em baixo do horizonte.

Um segundo objeto amarelo a oeste com aproximadamente 300 de elevação desapareceu às 19h30 após drenagem Orur direto de dois minutos. Retornou mais fraco duas vezes e finalmente não era mais visível com binóculos. Tivemos a nítida impressão de uma luta, desaparecimento se alternando com forte pulsação chamejante, oscilante, se movendo em várias direções. Moveu-se de sul para norte com esforços:

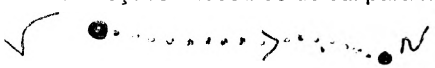


Fig. 6. Um segundo Ea é afetado.

Ele desapareceu após enfraquecimento, diminuição e cintilação. Retornou e desapareceu mais uma vez às 19h53, voltou a luminar mais uma vez às 19h55, tornou-se mais fraco e menor, à medida que se distanciava a oeste. Às 20h08 todos *de uma só vez,* um do sul, um do norte, um do oeste, um do nordeste, pareciam mudar de posição, tornando-se menores e mais fracos, *como se agissem sob comando comum.*

Estava prestes a tomar estas notas no meu livro de registro em meu estúdio com meu relógio de laboratório cronometrando os eventos quando ouvi, às 20h11, Eva Reich e William Moise exclamando no deque de observação: *"Uma chama!"* Uma chama tinha acabado de riscar na direção oeste do zênite. Nessa noite eu mesmo não vi a chama, mas vi muitas outras muitas vezes. Era abundantes em Tucson na noite em que Orur foi desembarcado do avião, de acordo com os relatos das pessoas presentes ao aeroporto (veja relato de Tucson, p. 199) na chegado do material ORUR.

Às 21h35, uma hora e 24 minutos depois, os Ea a norte e sul estavam mais uma vez lá; estavam mais altos no céu, contra o movimento estrelas regular. Os Ea a oeste e a nordeste não eram mais visíveis.

Essa operação Ea foi comunicada por telefone, quando de sua conclusão, a nossa secretária, Sra Helen Tropp, na cidade próxima de Rangeley. Um registro no meu livro de notas, p. 52, 1954, informa o seguinte:

"Esta noite pela primeira vez na história do homem, a guerra travada há séculos pelos seres vivos do espaço exterior sobre a terra (com relação a DOR, Seca e Deserto, WR, 1956) foi retribuída com ORANUR com resultado positivo".

Os dias foram repletos de acontecimentos surpreendentes. Felizmente, durante Oranur, ficara acostumado a esses acontecimentos e tinha sido bastante hábil ao treinar alguns estudantes a permanecerem ao meu lado sem correrem, como muitos tinham feito antes sob a pressão de DOR.

Desejo fazer uma citação do Primeiro Relatório sobre Oranur, 1951:

"Podemos supor que o oceano de energia OR que preenche todo o espaço é o carregador das vibrações relacionadas com a luz. O relacionamento parece ser, contudo, muito mais íntimo. *A própria unidade de energia OR,* à medida que se desenvolve a partir do oceano OR e a ele retorna, emite luz, *mais forte e mais nítida no pico* e *mais fraca durante o período de ascensão e queda.*

"O exame cuidadoso das manchas na fotografia (Fig. 7a, a seguir) revela vários detalhes muito interessantes.

1. "A maioria das manchas são *pretas*, apenas pouquíssimas são brancas, isto é correspondentes aos efeitos da luz comum.
2. "Cada uma das manchas pretas tem um 'centro' ou 'core' nítido e uma periferia ou 'campo' menos nítido.

3. "A intensidade e o tamanho de cada mancha individualmente varia enormemente.
4. "Algumas das manchas brancas mostram um centro preto claramente definido.
5. "É aconselhável não interpretar todos esses detalhes imediatamente. Um erro importante cometido neste momento poderia pôr em risco uma explicação correta durante décadas. Podemos, contudo, coordenar uma característica definida com o que já sabemos sobre o funcionamento da energia OR:

"1. As unidades de energia OR não são rigidamente iguais. Não existem duas unidades exatamente iguais em tamanho ou intensidade.

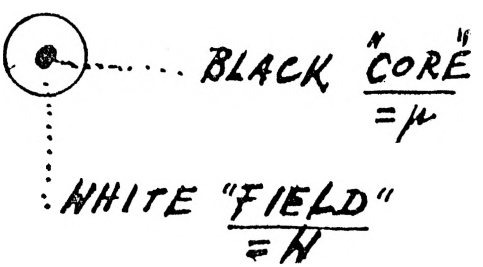
"2. Toda mancha mostra, se bem desenvolvida, um 'core' e uma 'periferia', sendo o primeiro mais intenso do que a última (Fig. 7b, adiante).

"3. O campo branco em torno de algumas manchas pretas indica uma área luminescente em torno da unidade de energia OR. Isto é exatamente o que vemos com nossos olhos numa sala escura: *Os centros luminescentes têm uma 'aura' luminescente de menor intensidade.*

"Esta coordenação da observação física com a psicológica forma uma base sólida para investigações adicionais.

"As manchas pretas e brancas que vemos na fotografia concordam também com a teoria que construímos experimentalmente a fim de compreender o funcionamento da energia OR cósmica. *O que vemos constitui muito provavelmente os picos de unidades individuais.* Se cortarmos uma das bem formadas unidades individuais transversalmente, podemos ver facilmente que o ponto está arrodeado por um campo menos luminescente.

"Desejamos parar neste ponto. A pesquisa psoterior ampliará provavelmente essas primeiras formulações teóricas.



Unidades de energia orgone apartir dos bions de terra sobre placa fotográfica (1944)

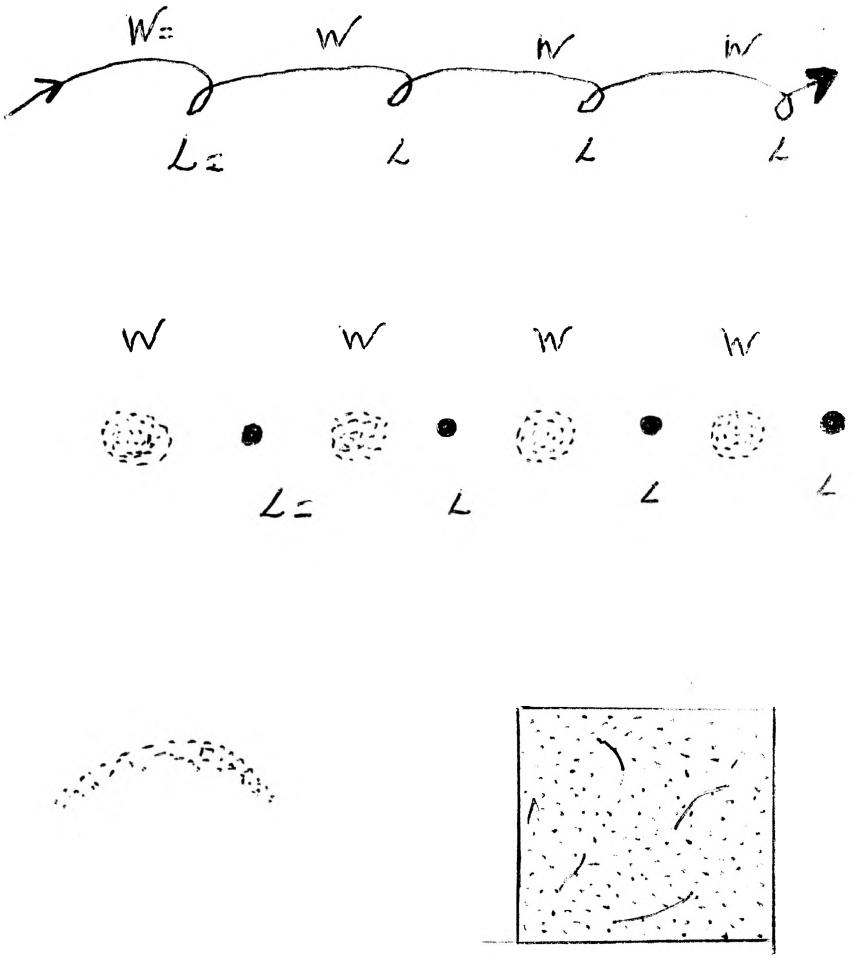


Fig. 7. Fotografia e esquemas de energia OR
W ..... onda
L ..... looping

"Resumamos nossos resultados até agora:

"1. O substrato primordial, o oceano OR cósmico, está se movendo num modo ondulatório e numa certa direção em nosso sistema planetário de oeste para leste como um todo, mais rápido do que o globo planetário.
"2. Fora deste substrato ondulatório, inumeráveis concentrações isoladas de energia OR emergem, comparáveis a picos abruptos de ondas isoladas de intensidade e extensão grandemente variáveis (Figs. c e d).
"3. Tanto o oceano de energia OR quanto as unidades isoladas de energia OR luminam.
"4. A cor natural do substrato geral é cinza azulado ou verde azulado do céu, do oceano, do protoplasma, dos bions, etc.; a cor das unidades concentradas é púrpura ou violeta profundo. Maciças concentrações semelhantes a risco parecem azul esbranquiçado e são rápidas, em contradição com outros tipos de movimento OR (Figs. 7e e f).
"5. A formação de concentrações de unidades isoladas distintas segue a excitação do oceano de energia OR de vários modos: presença de outros sistemas orgonóticos, faíscas eletromagnéticas, obstáculos metálicos, e, mais importante, energia nuclear.
"6. O caráter básico de todos esses fenômenos é a natureza *funcional.* Não há nada mecânico, rígido ou absolutamente idêntico nela. No entanto, há claramente um PCF em ação, uma lei comum que governa todas as unidades distintas, apesar das variações serem sempre múltiplas. Toda unidade isolada possui um 'core' nítido e uma 'periferia' menos nítida. Isto está de acordo com a estrutura bioenergética de todo organismo vivo e também com os sistemas planetários. Também eles são compostos de um core e de uma periferia energeticamente mais fraca.

"Cada unidade isolada passa, conseqüentemente, por quatro fases típicas":

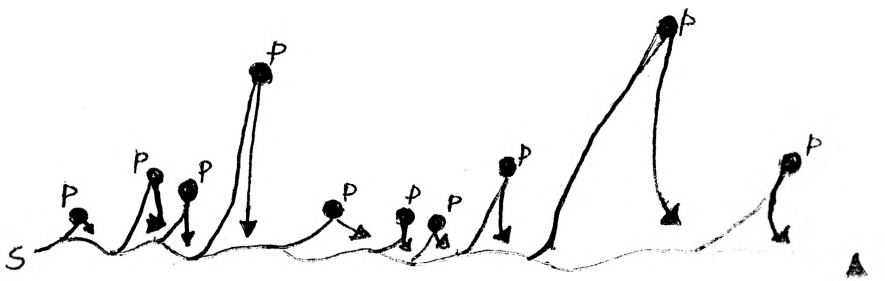
"1. *Nascimento* através da *concentração* de uma certa quantidade de energia primordial.

"2. *Elevação no nível de energia* por meio de concentração adicional: '*Crescimento*'.

"3. Um *pico* luminescente nítido, mas intimamente vinculado a um ponto de luz.

"4. *Declínio* e *morte*; a unidade se funde mais uma vez com o substrato. Deste modo, nascimento e morte, crescimento e declínio, o PCF de toda natureza viva e não-viva, parecem estar pré-formados já no funcionamento básico da unidade de energia OR diminuta e isolada. *Cada unidade constitui um evento não repetível, único. No entanto, todas as unidades de energia seguem a lei comum de funcionamento. Obediência a leis e variação infinita não são assim opostos incompatíveis;* são funções pares de PCF da natureza em geral. - Maio, 1956.

(O experimento Oranur, primeiro relatório, 1947-1951)



S ..... substrato da energia cósmica primordial
P ..... pontos ou picos, luminescentes

Fig. 8. Nascimento e morte de unidades de orgone.

Conclusões referentes a influência de Ea em ORUR - Canhão espacial

(1) O equilíbrio da energia de Ea pode ser perturbado ou desorganizado ao se retirar energia diretamente de Ea. Seu comportamento está diretamente relacionado às operações bem-sucedidas.
(2) Sinais dos Ea que foram afetados: a princípio *cintilação mais forte* como se ocasionada por luta reativa; desaparecimento, repetidamente entremeado com luminação mais forte; redução do tamanho possivelmente com *encolhimento do campo;* aparência de *retroceder* em distância maior; *desaparecimento completo* com ou sem reaparecimento de luminação (veja fotos, fig. 3); desaparecimento simultâneo sumário de muitos Ea como se estivessem sob um comando comum; *chamas* de advertência (?) caindo do céu como se fossem um alarme; *movimentos erráticos* fora de ordem.
(3) O poder do canhão espacial Oranur é tremendo devido a sensibilidade do oceano de energia OR. Regulamentação e coordenação imediata de seu emprego é importante para a segurança planetária por causa do mal uso pelos Higs.

Devido à longa orurização de drenagem de 10 de outubro de 1954, choveu moderadamente na manhã do dia seguinte.

O tribunal de Portland foi informado neste mesmo dia que as atividades do Instituto Orgone seriam retomadas por meio do envio de nossa literatura, apreciada pelos Higs. Nosso trabalho com Ea era infinitamente mais importante do que uma ordem inspirada e ilegalmente obtida pelos Higs de Moscou e emitida por um juiz bem intencionado mais enganado (Veja WR: "Atoms for Peace vx. The Higs", Address to the Jury, Histori of Orgonomy, A-XII-EP, Suplement 3, texto literal da carta ao juiz Clifford).

Neste mesmo dia cheguei também à compreensão de como Orur funcionava; por que as contagens se elevavam tanto quando ORUR até então inativo era colocado na pesada blindagem de chumbo. Ao ar livre, fora da blindagem metálica, ORUR era pacífico, inativo, tendo uma existência apagada (foggy). Quando colocado num recipiente de chumbo, o campo era aparentemente confinado e ORUR transformava-se da existência apagada à existência agitada visto sobre a tela verde iluminada e sobre fotografias. Esta atividade era responsável pela elevação da ação GM a até 100.000 CPM. Era o *confinamento* da atividade pacífica que causava o comportamento *"belicoso"*. Por que não vi esta lógico simples no comportamento da energia da vida mais cedo? Um animal selvagem que vive pacificamente, se confinado à força, agiria de modo repentino exatamente da mesma maneira, ou melhor, a energia OR dentro do animal age da mesma maneira que ORUR dentro do chumbo.

Todo movimento biológico, interno bem como de locomoção, parece agora ser a reação de OR ao confinamento de sua livre motilidade; transforma-se da existência apagada para a agitada. Os pontos luminescentes (veja "Oranur Experiment, First Report", p. 195 e Fig. 8) são *descargas mecânicas* e constituem assim a fonte de uma *força motriz*. A ação motor de OR pertence a esta categoria: uma seqüência igual de impulsos, registrada no contador GM, a uma taxa de pelo menos 3.000 por minuto, coloca um motor em movimento (veja "Orgone Energy Bulletin", 1948). Da mesma forma, uma perna "dormente" acorda outra vez com sensações de formigameno ou de picadas finas sobre a superfície da pele. A boa formulação teórica começa a dar resultados. A suposição era frutífera por que permitiu que desenvolvimentos adicionais ocorressem no deserto do Arizona. Ela merece mais estudos cuidadosos e especiais.

O Ea noroeste amarelo, o mesmo que tinha desaparecido com a orurização direta, não reapareceu no céu após a "batalha" de 10 de outubro. Havia somente uma bola Ea vermelha suspensa, a 5-10 graus de altura, no céu ocidental sobre o tabuleiro norte da montanha Bald. A emergência DOR continuava, contudo, a ser crítica em Orgonon. Meu cachorro, Troll, comia pouco há três dias. No dia 13, ele ficou deitado, doente e miserável. Eu também não podia comer por causa da náusea. Minha filha sentia-se tonta, como se a "" puxassem pela cabeça". Comeu pouco. Grete Hoff comunicou-me por telefone de Boston, que seu filhinho estava doente há dois dias e que não estava comendo. A água de nosso banho era preta esverdeada após o uso nesse dia, sinal certo de que muito DOR tinha se despregado de nossos corpos.

Os Ea pareciam muito ativos ultimamente. Os efeitos da drenagem mais fortes foram sentidos a partir do sul. Não pude me livrar da idéia de que se existiam homens do espaço em volta ou se essas bolas luminescentes amarelas e vermelhas, representavam algum tipo de máquinas energeticamente dirigidas de longe, quem quer que as dirigisse não tinha boas idéias em mente. Nesse mesmo dia, meu contador GM falhou completamente ao se avariar e emperrar quando Orur foi juntado ao

recipiente de chumbo. Não compreendi por que, exceto que a atividade devia estar muito alta, alta demais para o invento suportar.

Somente alguns dias nos restavam em Orgonon. Moise e meu filho Peter tinham partido de Orgonon seguindo para Tucson, Arizona, dois dias depois da "batalha", em 12 de outubro, às 8h15 da manhã. Minha partida estava programada para o dia 19 de outubro.

Resumo dos dados disponíveis, outubro, 1954

Este era o estado do conhecimento disponível à expedição:

(1) Aumento do potencial de energia na atmosfera por meio de ORUR era agora disponível além da antiga técnica de *abaixamento* do potencial à vontade por meio da drenagem de energia com o *cloudbuster*.
(2) "Diminuição" e "aumento" do potencial podiam ser interpretados em função da física funcional simplesmente como uma mudança na forma da energia atmosférica do estado de existência *apagado* (não-excitado, baixo) para o agitado (excitado, alto) e vice-versa. Somente o estado "*agitado*" de OR é registrado no contador GM.
(3) Há pouca dúvida que agora pode-se alcançar o espaço distante com ORUR: o alcance era ilimitado teoricamente, pois o oceano de energia OR é infinito e mais sensível aos estímulos como ficou demonstrado pelos processos do amanhecer, escurecer, e nossas operações sobre vastas extensões do espaço.
(4) A mudança do estado de existência "apagado" para o "agitado" ou *ativação* de OR, era agora possível pelo simples *impedimento de sua liberdade* do movimento "*preguiçoso*" ou pela irritação direta tal como fricção, produção de centelhas em sistemas de bobinas secundários, material nuclear, calor, etc.
(5) Nesta data, talvez devido ao aumento da Emergência DOR, sentimos que não podia haver dúvidas com relação às finalidades das atividades de Ea: energia estava sendo retirada de nosso planeta, com as conseqüências amplamente conhecidas agora, 1956, como "*Emergência DOR*": deterioração da vegetação, fragmentação das rochas de granito, uma atmosfera febril. As leis da energia OR, a maioria desconhecida para nós terráqueos, foram empregadas nas operações Ea. Nós, terráqueos tínhamos somente acabado de começar a entrar em contato com essas questões tecnológicas. Tínhamos além de tudo isto, de lutar contra as atividades perniciosas às nossas costas de indivíduos neuróticos, dorizados e frustrados de nossa própria espécie, os quais estavam claramente representados, nessa época, pelas atividades irresponsáveis, pela conspiração de funcionários corruptos e ignorantes, os Higs no FDA. "*A energia orgone não existe*" disseram ao juiz, enquanto o planeta estava sendo atacado com o emprego desta mesma energia cósmica. Há pouca consolação saber de que ninguém se lembrará desses Higs somente dentro de alguns anos.

(6) todos nós que participamos desta emergência sentimos "A guerra do Universo em ação", com Orgonon, contra sua intenção ou desígnio, desempenhando o papel de uma "forja do Vale Planetário", por assim dizer.

Fig. 9. Melanor sobre o Observatório, duas vistas.

CAPÍTULO III

CONTATO COM A FORÇA AÉREA DOS EUA

Introdução

Introduzirei certas atividades da Força Aérea dos EUA até onde elas estão ligadas ao Ea, de um lado, e ao nosso trabalho OROP no deserto Ea, de outro.

A Força Aérea dos EUA é naturalmente a organização do mundo ocidental responsável pelos futuros desenvolvimentos interplanetários. Embora todos os outros serviços militares estejam envolvidos como qualquer ser vivo do globo, a Força Aérea tem uma responsabilidade especial Ela age na atmosfera e vigia a fronteira com o espaço exterior. É também a organização que já teve alguns contatos belicosos com os visitantes do espaço exterior. (Veja o relatório AAF-ATIC de Rupplet, 1956). Mantém o mais elaborado sistema de estudo do problema Ea. Por este motivo é bastante natural que a Força Aérea se interesse por meu trabalho com a energia cósmica primordial. Este contato foi mais crucial no desenvolvimento do trabalho no deserto. Revelarei tanto quanto necessário para que os cidadãos responsáveis do planeta saibam sobre a emergência planetária. Naturalmente, não revelarei tudo. O problema é série, novo, não tem qualquer precedente histórico, e está carregado de responsabilidades além dos problemas graves não resolvidos da ciência natural. Somente um maníaco ou mercador da liberdade se queixará se alguns assuntos são mantidos em segredo durante algum tempo.

Primeiro contato com a Força Aérea dos EUA

Em 28 de janeiro de 1954, pude observar acidentalmente duas luzes brilhantes amarelo laranja se movendo diante da cadeia de montanhas em sentido descendente para o lago acerca de duas milhas ao norte de minha "casa baixa" em Orgonon, Maine. Esta observação foi comunicada à Força Aérea:

29 de janeiro de 1954
Mr. Lester Farrar, State Trooper
Rangeley, Maine

Prezado Sr. Farrar:

Nós apreciaríamos se o senhor transmitisse a carta em anexo para a Força Aérea de nossa vizinhança. Nós não temos o endereço.

Nossos sinceros agradecimentos,

Instituto Orgone
Secretária
Assinado: Ilse Ollendorff

29 de Janeiro de 1954
Para: U. S. Airforce Intelligence

Cavalheiros:

Fui solicitado a enviar-lhes o seguinte relatório de observações feito pelo Dr. Wilhelm Reich e eu, à tarde e durante a noite de 28 a 29 de janeiro de 1954.

Por volta de 22h, o seguinte objeto foi claramente visível a olhos nus tão bem como com binóculos da janela norte da casa de baixo em Orgonon, Rangeley, Maine: Uma luz brilhante foi vista movendo-se na direção de Badger's Camps para o norte, movendo-se da direção oeste a leste entre as árvores, e desaparecendo logo que passou por detrás das árvores e aparecendo novamente quando alcançava os espaços entre as árvores. Quando a luz estava atrás das árvores e não diretamente visível, uma luz brilhosa iluminada clareou a atmosfera circundante. Se houvesse alguma dúvida sobre a luz em movimento ser estrelas, confundidos com objetos móveis, nessa hora qualquer dúvida seria removida no seguinte caminho: o brilho, luz branca amarelada, estava movimentando-se no vale em frente à Spotted Mountain, ou, em outras palavras, com a Spotted Mountain, como segundo plano. O objeto parecia apontar em direção a Round Pond e mais tarde neste vislumbre brilhante, foi visto mais afastado à direita, ou a leste respectivamente. Após alguns minutos, um segundo objeto, luminoso similar. foi visto novamente indo para a mesma região da esquerda ou do oeste, movendo-se rumo à direita ou a leste, entre as árvores no vale com a Spotted Mountain ao fundo. Foi a mesma aparição e desaparição no mesmo vislumbre brilhante. Somente na segunda vez, o objeto brilhante moveu-se levemente mais abaixo do que o primeiro. Não há dúvida portanto, em julgar estas aparições do ponto de vista da realidade destas observações. Agora "estrelas confundidas" podem ser eliminadas com certeza, dado que o objeto moveu-se como o usual entre estrelas, "fora

de ordem", e, isto foi encontrado em uma região onde não há possibilidade de existir alguma estrela.

Ilse Olledorf relatou na manhã de 29 de janeiro de 1954, que por volta de meia-noite (ela não olhou no relógio), observou um objeto similar mas mais brilhante e maior, por estar mais perto, a leste de Dodge Pond, erguido na frente na Saddleback Montain em algum lugar perto de Dalls Hill ou mais próximo. Ele foi visto subindo uma vez verticalmente, baixando e desaparecendo.

Não há medo ou excitação conectada a essas observações que parecem confirmar alguma subjetividade duvidosa em observação similar relatada como observado em 13 de janeiro de 1954.

Atenciosamente,

Ilse Ollendorf
Secretária do Instituto Orgone.

(acréscimo escrito à mão no original)

Esses detalhes foram ditados por mim esta manhã. Observações factuais bem como considerações teóricas estão removendo qualquer dúvida com relação à realidade dos "visitantes", pouco importando se são do espaço exterior ou de um ouro lugar.

Há muito mais a ser dito sobre este assunto numa conexão diferente.

29 de janeiro de 1954.
Assinado: Wilhem Reich, M.D.

Vôo 3-G, 4602D SISS
Base da Força Aérea de Presque Isle, Maine
F3G

10 de março de 1954

Dr. Wilhem Reich
Instituto Orgone
Rangeley, Maine

Prezado Senhor:

Com relação a sua carta de 29 de janeiro de 1954 ao Major John Dunning, Base da Força Aérea de Dow, referente a visões não identificadas testemunhadas pelo Ser. E por Miss Ollendorff, o oficial citado notificou esta organização a tomar qualquer ação necessária, pois esta unidade está interessada em investigar fenômenos aéreos não identificados que têm siso observados e comunicados.

Nosso quartel geral em Colorado Springs, Colorado, foi notificado imediatamente e informado da situação. Esta unidade foi então instruída a enviar-lhe o Formulário de Informação Técnica da Força Aérea dos EUA,

Modelo A (em anexo), de modo que suas observações pudessem ser total e precisamente registradas. O questionário é auto-explicativo e não haverá dificuldade em responder as questões nem em fazer as descrições.

Solicita-se que o formulário seja devolvido a esta unidade tão logo quanto possível depois de preenchido. O questionário será então enviado para instâncias superiores ara ser devidamente avaliado.

Obrigado por toda e qualquer considerações oferecida.

Atenciosamente,
Steven J. Hubert, 1° Tenente -FA dos EUA
Asst OICm, Flt 3-G

Vôo 3-G, 4602D AISS
Base da Força Aérea de Presque Ilse, Maine
F3G 16 de Março de 1954

Dr. Wilhelm Reich
Instituto Orgone
Rangeley, Maine

Prezado Senhor:

Com relação a conversação telefônica entre Miss Ilse Ollendorf e o Primeiro Tenente Andrew Matyas em 16 de março de 1954, uma cópia de formulário de Informação Técnica da Força Aérea dos EUA segue em anexo para sua consideração.

Andrew Matyas
1° Tenente, FA dos EUA
OIC, Flt. 3-G

19 de Março de 1954
Assunto: Ea
1° Tenente Andrew Matyas, OIC., Vôo 3-g
4602 D AISS
Base da Força Aérea
Presque Ilse, Maine

Prezado Tenente Matyas:

Estou lhe retornando o questionário por mim completado cujo título é "Objetos Não-Identificados" para as devidas providências.

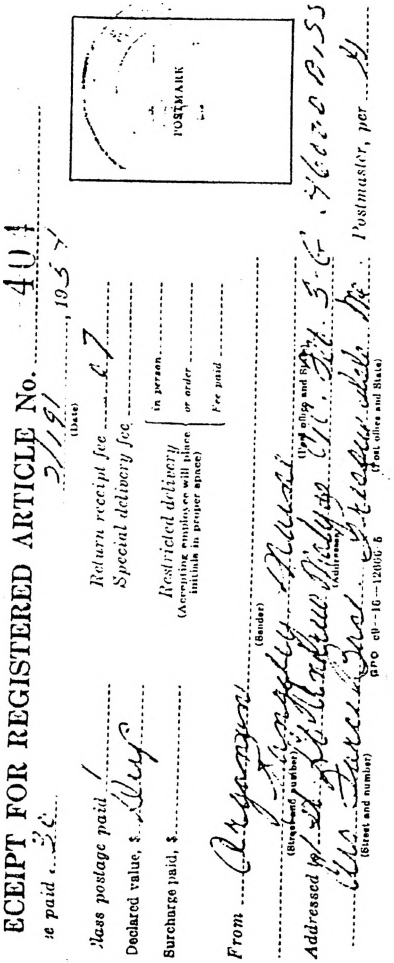
Um manuscrito, contendo as descobertas da orgonomia sobre possível visitantes do espaço, está sendo providenciado. Em caráter de urgência sobre este problema e, da responsabilidade envolvida, I estou preparando este manuscrito para maiores esclarecimentos sobre o

problema mencionado da pesquisa básica orgonômica durante os anos passados.

Enviarei-o separadamente assim que estiverem prontos para sua apreciação.

Sinceramente,

Dr. Wilhelm Reich



U. S. AIR FORCE TECHNICAL INFORMATION SHEET

This questionnaire has been prepared so that you can give the U. S. Air Force as much information as possible concerning the unidentified aerial phenomenon that you have observed. Please try to answer as many questions as you possibly can. The information that you give will be used for research purposes, and will be regarded as confidential material. Your name will not be used in connection with any statements, conclusions, or publications without your permission. We request this personal information so that, if it is deemed necessary, we may contact you for further details.

1. When did you see the object?

28 (Day) Jan. (Month) 1954 (Year)

2. Time of day: 10 (Hour) – 10:15 (Minutes)

(Circle One): A.M. or P.M.

3. Time zone:

(Circle One): a. Eastern
b. Central
c. Mountain
d. Pacific
e. Other _____

(Circle One): a. Daylight Saving
b. Standard

4. Where were you when you saw the object?

ORGONON (Nearest Postal Address) P.O. RANGELEY (City or Town) MAINE (State or Country)

Additional remarks: I was observing the sky from my study in "Lower House" in darkness, using Binocular (7x50, NS7147, "OZUNA," in routine manner

5. Estimate how long you saw the object. _____ Hours 15 Minutes _____ Seconds

5.1 Circle one of the following to indicate how certain you are of your answer to Question 5.

a. Certain
b. Fairly certained
c. Not very sure
d. Just a guess

6. What was the condition of the sky?

(Circle One): a. Bright daylight
b. Dull daylight
c. Bright twilight
d. Just a trace of daylight
e. Trace of dawn

7. IF you saw the object during DAYLIGHT, TWILIGHT, or DAWN, what was the SUN located as you looked at the object?

(Circle One): a. In front of you
b. In back of you
c. To your right
d. To your left
e. Overhead
f. Don't remember

8. IF you saw the object at NIGHT, TWILIGHT, or DAWN, what did you notice concerning the STARS and MOON?

8.1 STARS (*Circle One*):

a. None
(b. A few) toward North
c. Many
d. Don't remember

8.2 MOON (*Circle One*):

a. Bright moonlight
b. Dull moonlight
(c. No moonlight) pitch dark (1/4 hour because of atmosphere)
d. Don't remember

9. Was the object brighter than the background of the sky?

(*Circle One*): (a. Yes) b. No c. Don't remember

10. IF it was BRIGHTER THAN the sky background, was the brightness like that of an automobile headlight?:

(*Circle One*) (a. A mile or more away (a distant car)?
b. Several blocks away?
c. A block away?
d. Several yards away?
e. Other

11. Did the object: (*Circle One for each question*)

a. Appear to stand still at any time?	Yes	(No)	Don't Know
b. Suddenly speed up and rush away at any time?	Yes	(No)	Don't Know
c. Break up into parts or explode?	Yes	(No)	Don't Know
d. Give off smoke?	Yes	(No)	Don't Know
e. Change brightness?	(Yes)	No	Don't Know
f. Change shape? (at first somewhat)	(Yes)	No	Don't Know
g. Flicker, throb, or pulsate?	Yes	(No)	Don't Know

12. Did the object move behind something at anytime, particularly a cloud?

(*Circle One*): (Yes) No Don't Know. IF you answered YES, then tell what it moved behind: single trees silhouetted against dark sky background, later

13. Did the object move in front of something at anytime, particularly a cloud?

(*Circle One*): (Yes) No Don't Know. IF you answered YES, then tell what it moved in front of: "pointed Mountain" as dark background and disappeared in valley toward "Round Mound", i.e Eastward (not tracked)

14. Did the object appear: (*Circle One*): a. Solid? b. Transparent? (c. Don't Know)

15. Did you observe the object through any of the following?

a. Eyeglasses	Yes	No	(e.) Binoculars	(Yes)	No
b. Sun glasses	Yes	No	f. Telescope	Yes	No
c. Windshield	Yes	No	g. Theodolite	Yes	No
(d.) Window glass *	(Yes)	No	h. Other In open air		

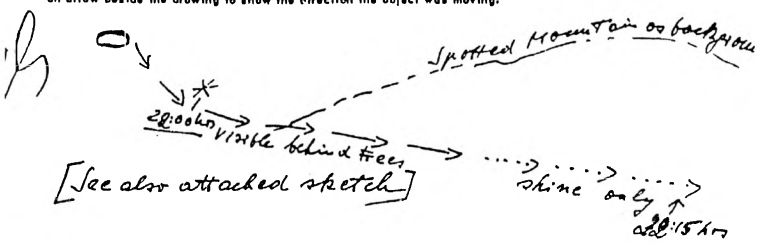
* no "reflection" — no lights in neighborhood

16. Tell in a few words the following things about the object.

a. Sound none (inside building; heard human on other occasions)

b. Color bright yellow – white, at times toward orange

17. Draw a picture that will show the shape of the object or objects. Label and include in your sketch any details of the object that you saw such as wings, protrusions, etc., and especially exhaust trails or vapor trails. Place an arrow beside the drawing to show the direction the object was moving.



18. The edges of the object were:

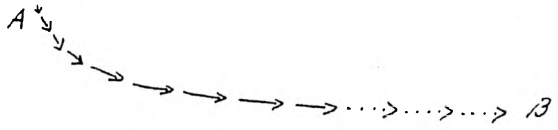
(Circle One): a. Fuzzy or blurred
(b. Like a bright star) but much larger
c. Sharply outlined
d. Don't remember

e. Other surrounding sky sphere luminated in valley.

19. IF there was MORE THAN ONE object, then how many were there? two.
Draw a picture of how they were arranged, and put an arrow to show the direction that they were traveling.

Both moved as described under 17, one ~~at~~ at a time. The first had disappeared in valley, when the second appeared where the first ~~had~~ had been among the trees a few minutes at approx. * in 17.

Draw a picture that will show the motion that the object or objects made. Place an "A" at the beginning of the path, a "B" at the end of the path, and show any changes in direction during the course.



[See sketch]

21. IF POSSIBLE, try to guess or estimate what the real size of the object was in its longest dimension.

N feet. not possible to guess, omission preferable

22. How large did the object or objects appear as compared with one of the following objects *held in the hand* and at about arm's length?

(Circle One):

a. Head of a pin
b. Pea
c. Dime
d. Nickel
e. Quarter
f. Half dollar
g. Silver dollar
h. Baseball
i. Grapefruit
j. Basketball
k. Other _____

22.1 (Circle One of the following to indicate how certain you are of your answer to Question 22.

a. Certain
b. Fairly certain
c. Not very sure
d. Uncertain

23. How did the object or objects disappear from view? Behind the low ridge between Grayson and Badger's Camp, the ridge being lower than Spotted Mountain north of it.

24. In order that you can give as clear a picture as possible of what you saw, we would like for you to imagine that you could construct the object that you saw. Of what type material would you make it? How large would it be, and what shape would it have? Describe in your own words a common object or objects which when placed up in the sky would give the same appearance as the object which you saw.

N ~~No answer possible for this question~~

About Twice as large as Jupiter when Largest

25. Where were you located when you saw the object? (Circle One):

a. Inside a building
b. In a car
c. Outdoors
d. In an airplane
e. At sea
f. Other _____

26. Were you (Circle One)

a. In the business section of a city?
b. In the residential section of a city?
c. In open countryside?
d. Flying near an airfield?
e. Flying over a city?
f. Flying over open country?
g. Other _____

27. What were you doing at the time you saw the object, and how did you happen to notice it? Observing the sky

It is part of my routine in Argonne Energy Research to observe (at various times and intervalls) the sky, the Clouds, the Stars, the so called "NOR-Clouds", sometimes during the night

28. IF you were MOVING IN AN AUTOMOBILE or other vehicle at the time, then complete the following questions:

28.1 What direction were you moving? (Circle One)

a. North
b. Northeast
c. East
d. Southeast
e. South
f. Southwest
g. West
h. Northwest

28.2 How fast were you moving? _____ miles per hour.

28.3 Did you stop at any time while you were looking at the object?
(Circle One) Yes No

29. What direction were you looking when you first saw the object? (Circle One)

a. North
b. Northeast
c. East
d. Southeast
e. South
f. Southwest
g. West
h. Northwest

30. What direction were you looking when you last saw the object? (Circle One)

a. North
b. Northeast
c. East
d. Southeast
e. South
f. Southwest
g. West
h. Northwest

31. If you are familiar with bearing terms (angular direction), try to estimate the number of degrees the object was from true North and also the number of degrees it was upward from the horizon (elevation).

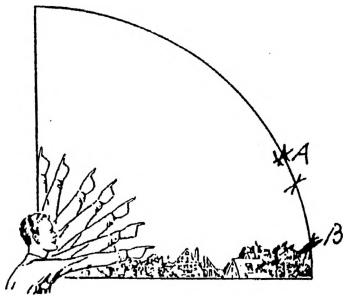
31.1 When it first appeared:

a. From true North 45° degrees.
b. From horizon 15° degrees.

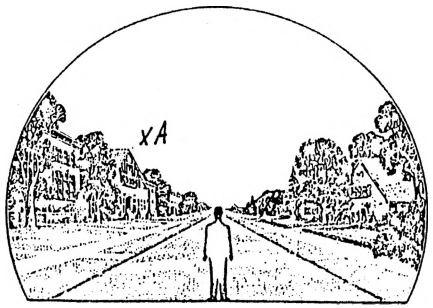
31.2 When it disappeared:

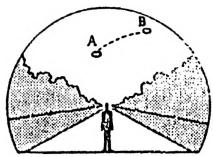
a. From true North _____ degrees.
b. From horizon _____ degrees.

32. In the following sketch, imagine that you are at the point shown. Place an "A" on the curved line to show how high the object was above the horizon (skyline) when you *first* saw it. Place a "B" on the *same* curved line to show how high the object was above the horizon (skyline) when you *last* saw it.



33. In the following larger sketch place an "A" at the position the object was when you *first* saw it, and a "B" at its position when you *last* saw it. Refer to smaller sketch as an example of how to complete the larger sketch.





34. What were the weather conditions at the time you saw the object?

34.1 CLOUDS (Circle One)

- (a. Clear sky) — circled
- b. Hazy
- c. Scattered clouds
- d. Thick or heavy clouds
- e. Don't remember

34.2 WIND (Circle One)

- a. No wind
- b. Slight breeze
- c. Strong wind
- (d. Don't remember) — circled

34.3 WEATHER (Circle One)

- (a. Dry) — circled
- b. Fog, mist, or light rain
- c. Moderate or heavy rain
- d. Snow
- e. Don't remember

34.4 TEMPERATURE (Circle One)

- (a. Cold) — circled
- b. Cool
- c. Warm
- d. Hot
- e. Don't remember

35. When did you report to some official that you had seen the object?

~~28~~ 29th (Day) January (Month) 1954 (Year) (sent a few days later)

36. Was anyone else with you at the time you saw the object?

(Circle One) (Yes) — circled   No

36.1 IF you answered YES, did they see the object too?

(Circle One) (Yes) — circled   No

36.2 Please list their names and addresses: Miss Ilse Ollendorff, Orgonon, Rangeley, Me.

Miss O. was called in to observe when second object moved in on same route, slightly lower than first.

37. Was this the first time that you had seen an object or objects like this?

(Circle One) Yes   (No) — circled

37.1 IF you answered NO, then when, where, and under what circumstances did you see other ones?

~~See attached sheets My attention was called to these phenomena [illegible] weeks before I saw similar [illegible] appear at night behind our observatory."~~

38. In your opinion what do you think the object was and what might have caused it?

See attached sheet

answer to 37.1 : Similar phenomena were called to my attention over the preceeding months on several occasions, especially on January 13th and 14th, around 7:34 PM; also doubtful observations of similar kind on January 17th and January 19th,1954. Observation of January 28th was distinguished by mountain background.

39. Do you think you can estimate the *speed* of the object?

(Circle One) Yes (No)

IF you answered YES, then what speed would you estimate? _____ m.p.h.

40. Do you think you can estimate how far away from you the object was?

(Circle One) (Yes) No

IF you answered YES, then how far away would you say it was? 1/8 mi approx

41. Please give the following information about yourself:

NAME Reich M.D. (Last Name) Wilhelm (First Name) _____ (Middle Name)

ADDRESS Organon (Street) Rangeley (City) _____ (Zone) Maine (State)

TELEPHONE NUMBER 99

What is your present job? Basic Research, Natural Science Organomy

Age 57 Sex male

Please indicate any special educational training that you have had.

a. Grade school 4 years
b. High school 8 years
c. College 5 years
d. Post graduate 4 years
Medical Faculty Vienna, Austria, 1922

e. e. Technical school 18 years Research Lab's
(Type) Organe Energy Research
f. Other special training Medicine, Psychiatry
Physics, Biophysics
see attached list of publications

42. Date you completed this questionnaire: _____ (Day) _____ (Month) _____ (Year)

U. S. AIR FORCE TECHNICAL INFORMATION SHEET

(SUMMARY DATA)

In order that your information may be filed and coded as accurately as possible, please use the following space to write out a short description of the event that you observed. You may repeat information that you have already given in the questionnaire, and add any further comments, statements, or sketches that you believe are important. Try to present the details of the observation in the order in which they occurred. Additional pages of the same size paper may be attached if they are needed.

NAME WILHELM REICH, M.D. (Please Print)

SIGNATURE Wilhelm Reich

DATE March 15, 1954

(Do Not Write In This Space)

CODE:

See attached Survey; further information available upon request

"Ek" is my codeword for "Unidentified objects"

Please confirm receipt of Ek-survey and photostatic copy (Ek)-for mailed in writing.

This communication will be published at some future date, if no objection will be raised by responsible AAF official

WR

Enclosures:

1 sketch

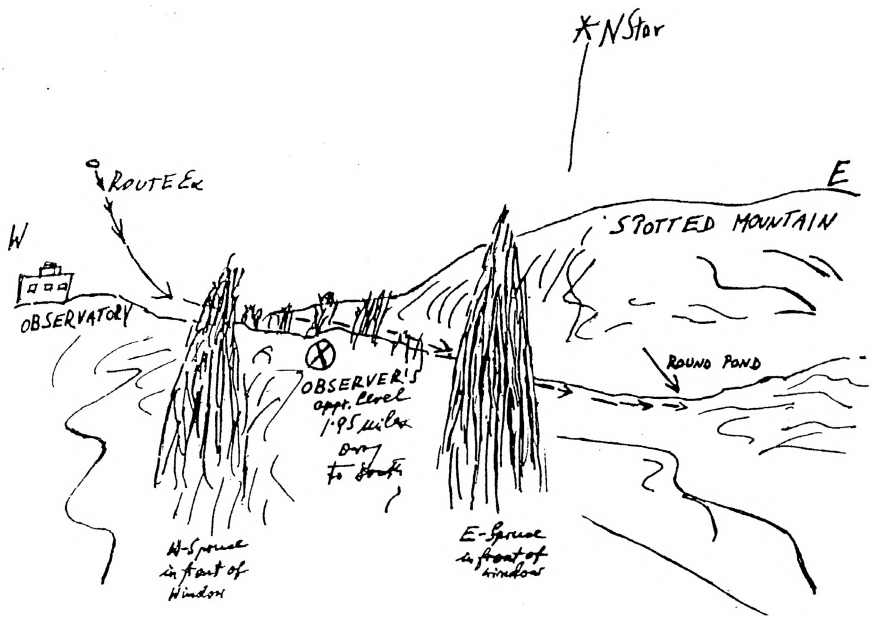
1 map

1 manuscript copy "survey"

1 Photostatic copy

Table of Events concerning Ex

11067, 11073
1108, 11114, 11147, 11148, 11150, 11151
11153, 11156, 11159, 11165, 11165, 11166, 11167
11169, 11170, 11171, 11176,
11182, 11192, 11205, 11230, 11241, 11263
11204,
11270-73, 11275,



Em 17 de março de 1954, dois dias antes da ordem de interdição ter sido emitida em Portland, Maine, foi mandada uma carta à base da Força Aérea mais próxima:

17 de março de 1954

Comando
Vôo 3-G, 4602D AISS
Presque Ilse Base da Força Aérea
Maine

Prezados Senhores:

Em 12 de março de 1954, nós recebemos um questionário sobre objetos não identificados na Região de Rangeley. A carta enviada foi assinada pelo Primeiro Tenente Steven J. Hebert, mas não foi escrita em caráter oficial.

Visto que a resposta deste questionário envolve grande responsabilidade, nós apreciaríamos se a mesma nos fosse enviada de forma oficial pela Força Aérea. Talvez pudessem nos enviar outra carta e questionário, para que pudéssemos guardá-los em nossos arquivos.

Sinceramente,

Ilse Ollendorff
Secretária

No mesmo dia remeti para a AAF um *"Survey sobre Ea"* Arquivo Nº ÀA 11277. As equações contidas neste relatório foram calculadas uma década atrás, por volta de 1944. As equações tinham livrado o problema da gravitação de *g*, o símbolo de atração de massas. A função gravitacional tinha sido reduzida a comprimento de onda, e freqüência de oscilação, *s*, ou seu valor recíproco, o período de oscilação, *t*.

Também uma equação para a oscilação de energia tinha resultado dos cálculos orgonométricos.

Essas equações foram transmitidas à Inteligência da Força Aérea dos EUA com total conhecimento de seu impacto sobre o futuro do planeta. "Vendê-las seria o mesmo que perguntar a um cirurgião competente quanto cobraria para atender um homem gravemente ferido num acidente automobilístico.

Survey sobre Ea

A seguir damos literalmente o "*Survey* sobre Ea", citado no manuscrito original:

Survey sobre Ea (17 de março de 1954)

É impossível contar em algumas páginas toda a história da pesquisa orgonômica do domínio do funcionamento cósmico. Em vez disso, relatarei como me interessei pelo problema do "disco voador".

De dez a quatorze anos atrás, de 1949 a 1944, logo após ter descoberto a energia OR na atmosfera, as implicações cósmicas se tornaram gradualmente evidentes. Os experimentos com pêndulo físico (1944) - com a verdadeira espontaneidade de funções objetivas - conduziram às equações orgonométricas concernentes a relações numéricas nas funções de energia OR cósmica. O resultado foi uma fórmula do pêndulo ($1t^{-2} \neq 100$) e uma fórmula da energia de massa livre $\neq$

Foi feito um manuscrito em alemão numa tentativa de calcular detalhes. A razão era esta: não acreditava que as fórmulas matemáticas valessem a pena publicar a não ser que fossem confirmadas pela *observação física e experimentação*. Adquiri esta atitude quando descobri os fenômenos físicos da energia OR cósmica e atmosférica que preenche o universo, em seguida, comparei minhas observações factuais com as formulações matemáticas puramente abstratas que tinha explicado o espaço, declarado o "outro" não existente e - como um paliativo em uma base factual estreita - não somente bloqueou à distância a pesquisa física factual, mas também impediu o caminho da compreensão verdadeira da energia primordial cósmica.

A importância crucial do assunto para a compreensão dos "visitantes do espaço" pode desculpar minha obscura linguagem.

Deste modo, eu esperei muitos anos para desenvolvimentos factuais posteriores. Os desenvolvimentos começaram a mostrar-se quando, após uma pausa de três anos (1944-1947) comecei a trabalhar sobre váculo, descrito no experimento Oranur ("Vacor"). Também o motor de energia OR estava então em fase de cálculo. Isto foi publicado no primeiro número de OEB, em 1949.

Soube da existência do problema do "disco" por volta de 1950. Mas nunca prestei atenção a ele. A idéia de visitantes do espaço não me era totalmente estranha. Por que somente a Terra deveria ser habitada por seres inteligentes? Não havia qualquer razão para se supor semelhante coisa, exceto por causa da vaidade como um homo divinus ou sapiens; solipicismo por parte do homem era também bem conhecido a partir das fantásticas crueldades de uma época, apenas 4-500 anos atrás, que

pensava que o mundo era plano e também o centro do universo, como o sol como seu ponto focal da atenção divina.

O fato de algumas naves descendo na Terra não era por este motivo nenhuma "novidade". Tinha ouvido sobre isto no rádio muitas vezes. Mas nunca ocupou o centro de minha atenção. Isto, a despeito do fato de que alguns amigos terem-me dito ter visto discos sobre Orgonon em 1951. Mesmo quando em agosto de 1952, estava de pé na varanda de minha casa de verão em Orgonon, ouvi uma coisa zumbir de um lado a outro do horizonte, SW para NE, em poucos segundos. Prestei pouca atenção a isto.

Meu interesse no problema do disco foi seriamente desperto da seguinte maneira:

Tínhamos sofrido muito com uma *substância preta* que caiu sobre Orgonon desde abril de 1952, o chamado "*Melanor*". Era óbvio a partir de todas as aparências que Melanor (veja "The Blackening rocks", OEB, 1951) vinha de algum lugar do Universo. Mas somente em novembro de 1953, quando li pela primeira vez o Relatório Kayhoe, as coisas começaram a se encaixar.

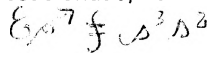
Descobertas a respeito dos Discos Voadores, como pouco ruído, luzes tremeluzentes, discos rotatórios, fizeram-me sentir em um lugar com alguns fatos que conhecia bem a partir das funções de funcionamento da energia OR, tais como a operação silenciosa que tinha experimentado quando o motor OR estava funcionando, em 1947-1948. Ou a luminação azul em tubos a vácuo a 0,5 mícron de pressão. As antigas funções orgonométricas, uma após a outra, especialmente aquelas que lidavam com as equações de gravitação.

Os fatos que confirmavam as abstrações pareciam estar disponíveis agora, num modo estranhamente prático. As coisas se ligavam mais. Função após função coordenava-se com o que tinha lido sobre "objetos não-identificados".

O quadro final atualmente é este:

1. Os "HOMENS CORE"(CORE = COSMIC ORGONE ENGINNERING, Engenharia Orgone Cósmica), como os denominei, estavam aparentemente completamente familiarizados com as leis de funcionamento do oceano de energia OR cósmica, especialmente com a gravidade como uma função da superposição.
2. Eles empregam energia OR na propulsão de suas máquinas.
3. Suas "luzes azuis" estavam de acordo com a cor azul característica de todas as funções OR visíveis: céu, protoplasma, aurora, manchas solares, profundidade dos vales da lua vistos ao anoitecer, cor de luminação da energia OR nos tubos a vácuo, etc.
4. As mudanças de cor de azul para branco ou vermelho, etc. conheço bem a partir de vários estudos dos fenômenos OR e tenho visto algumas praticamente nos tubos a vácuo (veja Oranur Experiment, pg. 249 e seg.).

5. Os HOMENS CORE estavam obviamente conduzindo suas naves espaciais nas principais correntes de energia OR do Universo (veja COSMIC SUPERIMPOSITION sobre "Galactic and Equatorial Stream").
6. As tremendas velocidades que são capazes de alcançar não estavam em desacordo de maneira alguma com as tremendas quantidades que tinha calculado para as correntes de energia OR do Universo de 1940 a 1944. (Existem ainda muitas lacunas e muitas incertezas. As tabelas de sistema de número estão em meu poder. Veja em anexo uma cópia)
7. Uma velocidade de 10 a 15 mil milhar por hora não parecia impossível à luz desses números; pelo contrário: parece bastante natural.
8. Eles giram seus discos em consonância com as ondas de energia OR em que navegam. Discos giratórios descrevem exatamente o que tinha calculado dez anos atrás como as chamadas KRW ("Kreiselwellen") ou ONDAS EM ESPIRAIS, sem qualquer conhecimento das naves espaciais que na verdade se movem nas ondas OR cósmicas. A partir dessas ondas, derivei minha equação de energia de massa livre:



As coisas se ajustavam bem, até bem demais para meu gosto. Por este motivo, hesitei em contar qualquer coisa a uma outra pessoa sobre o assunto. Somente me preocupei sobre o que poderia acontecer aos fatos e equações que um estudante tinha adquirido de 1947 a 1949. Ele tinha trabalhado com o motor de energia OR e tinha desaparecido em 1949 em circunstâncias misteriosas. Estava sob suspeita de ser um espião russo. Seu caso foi logo transmitido ao FBI em 1949 e outra vez em 1950. Solicitamos mais uma vez em 1953 a determinação de seu possível papel no caso.

9. Tal como o espaço não é vazio, a luz não "chega à Terra a partir das estrelas e do sol". Ela é um efeito da luminação do envelope de energia OR do planeta. É *um fenômeno preciso*. Por este motivo, não há limite de velocidade no espaço cósmico, apenas tecnologicamente. Isto concorda com as quantidades aparentemente ilimitadas nas funções de energia que caracteriza o sistema orgonométrico progredindo em propriedades geométricas (sistema Kr^{x}).

O sumário, em anexo, das equações básicas foi enviado à National Academy of Science em 1948. Como os interesses industriais na química farmacêutica estavam excessivos na tentativa de destruir a Orgonomia desde 1937, não tenho meios de saber o que aconteceu a esta informação.

O gabinete do Presidente dos EUA tem sido informado de todos os desenvolvimentos importantes desde 1951, quando o Experimento Oranur começou a funcionar.

Março, 1954

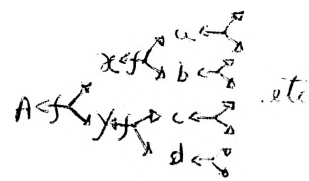
Wilhelm Reich, M. D.
Instituto Orgone, Orgonon, Rangeley, Maine.

(Na porção manuscrita em baixo destes escritos, lê-se o seguinte: "Observação, Abril, 1956: Ultimamente, considerações importantes incutiram-me a idéia de que WW (William Washington), o homem que desapareceu repentinamente em 1949, pode de certo modo estar ligado às neves espaciais. Ele foi interceptado pelo AEC. Veja registro da conversação telefônica, nº 105, "Conspiração", 16/8/1949"

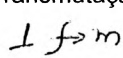
Equações funcionais orgonométricas básicas
(depositadas e legalizadas no escritório de advocacia Arthr Garfield Hays, New York, em 3 de janeiro de 1948).

(1) Equações funcionais gerais:

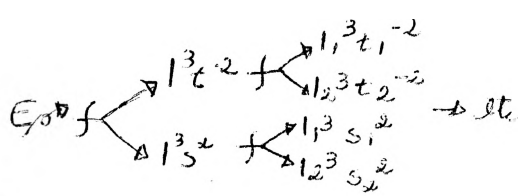
a)

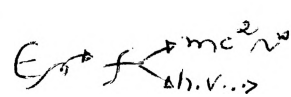
b) 

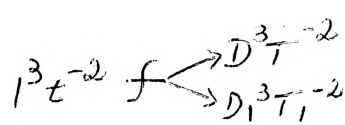
(2) Transmutação funcional básica:

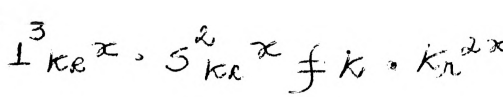


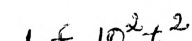
(3) função Energia Orgone Cósmica Primordial:

a) 

b) 

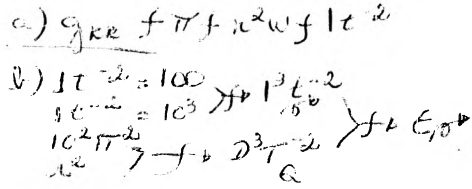
c) 

d) 

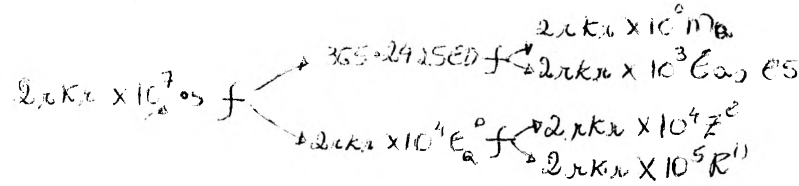
e) 

(4) Kr^{x} - sistema-Numérico:

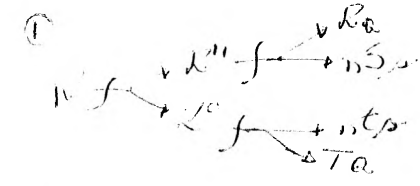
(5) Gravitação:

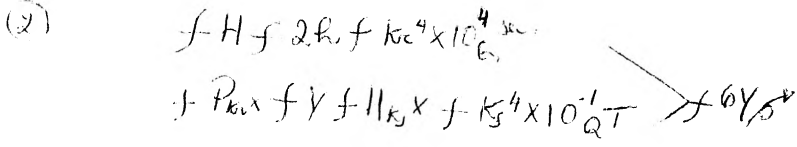


(6) Uma aplicação especial:



Duas proposições orgonométricas:





Especificação de N

$h_{rs}^{x} = 4^{x}$; $x = 1, 2, 3, 4$

$S = 390625$; $t = 256 \times 10^{x}$

$A = 92160$

$B = 9350208$

$h = 65536$ } (f

$h+ = 6574365$ }

$= 1314873$ }

5259492 }

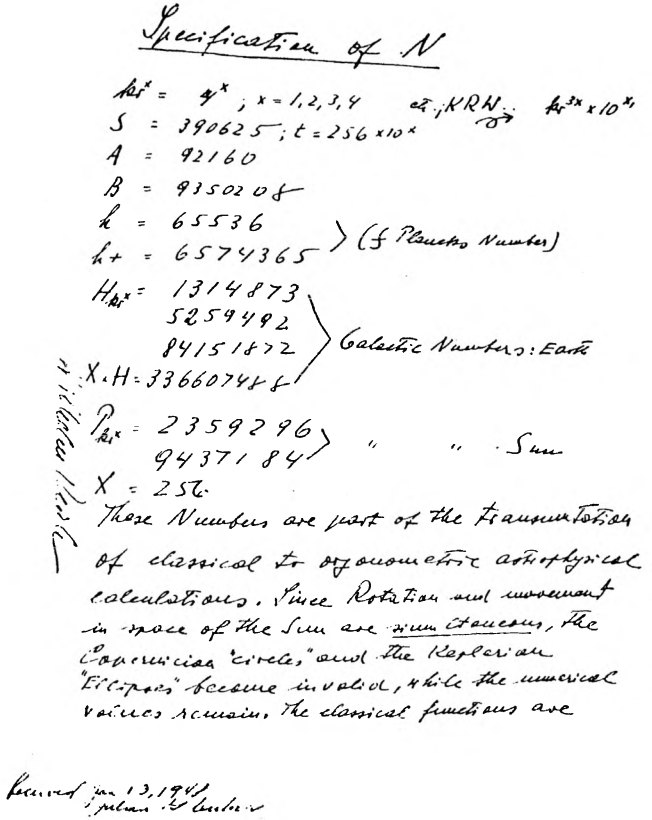
8415872 }

$X_{*} H = 336607488$

$= 2359296$ }

9437184 }

$X = 256$



Specification of N

$hf^x = 4^x$; x = 1, 2, 3, 4 cf. KRN: $hf^{3x} \times 10^x$,

S = 390625 ; t = 256 × 10^x

A = 92160

B = 9350208

h = 65536

h+ = 6574365 } (5 Planetary Numbers)

H_{hf^x} = 1314873
5259492
84151872 } Galactic Numbers: Earth

X.H = 33660748

P_{hf^x} = 2359296
9437184 } " " Sun

X = 256.

These Numbers are part of the transmutation of classical to orgonometric astrophysical calculations. Since Rotation and movement in space of the Sun are simultaneous, the Copernician "circles," and the Keplerian "Ellipses" become invalid, while the numerical values remain. The classical functions are

Received Jan 13, 1948
Wilhelm Reich

(Na porção manuscrita da pagina anterior lê-se o seguinte):

"Estes números fazem parte da transmutação dos cálculos astrofísicos clássicos para os orgonométricos. Como rotação e movimento do sol no espaço são simultâneos, os "círculos" copernicanos e as "elipses" keplerianas se tornam inválidas, enquanto os valores numéricos permanecem. As funções clássicas são transformadas orgonometricamente em funções periódicas tal como as do pêndulo, que oscila e se move simultaneamente no espaço: o 'pêndulo Cósmico'. Os números clássicos corroboram esta transmutação numericamente inevitável. As equações funcionais servem a este propósito. Por enquanto não estão completamente calculadas, mas o trabalho básico teve início em 1939-1940, quando a Energia Orgone atmosférica foi descoberta".

Nova York, 11 janeiro de 1948

Wilhelm Reich

PRIMEIRO CONTATO DIRETO COM O CENTRO DA INTELIGÊNCIA TÉCNICA DA FORÇA AÉREA EM DAYTON, OHIO

Um dos nossos operadores, William Moise, recebeu a ordem de ir a Dayton, Ohio, e entrar em contato com o oficial comandante do Centro de Inteligência Técnica da Força Aérea (AIR FORCE INTELIGENCE CENTER - ATIC) e comunicar nossas operações de 10 de outubro de 1954, que resultaram no desaparecimento de "estrelas" no céu. Ele foi também aconselhado a dar todas as informações necessárias à compreensão do evento.

Moise telefonou em 11 de outubro, às 5h da tarde, marcando um encontro para quinta-feira, 14 de outubro, no final da tarde. Comunicou-me em 14 de outubro, 8-9 da manhã, de Dayton, Ohio, que o General Watson não ia comparecer ao encontro e o tinha cancelado. Instrui-o em 15 de outubro, 8h da manhã, que usasse seu próprio discernimento para lidar com este caso espinhoso. Informou-me que o Major Hill tinha deixado um recado para ele no hotel. Posteriormente no mesmo dia, Moise comunicou-me por telegrama que uma "boa discussão" tinha ocorrido com o representante do comando da ATIC sobre o evento Ea, sobre Orur, sobre o problema do transporte de Orur para o Arizona. O último problema foi confiado a Washington. Em 15 de outubro, ele me telefonou sobre os pontos básicos do encontro. O comandante pedia desculpas, embora tivesse confirmado o encontro anteriormente. Ele esteve representado pelo Coronel Wertenbaker, da Força Aérea dos EUA. A partir deste momento, a Força Aérea foi codificada em nossos registros como Eaa para combinar com a designação Ea dos objetos voadores não identificados.

O relato sobre o encontro é o seguinte:

Relato a WR
da entrevista no Centro de Inteligência Técnica da Força Aérea (ATIC), Base da Força Aérea de Wright-Patterson (AFB), Dayton, Ohio, referente a Ea, rádio Oranur (ORUR) e equações.
11/10/54 .....Comunicação do Instituto Orgone com ATIC
16h30 (cerca de) hora de Rangeley, Maine:

Telefonema interurbano entre *este operador* e o *General Watson*, comandante da ATIC, Base da Força Aérea de Wright-Patterson, Dayton, Ohio.

Wilhelm Reich, M. D., Diretor do Instituto Orgone, deseja relatar-lhe pessoalmente a seguinte ocorrência: *Dois UFOs, que o Instituto Orgone se refere como Ea, foram desmantelados na noite passada, 10 de outubro de 1954, por Wilhelm Reich.*

Este é um assunto de muita importância que deve ser relatado total e detalhadamente ao senhor pessoalmente. Wilhelm Reich solicita uma entrevista com o senhor para relatar a ocorrência oral e detalhadamente. Estamos viajando para o sudoeste numa expedição experimental no deserto de lá, e como representante de Wilhelm Reich, solicito um encontro com o senhor na próxima sexta-feira, 15 de outubro.

General Watson responder que não podia encontrar-se comigo na sexta-feira, porque estaria ocupado nesse dia com um grupo da CIA de Washington. No entanto, podia encontrar-se comigo na quinta-feira. Quando respondi que estava bem mas que, como estava viajando, podia não chegar no final da tarde, General Watson respondeu que não havia importância quanto a isso, que *se necessário continuaríamos com a entrevista após o jantar,* até noite adentro.

General Watson fez-me somente uma pergunta, que foi a seguinte: como Wilhelm Reich sabia que os UFOs foram desmantelados? *Não consegui comunicar satisfatoriamente como os UFOs se extinguiram.* Disse apenas que a maneira como se comportaram e o movimento indicavam que estavam desativados.

Acrescentei mais que Wilhelm Reich desejava discutir também duas outras questões na entrevista: uma referente ao problema do transporte de ORUR e a outra referente à colocação de material científico com a Força Aérea.

Foi combinado que eu teria uma entrevista com General Watson na quinta-feira, 14 de outubro. Deveria telegrafar ao escritório do General Watson na quarta-feira, informando a hora de minha chegada em Dayton. Ao chegar em Dayton, telefonaria para o escritório para saber a hora da entrevista.

13/10/54 - Envio de telegrama ao General Watson, ATIC, BFA Wright-Patterson, Dayton, Ohio, por William Moise de Cambersburg, Pa:

"Chego em Dayton amanhã 14 outubro. Solicito entrevista para 4 da tarde. Entrarei em contato com seu escritório ao chegar para confirmação".

Instituto Orgone, William Moise.

14/10/54 - Telefonema de Dayton para o escritório do General Watson de William Moise pelo Instituto Orgone, 14h30:

Entrevista com o General Watson confirmada para as 4h da tarde.

4h da tarde: entrevista

Fui recebido no Quartel-General da ATIC pelo Dr. W. H. Byers, físico da Força Aérea no ATIC. Dr. Byers informou-me que as comunicações anteriores do Instituto Orgone, correspondência, publicações, etc, eram mandadas para ele pelo ATIC, que estava familiarizado com o trabalho que estava sendo feito pelo Instituto Orgone.

Dr. Byers acompanhou-me até a sala da entrevista e apresentou-me ao Capitão D. M. Hill, USAF, e ao *Sr. Harry Haberer*, civil, trabalhando com a Força Aérea em relação *à história dos UFOs.* Dr. Byers disse então que General Watson lhe solicitara que me apresentasse desculpas pelo fato de ele não ter tido condições de vir encontrar-se comigo, que um assunto importante e inesperado o impedira de comparecer à entrevista ***. Esta informação tomou-me de surpresa. Não disse nada. Fiquei com raiva, assim não disse nada e simplesmente fiquei estudando os homens presentes. Estava claro que um relato tão crucial e importante como este não podia ser apresentado apenas na presença desses senhores (Dr. Byers é um homem com um aperto de mão frouxo e que nunca encara o interlocutor). O Capitão Haberer parecia um pouco entediado.

Então disse ao Dr. Byers que minhas instruções eram apresentar o relato do Instituto Orgone ao General Watson, que isto tinha sido solicitado por Wilhelm Reich, e *que o General Watson tinha confirmado a solicitação.* Tínhamos viajado mil milhas do Maine a Dayton porque o General Watson nos tinha assegurado uma entrevista. Disse também que em minha conversa na segunda-feira com o General Watson fora informado por ele que se necessário a entrevista poderia continuar muito tempo depois do jantar, noite adentro. Perguntei-lhes quando podia encontrar com o General Watson. Dr. Byers disse que não sabia.

Disse-lhes que a natureza crucial e a importância do relato faziam com que ele fosse apresentado somente na presença da autoridade mais graduada. Deixei o número do meu telefone, disse que se necessário podia ficar mais dois dias para encontrar-me com o General e saí.

15/10/54:

Capitão Hill telefonou-me e informou-me que tinha conversado com o General Watson. General Watson mais uma vez pediu desculpas, disse que não teria condições de me ver, mas perguntou se o Instituto Orgone apresentaria o relato ao Coronel Wertenbaker, Representante do Comando. Respondi que sim e uma entrevista foi marcada para as 9h30.

Fui recebido no Quartel-General pelo Coronel Wertenbaker. Dei-me bem com ele imediatamente. Esta situação continuou e aumentou durante a entrevista. O Coronel Wertenbaker disse-me que o General Watson tinha chegado e assumido o comando somente duas semanas atrás e que até aquela data ele, Coronel Wetenbaker, tinha sido o comandante substituto.

Estavam presentes à entrevista Coronel Wertenbaker, Dr. Byers, Cap. Hill e Sr. Haberer.

Primeiro perguntei ao Coronel Wertenbaker *se tinha surgido alguma coisa desde a conversa telefônica com o General Watson.* Estava intrigado desde a conversa. General Watson disse que se encontraria comigo ainda que isto significasse fazê-lo depois do jantar, tarde da noite. O coronel respondeu que nada tinha surgido. Desde que o tempo do Coronel era curto, solicitei que os senhores presentes só fizessem perguntas após o relato, mas solicitei ao Coronel que me interrompesse quando tivesse uma pergunta. Todos os presentes, com exceção do Coronel tomaram notas.

Meu relato foi o seguinte:

A região do nordeste dos EUA e Orgonon tinham sido muito perturbada nas últimas semanas pelos Ea (UFOs). Em algumas noites poderia haver 3 ou 4 suspensos no céu. Eles poderiam tornar a atmosfera preta. Dr. Reich, trabalhando com o *cloudbuster*, poderia mobilizar a energia atmosférica e torná-la outra vez azul. Esta luta tinha acontecido durante várias semanas. Neste ponto, o coronel interrompeu-me e pediu-me que descrevesse o pretume. Respondi que o pretume poderia lançar na atmosfera, uma ausência de vida, de vigor, com tudo com uma aparência de uniformidade e de morte. Acrescentei que podíamos sentir a energia sendo arrancada de nossos corpos. A paisagem parecia sem cor.

Continuei: Algumas semanas atrás, Dr. Reich tinha escavado o rádio que tinha sido usado no experimento Oranur e que estava enterrado desde essa época, cerca de três anos atrás. Dr. Reich desejava testar o rádio e desde então o tinha empregado em experimentos com a atmosfera, como o fazer chuvas, como a dissipação de nuvens com sucesso.

Enquanto fazia isto, Dr. Reich teve a idéia de usar o rádio juntamente com o *cloudbuster* e experimentá-lo num UFO. Ele hesitou em fazer isto, pois havia a possibilidade de ser um avião americano, mas a situação piorou muito - o pretume - e finalmente ele se decidiu.

A seguir li o *livro de registro* do Dr. Reich de *10/10/54*:

7h - Um grande Ea vermelho sobre o horizonte oriental, muito baixo. Experimentei o *cloudbuster* excitado com rádio de Oranur sobre o objeto durante 1 minuto. Em conseqüência disto, o objeto mergulhou primeiro, perdeu seu campo, desapareceu e retornou como se estivesse em dificuldade. Mudou a posição, mais elevada e para o sul.

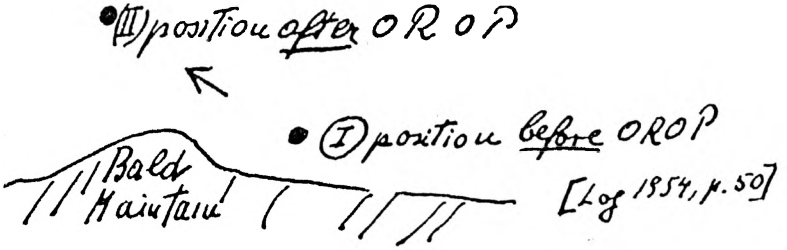


Fig. 11. Ea se move sob a influência de ORUR.

Em seguida desapareceu completamente.

19h30 - Um Ea amarelo, grande, com elevação de 30 graus a noroeste. Oranur experimentado sobre este objeto durante 2 minutos e 27 segundos.

19h53 - Objeto sumiu durante 30 segundos, após pulsar, encolheu. Permaneceu sumido durante 2 minutos.

19h55 - Objeto voltou mais uma vez às 19h55, apareceu bem distante, mais fraco e menor.

20h08 - Todos eles: um ao norte, um ao sul e um a oeste, pareciam se mover como se obedecessem a um *"comando comum"*, mais fracos e menores.

20h11 - Uma chama branca azulada riscou o céu, do zênite para o noroeste, durou 2 segundos.

21h35 - Ea ao norte e ao sul ainda são visíveis, estando mais alto no céu, *contra o movimento das estrelas.* Mas os do oeste e noroeste não são mais visíveis.

22h10 - Dr. Reich *telefonou* para comunicar o acontecimento a uma secretária em Rangeley.

Neste ponto do relato quando a trajetória do objeto sobre a Montanha Bald foi mostrado, a excitação do Coronel se tornou mais alta; pedia para ver o desenho e estudou-o durante alguns segundos.

Relatei então a drenagem de 12 de maio. Em 12 de maio de 1954, entre 19h40 e 20h40 após experimentar o *cloudbuster* num certo sentido para um Ea no céu ocidental, o objeto desapareceu 4 vezes.

Continuei, falando diretamente ao coronel, e disse que o Instituto Orgone estava engajado *numa séria "Batalha do Universo"*, e que esses *assuntos eram críticos e cruciais. O Instituto Orgone não gosta de ser posto de lado,* que as *questões não podiam mais ser evitadas pelas autoridades responsáveis,* que o *Instituto Orgone não pode assumir sozinho a responsabilidade: ela deve ser compartilhada. Disse que como eles bem sabiam esta descoberta e o Instituto Orgone estão sendo atacados por ladrões, arruaceiros, psicopatas, todos que queriam matar a descoberta. Somente a habilidade e a experiência de Dr. Reich na cena social tinham impedido que isto acontecesse.* Mas no caso de que alguma coisa pudesse acontecer ao Dr. Reich, ele tem um determinado material científico que quer que a Força Aérea guarde. O material consiste em certas equações espaciais. Mostrei ao Coronel as equações que trazia comigo e continuei: Dr. Reich sente que embora seja duvidoso se alguma coisa pode ser feita com essas equações sem ele, sente todavia que a Força Aérea dos EUA é a única agência atualmente no mundo capaz de responsabilizar-se pela posse dessas equações. Perguntei se uma cópia, como a que tinha comigo, podia ser depositada, lacrada, sob os cuidados da Força Aérea nessa situação. *O Coronel Wertenbaker* respondeu imediatamente que *isto podia ser feito e que a Força Aérea respeitaria a confiança depositada nela.* Ele foi extremamente sério sobre este ponto.

Coloquei então o problema do transporte do rádio Oranur (ORUR). Expliquei que Wilhelm Reich estava a caminho do sudoeste para realizar uma pesquisa experimental no deserto aí existente, *que isto era uma continuação, uma parte muito importante da Batalha do Universo.* O rádio Oranur (ORUR) é uma ferramenta extremamente vital, exigida nesta batalha e exigida no sudoeste. O problema, que até o momento estava sem solução, é como transportar o rádio. Os *meios de transporte comerciais usuais não podiam ser empregados por* não há proteção contra o rádio Oranur; pelo contrário, ele é mais seguro quando solto e reage quando colocado em embalagem ou perto de metal. O único modo que pode ser transportado é num reboque de 50 a 100 pés atrás de um avião. E a única organização com condições de fazer o transporte é a Força Aérea dos EUA. Deste modo o Instituto Orgone solicita a assistência da Força Aérea no transporte deste material para o sudoeste dos Estados Unidos. Coronel Wertenbaker disse que ele não tinha autoridade para tomar esta decisão. A decisão seria tomada em Washington e que ele transmitiria a solicitação. Ele perguntou quando queríamos fazer o transporte. Respondi que o mais breve possível mas solicitei que o Instituto Orgone soubesse imediatamente da decisão se a força Aérea podia ou não ajudá-lo e que a resposta deveria ser enviada ao Dr. Reich em Rangeley antes da próxima terça-feira, por o Dr. Reich estava planejando começar a viagem para o sudoeste neste dia. Disse que os detalhes de como e quando podiam ser calculados posteriormente. Ao discutir a reação do rádio Oranur embalado, comuniquei

o fato de que um metro *survey* SU 5 proporcionou contagens de 80.000 a 100.000 CPM.

O coronel teve que sair neste ponto. Ele agradeceu ao Instituto Orgone em nome da Força Aérea. O contato com o Coronel Weertenbaker foi excelente em toda a entrevista. Ele era série, atento, e me encarava enquanto eu falava. Foi o único que fez isto. Sua excitação aumentou e tenho *a impressão* que ele não desejava revelar sua excitação *diante do Doutor em Física*.

Após o coronel sair, fiquei com ou outros senhores para responder quaisquer perguntas. Houve poucas perguntas. Cap. Hill pediu-me para explicar mais sobre o experimento Oranur. Disse-lhe simplesmente que o ATIC possuía uma cópia dele e que uma leitura seria mais elucidativa. Dr. Byers perguntou-me se os objetos foram vistos em lugares diferentes da região de Rangeley. Respondi-lhe que foram vistos em Hancock, Maine, mas que não tínhamos condições de saber sobre o restante do país.

A entrevista foi suspensa então por volta das 10h20.

No hotel, por volta das 12h15, recebi um telefonema. Uma voz de mulher informou que estava telefonando de Wright Field (este campo é diferente de Wright-Patterson) e perguntou se eu sabia como entrar em contato com Donal Keyhoe, que havia um telegrama da Califórnia para ele; sabia-se que ele estava nesta área mas não se sabia onde. *O nome não me disse nada* e pedi que repetisse e em seguida soletrasse. Neste ponto ela disse: "o Ex-Major Keyhoe que escreveu um livro sobre UFOs. Sabíamos que o senhor estava interessado em UFOs também e pensamos que poderia saber onde ele está ***". Respondi-lhe que não sabia, nunca o encontrara nem jamais tivera qualquer ligação com ele ***. Sinto, mas não posso ajudá-la.

Assinado / William Moise
Operador, OROP no Deserto Ea - Arizona, 1954/1955

COORDENAÇÃO DE PESQUISA TÉCNICA

Nossa solicitação de ajuda da Força Aérea no transporte de Orur foi posteriormente negada pelo Quartel-General da FA em Washington. Não compreendi o por quê. No entanto, treinamo-nos para transportar Orur sem contratempo através de 3.000 milhas do continente.

Eu não sabia naquela época, para citar do relatório Rupplet sobre UFOs (pg. 285), que meu trabalho era, já em 1952, considerado "perigoso porque não era oficial e a razão de não ser oficial era porque era tão perigoso". Quão mais perigoso tinha se tornado com o acontecimento Ea de 10 de outubro de 1954 ***.

Não recebemos nenhuma ajuda direta da Força Aérea, financeira ou qualquer outra, em todo o período de nossa pesquisa sobre Ea, experimentação sofrimento e erro.

O *background* factual deste encontro no ATIC em 15 de outubro de 1954 é longo e complicado:

Abrange muitos interesses comuns na pesquisa atmosférica e cósmica. Em 6 de julho de 1953, ocorreu a primeira grande operação de interrupção da seca e de fazer chover em Ellsworth, Maine (CORE, 1954). Sabíamos naquela época que nossa operação tinha sido cuidadosamente seguida pela Força Aérea. Um avião voou bem baixo durante a operação. Choveu moderadamente à moda de Oranur na noite seguinte em toda a costa de Rangeley, após uma seca de cerca de 6 semanas. Dois dias depois, 8 de julho pela manhã, aviões da Força Aérea apareceram sobre Orgonon arrastando atrás o que parecia ser equipamento de pesquisa; estavam muito provavelmente monitorando a contagem básica da atmosfera. A partir daí, os aviões estavam sempre por perto todas as vezes que a pesquisa Oranur estava sendo feita: em Orgonon desde julho de 1953, no caminho de Tucson em outubro de 1954, na região de pesquisa em torno da base de Tucson durante todo o inverno de 1954/1955, mais uma vez sobre Orgonon durante o verão em 1955 e também em Washington durante o inverno de 1955/1956. Este interesse da Força Aérea em nosso trabalho tinha suas boas razões.

Um segundo elo foi proporcionado pela pesquisa atmosférica paralela referente às trilhas de vapor que saem dos aviões a jato na atmosfera DOR. Já em 1952, tínhamos visto aviões da Força Aérea, jatos principalmente, entrecruzando-se no céu de Orgonon em várias direções, deixando sempre trilhas de vapor de jato bem visíveis.

Com o passar do tempo e com observações cuidadosas do céu, começamos a compreender o significado do comportamento das trilhas de vapor dos jatos. Nunca tivemos contato pessoal com a Força Aérea com relação a este assunto. Mas as implicações eram óbvias.

No primeiro Relatório Oranur 1951, tinha formulado uma hipótese sobre o comportamento da energia atmosférica. Anos de observação dos diferentes estados de nevoeiro nas áreas montanhosas de Rangeley tinham mostrado íntima dependência da formação de nevoeiro e das nuvens com diferentes estados de energia OR: *As nuvens não permaneciam sobre Orgonon quando nuvens DOR pairavam sobre a região.* As nuvens se dissipavam, dividiam-se e moviam-se *em torno de* Orgonon; juntavam-se outra vez do outro lado após terem passado pelo Observatório. Como relatado em 1954 com relação à seca, nenhuma trovoada passou sobre Orgonon em 1952 e 1953 quando os efeitos DOR eram mais fortes. Isto significava que: *DOR absorvia a umidade das nuvens;* as nuvens, após terem se tornado flocosas e transparentes, dissipavam e dividiam-se. Por outro lado, onde não havia DOR em grande concentração, onde o céu era mais brilhante e azul, as nuvens se formavam e juntavam-se facilmente. Cresciam fundindo-se ou juntando-se às nuvens recém-formadas.

Agora, o mesmo comportamento podia ser observado com relação às *trilhas do vapor dos jatos. O vapor que saia dos jatos juntava-se durante longo tempo e ao longo de milhas do céu quando o céu estava claro e azul, quando DOR estava ausente.* Por outro lado, *as trilhas de vapor seriam finas ou não seriam* visíveis de maneira alguma; *não durariam muito tempo, dissipavam-se rapidamente quando DOR estava pesado.* Nas regiões com

DOR muito pesado, as trilhas de vapor não conseguiam se formar; reapareciam exatamente onde o céu azul e claro rodeava as pesadas nuvens DOR.

Desta maneira, uma ferramenta de observação de DOR na atmosfera muito importante e quase exata tinha sido descoberta pela Força Aérea. A partir daí era-se capaz, às vontade, em qualquer altitude, em qualquer região do globo, em qualquer hora do dia, determinar se DOR estava presente no céu ou não; podia-se até mesmo julgar a intensidade das nuvens DOR pelo grau em que as trilhas de vapor não se formavam ou não se mantinham, por sua espessura, comprimento, etc. A Força Aérea, como eu tinha observado, tinha ademais desenvolvido vários padrões de trilhas de vapor dos jatos num mesmo nível ou em níveis diferentes da atmosfera, de acordo com especial tarefa de pesquisa.

Por exemplo, queria-se saber se DOR estava mais pesado e mais concentrado nas altitudes mais elevadas do que nas mais baixas, digamos, mais a 30.000 do que a 20.000 pés, e deixá-los voar verticalmente e paralelos; a natureza das trilhas informaria pela observação direta onde as concentrações de DOR eram mais pesadas. Este foi pelo menos o modo como interpretei, para meu próprio uso e com grande sucesso, as diferentes formas e padrões das trilhas dos jatos; foi bastante útil na pesquisa básica ulterior ou no esclarecimento dos prementes problemas Ea. Se a Força Aérea tinha realmente esses problemas em mente, não posso dizer.

As nuvens DOR, por outro lado, eram indicações diretas da presença de Ea no céu, visível ou invisível. *Nuvens DOR e elevadas contagens de GM se tornaram as duas ferramentas de pesquisa mais confiáveis no campo Ea.*

Nunca conversei com qualquer cientista da Força Aérea sobre esses temas. De acordo com meu livro de registro, havia pouca dúvida sobre a identidade das observações. A Força Aérea pode ter desenvolvido uma teoria diferente; pode ter tido um propósito diferente em mente ao deixar os jatos emitirem seus vapores: qualquer que seja o caso, as operações Eaa foram cruciais e se tornaram muito importantes, à medida que os anos passaram, para minha própria pesquisa sobre Ea. Suponho que a Força Aérea não aderiu a esta técnica durante anos sem uma boa razão qualquer.

Durante as operações em Tucson, quando prevaleceu DOR pesado, a Força Aérea permitia às vezes que dois jatos traçassem uma cruz de trilhas de vapor no céu. No ponto de cruzamento, conforme aprendemos por intermédio das operações com o canhão espacial, um Ea poderia estar escondido, despejando fumaças DOR na atmosfera. Então poderíamos puxar daquele lugar e orurizar a atmosfera naquela região do céu; a situação atmosférica melhorava em poucos segundos para os seres humanos, animais e vegetação. Esses eram grandes momentos numa existência um tanto héctica e atormentada.

Dando um outro exemplo: Quando as operações de remoção de DOR na região de Tucson foram finalmente bem-sucedidas, a relva da pradaria começou a crescer outra vez; uma linha de demarcação verde, por assim dizer, difundiu-se a partir de nossa base, especialmente na direção

nordeste e noroeste, além das quais DOR ainda estava suspenso, pesado, cinza enegrecido, baixo, sobre a paisagem, enquanto céus mais azuis estavam no interior da linha de demarcação. Jatos da Força Aérea poderiam então seguir meu carro ou o caminhão com o cloudbuster e poderiam testar a região com DOR, deixando suas trilhas de vapor no céu. Na região limítrofe, suas trilhas poderiam rarear mais ou menos repentinamente se eles penetrassem bastante na região que continha DOR intocado. Foi sempre uma grande alegria bem como uma gratificação ver as trilhas dos jatos alcançarem pontos longínquos no horizonte quando bom trabalho de remoção de DOR tinha sido feito.

A cooperação silenciosa, impessoal, da Força Aérea tinha uma boa razão. Sobre a força Aérea repousava a grave responsabilidade de encontrar-se mais cedo ou mais tarde, com os Ea, conforme o caso, de uma maneira amigável ou beligerante. Seus jatos eram facilmente ultrapassados pelos Ea; os pilotos podiam não manter contato com Ea ao alcance da artilharia; não compreenderam como Ea funcionava. A ciência mecanicista não tinha resposta. Neste ponto, a abordagem basicamente nova e frutífera de ORANUR tornou-se evidente. Proporcionou um novo ponto de vista, rico em fatos relacionados a uma força motriz até então desconhecida na terra. Proporcionou também uma nova abordagem matemática, isto é, orgonométrica à suas equações *funcionais* (veja OEB, 1949-1952, equações orgonométricas).

A Força Aérea sabia que um novo tipo de guerra estava possivelmente próximo. Tinha também aprendido o árduo caminho, passando por muitas experiências dolorosas, que atualmente a ciência mecanicista não tem nenhuma abordagem ao problema Ea. Opiniões de administradores qualificados, tanto civis como militares, foram ouvidas, no sentido de que a guerra interplanetária já podia ter começado (uma visão correta, da qual estou pessoalmente convencido); a pressão aumentou. Não foi então surpresa que a pesquisa OR tivesse recebido séria atenção nos altos círculos militares de acordo com o relatório do ATIC. Não importava assim que ninguém tivesse ainda se arriscado a dar uma opinião favorável a Oranur. Os *higs* * estiveram muito ocupados entre 1951 e 1955 em destruir a Orgonomia. Estavam igualmente ocupados em não deixar que o problema UFO alcançasse uma solução racional UFOs e energia OR "não existiam" para a ciência mecânico-química.

Já em 1948 e mais uma vez em janeiro e março de 1954, tinha remetido informações sobre os aspectos orgonométricos do problema Ea à Academia de Ciências em Washington e à Inteligência Técnica da Força Aérea em Dayton (veja pg. Anteriores). O leitor compreenderá por que, na medida em que há *higs* escondidos, prontos a roubar e destruir nossa liberdade e existência, devo evitar dizer tudo que sei sobre o assunto: porque devo manter alguns temas secretos até que o momento seja propício e a situação bastante segura para contar toda a história. Lamento ter de fazer isto. Não é *minha* culpa. Detesto segredos. São contra minha

* Delinqüentes no governo.

verdadeira natureza. Mas não posso deixar de adotá-los sob as atuais circunstâncias. O relatório da abordagem orgonômica à tecnologia Ea foi enviado ao ATIC em Dayton, Ohio em 17 de março por intermédio da Base da Força Aérea de Presque Isle, Maine. E foi a base verdadeira da discussão que nosso operador teve com o ATIC em 15 de outubro de 1954, com relação aos nossos primeiros contatos ativos com Ea.

O interesse militar em Ea era primordial; no entanto, era de importância secundária para a ciência natural, que tinha um interesse basicamente matemático, isto é, orgonométrico. A ciência mecanicista tinha, contudo, à parte os princípios básicos de aprendizagem, pouco a oferecer com relação à matemática Ea. Velhos princípios tinham de ser aplicados de modo novo, novas formas de pensamento tinham de ser construídas *a fim de atacar Ea*, bem como novos pavimentos tinham de ser erigidos para um novo tipo de edifício.

É lógico que meus primeiros contatos com a Força Aérea tenham sido matemáticos. Posteriormente, vários ramos do conhecimento tiveram que ser integrados para manter o contato vivo de uma maneira frutífera: observação; julgamento psicológico sobre a cena da batalha verdadeira; psiquiatria social para lidar com as maneiras perniciosas, bem organizadas e bem escondidas, da Praga Emocional; física, biologia, além de geologia; agricultura e medicina atmosférica. Muito disto realmente aconteceu. Mas nossos antepassados tiveram de realizar um feito similar de integração do conhecimento em seu nível em sua época a fim de sobreviverem a crises sociais menores.

Não devo aborrecer o leitor neste ponto com muito orgonometria. Mas alguns fatos devem ser trazidos à tona neste ponto. É necessário mostrar uma única diferença importante entre o pensamento mecanicista e funcional; um ponto que iluminará eficazmente por que Ea veia a ser colocado fora da física bem como da matemática mecanicista.

Em 14 de setembro de 1954, uma secretária que descansava durante o almoço na varanda da casa baixa em Orgonon exclamou de repente: "Um disco voador, vejam, vejam!" Mirei meus binóculos para o céu. Havia cinco jatos voando em formação para sudeste; eram seguidos a duas ou três milhas atrás por um disco prateado oscilante e ricocheteante que acompanhava a formação dos jatos. Então, de repente, o disco fez uma volta abrupta e desapareceu de vista. Foi a primeira vez que vi um disco prateado à luz do dia. No entanto, foi a oscilação que mais me chamou a atenção. Telefonei para a Base da Força Aérea de Presque Isle e contei ao oficial de plantão que jatos da Base estavam sendo acompanhados pelo que parecia ser uma nave espacial.

Tinha tido vários contatos diretos e indiretos com a Base da Força Aérea anteriormente. Alguns meses antes, em 17 de março de 1954, tinha enviado um formulário preenchido com uma observação extraordinária que tinha feito entre 22h e 22h15 de 28 de janeiro de 1954, na presença de outras pessoas. Dois objetos que luminavam foram vistos da janela norte da casa baixa de Orgonon. Movendo-se vagarosamente de oeste para leste em direção à cadeia de montanhas a norte, as "Montanhas Spotted". Esta

observação foi comunicada a Força Aérea em 29 de janeiro. O motivo da comunicação desta observação, enquanto outras semelhantes não foram comunicadas, foi um fato novo: em 28 de janeiro, os dois objetos estavam *viajando diante da montanha*, isto é, *as luzes estavam descendo vagarosamente as montanhas por trás delas.* Essas luzes já tinham sido observadas antes, mas sempre no céu sobre o observatório. A característica mais surpreendente da observação foi o movimento vagaroso, constante, com a montanha como fundo. O movimento era parecido com a flutuação, com deslocação vagarosa para frente e para baixo.

Meu relatório ao ATIC foi enviado registrado (Correio de Rangeley, 19 de março de 1954, nº 404). Tem o nº 11277 na "Tabela dos Acontecimentos" de meu livro de registro. Não tinha a menor idéia de que, neste mesmo dia, o Juiz Clifford em Portland, Maine, tinha assinado e emitido uma ordem de interdição que foi legalmente obtida pelos *Higs* dos negócios dos combustíveis atômicos, alimentos e drogas dos EUA: "*Energia Orgone não existe*". A interdição chegou alguns dias depois, em 22 de março. Meu relatório ao ATIC continha, além do questionário preenchido sobre a observação dos UFOs, um documento especial com informações sobre funções orgonométricas que, assim supunha, sustentavam os movimentos de Ea, intitulado *"Survey sobre Ea"*. Meu livro de registro informa que em 19 de março de 1954, a identidade funcional de deslocamento de Ea e E , movimento da energia cósmica primordial estava clara para mim. A entrada 11278, de 20 de março, registra a descoberta da *"gravidade negativa"*.

Tentarei evitar neste ponto o complicado significado matemático interno disto. No entanto, é necessário fazer um *survey* sobre o problema.

O "SWING",

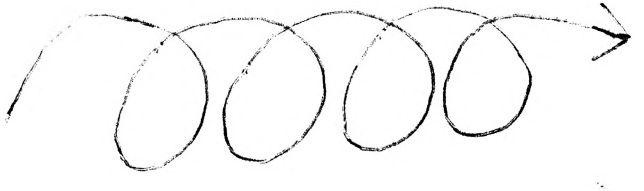
O "Swing" pode ser facilmente visualizado como a linha descrita no espaço por um ponto sobre o arco de uma roda que se move para frente. Em relação ao solo, este ponto sobre o aro embora gire com a mesma velocidade descreve um movimento de *aceleração* e *desaceleração* alternado. No giro para frente o ponto se move mais rápido. No giro de retorno se move mais devagar. A razão da mudança de velocidade depende, naturalmente, da velocidade básica da rotação: quanto mais rápida a rotação, menor a contração com relação ao deslocamento para frente.

A ponta de um pião mostra a mesma função básica de contração e expansão da velocidade. A ponta se move numa linha mais ou menos curva em alta velocidade. A linha de deslocamento para frente será ainda maior quanto maior a velocidade.

Numa velocidade de rotação menor, a ponta do pião girador descreverá claramente uma *onda giratória,* uma KRW (Kreiselwell) e oscilações alternando assim a aceleração e desaceleração; o número das setas indica a aceleração e a desaceleração:

Fig. 12

Na velocidade de rotação mais baixa possível, o corpo ou pião oscilará, enquanto o *sping* descreverá anéis curtos, fechados, parecidos com o desenho seguinte:



Expansão e contração alternadas no deslocamento para a frente podem ser também facilmente observadas no movimento de oscilação dos pêndulos sob a condição de que o ponto de sustentação se move para a frente no espaço, enquanto o corpo do pêndulo oscila:

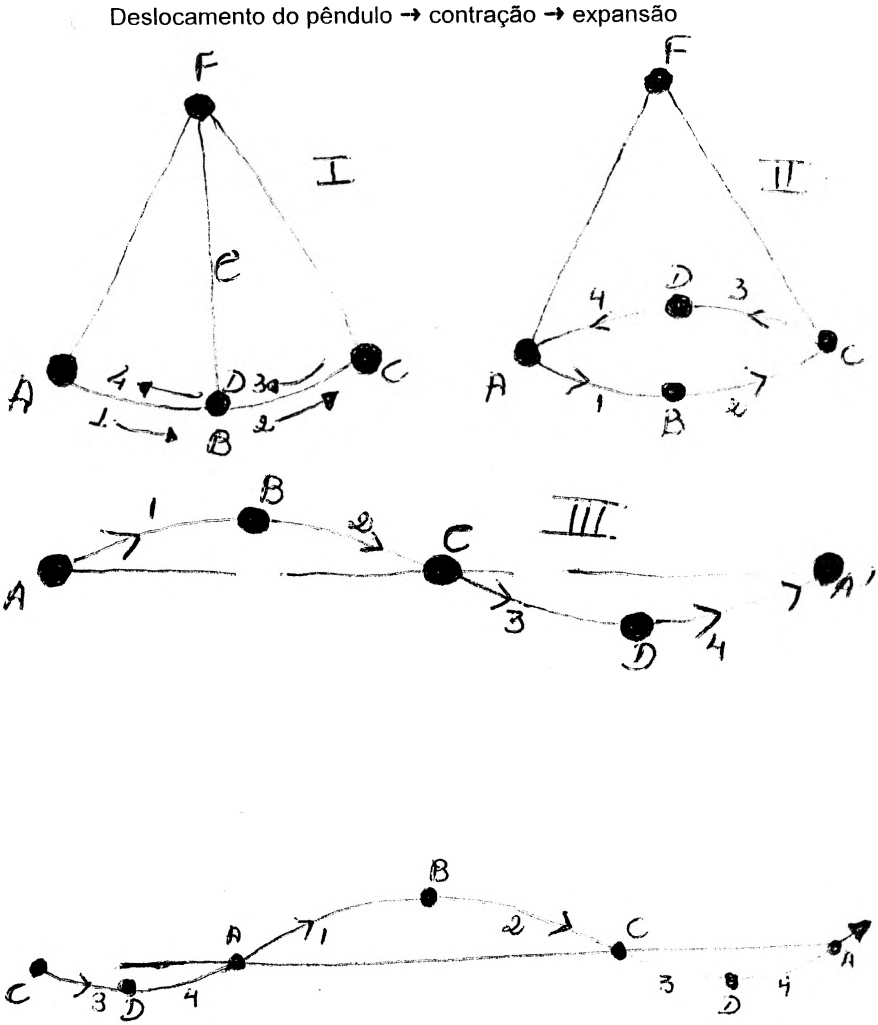


Fig. 13. O movimento para a frente do pêndulo oscilante

Ea parece se mover em linha reta em alta velocidade; parece oscilar em velocidades mais baixas, como uma pedra atirada às ondas. Se ele oscila como um pião quando está flutuando, isto não foi ainda registrado na literatura, até onde tenho conhecimento. Mas seu movimento é basicamente de *oscilação.*

Por enquanto, isto basta para discutirmos resumidamente duas abordagens diferentes à oscilação*:* *matematicamente* em função do pensamento matemático conhecido e, *funcionalmente* em função da orgonometria.

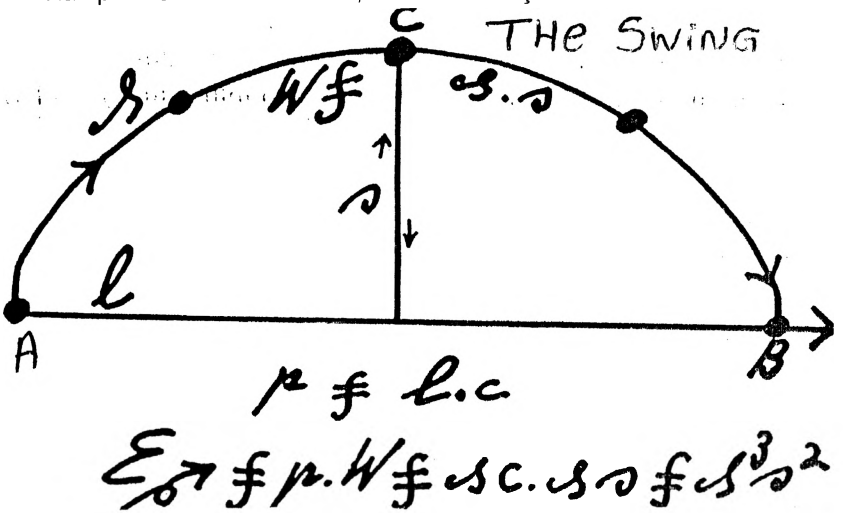
O mecanismo congela o deslocamento num sistema coordenado de referência; analisa o deslocamento congelado relativamente à estrutura escolhida: os eixos x e y. O funcionalismo, por sua vez, tenta descrever o deslocamento como ele é, a fim de perceber sua regularidade, *sem congelá-lo.* Supõe que não há nenhuma força especial para mover o objeto. Deslocamento, em função da física OR, é a qualidade básica do próprio oceano de energia OR. Não há nada que "faça" o oceano de energia cósmica se mover. Ele se move *"a priori",* por assim dizer. Faz a matéria se mover, do mesmo modo que as ondas líquidas fazem uma bola rolar para frente sobre as cristas e os entresseios. As bolas que rolam sempre se movem mais devagar do que a própria onda, que "empurra" a bola para frente. Por este meio, a bola que rola vagarosamente para frente na direção das ondas que a carregam, descreve também a trajetória integrada de contração e expansão da velocidade; a bola não oscila nem para cima nem para baixo, nem se move para a frente de modo linear. Movimento linear para a frente (velocidade $c = 1 \cdot t^{-1} \ddagger 1.s$) está funcionalmente integrado com as oscilações para cima e para baixo, s. As ondas que carregam a bola para a frente funcionam de acordo com a equação clássica da onda de massa livre $W = \lambda . s$. A própria água não se move para a frente, exceto onde rola. As ondas se movem; isto é, a energia, não a massa, se move.

A matéria não aparece em nenhuma dessas equações clássicas. Somente o comprimento de onda (λ) e a freqüência (s) de oscilação ou seu recíproco, o período de tempo, $t^{-1} = s$, se em tempo periódico, $T = st = 1$, determinam a velocidade e a forma da onda: $W = \lambda . s$. *a matéria, m, não está contida na equação.* Este é exatamente o caso na formulação da oscilação, . A equação orgonométrica para a oscilação, E, informa:

$$E \ddagger \lambda^3 s^2$$

A energia da oscilação, mostra as seguintes características:

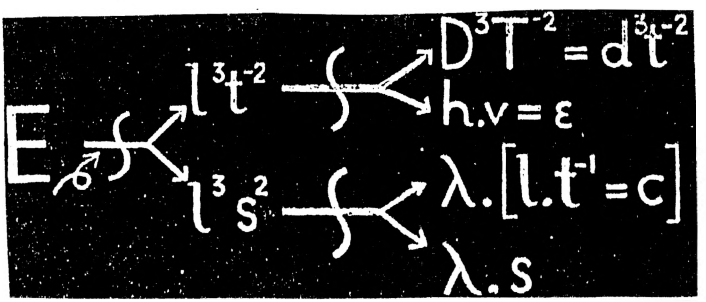
1. *A função de onda, W, é funcionalmente idêntica à função pulsação, p.* Não pode ser de outro modo, como a ilustração demonstra:



W ‡ p, ou λ . s ‡ 1 c. Por este motivo, o efeito da energia total, desde que 1 ‡λ , e t^{-1} ‡ s por T = 1 é:

2. A energia da oscilação mostra uma forma
a. Típica da lei harmônica de Kepler, $D^3T^{-2} = d^3t^{-2}$
b. Semelhante à equação de Planck, E = . v:
(desde que c = $1t^{-1}$ ‡ W =λs

A coordenação funcional total produz a seguinte forma orgonométrica aparentemente rigorosa para relativamente a lei do macrocósmo de Kepler e a dos quanta de Planck:



3. A oscilação, com T = 16, o tempo periódico total dividido em 16 partes, e a velocidade angular medida por T/16, produz um gráfico interessante. O gráfico nos lembra a forma do eletrocardiograma, com os pontos P, Que, R, S e T. Deste modo, mais uma vez, a energia da vida, que comanda as funções cardíacas, demonstra sua origem no oceano de energia cósmica:

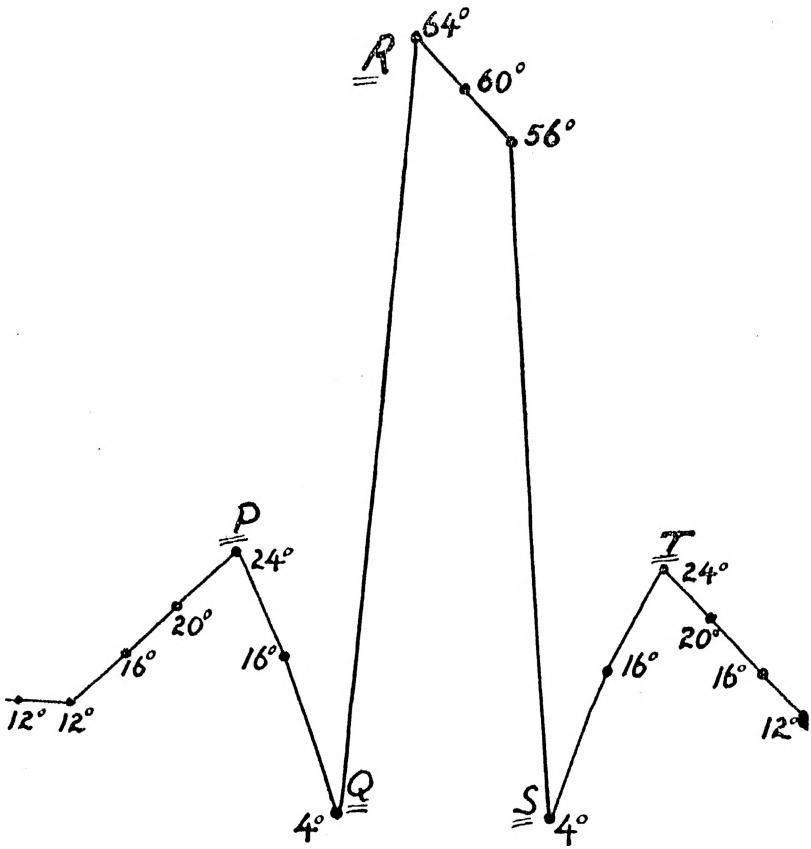


Fig. 15. Forma básica: o "eletrocardiograma" é resultado da mudança na velocidade angular da *oscilação.*

$L \ddagger 100\ t^2$

O manuscrito seguinte (1945) sobre a *Lei Orgonômica do Pêndulo* foi transmitido a CIA em abril de 1956, pouco antes do processo de Portland, 5-7 de maio, 1956, em seguida a minha prisão ilegal em Washington em 1° de maio de 1956 (veja "Batalha pelo Procedimento Verdadeiro" em Depoimento Resposta de WR *versus* EUA). Esta lei do pêndulo abre caminho às equações gravitacionais sem *g*.

OROP NO DESERTO Ea (ORGONOMETRIA)

A Lei Orgonótica do Pêndulo (1945)

A lei orgonótica do pêndulo procede da seguinte hipótese de trabalho: que o peso atômico do hidrogênio, hélio e oxigênio (1, 4 e 16) pode ser *funcionalmente* substituído por comprimentos do pêndulo numericamente idênticos de 1, 4 e 16 centímetros. Uma base detalhada desta hipótese de trabalho será apresentada em outro contexto.

Peso atômico expressa *massa* gravitacional, deste modo em qualquer tempo define as forças atrativas da função de gravitação.

$$\underline{G = mg}$$

Por outro lado, pêndulos oscilantes são configurações funcionais da *energia oscilatória,* que são independente da massa e cuja freqüência depende exclusivamente do comprimento do pêndulo:

$$\underline{g = 1t^{-2} \quad \text{cm/seg}^2}$$

em que 1 não representa o comprimento da queda no espaço, mas representa o comprimento do pêndulo; g é constante k. A física orgone foi forçada a adotar o conceito de que a massa m desenvolveu-se em certa época da energia de *massa livre* do orgone cósmico primordial. Agora como o produto do comprimento do pêndulo e freqüência de oscilações depende do comprimento do pêndulo, expressamos a função massa da gravitação em função da função oscilatória quando aplicamos o conjunto de medidas-peso 1, 4 e 16 como *medidas de comprimento* no experimento do pêndulo.

Esta comunicação preliminar deve conter apenas a indicação de um relacionamento amplo e complicado.

Denominemos o número 4 .....kr. A progressão geométrica do número 4 = kr é em conseqüência $\underline{kr^x}$, isto é, *a progressão geométrica do número 4.*

Medições empíricas são facilmente disponíveis para as oscilações dos pêndulos com comprimentos de 4, 16, 64, 256 e 1024 cm. O número de oscilações para o restante de pêndulos Kr^x pode ser facilmente determinado.

Como controle a este experimento com o pêndulo, empregamos a série aritmética do número 4, portanto (não x kr) em que não denota 1, 2, 3, 4, 5, ... etc. A série aritmética do número 4 denominamos *sistema numérico kr.*

A realização das medições em Long Island, New York, ao nível do mar e em torno de 45° de latitude deu os seguintes valores para os pêndulos kr^x:

Kr^x	- comprimentos	Oscilações / minuto	Quadrado de oscilações	$L_{kr}{}^x XS^2{}_{kr}{}^x = K_{kr}$
Kr/4	1	320	102400	102400
Kr^1	4	160	25600	102400
Kr^2	16	80	6400	102400
Kr^3	64	40	1600	102400
Kr^4	256	20	400	102400
Kr^5	1024	10	100	102400

Por outro lado, os valores para o pêndulo do sistema Kr são os seguintes:

Kr comprimento	Oscilação por 64 seg.	Quadrado de oscilações	$1 \times s^2$
1 (kr^0)	320	102400	102400
4 (kr^1)	160	25600	102400
8	110	12100	96800
12	90	8100	97200
16 (kr^2)	80	6400	102400
20	70	4900	98000
24	64.5	4160.25	99488
28	59	3481	99488
32	56	3136	100352
36	52.5	2756.25	99225
40	50	2500	100000
48	45.5	2209	97196
52	44	2070.25	99372
56	42	1936	100672
60	41	1764	98784
64 (kr^3)	40	1600	102400
256 (kr^4)	20	400	102400
1024 (kr^5)	10	100	102400 (kr 5)

O produto ($1xs^2$) permanece inexato mais claramente ainda na vizinhança do valor para g=980 cm/seg^2 da física clássica multiplicado por 10^2.

Os comprimentos dos pêndulos de 25 a 100 cm dão experimentalmente:

$\frac{1}{}$	$\frac{s}{}$	$\frac{s^2}{}$	$\frac{1 \times s^2 = k}{}$
25	64	4096	102400
100	32	1024	102400

A equação $1xs^2 = k$ dá *exatamente* para os pêndulos kr^x e para os pêndulos ($kr^x \times 10^{2x}$). Todos os outros pêndulos, os pêndulos da série (kr x

n) têm uma constante que flutua dentro de limites definidos e são então inexatos.

Nós observamos a partir de agora sobre os pêndulos Kr^x os comprimentos de pêndulos "REGULARES", para distinguir dos pêndulos de comprimentos "irregulares" do sistema . Os pêndulos regulares tem uma exatidão constante: o produto do comprimento do pêndulo e o quadrado da freqüência. Ademais, possuem harmonia numérica na estrutura do sistema kr^x. Os pêndulos irregulares têm relacionamentos numéricos desarmônicos; não funcionam no contexto do sistema kr^x.

A função dos pêndulos kr^x pode ser descrita assim: L kr^x X 0^2kr^x = $k_{kr}{}^5$ em que $K_{kr}{}^5$ = 102400 é válida para oscilações por minuto = 64 segundos, e Kkr = 100 é válido para simples oscilações por segundo, e Kkr = 25 é válido para duplas oscilações por segundo.

O *"pêndulo de segundos orgonóticos"* é um certo comprimento de pêndulo do sistema kr^x. Cada pacote para 100 cm. este pêndulo marca segundos em cada movimento em cerca de 45° de latitude norte e ao nível do mar.

Os experimentos com o pêndulo em meu laboratório em Forest Hills, Nova York, estabeleceram o fato de que a constante
1 x s^2 é exatamente válida apenas para os pêndulos org "regulares". Com isto estabelecido, empreendi o seguinte experimento em Jones Beach em 18 de outubro de 1944, entre dez e onze da manhã, com 69% de umidade relativa e temperatura de 75° F.

1. Um pêndulo com 100 cm de comprimento com o corpo do pêndulo de um grama de peso foi colocado em movimento e o número de oscilações foi medido em 64 segundos. O resultado foi o seguinte: 32 oscilações duplas = 64 oscilações simples tiveram um tempo de oscilação (T = são x t) de 64 segundos em três experimentos consecutivos. As medições de tempo foram exatamente dentro de + ou - 0.1 - 0.2 segundos.
2. Um pêndulo de 64 cm de comprimento com um corpo do pêndulo pesando 4 gramas deu:

a. em 64 segundos:
na medição 1: 40 oscilações duplas - 80 simples exato ‡v 0.0 seg.
na medição 2; precisamente o mesmo resultado
b. em 60 segundos:
c. na medição 1: 38 oscilações duplas ou 76 simples em 61 segundos;
d. na medição 2: 37 oscilações duplas em 60 segundos.

Apenas os resultados 1 e 2a estão de acordo com o sistema Kr^x. O resultado 2b choca-se com ele.

A constante, relativamente a 1 minuto = 64 segundos, é igual a 1 x s^2 = 102400. Relativamente a 1 segundo a constante é igual a 1x s^2 = 100

para oscilações simples e 25 para oscilações duplas * para todos os comprimentos de pêndulos kr^{x} mensuráveis.

Esses resultados estão em contradição com os cálculos de muitos manuais de física que calculam o comprimento dos segundos do pêndulo em cerca de 99,4 cm. Esta contradição também existe nos relacionamentos do comprimento do pêndulo, 1, com a aceleração gravitacional, g, pelas seguintes razões. Coloquemos, lado a lado, os valores numéricos para os segundos dos pêndulos clássicos e para o orgonótico:

Segundos do pêndulo clássico	**Segundos do pêndulo org**
comprimento, 1: 99,4 cm	**100 cm**
Tempo de oscilação, t,	**2 seg**
para oscilações duplas 2 seg	
para oscilações simples 1 seg	**1 seg**
Freqüência são por 60 seg	
30 s duplo	**32 s duplo**
60 são simples	**64 s simples**
Tempo medido	**1 min. = 64 seg.**
T = são x t: 1 min. = 60 seg.	

Aceleração gravitacional -

$g = 4\pi^2 l t^{-2}$
$= 4 \times 9.869604 \times 99.4/4$
$= 981.... cm/sec^2$

$g_{kr} = 4\pi^2 l t^{-2}$
$= 4 \times 9.869604 \times 100/4$
$= 986.96044 cm/sec^2$

(1) $g_{kr} = 986.96044 cm/sec^2 = 100\pi^2$

O relacionamento do comprimento do pêndulo 1 para a aceleração gravitacional g permanece a mesma:

$l/g = 99.4/981... = l_{kr}/g_{kr} = 100/986.96... = 0,1013....$

Desde que também t e π permanecem os mesmos, a equação xx

$g_{kr} = 100\pi^2$

é exclusivamente uma expressão do comprimento do minuto medido em tempo T de 60 para 64 segundos. A medida do tempo T = 64 = 4^3 seg. é um número preciso do sistema kr^{x}.

EQUAÇÕES FUNCIONAIS

O significado teórico da equação "funcional" $g \ddagger 100\pi^2$ reside no fato de que a *queda livre é expressa em função de uma função circular.*

---

* A distinção entre oscilações simples e duplas (entre metade e todo da onda sinoidal) é significativa em outro contexto.

Este fato é significante na astrofísica e requer uma apresentação detalhada que será dada em outro documento.

A partir das equações do pêndulo

$g\,kr = 4\pi^2 \cdot l \cdot t^{-2}$

$g\,kr = l \cdot t^2 = l_s^2 = 100 \Rightarrow$

$g\,kr = 100\,\pi^2$

para o segundo pêndulo org e segue-se matematicamente e orgonoticamente:

$4\pi^2 \cdot l \cdot t^2 = 100\,\pi^2$,

$l\,t^{-2} \nsubseteq 25\,cm/seg^2$ portanto é (para oscilações duplas)

onde l desta vez = comprimento do pêndulo (não o comprimento do espaço como na queda livre) e t o período de oscilação de uma oscilação dupla. Obtemos a equação funcional

(2) $l \nsubseteq 100\,t^2$ (para oscilações simples)

$l \nsubseteq 25\,t^2$

experimentalmente dos pêndulos mensuráveis kr^x e dispomos da antiga equação clássica $1\,t^{-2}$ = ca. 981 (ou no sistema org = ca. 987) cm/seg^2.

No caso da oscilação do pêndulo org l caracteriza o comprimento do pêndulo. No caso da equação para a queda livre (↓) l caracteriza a aceleração gravitacional por segundo.

Na equação da gravitação $g = 1.t^{-2}$ din = 987 cm/seg^2 uma função ESPAÇO é expressa.

Na equação pêndulo $1\,t^{-2} = 100\ cm/seg^2$, por outro lado, uma função TEMPO é expressa, desde que o pêndulo oscilando represente o relógio cósmico.

Obtemos assim um relacionamento funcional entre duas funções, no qual o comprimento é expresso pelo

(3) $\downarrow 1\,t^{-2}$ = ca. 100 cm/seg^2 $\nsubseteq$ ca $l\,t^{-2} = 100\ cm/seg^2$

ESPAÇO - FUNÇÃO $\nsubseteq$ TEMPO - FUNÇÃO

A equação funcional $1 \neq 100\ t^2$ pode ser aplicada às funções cósmicas. Reservo a apresentação deste fato para mais adiante. Ele não pode ser dado nos limites desta curta comunicação preliminar porque requer a elucidação da essência das EQUAÇÕES (X $\nsubseteq$ Y) orgonóticas.

Obtemos um segundo relacionamento funcional importante se igualarmos funcionalmente a função do PESO

$G = m \times g = m \times l \times t^2$ em dia com uma segunda força funcional, o momento da rotação $k = mr^2w$. Aquilo que precisamos para pressupor essa identidade funcional será também mostrado numa outra exposição mais detalhada:

G ↓ƒ K Q ar
mg ƒ mr^2w
g ↓ƒ r^2w Q

Neste caso a aceleração gravitacional g está representada por uma *função circular* ou *função giratória* (↓ƒ Q)

As equações funcionais apresentadas antes foram obtidas cerca de quatro anos atrás no curso de determinação das funções orgonóticas do invólucro orgone giratório. Expressam um relacionamento funcional fechado da aceleração gravitacional para com o orgone cósmico, especialmente para com o invólucro de orgone da terra. Já mostraram sua utilidade astronômica num âmbito mais amplo.

O significado teórico dessas equações orgonométricas reside no fato de que nos colocam em posição vantajosa ao podermos investigar a função de gravidade e aceleração gravitacional independente de g. A aceleração gravitacional g é, estritamente falando, uma função local que nos é visível e acessível somente sobre a superfície da terra. Como a observação direta dos fenômenos naturais foi desde o início uma exigência rigorosa da orgonomia e da orgonometria, podemos agora usufruir a grande vantagem de submeter os equivalentes funcionais para a função g em que g não aparece.

Anda estamos diante da tarefa e em que extensão as equações funcionais

(2) $Kr \neq l\,s^2 \, 100t^2$ e
(4) ↓ $l t^{-2}$ ƒ $r^2 w$ Q

são válidas na pesquisa funcional.

Orgonon, 18 de agosto de 1947.

De acordo com várias averiguações foi determinado que o manuscrito das páginas anteriores nas equações matemáticas é do Sr. Myron Sharaf de Boston, que tinha ajudado William Washington a traduzir e datilografar o manuscrito sobre o Experimento com o pêndulo".

Assinado: Wilhelm Reich, 20 de fevereiro de 1956.

Orgonon, August 12, 1947

According to several inquiries it has been ascertained that the handwriting on the preceding pages in the mathematical equations is Mr. Myron Sharpe of Boston (Brookline) who had helped ~~the~~ William Washington translating and in typing the manuscripts on the Pendulum experiment.

Febr. 20, 1956 Wilh. Reich

CAPÍTULO IV

NUVENS DOR SOBRE OS EUA

A viagem de Rangeley, Maine, a Tucson, Arizona, 18 a 29 de outubro de 1954 - 3.216 milhas

(Publicado primeiro em CORE, vol. VII, n°s 1-2, março, 1955)

Parti da ótima atmosfera bioenergética de Orgonon com alguns receios: imaginando que reações esperar da atmosfera energética de outro lugar nos organismos de trabalhadores que estavam acostumados às várias fases de Oranur há anos. Orgonon tinha se tornado uma espécie de oásis. Somente no dia anterior à partida, tinha observado a incomum qualidade primaveril das bétulas e as flores dos morangos estavam se abrindo nos degraus do Observatório de Energia Orgone.

No cloudbuster e em outros materiais, carregávamos os instrumentos para modificar o novo meio ambiente, para retirar DOR e trazer energia fresca do infinito oceano Orgone toda vez que quiséssemos. Mas ninguém podia estar 100 por cento certo de que funções que se aplicavam à Costa Leste, se aplicassem também aos desertos do Oeste.

Reuni dados valiosos ao *seguir por terra* em vez de *avião* sobre o continente, confirmando muitos aspectos da teoria do desenvolvimento do deserto que resultou, nos últimos três anos, no trabalho feito no laboratório relativamente à química (pré-atômica) Oranur, Melanor e Orite.

A observação de DOR na atmosfera e seus efeitos sobre as coisas vivas, vegetação e população, tomou toda a atenção ao longo da viagem. Na camada generalizada de DOR que cobria toda a terra, apareciam zonas piores ou melhores, e algumas áreas isoladas estavam realmente livres de DOR no momento de nossa passagem, mas geralmente DOR era encontrado em todos os lugares.

Sobre as cidades pequenas e grandes, pairava como um pálio de fumaça, baixo e enegrecido. Onde as cidades grandes estavam próximas, podia-se dirigir durante horas sem encontrar zonas de energia pura entre elas. Chegando de uma região relativamente fresca, resumi este fato como resultado de "CIDADES grandes + resíduos químicos + deterioração da natureza + Ea + funcionários de saúdo DORizados ***". Era um *fato* facilmente contornável pelas operações de engenharia de remoção de DOR aplicadas ao problema "nevoeiro" das grandes cidades (veja relatório sobre ORO INFANT, neste número). Não era mais possível delegar a funcionários públicos a tarefa de lidar com problemas de saúde pública de milhões numa emergência DOR constante. Tinha-se que estabelecer a diferença entre o bloqueio de novos *insights* pelos mecanismos da *dúvida (racionais)* e pelos *neuróticos (irracionais).*

Foi acerca de 196 milhas de Rangeley, Maine, que entramos pela primeira vez, definitivamente, numa zona de DOR perfeitamente delineada (uma zona que se estendeu acerca de 50 milhas ao norte de Boston,

Mass.). A partir de Boston, salvo algumas exceções, a paisagem apresentou os sinais bem conhecidos de nítidos DESERTOS DOR: rochas morrom-pretas que se desintegravam e se esmigalhavam, árvores secas, ramos retorcidos para o chão como mangueiras de borracha, folhagem sem coloração outonal e ficando marrom, folhas que se desfaziam em pó marrom nas mãos, CPM (no contador Geiger) de natureza errática (de alguma coisa perto de 50 a 200), nuvens de seca cinza enegrecidas, flocosas, quadradas.

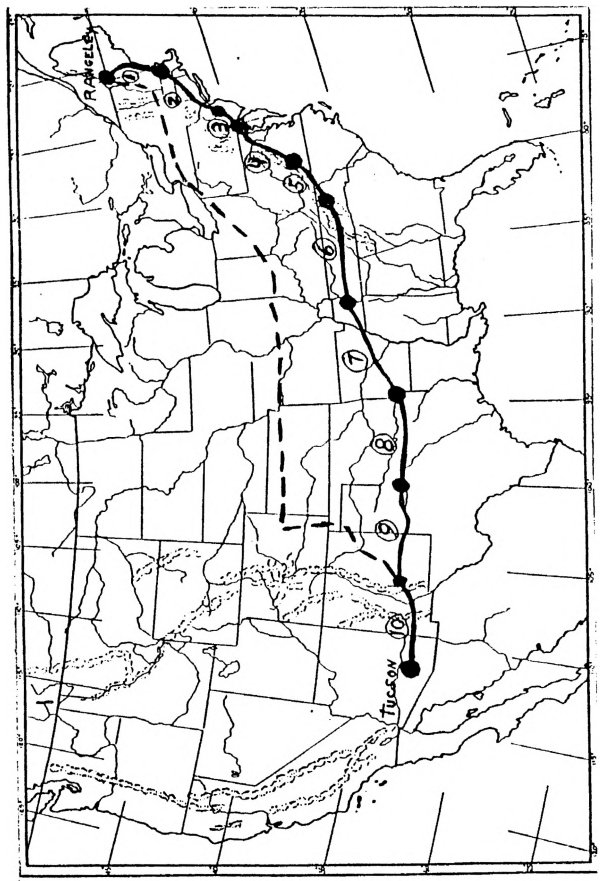


Fig. 16. Mapa das toras de viagem de Rangeley, Maine, a Tucson, Arizona. (Linha sólida: rota de WR; linha tracejada: rota do cloudbuster)

Alguns exemplos das notas que ditei mostrarão quão similar eram as impressões gerais:
"Hartford, Conn. (9h da manhã, 20/10/54): DOR ++++; ar cinza, árvores muito ruins, deterioradas; gosto amargo; nuvens em faixas irregulares*** também salpicadas".
"Milford, Conn.: Rochas atacadas por DOR ***".
"Próximo de Baltimore, Maryland (21/10/1954): Arvores claramente debilitadas pela seca, retorcidas, quebradas, desintegradas. Não há coloração de outono, folhas se tornam marrom ***".
"Warrentown, Va. (23/10/1954): escuridão repentina zona com DOR, região desolada, terra ressecada, ramos sem folhas, murchos, retorcidos, pendidos - impressão total: campo morrendo ***".

A destruição das árvores era geral em todo o Leste. Na Nova Inglaterra, as árvores estavam arrancadas por seus troncos inferiores. As seções transversais dos troncos lascados pareciam secas, quebradiças, não havia seiva presente. O comentário no meu livro de notas foi: "O Serviço de Meteorologia atribui a destruição DOR das florestas do Maine a um furacão que não passou lá (Edna)". Pois o rachamento dos caules foi devido basicamente à sua condição enfraquecida, conseqüência do ressecamento das árvores vivas por DOR, que tinha precedido por dois anos o furacão Edna.

Acerca de 50 milhas do centro da cidade de Nova York (20/10/1954 às 9h30 da manhã) perto de Westport, Conn., pela primeira vez uma mudança nítida foi observada: a atmosfera contra os montes distantes apareceu cinza azulada, um ventou soprou, as árvores se moveram, as nuvens se arredondaram e se espessaram, perdendo o aspecto quadrado, e não foi sentido DOR. Conclui e posteriormente pude confirmar a impressão de que "alguém estava puxando". Um pouco antes, Dr. Michael Silvert tinha conduzido uma breve operação de remoção de DOR num lugar em East River, Cidade de Nova York. Esta operação refrescou a atmosfera durante algumas horas, depois ela voltou a se tornar quente e seca quando estávamos penetrando em New Jersey por volta do meio-dia.

Foi em New Jersey que encontramos pela primeira vez os efeitos devastantes que a seca prolongada tinha causado. O chão tinha se rachado; as árvores estavam debilitadas pela seca. Eram freqüentes as "árvores fantasmas" cujos galhos frágeis estavam quebrados perto do tronco, deixando alguns tocos alcançarem, uma coisa muito típica das terras áridas. A impressão total para uma pessoa que estava vindo do Maine era que fora mantido o verde artificialmente: "O desenvolvimento do deserto avança, está perto de se completar". Seguimos por uma paisagem de aparência desolada, cinza marrom, arenosa, sob um céu cinza, deprimidos mas não desanimados.

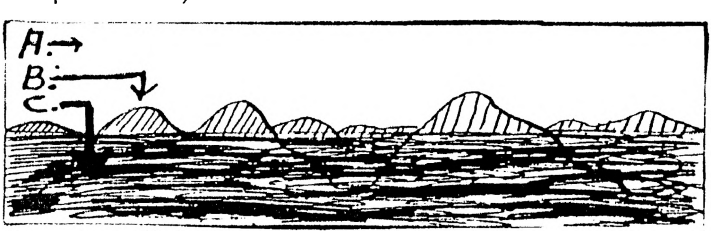
Baltimore, Maryland, com suas fileiras infindáveis de casas de tijolos idênticas, impressionou-nos por parecer especialmente opressiva. Dirigir um carro durante várias horas tornou-se cansativo e irritante. Ao ultrapassar isto, constitui-se uma mudança muito dramática passar para uma zona de energia azul, pura, fresca, com folhagens verde, brisas frescas

e cheiros agradáveis, ao nos aproximarmos de Washington, D.C. A pureza persistiu durante os dois dias que passei na capital absorvendo seu visual significativo. Mais uma vez a impressão era: "alguém está usando o cloudbuster (desDORizando) aqui". Uma ativa mudança parecia ter ocorrido desde que OROP INFANTIL (junho de 1954) tinha sido realizado pela primeira vez para demonstrar que é possível atenuar o tempo quente úmido. Pode-se apenas conjecturar o que esta atmosfera pura significou de bom para a Expedição Orop no Deserto Ea.

Washigton era um "oásis"; isto tornou-se especialmente claro quando avançamos para Virgínia em direção ao sudoeste. Vinte milhas além da cidade, os sinais de seca crônica apareceram nos pastos carcomidos. Chegando-se a ver a marga e o barro vermelho; o baixo nível das correntes nos leitos, os pés de milos ressecados, de aparência raquítica, que não tinham se desenvolvido completamente; mais uma vez árvores retorcidas e pendidas. Em Sperryville, Pa., falei com pessoas em cujos rostos desespero e indiferença refletiam o desesperado estado de coisas do meio ambiente. Tinham conhecimento da gravidade da situação: "Prados e campos estão queimados, poços secos***, as pessoas estão doentes, lerdas, morrendo***.

Ao nos aproximar-mos do lado leste das montanhas Blue Ridge, observamos que os campos sobre os flancos dos montes estavam mais verdes do que aqueles situados no vale. Do cimo da montanha da "perspectiva da direção", vimos pela primeira vez a "Couraça do Deserto", confirmando a teoria orgonômica do deserto. Estava mais fresco nos cimos do que nos vales embaixo. Nos cimos, vegetação e árvores tinham a aparência brilhante, mais saudável, mais verde do que nos vales, semelhante aos cimos montanhosos com florestas nos desertos. Abaixo do cimo, podia-se ver a camada DOR formada, cobrindo a terra até o horizonte distante como um lençol, com a borda superior claramente delineada; embaixo dela, os detalhes da visão distante estavam escondidos no véu opaco, por assim dizer. Os picos das cadeias de montanhas distantes projetavam-se claramente acima da camada de DOR, como ilhas sobre o oceano. Isto parecia dizer por que as florestas tinham sobrevivido nas elevadas serras enquanto a vegetação baixa, coberta pelo baixo lençol de DOR, tinha morrido, deixando apenas deserto nos vales.

Fig. 17. Flancos das montanhas claramente acima do lençol DOR (A. Céu azul; B. Picos das montanhas acima de DOR; C. Camada de DOR com margem superior nítida)



À medida que a estrada acidentada se elevava sobre os picos e mergulhava nos passos, podia-se sentir subjetivamente a abrupta descida na camada de DOR, como uma pressão repentina na cabeça ou no peito, um gosto azedo na boca. Podia-se também observar que enquanto as árvores brilhavam e permaneciam eretas acima do teto de DOR, embaixo elas tinham a aparência preta, estavam murchas, pendidas. A mudança ocorrida, às vezes, em poucas jardas. Embaixo do teto de DOR as rochas mostravam também mais desintegração do que em cima. Pensei na possibilidade de uma mudança na função da gravidade estar envolvida na transição entre as zonas, e fiquei imaginando se alguns tipos de acidentes aéreos não seriam devido às repentinas mudanças zonais. Observei retorcimento em direção nordeste no tronco das árvores, com formação de Melanor e musgo no lado leste das árvores.

À medida que descíamos finalmente no Vale Shenandoah, aquilo que sobre o chão tinha o aspecto de um lençol escuro, envolveu-nos como um calor seco cegante, com as montanhas desaparecendo por trás numa névoa cinza. (Parecia que esta camada se contraía para o final do dia, sendo vista mais nitidamente ao entardecer e ao amanhecer, enquanto se expandia durante o meio-dia, sob o sol).

Estávamos nos aproximando mais do deserto real:

"Kingsport, Va.: Está seco": gramados ressecados; uma luz brilhante sobre tudo; observar que o pálido está mais escuro sobre as cidades***".

"Rogersville, Tennessee: Reação Melanor, rochas e pedras pretas; movimento lento das pessoas***".

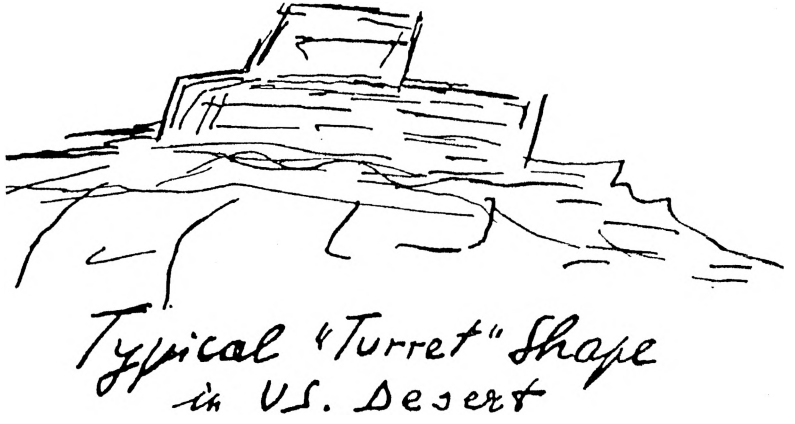
O caráter de região árida estava claro a 40 milhas a oeste de Knoxville, Tenn. No Tennessee tudo estava preto: os pés de milo queimados; os postes do telégrafo pretos, o cascalho do acostamento das estradas preto, os tocos das árvores pretos. O solo tinha se tornado cinza sujo; o húmus preto tinha secado, transformado-se em "pó". Tudo que esta área desesperada parecia precisar era remoção de DOR, água, mais o fim das explosões atômicas (estávamos agora a 30 milhas de Oak Ridge, Tenn.).

As variegadas áreas arenosas no começo da região árida eram como ilhas de deserto completo numa paisagem moribunda mas ainda viva. Aqui não havia brilho e despeito da luz solar - uma fotografia tirada à luz do dia aparece com a escuridão típica do pesado DOR. As pessoas pareciam deprimidas, apáticas, quietas, lerdas por causa de DOR. As nuvens sobre Knoxville, Tenn., eram cinza aço, flocosas - do tipo de seca. Para nossa surpresa, havia uma zona livre de DOR a oeste de Oak Ridge, onde vimos pela primeira vez a brilhante e colorida folhagem do outono. Penhascos vermelhos contrastando com a vegetação verde pareciam típicos das seções mais saudáveis. Dentro dessas extensões de aparência melhor, apareciam agora bolsões de deserto: nos locais em que toda a extensão de floresta era constituída de árvores-fantasma parecidas com esqueleto, chão rachado, duro e amarelo, campos e plantações rarefeitos, com safras queimadas, pretas que permaneciam sem colheita. Será que os trechos de

deserto completo correspondem a esses bolsões DOR e os oásis às reduzidas áreas verdes? A terra mostrava sinais de estar carcomida e erodida; as encostas dos morros possuíam ravinas e os riachos estavam secos. Dirigindo pelo acidentado Tennessee, observei repetidamente que a distribuição de bolsões DOR tinha um relacionamento com a topografia relativamente ao fluxo oeste para leste de energia OR: pois, de cada vez, o lado oeste dos morros parecia (1) ligeiramente mais fresco, (2) com a névoa mais azul, e (3) com a vegetação mais verde e mais viva do que do lado leste das serras.

A oeste de Wichita Falls, Texas, a situação seca piorou mais uma vez, fundindo-se imperceptivelmente com o matagal semi-árido e finalmente com os desertos do Novo México. Neste ponto, penetramos no começo de uma nítida zona DOR, com teto DOR. Eram perceptíveis nuvens de seca cinza aço, quadradas. A vegetação sofria, os solos pareciam erodidos e cozidos. A oeste de Seymour, Texas, encontramos o limite do deserto em expansão. Uma testemunha declarou: "Estamos em seca há três anos; a situação é desesperadora". A transição para o deserto foi marcada pela camada DOR enegrecida que se estendia sobre o horizonte, baixa, em quatro ou cinco camadas, a mais superior fundia-se num céu brilhante mas ainda enegrecido. A terra era arenosa com formações semelhantes a dunas. Cascalho esbranquiçado cobria tudo. O teto DOR estava localizado claramente em direção W e SW, diminuindo em direção N, continuando em direção S e desaparecendo no E. O teto se originava de várias camadas de DOR paralelas às planícies. As características de deserto aumentavam à medida que avançamos para o oeste. Montes e terraços vermelhos, mesas com suas formas características, com arenito vermelho e rochas argilosas estratificadas, salpicavam as planícies. As camadas mais elevadas eram ainda cinza, o granito coroando as mesas dava-lhes uma aparência de "torrilhas", o que em si mesmo já colocava um problema.

Fig. 18. Forma "torrilha" típica no deserto dos EUA.

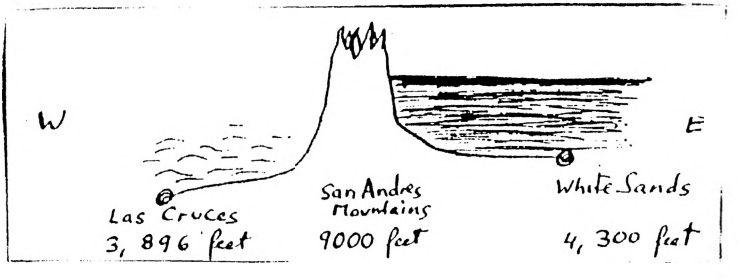


As pastagens desapareceram à medida que nos aproximamos da divisa do Novo México em Bronco. Aqui uma ampla planície, coberta com areia branca acinzentada, assolada por ventos fortes, estendendo-se até o vasto horizonte, completava a impressão de "deserto". Embora estivesse mito quente à medida que nos aproximávamos de Roswell, Novo México, não era visível nenhum fluxo de DOR sobre a estrada, o qual podia estar "tremeluzindo com as 'ondas de calor'". No entanto, DOR estava bem marcado a oeste contra as montanhas nuas, pretas, púrpuras, no céu de um cinza cegante e sobre o horizonte como uma camada acinzentada. O endurecimento de um solo que fora bom era progressivamente característico, e finalmente o solo endurecido prevalecia sobre a vegetação, que consistia agora de escassos arbustos, enquanto a relva tinha desaparecido.

Após o vale desértico, foi um alívio passar uma noite em Ruidoso, Novo México, nas montanhas Sierra Blanca (quase 7.000 pés). Aqui uma forte vegetação reativa secundária tinha surgido, mais uma vez nítida sobre as encostas ocidentais.

Descendo no vale desértico de Alamogordo, Novo México, onde estão localizados os Campos de Prova White Sands, vimos a planície coberta em direção W, SW, e N com uma espessa camada, com vários pés de altura, de uma massa opaca, morte, cinza, de DOR. O céu estava preto azulado, com algumas nuvens de seca, diáfanas e elevadas. Sentia-se um forte gosto salgado. As dunas de areia branca mostravam uma clara acumulação de Orite. Será que White Sands estava atraindo mais DOR? O véu de DOR era o mais notável que jamais víramos, flutuando espesso e opaco sobre a paisagem. As montanhas que margeavam a planície pareciam denteadas, estéreis, com ravinas profundas "como se estivessem abocanhando". Acerca de 20 milhas de White Sands o ar se avivou, mas DOR ainda permanecia. Observei: "*DOR está comendo as montanhas, por assim dizer*". O local parecia o Saara, sem qualquer vegetação.

Fig. 19. Seção transversal das montanhas San Andrés: camada DOR com teto no lado leste; pouco DOR no lado oeste.



Não vimos nenhuma camada DOR claramente delineada à oeste das montanhas San Adrés. No passo, a CPM variou de 150 a 200, uniformemente. O lado oeste do solo estava mais vermelho, e um novo tipo de vegetação espinhosa com plantas semelhantes a cacto foi visto.

Resumi as características do DESERTO DOR do seguinte modo:

1. Camada baixa, opaca, pesada, com várias centenas de pés de altura, sem margem superior nítida. Centro denso atraindo a periferia menos densa.
2. O teto de camada DOR nítido para o lado de fora, não nítido para a superfície interna.
3. DOR cinza púrpura na frente das montanhas.
4. DOR azul aço na frente das montanhas.
5. Descoloração das montanhas enegrecidas, sujas, cinza.

Em 29/10/1954, chegamos em Tucson, Arizona, que seria a base de nossas operações Deserto Ea. Encontramos aqui uma terra completamente diferente de tudo o que tinhamos conhecido anteriormente: as planícies eram chatas, estendem-se entre cadeias de montanhas, que se elevavam abruptamente, em geral na direção norte-sul. Contrariando a expectativa, o colorido não era brilhante, embora a luz tivesse um efeito cegante; todos os objetos tinham a aparência branco-acinzentada. Este cinza diluído era observável especialmente na vegetação esparsa que pintalgava a planície cascalhosa. A vida tinha reagido com um tipo "*secundário*" de vegetação à presença de DOR: tudo que se tocava era cortante, espinhos, coberto de acúleos. Estávamos impressionados com um chão *nu*, que dava a impressão geral de brancura, dureza. A superfície estava cozida, com grandes blocos de crostas de arenito (caliche). Encontrado até em escavações a vários pés de profundidade. As planícies eram atravessadas por leitos de rios secos bem delineados, ou "lavagens". Constituíam a prova de que as chuvas que tinham ocorrido eram aguaceiros rápidos e torrenciais, que, batendo no solo endurecido, simplesmente corriam, causando a grave erosão do solo nu. Posteriormente fomos informados de que corria água nesses rios há cerca de 50 anos atrás. Não se via a relva da pradaria em nenhum lugar.

A elevada taxa de evaporação devido ao efeito de desidratação do lençol de DOR apresentava então uma ameaça à vida. As leituras de umidade relativa oficial em Tucson, quando chegamos variavam entre 5-10% ao meio-dia. No final de janeiro, 1955, a umidade relativa geralmente estava entre 60 e 90%. O véu DOR flutuava como um lençol negro cinza na frente da cadeia de montanhas. A margem superior era bem delineada, com os picos das montanhas ultrapassando o teto DOR como ilhas. As trilhas de vapor dos jatos ou não se formavam ou se mantinham por pouquíssimo tempo. As raras nuvens eram diáfanas, flocosas, isto é, de seca.

Subjetivamente, experimentamos a atmosfera DOR como opressiva, irritante; nos sentíamos ressecados; podíamos nos manter a duras penas bebendo líquidos. Nossas bocas partiam, nossas vozes ficaram roucas, nossos lábios racharam, sobre nossa pele se formou

escamas brancas e finas. O calor cegante parecia arrancar toda a energia da vida de nossos corpos. Era um esforça caminhar algumas centenas de jardas.

Tendo visto e sentido deste modo o deserto, a Expedição Orop no Deserto Ea deu início às operações com *cloudbuster*, com a finalidade de descobrir se tal clima podia ser mudado.

Survey da rota de viagem

				Milhas	
Dia	**Data**	**De**	**Para**	**Diárias**	**Total**
1	18/10/54	Orgonon, Rangeley, Maine	Framinghan Motor Court, próximo de Boston, Mass.	288	288
2	20/10/54	Boston, Mass.	Bo-Bet Motel, Mt. Ephraim, New Jerseu	288	576
3	21/10/54	Mt. Ephraim, New Jersey	Clarendon Hotel Court, Arlington, Virginia	148	724
4	23/10/54	Arlington, Virginia	Lakeview Motel, Roanoke, Vierginia	250	974
5	24/10/54	Roanoke, Virginia	Mount Vernon Motel, Knoxville, Tennessee	288	1262
6	25/10/54	Knoxville, Tennesse	Milan Plaza Motel, Milan, Tennessee	320	1582
7	26/10/54	Milan, Tennesse	Park Plaza Motel, Texarkana, Arkansas	396	1978
8	27/10/54	Texarkana Arkansas	Siesta Motel, Seymour, Texas	430	2408
9	28/10/54	Seymour, Texas	Nob Hill Lodge, Ruidoso, Novo México	412	2820
10	29/10/54	Ruidoso Novo México	Spanish Trail Motel, Tucsonm, Arizona	396	3216

Transporte do cloudbuster e do equipamento de laboratório de Rangeley, Maine, a Tucson, Arizona, de 7 a 19 de outubro de 1954.
Compilado por: Robert A. McCullough

O relato seguinte resume notas tomadas durante a viagem de Rangeley, Maine, a Tucson, Arizona, na qual um caminhão Ford WRF, equipado com um modelo de *cloudbuster* de 1953 e equipamento de laboratório, foi levado ao deserto do Sudoeste dos EUA para a Expedição Orop no Deserto Ea. A viagem começou em 7 de outubro e terminou cerca de três milhas depois em 19 do mesmo mês.

7 de outubro, 1954:

De Rangeley a Hopkinton, New Hampshire. O tempo estava bom, claro, brilhante e frio. Não havia DOR. Concord, N. H., estava sem DOR. Geou bastante à noite - 22° de manhã.

8 de outubro, 1954:

De Hopkinton, N. H., a Sangerfield, New York. O tempo estava um pouco nublado. A partir de Keene, N. H., DOR estava muito pesado. Todas as cidades estavam encobertas por DOR, todo vale estava cheio. Nas terras altas em Vermont, donde se podia ter vários panoramas das montanhas, todos os vales estavam cobertos com DOR preto enquanto os cimos das serras estavam limpo e brilhante.

Primeiro contato com água tratada com cloro desde a chegada em Orgonon em julho, 1953. Não era úmida - deixava a pele seca. Após um banho com ela, a pessoa se sentia escamosa - desidratada. Não era de maneira alguma refrescante. Era como se a pele não pudesse ou não quisesse absorvê-la.

9 de outubro, 1954:

De Sangerfield, New York, ao norte de Erie, Pa. O dia todo bastante nublado. Durante a travessia da parte norte do Estado de New York, DOR estava pesado - todos os vales estavam saturados. As árvores, no entanto, não mostravam contração aberta nem estavam morrendo. Os lagos Finger estavam uniformemente *verdes.*

10 de outubro, 1954:

De Erie, Pa., ao oeste de Mansfield, Ohio. O tempo variou de chuvas leves a bastante fortes. (Foi nesta data que Chicago e o norte de Indiana receberam chuva forte que resultou em inundações). DOR estava muito pesado. Todas as cidades estavam *"smoggy".* Numa conversa com um habitante de Cleveland, ele comentou que a cidade não tinha mais inverno - somente chuvisco de *smoggy**** dificilmente cai neve*** invernos fracos.

11 de outubro, 1954:

De Mansfield, Ohio, a Pendleton, Indiana. O tempo foi entremeado de aguaceiros com tempo bom. DOR estava pesado, mas duas vezes, após os pesados aguaceiros, OR azul apareceu belamente a oeste com uma total falta de DOR. Os ventos do sul eram fortes.

Um possível efeito do *cloudbuster* deve ser mencionado aqui. Enquanto o *cloudbuster* estava apontado para baixo e para trás e além disso estava tampado e coberto, observou-se que as nuvens continuavam se formando a oeste do caminhão. Formavam-se, acumulavam-se e, em seguida, quando sobre o caminhão e atrás, se dissipavam. Este fato foi observado durante vários dias e ocorreu de modo demasiado contínuo para ser coincidência. Uma observação confirmatória foi que este fenômeno não

aconteceu à noite e duas vezes quando pares por várias horas durante o dia.

12 de outubro, 1954:

De Pendleton, Indiana, ao leste de Hannibal, Missouri. Aguaceiros a manhã toda, mas o tempo à tarde foi parcialmente bom. O céu mostrava muito DOR preto. Bom à noite. Frio.

Comentários sobre as árvores: Após deixar Vermont, a única mudança observada na folhagem foi o amarelo mais ou menos distribuído ao longo da estrada. Não havia área de amarelo geral nem havia vermelho ou outras cores. Parecia que algumas árvores individualmente em todos os grupos estavam se contraindo, abandonando o amarelo; mas não havia retorcimento, contração das extremidades nem o aspecto geral de que as árvores do leste do Kansas estavam morrendo.

13 de outubro, 1954:

De Hannibal, Missouri, a três milhas a leste de Blair, Kansas, e em seguida em Hiawatha, Kansas. A manhã estava boa mas logo grupos de nuvens de N a S começaram a se formar e, em seguida, a se dissipar sobre o caminhão e para trás. DOR estava pesado pela manhã - especialmente sobre o horizonte. Não estava diretamente sobre o caminhão. Parecia oprimir o chão e não se estendia muito para o alto. O vento veio do SW o dia todo.

Houve uma tempestade local muito forte ao entardecer em Atchinson, Kansas, 20 milhas ao sul, caindo 2,17 polegadas em uma hora.

14 de outubro, 1954:

De Hiawatha, Kansas, a oeste de Atwood, Kansas. Havia algumas nuvens de manhã cedo mas sumiram. À tarde, desenvolveu-se uma linha móvel de norte a sul de aguaceiros isolados e não previstos a oeste, mas o vento da estrada nos apanhou entre eles e ficamos sem chuva. Um vento *forte* soprou constantemente o dia todo. A água das lagoas era azul após e a oeste dos aguaceiros. DOR parecia estar em faixas. Seguindo-se na direção oeste, poder-se-ia estar em pesado DOR durante cerca de 20 milhas e, em seguida, se poderia estar numa faixa livre de DOR de 20 a 60 milhas e depois outra vez em DOR. Isto foi constante durante todo o resto da viagem.

Atwood, Kansas, estava com muito DOR. Paramos num restaurante lá para jantar, o qual tinha luzes fluorescentes. Tudo estava morto nele: a garçonete tinha a aparência e agia como se estivesse morta, o serviço era horrível, todo mundo estava mal-humorado. Durante a manhã, tinha sentido sintomas de "gripe": olhos e nariz escorrendo, garganta doente, espirros, etc. Tinham desaparecidos depois de algumas horas e não tinham reaparecido. No entanto, apareceram outra vez neste café e em 10 minutos estavam totalmente desenvolvidos. Saí, pois senti que se ficasse mais 10 minutos pegaria uma pneumonia dupla. Nossos dois filhos *tiveram* que sair também. Tudo ficou bem do lado de fora. Minha esposa

reagiu com forte estremecimento. Uma outra família próxima com dois garotos - um de cerca de 10 e o outro de 12 anos - pediu o jantar. O mais jovem n estava com fome e o mais velho vomitou. O pai comentou que ele nunca tinha feito isto antes. Meus sintomas de "gripe" duraram a noite toda.

15 de outubro, 1954:

De Atwood, Kansas, a Kit Carson, Colorado. Tempo bom, sem nuvens. DOR estava em faixas com o céu azul, brilhante, claro entre elas. As trilhas de vapor se dissipavam rapidamente nas áreas com DOR. A partir de conversas realizadas ao longo da viagem, parecia que sábado, 2 de outubro, foi o dia de chuva generalizada em todo os EUA. Tinha chovido e granizado 1 ½ polegada em Cope, Colorado, e chovido muito em Lamar. Também no Novo México. A estrada de ferro de Hugo, colorado, parecia ser uma das mais infestadas com DOR. Estava pútrido aí.

As terras férteis mostravam o desenvolvimento do deserto. Havia plantações de milo onde somente metade da plantação tinha germinado e metade desta tinha alcançado a altura de 8 a 12 polegadas. *Milo* e sorgo tinham substituído o trigo em grande extensão. Pouquíssimo trigo foi visto nas áreas que antigamente abundavam de milo.

16 de outubro, 1954:

De Kit Carson, Colorado, a Tucumcari, Novo México. O tempo estava bom. O que a princípio parecia trilhas de vapor continuou se formando a oeste à medida que me dirigia para o sul. Finalmente foi determinado que não eram trilhas de vapor mas nuvens - compridas, finas, em forma de cordas, brancas, baixas e a oeste. Continuaram se formando neste ponto *o dia todo*. Havia a tendência de algumas se juntarem. Não se formavam até que eu estivesse na área oposta ao lugar onde se formavam. Foi observado o que aparentemente eram dois incêndios bem ao sul e a sudoeste durante o dia. Depois de cerca de 5 horas, a fumaça tinha se juntado numa grande nuvem preta - imóvel - sobre a área. Parecia nuvem de chuva.

Lamar, Colorado, tinha sido o centro de uma região árida na primavera passada. Era fácil ver por quê. Lamar fica no fundo de uma depressão profunda e comprida na planície. Esta quase 1.000 pés mais baixa do que as cidades 40 milhas ao norte e ao sul. A depressão tenderia facilmente a estagnação. Tinha tido alguma chuva desde que a região árida se instalara e o solo estava de certo modo coberto, mas as cicatrizes permaneciam. Havia mesmo dunas de areia ao sul da cidade. Ao conversar com seus habitantes, descobri que o solo era muito fértil - o único fator limitante era a água. "com 20-25 polegadas de chuva por ano poderíamos criar tudo". As árvores que estavam morrendo eram bastante visíveis em Lamar. DOR aumentou a partir do sul de Eads e estava mais pesado do que em Lamar. Diminuiu à medida que subia ao sul de Lamar.

De manhã cedo, observei, em Eads, que o fluxo de DOR era o mais intenso do que jamais vira. A distorção dos morros distantes era maravilhosa. Vistos através dos binóculos 10x, todos os picos dos morros

pareciam estar separados da base, dirigindo-se para SE e pairando aí. Lembrei-me muito das ondas do mar e do fogo. O fluxo era de W para E. Era uma visão muito tocante.

Foi observado Melanor nos afloramentos de rocha a oeste de Oklahoma. Também foi observado nesta área Et *, sob a forma de caliche e Orite. Em nenhum lugar Melanor era especialmente proeminente.

Foram examinados os campos de *milo* a norte de Dalhart, Texas, e descobriu-se que eram muito coloridos e poeirentos. Na verdade, eram pó. Fiquei intrigado por que o vento não os levou.

Logo depois de deixar Dalhart, Texas, observei que meu pescoço estava bastante inchado bem como as glândulas parótidas. Permaneceram assim até a manhã seguinte.

17 de outubro, 1954:

Dirigi de Tucumcari, Novo México, ao Monumento Nacional White Sands, Novo México. O floxo OR foi o dia todo de oeste ara leste. Claro. Tucumcari estava sem DOR do lado de fora dos edifícios. Não houve DOR por cerca de 20 milhas a SW até que uma *mesa*, apenas uma, foi observada envolvida por DOR. Todas as outras mesas eram vermelhas. A envolvida era preta feito carvão. À medida que me dirigia para W e S, DOR aumentou até que em Durand estava completo. Permaneceu assim até chegar em Carrizozo. Esta área é uma terra desértica elevada coberta com cedro (junípero_. Esta região foi bastante atingida pelo desenvolvimento do deserto. Uma elevadíssima porcentagem das árvores estava morta - há vários anos - e outras tinham as copas ou grande partes laterais mortas. Esta é uma região de solo vermelho. A terra era muito poeirenta e ressecada. Viu-se sinais de chuva recente, mas a terra tinha respondido pouco.

DOR desfez-se de modo bem rápido em Carrizozo. Visitei os leitos de lavas de Mal Pais em Carrizozo. Todo o vale estava coberto com lençóis de rocha preta. Apenas a superfície das rochas é preta - na parte mais profunda ou sob as rochas, há uma gradação da cor para uma matéria amarronzada do tipo arenito. As superfícies estão muito esburacadas. Senti pressão nas áreas, mas muito menor do que esperava depois das experiências com Melanor no Maine. As próprias rochas pretas eram muito menos nocivas do que esperava.

A área entre Carrizozo e Alamorgordo estava sem DOR, e as distâncias estavam cheias de uma névoa azul esbranquiçada, bonita, OR azul. DOR estava pesadamente concentrado em torno de Alamogordo e da Base da Força Aérea de Holoman. Parecia que ficava ainda mais espesso depois do escurecer. A própria cidade - do tipo de crescimento rápido - estava muito desolada.

Acampei nessa noite em White Sands. Não havia DOR. As sombras eram azuis. Não senti DOR - somente por um curto período quando meu pulso acelerou bastante. No entanto, havia alguma coisa muito

* Et é uma designação a ser lida num contexto diferente.

tocante nesses acres de matéria branca parecida com areia. Um comportamento muito perceptível foi observado em mim bem como nos outros. Era a tendência a ficar imóvel talvez durante horas sobre os topos das dunas. A pessoa se sentia impelida a ficar assim, o que era muito perceptível.

Não havia indício claro de quaisquer resultados duradouros da primeira explosão de bomba A que ocorreu nesta área.

18 de outubro, 1954:

Dirigi da área de White Sands a 20 milhas a SE de Tucson. O tempo estava bom e quente. DOR jazia pesado em todos os vales - parecendo ainda mais pesado nos lados ocidentais do que dos lados orientais dos vales. Os passos, os picos das montanhas e os cimos das serras estavam visíveis e sem DOR. Novo México tinha muito mais DOR do que o Arizona. O fluxo OR estava de oeste para leste e era facilmente observado.

Há quatorze anos, tinha viajado por esta área e acampado nela. Tinha sido um deserto verdejante, luxuriante, à medida que os desertos avançavam - grandes iúcas, *cholla,* vucca, algarobo, ilhotas de *creosote* e gramas. Ao viajar nela outra vez, tudo isto estava mudado. Havia apenas uma planície onde cresciam alguns amarantos e quenopódios - raramente alcançando 12 polegadas de altura. Toda a vegetação tinha desaparecido. Até mesmo o deserto estava morrendo. Mais uma vez havia sinais das chuvas recentes nos atoleiros - mas a terra não tinha respondido. A terra estava completamente ressecada - queimada.

O quadro mudou a partir do Arizona oriental em direção ao oeste. A visão da serra era bem melhor. Os habitantes do lugar informaram que as chuvas de verão foram boas.

19 de outubro, 1954:

Chegada em Tucson às 7h completando a viagem.

CAPÍTULO V

ESCOLHA DE TUCSON, ARIZONA

Tucson, Arizona, foi escolhido como base para OROP no Deserto Ea pelas seguintes razões:

1. Está situado no ângulo sudoeste dos EUA, a somente cerca de 250-400 milhas do Oceano Pacífico, na entrada sudoeste da corrente Galáctica no continente.
2. A região de Tucson está aberta em três direções: para sudoeste (o Oceano Pacífico), para o norte (Grande Bacia) e para o nordeste (Grandes Planícies). A umidade retirada do Pacífico na direção da bacia de Tucson, pode se mover livremente em todas as direções. Mostrou-se posteriormente que se podia retirar umidade do México ao sul sobre a cadeia de montanhas Santa Rita.
3. Sabia-se que a região em torno de Tucson era um deserto completamente estéril, isto é, nem relva da pradaria nem qualquer outra vegetação primária crescia nela. Sabia-se que também era uma das regiões mais quentes e mais antigas (25.000 anos) dos EUA. Em 1954 fazia cinco anos que não chovia aí; os leitos dos rios estavam secos há cerca de 50 anos, de acordo com informações locais.
4. Um dos membros do conselho consultivo do Presidente Eisenhower, criado em 1953, Sr. Douglas, morava em Tucson e era diretor do South Arizona Bank and Trust Company. Tinha a esperança de encontrá-lo, pois ele havia escrito solicitando uma discussão pessoal. Por várias razões acidentais, nunca nos encontramos. Seu banco nos ajudou durante toda a expedição do modo mais amigável e cooperativo.

A expedição preparou seu equipamento em setembro e pôs-se em movimento em outubro de 1954. Durante o verão foi formado um comitê qe ficou encarregado de lidar e organizar com todos os negócios da Expedição. Consistia nas seguintes pessoas:

O *comitê financeiro* consistia em: Dr. Wlsworth Baker, de Fair haven, New Jersey; Dr. Michael Silvert, New York e William Steig, de Cream Ridge, New Jersey. Este comitê era responsável pela provisão dos fundos a uma taxa de 2.000 dólares por mês para as despesas correntes. A Fundação WR tinha também uma reserva de cerca de 6.000 dólares. Além disso, tinha designado que *royalties* pessoais retidos nos fundos de Pesquisa de dois anos, 1952 e 1953, 5.400 dólares, fossem gastos com esta finalidade.

Orgonon como a base central devia ser mantido em funcionamento num nível mínimo. O material Orur devia ser mandado de avião posteriormente de Orgonon, Maine, para Tucson, Arizona.

Os instrumentos e os arquivos de Orgonon tinham também de ser guardados, especialmente contra a invasão dos agentes da droga que estavam nessa época com a intenção de invadir para conseguir

informações sobre nosso trabalho para a indústria químico-atômica e seus associados políticos russos na batalha contra a descoberta da energia da vida. O zelador de Orgonon foi encarregado desta tarefa. Foi mantido em contato com Dr. Silvert em Nova York relativamente ao planejado transporte do material ORUR. Ele tinha que zelar por este material que tinha sido tão bem dividido e escondido que ninguém jamais poderia encontrar.

Baker e Steig deviam recolher fundos ao Leste. Silvert foi instruído para estabelecer um escritório de escrituração contábil para o dinheiro da expedição e assistir o transporte de Orur sobre as 3.200 milhas até Tucson.

McCullough recebeu ordens para seguir de caminhão com o equipamento com o primeiro grupo. Foi instruído a comunicar-se com Orgonon até que eu partisse; em seguida, deveria dirigir-se à nossa assistente social, Grethe Hoff, em Boston, que transmitiria todas as comunicações durante minha viagem. Esta combinação foi muito valiosa como se verá mais adiante. Não podíamos provar nada, mas nós todos tínhamos a clara impressão que estávamos sendo observados tanto pela Força Aérea dos EUA como possivelmente pelos Ea, a julgar de certos fatos acontecidos durante a travessia do continente e especialmente algumas horas depois da chegada do material Orur em Tucson em 14 de dezembro de 1954.

McCullough carregava o seguinte equipamento em seu caminhão:

Equipamento de laboratório:
1 SU-5 Tracelab G-M survey meter; 1 medidor nuclear G-M; 1 Escala de Laboratório Fisher: 0,1 a 610 gms.; 1 Cronômetro; 1 Sextante num estojo; 1 Galvanômetro, par elétrico, e bateria seca de 6 volts; 1 Esterilizador, 110 volts; 2 Tripés pequenos; 1 Estojo de instrumentos de laboratório - seringas, espátulas, needle droppers, tesouras, fórceps, tesouras, raspadeiras; 1 Jarro Coplin com aproximadamente 100 slides de microscópio, sortidos; 2 Lápis de cera - 1 vermelho e 1 azul; 1 Sacola de material (de WR; compassos, etc); 1 Caixa de vidraria sortida - frascos, bíqueres, bico de Bunsen, tip de beneficiar vidro, cilindros graduados, pratos de Stendor, funil separador, funis, papel de filtro, frasco com braço lateral, funil de Buschner, tubos de teste, ampolas, vasos de vidros, lâmpadas a álcool, pipetas, algodão; 2 Conjuntos de primeiros-socorros; 1 Garaffa de Oe neutro vivo; 1 Garrafa de varetas de NaOH; 2 luzes de mesa; 1 Geladeira; 1 Telescópio no estojo e tripé, com refrator de 3.5 polegadas; 1 Telescópio de ângulo reto; 3 cata-ventos; 1 Termômetro; 1 Barômetro; 1 Medidor de umidade relativa e tabelas; 2 Máquinas de escrever, portáteis 1 selo - WRF; 1 Estojo de ferramentas de carpinteiro; 2 Rádios portáteis; 3 conjuntos de cartas e mapas; 2 Extintores de incêndio de CO_2; 1 Tenda de sacos de dormir; 1 conjunto de panelas; 1 Disparador OR; 1 Funil OR; 1 Lençol OR; 1 Incinerador; 1 Cesta, lanche, de vime; 1 Mapa de mesa dobrável; 1 Unidade aparadora de cabelo.

Equipamento fotográfico:
1 Câmara Leica 35 mm; 1 Medidor de luz de Sixtus; 1 Câmera de cinema Cine-Kodak Special; 1 Lente de telefoto; 1 Câmara Bolsey 35mm e ligação para flash; 1 Medidor de luz Weston; 1 Tripé; 1 Projetor de slides 35mm; 1 Tela dobrável para o projetor de slides; 1 Estojo com slides para demonstração; 1 Projetor Kodascope 16mm.

Equipamento microscópico:
1 icroscópio Z Reichert com objetivas 7x, 10x, 60x e 80x com oculares 5x e 16x; 1 Lâmpada e suporte de microscópio; 1 Transformador; 1 Tubo monocular; 1 Adaptador fotográfico Leica 35mm e dois cabos; 3 Lâmpadas com filamento pontudo sobressalente; 1 Binóculo dissecador e suporte; 1 Lente de ampliação manual; 1 Livro grande de papéis para lentes.

William Moise que tinha sido meu assistente na maioria das operações de puxamento desde o verão de 1952, devia assistir-me no OROP Ea como operador, juntamente com McCullough.

O quarto membro de nossa equipe era minha filha Eva Reich, M.D. Ela foi selecionada para ser médica da expedição. Tinha desistido de medicar em Hancock, Mine. O carro dela transportava equipamento, coisas pessoais e foi colocado à disposição do trabalho durante todo o período numa maneira nada egoísta - nada foi cobrado. Ela viajou comigo em minha camioneta Chrysler, tomou notas sobre as observações feitas durante a viagem e posteriormente compilou as notas numa publicação "DOR Clouds oner the USA"(CORE VII, 1-2). Ela se tornou uma observadora perspicaz de tudo que se referia a Ea, pois parecia que tinha desenvolvido um agudo senso de percepção das funções atmosféricas da energia OR. Sua formação científica também foi de grande ajuda.

Não posso deixar de mencionar o quinto membro, o júnior, de nossa equipe, meu filho Ernest Peter Reich, que na época tinha dez anos de idade. Ele foi muito útil ao transmitir recados e também de outros modos, fazendo observações completas. Foi ele quem fez a descoberta de um "nó" enquanto puxávamos de um Ea, relatado mais adiante detalhadamente em seu devido contexto. Peter foi um assistente especial de Moise em muitas operações de puxamento, quando não estava na escola.

CAPÍTULO VI

A FORJA DO VALE PLANETÁRIO

Um ataque Ea em 13 de outubro, 1954

McCullough encontrou uma tempestade insólita em seu caminho para o Arizona perto de St. Joseph, Missouri, e em Kansas, em 13 de outubro, 1954, no mesmo dia em que sofremos enormemente sob DOR em Orgonon. Damos a seguir ipsis-litteris seu relato, dispachado do Arizona em 19 de outubro. Eu o recebi por meio da estação de retransmissão de Boston por telefone em 22 de outubro num motel em Washington, D.C. O relato foi captado por um posto de escuta da ATIC num quarto embaixo de meu quarto do motel, o qual foi afastado às pressas de carro imediatamente após o encerramento do telefonema.

O relato de McCullough corroborava nossas experiências anteriores em Orgonon: a guerra dos planetas estava realmente acontecendo. O vento de Kansas de 13 de outubro de 1954 foi seguido por nítidos eventos Ea no Arizona, especialmente em 14 de dezembro de 1954, algumas horas após o material ORUR ter sido desembarcado no aeroporto de Tucson pelo Dr. Silvert. Foi somente durante a preparação e integração dos fatos a partir dos diferentes livros de registro que a seriedade da situação interplanetária começou a se tornar clara em seus múltiplos aspectos. Até então, me recusar a aceitar a evidência crítica sem reserva. Aqui está a carta de McCullough de 19 de outubro de 1954, ipsis-litteris: Recebida por intermédio de G.H. de Boston para Washington, 22/10/54: Wilhelm Reich, M.D.

A/C Grethe Sharaf
25 Beaconsfield Road
Brookline, Mass.

19 de outubro, 1954
Tucson, Arizona

Prezado Dr. Reich:

Tenho a intenção de fazer um relato completo de minha viagem para Tucson, mas dois incidentes não poderão esperar.

1. Quarta-feira, 13 de outubro. Tinha acabado de deixar St. Joseph, Missouri, no final da tarde. O céu estava escurecendo à oeste. Paramos durante uma hora 3 milhas a E de Blair, Kansas. Em apenas meia hora, houve o desenvolvimento de uma tremenda tempestade diretamente sobre nós. Embora estivesse escuro, a paisagem era continuamente iluminada por uma luz que passava de uma nuvem a outra. De repente, tive <u>certeza</u> de que Ea estava desenvolvendo contra mim e o caminhão.. As coisas aconteceram imediatamente. Vi um Ea amarelo parecido com a lua aparecer sob a margem da nuvem leste. Desapareceu imediatamente. Isto foi também observado por minha filha. Em seguida, uma luz branca cintilante foi vista se movendo da direita para a

esquerda no NW. NÃO havia som - e um avião não voaria dentro e sob a tempestade. A sensação, as duas visões e a primeira chuva, tudo isto acontecem em 10 minutos - 6h30 da tarde CST (central Standard Time). Dirigimos 20 milhas a oeste numa chuva terrível; nunca vi chuva tão pesada. Finalmente saímos dela. A previsão do tempo tinha sido tempo bom com sol - sem aguaceiros. Às 10 da noite o Serviço de Meteorologia de Kansas City previu tornados SW - NE nesta área de Kansas e Missouri. A estação meteorológica mais próxima, em Archison, Kansas - a 20 milhas a SW do lugar onde estávamos - comunicou que 2.37 polegadas de chuva tinham caído em menos de uma hora. Senti que isto era um ataque ao caminhão - ??

2. Nenhum outro Ea foi observado até as encostas das montanhas a 20 milhas SE de Tucson: uma luz amarelo-laranja em forma de haltere foi observada por cerca de 20 segundos às 8h da noite. À meia-noite um bombardeiro a jato B-47 fez um pouco prático em Tucson, mas não pode decolar outra vez e espatifou-se e queimou. Uma pessoa morreu. Possivelmente uma ligação? (18 de outubro, 1954)

DOR esta muito nocivo aqui. Os olhos ficam grandemente irritados com ele. Extremamente desidratante. Nunca ficou tão nocivo em Yuma. O desenvolvimento do deserto tem progredido muito. Árvores agonizantes em todo o Colorado e Novo México. Até mesmo os desertos estão agonizando. Onde acampei no sul do Novo México 14 anos atrás e florestas de yucca - só se encontra agora amarantos.

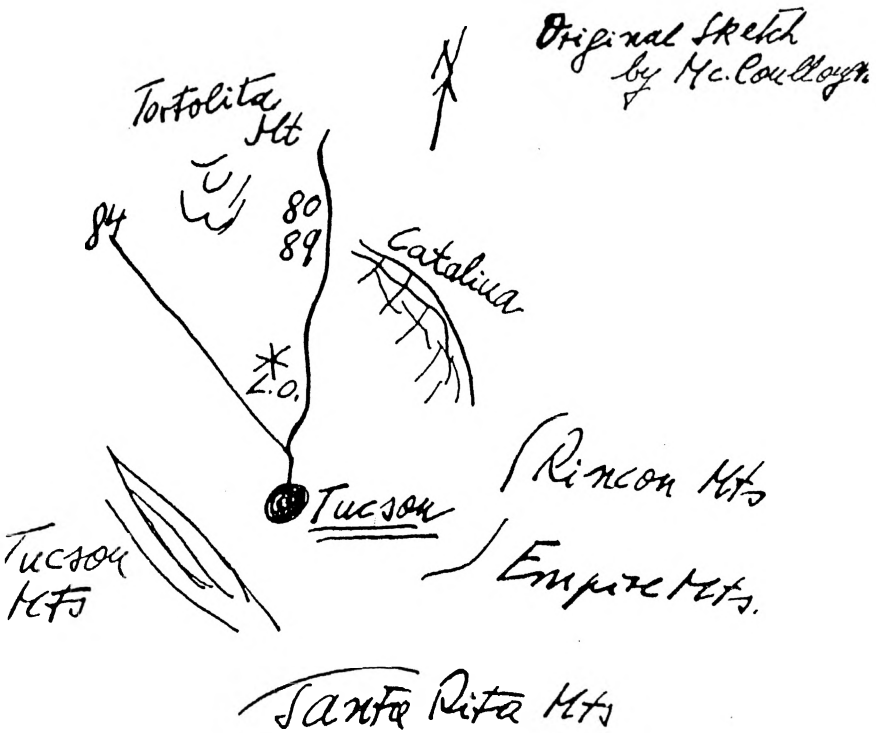
Cordialmente,

Assinado: Robert A. McCullough

A base de Tucson

Com o auxílio do The Southern Arizona Bank, foi encontrada uma casa com 50 acres em volta, apropriada aos nossos objetivos, e em 31 de outubro nos estabelecemos. A base foi chamada "Little Orgonon". Tinha uma localização excelente acerca de oito milhas ao norte de Tucson, entre as estradas 80 e 89 para Oracle Junction e a estrada 84 que conduz para o oeste.

A própria Tucson está situada num vale, arrodeada por montanhas interessantes e ao mesmo tempo totalmente estéreis. Somente os cimos do Monte Lemmon têm remanescentes da antiga vegetação de pinheiros e espruce. Abaixo de um certo nível, não há nada a não ser rochas, ravinas, abismos íngremes, vegetação secundária desértica e leitos de rios secos. O desenho seguinte mostra a localização aproximada das montanhas circundantes.

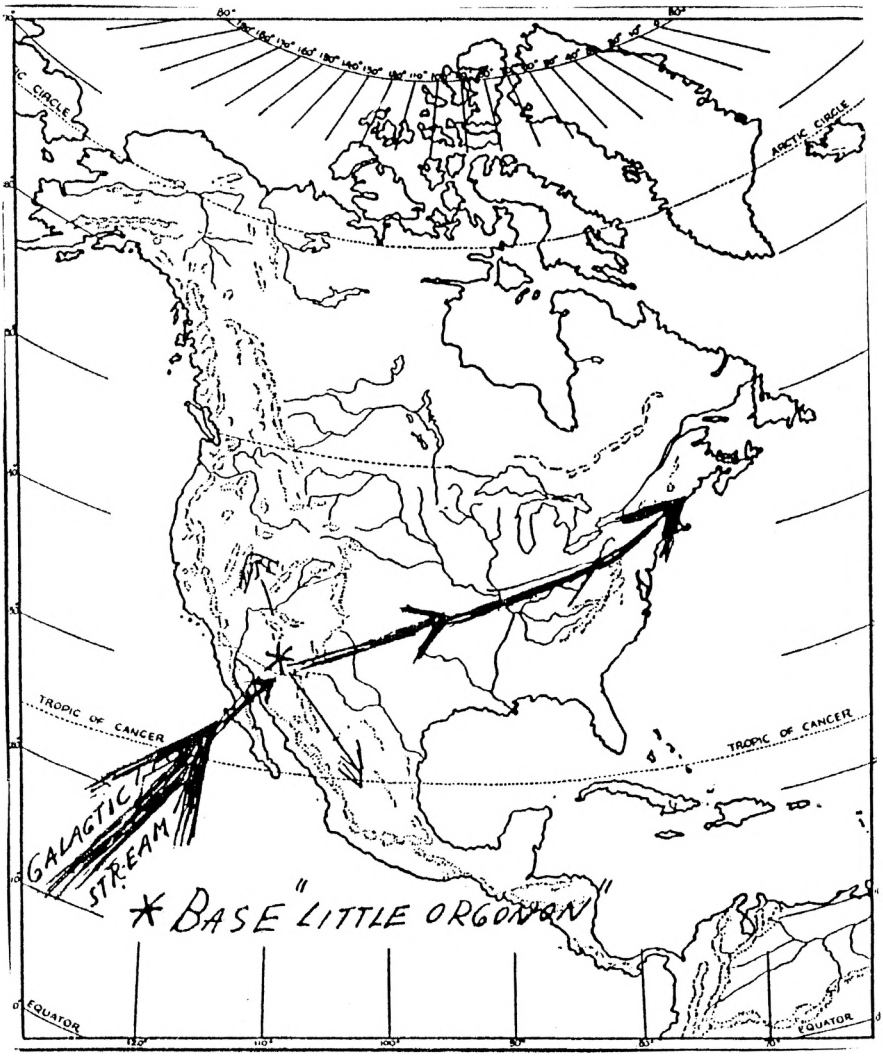


a. Cadeia de Montanhas.
L. O ..... Little Orgonon

As montanhas se constituíam em esplêndidos locais para a observação de OROP no Deserto Ea, dentre elas especificamente o Monte Catalina que estava situado a nordeste de Little Orgonon, ligeiramente curvado para o sudoeste, isto é, para o oceano Pacífico. Esta montanha se tornou nosso ponto de observação mais importante. A serra funcionava como um refletor de energia OR e recebedor da umidade entrante. Foi a primeira a mostrar o processo de esverdeamento. Mais ao norte fica o grupo de serras do Monte Lemmon. Sobre o Mt. Lemmon, puxávamos nosso alto potencial OR a fim de acelerar a entrada da umidade vinda do Oceano Pacífico.

Muitos Ea foram vistos flutuando no céu durante as noites de 31 de outubro e 1° de novembro. O equipamento do laboratório estava pronto em 2 de novembro. Nossas verdadeiras operações de remoção de DOR começaram, também, em 2 de novembro.

b. Corrente Galáctica
Fig. 20. Posição da base de Tucson



As primeiras semanas foram dedicadas às viagens exploratórias na região em torno de Tucson. Verifiquei a distribuição de DOR, sua mobilidade, a sensibilidade da atmosfera às operações de puxamento, as direções predominantes dos ventos, as mudanças diárias na umidade e na temperatura, as possibilidades de formação de nuvens, etc. Quando chegamos e nas semanas seguintes, não havia absolutamente nuvens no céu. Fomos informados pelos habitantes que em 1954 fazia mais de cinco anos que não chovia na região de Tucson.

Nossa base estava equipada com um excelente deque de observação. Colocamos o telescópio, o medidor da altitude estelar, o higrômetro, um contador Geiger portátil e o equipamento fotográfico. O deque estava equipado com cadeias que facilitavam a observação do céu na posição deitada em vez de ficarmos com o pescoço virado.

DOR tinha sido muito nocivo durante algumas noites. Não havia qualquer dúvida sobre a emergência DOR no deserto. Logo percebi que DOR era menor à noite se não havia Ea no céu; DOR geralmente aumentava durante ao dia. DOR parecia ser o responsável pelo calor escaldante, os efeitos ressecantes da radiação do sol.

Minha primeira impressão da cadeia de montanhas circundante foi *"Estão sendo "mastigadas", roídas por DOR como se um monstro estivesse se alimentando das rochas das montanhas.* Esta primeira impressão foi posteriormente confirmada pela observação cuidadosa. As ravinas e os barrancos profundamente cortados impressionavam como uma potente mordedura e não como erosão devido à água. Não havia água nem nas ravinas nem nos leitos dos rios. Não corria água neles há 50 anos. Não havia a relva da pradaria, somente areia e barrancos e solo cozido, ressecado, arenoso.

O deserto dava a impressão de estar em fluxo. Esta impressão foi fixada como derradeira quando num período de seis meses percorri a estrada até Oracle e além, fazendo cerca de 80 milhas diárias para lá e para cá em observação de rotina. Como mencionei anteriormente, ficar completamente familiarizado com a região em operação é da maior importância. Uma paisagem tem uma expressão e um sabor emocional como um ser humano ou um animal. Aprender a conhecer este sabor e viver com ele à vontade requer tempo, paciência, falta de preconceito e do saber-tudo arrogante, ou atitudes semelhantes adversas ao conhecimento.

A ravina sobre as encostas montanhosas, as torrinhas de granito e areia (veja fig. 18), os penhascos abruptos e pedregosos que pareciam brotar dos vales, as dunas de areia já se formando onde ainda não havia deserto do tipo do Saara; a secura ressecante específica que se ajustava a incidência ressecante do sol por intermédio dos tetos enegrecidos de DOR, tudo isto era muito mais do que simples "visões" ou "detalhes". Eram as características de um tipo específico de ser vivo. Não tenho qualquer simpatia ou amor pelo deserto. Gosto de pastagens verdes, do chão coberto de musgos nos bosques de bétula ou carvalho. Mas pude, após algumas semanas de observação, compreender a simpatia singular que algumas pessoas parecem ter pela paisagem desértica e pela atmosfera

dos desertos. É uma simpatia por uma coisa viva agonizante que ainda está lutando por sua vida.

A teoria da erosão como a formadora de ravinas e do acúmulo de sedimentos tem dificultado a apreciação do DOR que rói as rochas, resseca o solo, transforma a marga em areia, seca os rios, ataca as cadeias de montanhas e aplaina-as, transformando-as em dunas arredondadas.

As porções mais elevadas do Mt. Lemmon ainda estavam cobertas com a vegetação primária de coníferas e musgo. Isto confirmava as impressões que tivemos durante a travessia do continente: *A vegetação primal ainda está viva onde as nuvens DOR não alcançaram os picos das montanhas.* DOR tende a *baixar para os vales* e a pairar rapidamente. A vida não retorna ou retorna apenas como uma vegetação *secundária,* adapta em *chollas, saguaros, pela-verdes* e nas várias formas de cactus do sudoeste dos EUA à atmosfera DOR.

O deserto surgiu, após um relacionamento mais íntimo, como um processo em vez de um estado estático de existência. Surgiu como uma contínua luta da vida contra a morte, de agonia e reação à agonia em vários estágios. A isto, nem mesmo o tipo mais desolado de deserto, o deserto arenoso do "Saara", como o que está perto de El Centro, Califórnia, parece fazer exceção.

O quadro incipiente seguinte da seqüência no desenvolvimento dos desertos originou-se de observações realizadas ao longo de anos desde que a emergência DOR nos tinha aflingido primeiro em Orgonon, em 1951:

Desenvolvimento do deserto

No meu atual trabalho sobre os desertos, a degeneração das árvores nas florestas dos EUA ocupa uma posição central. O problema básico é a morte da vegetação, o desenvolvimento do deserto e a natureza dos agentes responsáveis por este processo. Observações e experimentação comparativas no Maine, na costa atlântica, no sudoeste dos EUA e no laboratório deixam pouca dúvida com relação à natureza do matador da vida.

O matador da vida é a energia da vida morta ou DOR: em outras palavras, a mesma energia cósmica primordial que cria, sustenta e reproduz a vida sob um definido *conjunto de circunstâncias é o autêntico matador da vida quando essas condições estão ausentes.*

Além disso, a energia da Vida, que é a energia cósmica primordial e livre de massa, cria seus próprios "*carregadores*" "materiais", como H, O, C e N, as indispensáveis pedras do edifício orgânico e seus vários componentes, H_2O, O_2, CO_2, carboidratos, lipídios e proteínas.

No organismo vivo, a Energia da Vida mostra metabolismo, um nível de funcionamento ("Nível de capacidade"), contínuo funcionamento criativo na produção de células sangüíneas vermelhas ou brancas, e outros constituintes das membranas ou estruturas nervosas, na manutenção da

bioquímica do organismo integrada e bem equilibrada: Economia de Energia, "uma casa com energia ordenada".

Na própria base dessas funções da vida, encontramos a agonia da própria Energia da Vida; a transformação da energia *OR* para a chamada *DOR*, isto é, Energia da Vida morta, grosseiramente comparável aos resíduos de carvão queimado. A analogia vai além do indicado.

O processo de agonia de um organismo parece, um última análise, ser nada mais do que a morte da própria Energia da Vida, a transformação de OR em DOR. Com esta mudança básica, todas as funções secundárias da vida, metabolismo energético, economia, integração de funções, coesão dos tecidos, contínua reprodução da matéria viva e vitalidade, também cessam. Em outras palavras, o princípio comum de funcionamento de toda a "Morte" é Energia da Vida Imobilizada (energia primal cósmica) que durante a vida de determinado organismo dirigiu seus carregadores materiais, a estrutura das membranas e a vida dos fluidos, constantemente trocando e metabolizando com o oceano de Energia Orgone externo, no meio ambiente.

No nosso planeta os carregadores básicos da Energia da Vida são a água (H_2O) e o oxigênio (O_2). Ninguém pode dizer atualmente se a energia da vida produz diferentes tipos de carregadores em outros corpos celestes.

São requeridas certas condições para a Energia da Vida livre de massa primal produzir seus carregadores, água, oxigênio, carbono e nitrogênio e seus compostos posteriores.

A própria Energia da Vida existe no espaço. Pode-se mostrar que existe em ácidos fortes, como a água régia, uma mistura de ácido nítrico e hidroclorídrico. Pode também ser demonstrada no pH de 9-12 nas fortes soluções hidróxidas. No entanto, os carregadores da energia da Vida formam estruturas membranosas da vida num espaço estreito de pH 7-7.4 aproximadamente.

É como se a energia da vida no funcionamento orgânico do que costumamos chamar "Vida" estivesse limitada a uma espécie de estreita existência num fio de navalha, por assim dizer - o fio da navalha seria um domínio estreito neutro ou aproximadamente neutro, caracterizado pelo pH 7-7.4, entre o vasto domínio mortal do ácido (H^+), de um lado (pH 1-6), e da base (OH^-), do outro (ph 8-12).

Na base da observação e do experimento, o seguinte é certo:

A vida está, *sob as dadas circunstâncias atuais,* existindo num fio da navalha entre dois tipos de morte. O que acontecerá após a Vida ter-se tornado ciente de si mesma e de se modo, não podemos dizer. Está no campo das possibilidades, igualmente das probabilidades, que a Vida construirá, criará novos modos de existência mais seguros e mais amplos para si mesma com o conhecimento que ela está prestes a adquirir.

A vida retém assim uma estreita cunha como seu próprio domínio na vastidão infinita da energia cósmica. A Energia da Vida orgânica metaboliza a partir do e no oceano de energia cósmica. Respiração, alimentação e radiação direta ("calor") são os veículos básicos do

metabolismo da Energia da Vida entre o organismo e o meio ambiente. No seu interior, o organismo aparentemente metaboliza a energia OR recentemente ingerida em energia DOR que é expelida na forma de CO_2, urina (produtos de NH_3), fezes, suor e exudações gasosas.

O equilíbrio energético entre carga e descarga é facilmente mantido no organismo saudável. Durante a doença, mais OR parece se transformar em DOR, também mais DOR parece ficar retido nos tecidos. Deste modo, o predomínio da energia DOR seria a característica básica de todas as doenças. A partir deste predomínio, várias conseqüências podem ser legitimamente derivadas.

Uma delas é uma tendência maior a exudar e reter fluidos nas cavidades, nos interstícios dos tecidos, no abdômen, nas extremidades sob a forma de edema, ascite, inchação parenquimatosa, etc. Parece haver na tendência a reter fluidos algo mais do que a simples inibição dos movimentos mecânicos dos fluidos corporais. Parece existir uma relação íntima de DOR com água ou melhor com a transformação de DOR em H_2^o Nos alcoólatras, encontramos lábios e língua ressecados, sede e grave desidratação dos tecidos em direção à cirrose hepática, endurecimento do tecido cerebral, etc. O predomínio de DOR significa a necessidade de mais fluido, acima de tudo de água. A energia OR mostra, como bem sabemos, grande afinidade recíproca à água. A água tem de ser absorvida de qualquer lugar que possa ser obtida pela energia DOR sedenta. Se acrescentarmos a grande absorção de água à conversão em água, obtemos um quadro mais verdadeiro da desidratação do que quer que esteja próximo e contenha fluído. Com a desidratação dos tecidos reduz-se a capacidade de movimentar e metabolizar os fluidos. Poliúria, uremia, albumina e açúcar, sinais de desintegração dos tecidos, são resultados claros de um metabolismo energético perturbado. Mais detalhes precisam ser reunidos neste ponto; mas o distúrbio básico está claro: desidratação de tecidos, estagnação do metabolismo, aos quais se acrescenta posteriormente carência na ingestão de oxigênio e o resultante excesso de CO_2 como no câncer, no edema dos pulmões, lividez e cianose, recessão da vitalidade como um todo. Até agora, são estas as manifestações de DOR no organismo. Como num círculo vicioso, a inibição de funções OR conduz ao predomínio das funções DOR, que por sua vez conduz ao aumento constante da degenerescência das funções DOR, levando assim à morte.

As funções DOR são caracterizadas por uma mastigação silenciosa, invisível e inaudível, por assim dizer, e por um consumo insidioso da força vital de um hospedeiro ou organismo. DOR age como uma tênia, no interior dos intestinos do hospedeiro, quer emocionalmente quer substancialmente. DOR tem fome de nutrientes, de água, de oxigênio, de *** tornando-se Energia da Vida produtiva, ou energia OR, mais uma vez, numa curta "revivescência". Mas, exatamente na sua tentativa de se tornar outra vez vida com funcionamento completo, DOR destrói seu hospedeiro, sua própria fonte de nutrição, sua própria esperança.

Se as reações de pestilência emocional são devido a DOR, o deserto emocional faz então a seu hospedeiro ou doador exatamente o que

a tênia ou DOR faz nos tecidos: mata o hospedeiro, o doador da vida, numa destruição silenciosa por meio da debilitação de sua força.

Este fato tem obviamente relação clara com as atuais condições sociais:

Onde a vida tem sentido falta de nutrição e de cuidados há séculos, como nas grandes comunidades asiáticas, a energia DOR predomina, tanto nos seres vivos como na atmosfera. O anelo por nutrição é imenso. O predomínio de DOR atrairá mais DOR, emocionalmente e fisicamente. A destruição completa do hospedeiro, neste caso a mãe terra, assoma no horizonte de nosso futuro.

Tem grande importância para o conhecimento de nosso futuro o fato de que o excesso de DOR causa desertos na paisagem bem como no organismo. Almas desérticas acentuarão o desenvolvimento do deserto; e o desenvolvimento do deserto aumentará DOR ou a deterioração nas emoções humanas.

A conseqüência depende claramente de se, de alguma maneira, em que extensão e em que direção, do processo de degenerescência, a energia DOR pode ser revertida outra vez em OR ou energia da Vida. *O processo de desintegração é claramente e sem a menor dúvida reversível.* Isto foi mostrado no trabalho no deserto, 1954/1955, no Arizona, quando uma terra desértica, completamente estéril, voltou a ser outra vez pastagens verdes, após milhares de anos por intermédio da remoção de DOR da atmosfera.

O processo de desintegração de árvores e de florestas inteiras é devido ao predomínio progressivo de DOR na atmosfera. Um leve predomínio de DOR causa secura, a secura por sua vez aumenta DOR. Deste modo, num círculo vicioso, a fome de água cresce com a diminuição da precipitação. O processo é lento, não é facilmente perceptível. Não se sabe muito sobre seu secreto atrito com a vida. Quando a atmosfera se torna seca, fazendo as nuvens perderem crescentemente sua coesão e se dissiparem mais facilmente, o nível da umidade atmosférica cai e a terra começa a ressecar. Os níveis de água também caem. A Energia da Vida na atmosfera tem cada vez menos recursos de umidade. Além disso, DOR faz com que o calor solar se converta em calor "abrasador" ou "ressecante". Deste modo, a Energia da Vida, sedenta ao extremo, se volta para a umidade presente na vegetação. DOR penetra vagarosamente nas árvores a partir da copa em sentido descendente e a partir da casca em sentido lateral.

A fonte atmosférica (ou cósmica) de DOR destrutivo, que afeta a são condições nos desertos, foi estabelecida sem a menor dúvida em 1953. As nuvens DOR atmosféricas exerceram um efeito de imobilização gradual da vida nas plantas e animais. Concentrado de hidróxido de sódio (NaOH) em pratos rasos causa o acúmulo, uma substância branca, chamada "*ORENE branco*"(Oe), *sobre* o nível do líquido fluido na parede interna do prato. Enquanto há líquido fluido no prato, Oe permanece úmido e inofensivo. Ao microscópio, mostra uma bela formação de "sacos", que

crescem, segmentam-se, expandem-se, e são produtivos em muitos outros modos bioenergéticos.

No entanto, por outro lado, quando o fluido não está repleto e o prato fica seco, Orene branco se transforma numa substância branca, dura. É a Energia da Vida Material *morta*, *Lt*, com "t" denotando a função de corpos T mortes, descobertos em 1936 em meu laboratório em Oslo numa cultura de tecidos de sarcoma. Lt branca endurecida é a verdadeira substância DOR, que irrita a atmosfera, causa inflamação nas membranas mucosas, resulta em corpos T quando mantida em água, após o endurecimento completo. Existem outras qualidades importantes.

Uma das mais importantes é o escurecimento de "Orene branco", visto microscopicamente e, vice-versa, o embranquecimento de Melanor (Me), a substância *preta* parecida com matéria que pode ser colhida da atmosfera. Uma assistente de pesquisa laboratorial criou Orene branco facilmente em sua casa num subúrbio de Washington, mas não conseguiu obtê-la no laboratório do N.I.H. (National Institute of Health). Neste lugar, as luzes fluorescentes tinham aparentemente matado completamente Le e atraído-o para o interior dos tubos de orgônio. Pode-se facilmente ver o que uma "experiência de controle", planejada para refutar de todas as maneiras a teoria do Orgone e conduzida por um bioquímico preconceituoso, pode fazer para negar a descoberta da Energia da Vida (Veja também "Melanor, Orite, Brownite and Orene, Preliminary Chemical Analysis", in CORE, vol. VII, 1-2, 1955, Orgone Institute Press, N. Y.)

Esta mudança de cor está provavelmente relacionada a mudanças na direção da radiação. De acordo com a descoberta de Kirchhoff, a Orene "preta" *absorve* energia, enquanto a Orene *branca* desprende energia. Isto pode adquirir algum significado em investigações posteriores. Qualquer que seja a razão, podemos observar as mesmas mudanças quando Melanor da atmosfera superior ataca as árvores numa floresta. O ataque é devido a completa falta de umidade na atmosfera. Umidade que está sendo obtida a princípio a partir da casca, em seguida, com penetração mais profunda na estrutura da árvore, também a partir dos anéis ou camadas mais profundas. Paralelamente, vemos em primeiro lugar a casca escurecer; em seguida, ela se desintegra e desaparece. O processo nunca se estabelece a partir das raízes numa direção ascendente; não há assim participação dos "vermes". O desaparecimento da casca começa regularmente nas copas, avançando em sentido descendente em direção às raízes. O escurecimento e a desintegração subseqüente começa também nos lados superiores dos ramos; o que aponta claramente para a atmosfera como a fonte do agente nocivo, Melanor.

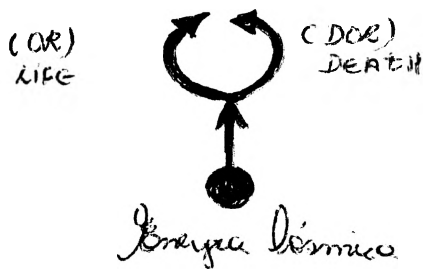
Algum tempo depois, quando a casca se desgrudou da árvore atacada e a desintegração está bastante adiantada em direção às raízes, o interior da substância da árvore também desaparece: a árvore se torna oca. Em seguida, devido a perda de energia e substância, a árvore fica curva e se retorce como um saca-rolhas; os ramos ficam murchos e se soltam até que toda a árvore desmorona. Melanor (DOR) roubou então da árvore sua umidade, sua energia OR viva, sua substância. Vemos então o caule sem

casca e os ramos embranquecendo. Melanor se transformou em Orene branca, exatamente o oposto da Orene viva e branca que escurece e endurece ao perder umidade. Esses processos podem ser observados em vasta escala no deserto do tipo Saara do Sudoeste dos EUA perto de Yuma. Compridas extensões de "Rochas pretas", isto é, Melanor, são testemunhas impressionantes da força mortal de DOR. Isto é verdadeiro tanto para o Deserto do tipo Saara como para ao Deserto Emocional tal como está apresentado no excelente filme "Bad Day at Black Rock", 1955, com Spencer Tracy no papel principal.

Essas observações apontam para os processos fundamentais da morte e do desenvolvimento do deserto nas raízes da vida. Repetindo, esses processos estão caracterizados pelo silêncio e pelo vagaroso atrito com a vítima. Tendo sua energia da vida sugada, a vítima vagarosamente fica paralisada e cede.

O caráter pestilencial mostra o mesmo tipo de comportamento. Ele se sente "preto" interiormente e, às vezes, tem na verdade a pele preta. Ele debilita as pessoas emocionalmente ricas, despoja-as de sua força, algo parecido com o comportamento de uma tênia dentro de sua vitima hospedeiro. O caráter pestilencial viceja na perda de energia da vítima, mas no fim parece com o hospedeiro. Deste fato para as conclusões sociológicas relativamente à dinâmica secreta das ditaduras políticas é somente um passo lógico; também deste fato pode-se construir uma ponte para compreender a ligação entre o desenvolvimento do deserto em nosso planeta e os visitantes do espaço exterior. Esses visitantes estão empregando energia cósmica fresca para sua locomoção e despejam resíduo, DOR, na nossa atmosfera. Se isto está sendo feito de propósito ou acidentalmente, não tem importância até onde diz respeito aos efeitos sobre a vida na terra.

Resumindo, a pesquisa orgonômica encontrou nas próprias raízes da existência uma energia, que, dependendo das circunstâncias, funciona ou como doador da vida, promotor da vida e reprodutor da força ou, na ausência dessas condições, como um matador da Vida. Torna-se até mesmo um destruidor da matéria sem vida, como foi visto na desintegração da rocha sólida, granito, etc, em areia do deserto durante o Experimento Oranur, 1951-1954.



FASES

I. *Ataque de DOR às terras verdes*

A vegetação original morre vagarosamente devido às secas graves e repetidas. Decai gradualmente, fica rala, mas às vezes reage com grande luxúria e crescimento abundante como se estivesse febrilmente reagindo ao ataque de DOR. Árvores decaem, desintegram-se no centro biônico, buracos cada vez mais compridos desenvolvem-se nos troncos; em seguida, as árvores ficam recurvadas como mangueiras de borracha; vagarosamente um galho após outro, um raminho após outro morrem até que o caule também tomba. O homem encouraçado passa por esta devastação ao longo dos séculos sem percebê-la. Ou se percebe o desastre insidioso, não diz nada a ninguém. Está vagarosamente se deteriorando, como é claramente visto na diferença entre um habitante da Bacia do Nilo ou da Península Italiana de apenas dois mil e quinhentos anos atrás e do atual século XX.

Nesta fase, os poços d'água secam, um após outro, ao longo dos anos de seca e chuva escassa. A superfície do solo solidifica-se e embranquece devido à infiltração de Orite. O solo tem ainda a capacidade de recuperar-se com uma boa chuva que o encharque ou com o alívio das nauseantes nuvens DOR que desidratam e drenam a vida. O solo solidificado, anteriormente preto, rico e úmido, transforma-se em marga; em seguida em barro amarelo e gradualmente se solidifica em seixos duros, não distinguíveis das pequenas rochas. Um olhar sensível e uma mentalidade funcional acompanhando os processos da natureza tal como eles ocorrem, pode ver tudo isto como uma função sempre mutante até a devastação do tipo Saara. Neta fase, o granito se desintegra imperceptivelmente, a menos que o olho esteja treinado para ver seu progresso; mas a rocha que se desintegra em bions sobre a superfície ainda é capaz de reorganização, geralmente numa superfície mais dura com aspecto esbranquiçado, o sinal inconfundível de Orite misturado na massa de bions.

II. *Ataque de DOR ao solo endurecido*

O solo endurecido racha; não se recompõe tão facilmente como antes depois da chuva que encharca. DOR foi corroendo seu caminho nas gretas estreitas e rasas, aprofundando-as e ampliando-as. O solo bem como as rochas que se desintegram transformam-se num *barro* cinza posteriormente *vermelho*. As "AREIAS VERMELHAS" começam a aparecer. A marga, ainda capaz de produzir frutos, desenvolve-se a partir do barro por intermédio de Melanor.

III. *Ataque de DOR ao barro vermelho*

O barro endurecido transforma-se cada vez mais em areia. DOR destrói a capacidade de coesão da energia que mantém as partículas de barro juntas e volta-se para a formação de rochas numa escala menor, por assim dizer. Esta areia seca é, como foi facilmente mostrado nos

experimentos, ainda capaz de ser revertida pela umidade em direção ao solo. No entanto, se DOR continua a penetrar, a desidratar, a causar tudo em seu caminho para a desintegração, o limite de reversibilidade é ultrapassado, e a areia se torna inútil, estéril e imutável pelos meios naturais. A Natureza ainda continua a criar mas não mais no nível do vivo.

Nesta terceira fase, quando a resistência do vivo foi quebrada por DOR e Melanor, quando não há vida OR no solo, *as montanhas estão sendo literalmente devoradas* por DOR. MELANOR COME AS MONTANHAS. Esta foi a experiência mais dramática no deserto, especialmente na região em torno de El Centro: Melanor come as montanhas.

As montanhas no deserto estão sendo aplainadas em rochas isoladas, eretas, como torrinhas arredondadas por barro e areia endurecidos. Onde ainda há um pouco de umidade, a vegetação secundária ainda é possível. Mas a vegetação secundária desértica também morre logo. Os rios morreram há muito tempo. Os poços profundos ainda existem mas estão desaparecendo também. O profundo nível da água dos poços cai anualmente em alguns pés. Este é o caso das últimas décadas no Arizona, de acordo com informações dos fazendeiros. Com a decadência geral, os morros se achatam e se arredondam. A paisagem, devido aos depósitos de Orite, adquire cada vez mais uma aparência branca. O próximo passo é:

IV. *Ataque de DOR ao barro e aos vestígios de vida*

Somente "AREIAS BRANCAS", céu cinza aço, radiação quente, Orite tomando conta, transformando o deserto numa paisagem lunar branca.

Este era o quadro que tinha diante de mim em 2 de novembro, 1954.

Protovegetação - O enverdecer do deserto arenoso

O objetivo principal da expedição não era "fazer chover em terras desérticas carentes de chuva". Como se veio a saber posteriormente, "fazer chover". se tivéssemos feito isto, teria escondido da expedição informação científica disponível sobre a dinâmica do funcionamento do deserto. Pelo contrário, foi de grande ajuda que a chuva não pudesse ser obtida com facilidade. Não tínhamos a ambição de impressionar ninguém ao fazer chover no deserto.

Durante os primeiros dias de novembro de 1954, a região desértica circundante, especificamente o Mt. Catalina, *reagiu a sistemática remoção de DOR com o enverdecer.* Rebentos da relva da pradaria brotaram primeiro isoladamente, em seguida em nesgas e finalmente a areia foi coberta com um delicado tapete de verde. O verde espalhou-se em direção ao Monte Catalina, subindo durante as semanas seguintes as encostas da montanha, estendendo-se vagarosamente para o norte ao longo da rodovia; a partir daí, espalhando-se para leste e oeste, até que pelo final de dezembro tinha alcançado algumas polegadas de altura, um território de cerca de 40 a 80 milhas de Tucson com predomínio para leste e norte.

Repito: *a relva cresceu até a altura do joelho sobre um território onde não havia relva antes,* onde havia somente areia estéril até onde as pessoas podiam se lembrar.

O enverdecer da terra ressecada se deu *sem uma gota de chuva.* A umidade que tínhamos puxado das praias do sudoeste dos EUA tinha se acumulado na atmosfera, foi refletida pelas encostas da Mt. Catalina, e tinha causado o enverdecer das terras desérticas. Neste ponto, tal fenômeno é incompreensível pela biologia mecanicista ligada aos "esporos". De acordo com a hipótese dos esporos, as sementes das ervas da pradaria devem ter adormecido na areia ressecada, endurecida, completamente estéril, durante milhares de anos. Então, repentinamente, sem nenhuma chuva para encharcar o solo, os rebentos começaram a surgir, como se viessem do nada.

"E exatamente nessas encruzilhadas dos acontecimentos naturais que o fracasso do pensamento mecanicista relativamente às questões fundamentais da natureza se torna evidente. É também neste ponto que a biofísica orgonômica passa em seus testes. A teoria mecanicista dos esporos era inaplicável. O enverdecer era um fato, observado por muitas pessoas na região. O gado foi conduzido, a princípio duas e quatro cabeças, posteriormente em rebanhos, para as novas terras com pradaria. O biólogo mecanicista ficou quieto. Não disse nada. Onde sua compreensão falhava e seu orgulho ficava ferido, ele ficou propenso a simplesmente interpretar mal uma opinião dum modo bastante desagradável, doloroso para quem ouvia.

A fim de obter uma compreensão do aparecimento da relva da pradaria sem chuva, coloquei em alguns pratos com solo endurecido para observação microscópica. Um prato não continha nada a não ser solo seco retirado do quintal; o qual foi mantido exposto ao sol escaldante. Um outro prato continha solo que tinha sido salpicado com Orite branca, a chamada Et. Também ele foi mantido no sol. Um terceiro prato continha solo endurecido retirado do quintal, cheio com água do poço imitando uma irrigação. Um quarto prato continha o mesmo solo, mas não continha água de espécie alguma; ou melhor, a água foi colocada de tal maneira que se *evaporou* do solo endurecido; esta *distribuição foi planejada para reproduzir a situação verdadeira do crescimento da relva sem chuva. Era claramente o aumento da umidade na atmosfera que tinha causado o crescimento da relva.*

Os quatro pratos foram observados em intervalos regulares com ampliação de 300 e 1000x durante um período de vários meses. Logo vários enigmas não eram mais enigmas.

O solo endurecido continuou seco, não mudou muito, a não ser que se tornou um pouco mais duro. O solo endurecido onde Et tinha sido acrescentado endureceu mais e mais rapidamente; após dois meses, havia pequenos seixos de rocha dura que tinham se formado no prato. O prato que continha solo mais água mostrou somente desenvolvimento de bions com alguns protozoários.

A surpresa veio, contudo, com o quarto prato. O solo tinha absorvido a umidade da água circundante diretamente. O exame microscópico mostrou um tipo desconhecido de crescimento: *Formação parecidas com leques nas margens dos montes de bions.*

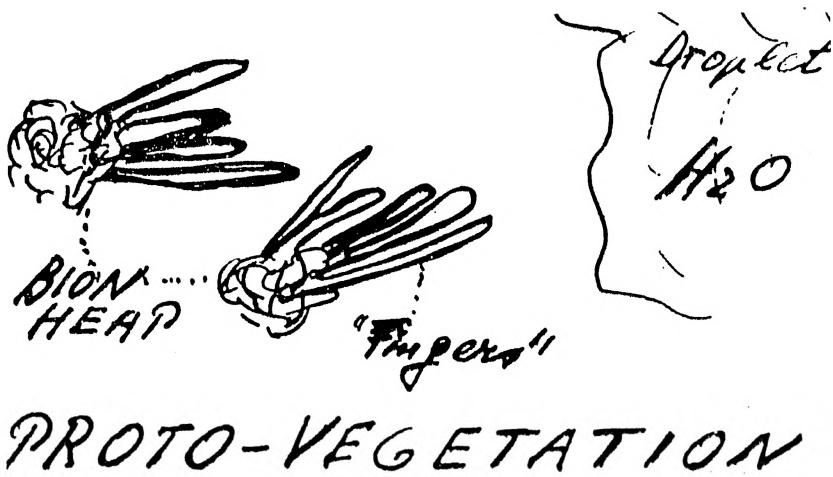


Fig. 21. Areia seca (partículas de solo endurecido) à esquerda sobre lâmina microscópica desenvolveu formações parecidas com dedos que se alongam em direção às gotas d'água à direita sobre a lâmina. Aparência verdadeira de aproximadamente 300-1000x ampliações.

Essas formações podiam ser reproduzidas à vontade. Alguns grãos de solo endurecido eram colocados sobre uma lâmina microscópica limpa. Duas gotas de água eram colocadas, uma de cada lado do montículo de areia. Observação durante uma hora ou com ampliação de 300 a 600x mostrava claramente *Protovegetação.*

As partículas do solo alongam-se para umidade ao formarem protusões parecidas com dígitos na direção das gotas. Isto solucionou o enigma do crescimento da relva da pradaria em terras ressecadas sem chuva, com apenas remoção de DOR e aumento na umidade atmosférica.

PROTOVEGETAÇÃO deve ter sido a forma original da vegetação primordial na terra. Antes que os esporos ou sementes pudessem estar aí,

alguma forma de vida que *produziu* sementes E ESPOROS DEVE TER-SE FORMADO. Possivelmente as sementes não podiam ter vindo do nada, nem podiam ter passado pelos espaços cósmicos com uma temperatura de quase congelamento. Estamos testemunhando a escritura de um capítulo inteiramente novo da biogênese deste planeta e faremos bem em parar neste ponto antes de avançar outra vez.

Compreendemos agora por que a chuva teria obliterado esta descoberta. Teria mantido a Protovegetação fora de nossa visão e, além disso, teria puxado os bions expandidos pelo experimento verdadeiro. Num caso análogo, também o homem agonizante de sede deve primeiro acostumar-se com pequenas quantidades de água. Deve adaptar-se a ela. Esta descoberta corresponde, da maneira como foi obtida, à descoberta do trajeto estrelar que era mais comprido e desviante ao mesmo tempo. É ao descobrir essas gemas do conhecimento que também encontramos nossa maior satisfação no conhecimento.

Ea e nuvens de chuva

Em 7 de novembro a umidade tinha subido na atmosfera dos usuais 15% para 65% de umidade relativa, um valor nunca ouvido em Tucson. Um locutor de rádio de Tucson que tinha noticiado a umidade deste dia anunciou também que tinha recebido instruções "para anunciar somente as umidades mínimas".

Agluns *Chollas* e *saguares* no alto do plateau para Oracle estavam escurecendo e caindo onde a relva da pradaria tinha aparecido. A rapidez da reação era surpreendente.

Estávamos puxando agora continuamente com o cloudbuster, principalmente do sudoeste. A tarefa agora era obter um fluxo contínuo de umidade da costa do Pacífico oeste ou sudoeste, através de Yuma ou do éxico, ou se possível dos dois. DOR estava pesado a oeste, constituindo uma barreira, por assim dizer, contra o fluxo livre de umidade. Pensou-se posteriormente em realizar, se possível, uma fusão do fluxo de umidade do oeste ou do sudoeste com a umidade do Atlântico. Mas sabíamos que a barreira na Grande Bacia devido ao teto de DOR devia ser quebrada primeiro. Uma cunha tinha sido colocada na deterioração de DOR.

Em 7 de novembro as primeiras nuvens espessas formaram-se sobre Little Orgonon. Logo cobriram todo o céu que tendia a chuva. O fluxo OR neste dia era de leste para oeste. Noticiou-se que nuvens estavam se formando no Oceano Pacífico. Às 13h o céu estava completamente nublado especialmente a oeste. Às 17h o céu no zênite estava seco. Às 21h as nuvens estavam se dissolvendo rapidamente, de um modo bem claro. Às 22h o céu estava sem nuvens. Não compreendíamos o que tinha causado a dissolução das nuvens de chuva. Tínhamos, sem no momento estarmos cientes disso, entrado em contato com os efeitos de Ea sobre a formação de nuvens nos desertos:

Durante toda a noite de 7 para 8 de novembro de 1954, testemunhamos um espetáculo que abriu o domínio de Ea com relação à formação de nuvens e de chuva. Nessa noite, uma bola brilhante e

comprida que luminava foi vista surgindo como uma estrela sobre a porção norte da Mt. Catalina. Movia-se bem vagarosamente para o sul ao longo do cimo da montanha. Antes de alcançar a encosta sul, virou-se para cima e permaneceu flutuando em cerca de 10-15 graus num lugar durante horas. O dia tinha estado repleto de muito DOR; lençóis de escuridão pairavam sobre a região de Tucson e Little Orgonon. Puxamos algum DOR no começo desse dia, mas ele logo retornou. As montanhas ao sul e a oeste estavam especialmente e gravemente cobertas com lençóis DOR.

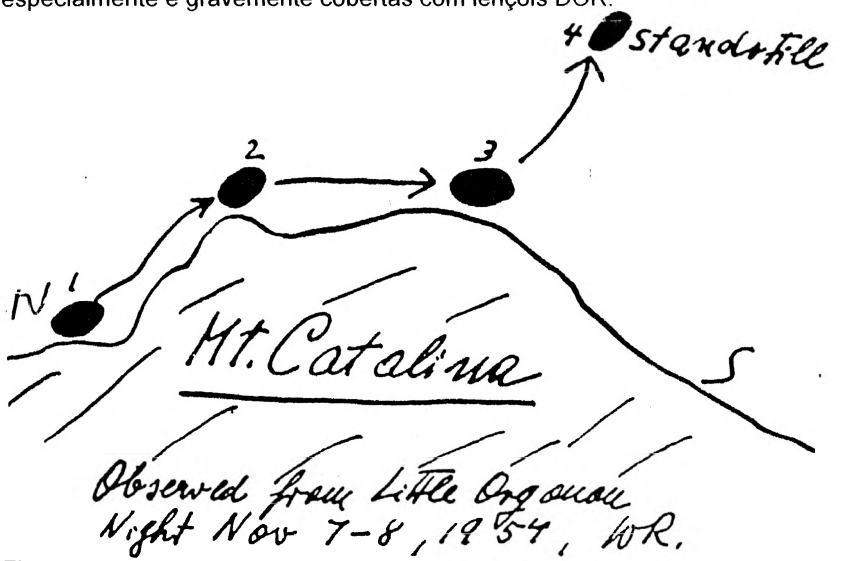


Fig. 22, Ea sobre o Mt. Catalina.

Não podia haver dúvidas sobre a ligação entre a observação durante a noite da brilhante bola que luminava e o desaparecimento das nuvens de chuva em 7 bem como as graves nuvens DOR no dia seguinte, 8 de novembro. O Ea não tinha estado aí antes, tampouco esteve nas noites seguintes. Não havia como fugir do fato de que estávamos em guerra com um poder desconhecido ao homem na terra.

Além da grave tarefa que tínhamos diante de nós, os meteorologistas em Tucson pareciam ter chegado à conclusão, falando em função da publicidade, que deveríamos ser esquecidos. Todas as notícias do serviço de meteorologia eram de certo modo deturpações de nossos fatos; a elevação na umidade não foi noticiada; os lençóis de DOR foram ignorados; as formações de nuvens não foram mencionadas ou foram afastadas com comentário evasivo; havia total falsificação do fato. Logo desistimos de escutar esses noticiários desonestos. A situação melhorou de certo modo com o passar das semanas. A umidade que vinha do oceano Pacífico foi mencionada nas notícias. As notícias tentavam no mínimo seres justas. Alguma coisa tinha mudado no Serviço Meteorológico de Tucson.

Havia, pelo menos, algum respeito pelo fato observável nas notícias. Mas a sabotagem dos nossos esforços continuou como aprendemos posteriormente.

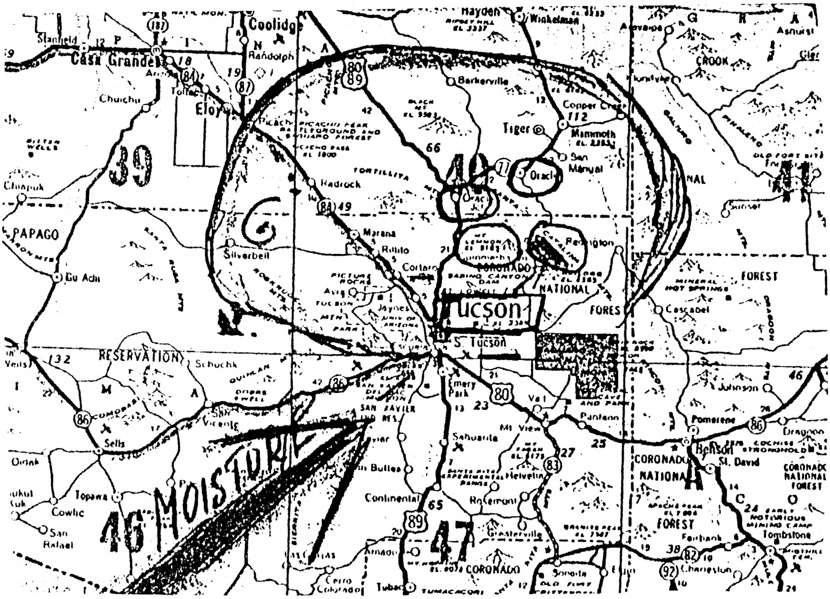


Fig. 23. A área que enverdeceu experimentalmente em Tucson.

CAPÍTULO VII

A BATALHA Ea DE TUCSON

Ea, DOR e Formação de Nuvens

As seguintes posições de trabalho teóricas foram aceitas em 10 de novembro de 1954:

1. DOR é o fator básico causador da seca e sustentador dos desertos. Há um relacionamento obscuro de DOR para a água. DOR "come as montanhas e as transforma em dunas de areias".
2. areia do Saara é solo endurecido e cristalizado misturado com Orite.
3. Ea causa forte DOR, dissolve nuvens e impede a formação de nuvens.
4. Ea pode ser enfraquecido ou mesmo extinto pelo puxamento de energia com o canhão espacial.
5. Ea tem causado os desertos do planeta, sustentados pelo deserto emocional do homem.

Os dias e noites de 6 a 9 de novembro foram preenchidos com doença DOR, dispersão das nuvens artificialmente criadas, aparecimento em momento e lugar irregulares de um a dois Ea no Leste. Não houve acúmulo de DOR após o puxamento bem-sucedido que foi realizado na noite de 8 de novembro a partir do oeste. A manhã de 9 de novembro estava sem DOR. As montanhas estavam claras, os vales brilhantes. Essas mudanças de dias com DOR para dias livres de DOR e vice-versa, que se seguiram às nossas operações de puxamento, foram muito convincentes; bem como o pesado DOR que se seguia à visão de Ea ou ao não puxamento de Ea. Deste modo, nossa posição ganhou terreno relativamente ao inter-relacionamento de Seca-DOR e Ea-DOR; aprendemos também, passo a passo, a integrar as reações humanas nocivas com as situações DOR atmosféricas. *"Você está dorizado hoje"* tornou-se uma frase padrão para descrever um comportamento confuso, atividades entrelaçadas ("travessuras") e desconforto, claramente devido a DOR.

A grande formação de nuvens de 9 de novembro foi causada pela operação de puxamento da noite anterior. Este sucesso se manifestou mais nos eventos atmosféricos de 10 de novembro. Os efeitos das operações Ea cobriram a região do México e a Califórnia do Sul, uma região afetada por seca há anos.

Às 10h da manhã de 10 de novembro, apareceu um forte vento sudoeste. Todos nós sentimos e vimos a umidade densa vindo do oceano. Um banco de nuvens pairava baixo a oeste e ao sul. Às 11h da manhã, durando até o meio-dia, o vento mudou para leste e sudeste. As cadeias de montanhas ao sul de Tucson em direção ao México foram submergidas num nevoeiro. Telefonamos para o Serviço de Meteorologia, e fomos informados de que todo o México e a costa até a Califórnia estava enevoado até 30.000

pés de altura. O puxamento do leste durante a noite certamente tinha produzido bons resultados. Continuamos a puxar do zênite a fim de manter DOR afastado tanto quanto possível, e para manter também livre a passagem de DOR para as nuvens, caso elas se formassem.

O banco de nuvens cresceu firmemente em altura e comprimento. O vento soprou fortemente do leste a 10 milhas por hora, com rajadas de até 20 milhas. O vento soprou mais forte em Tucson onde DOR estava sempre pesado. Compreendi este detalhe somente meses depois quando descobri que as rajadas de vento eram devido a OR caçando DOR à sua frente. *Dust devils* e tornados se tornaram compreensíveis como resultado de um *processo de auto-limpeza* na atmosfera, com OR puxando DOR.

Ao meio dia, *extensões das nuvens parecidas com dedos* se formaram, alongando-se bem para fora do banco de nuvens em direção norte. Os noticiários oficiais sobre o tempo registraram chuva em Los Angeles, uma polegada, em Mt. Wilson, uma polegada. As nuvens mantiveram-se pesadas em Sand Diego a Pt. Conception. Foi noticiado que todo o sul do Utah estava coberto com nuvens. Não havia previsão de chuva para o Arizona mas estava chovendo às 13h30 no Arizona Ocidental. Esperava-se aguaceiros em Tucson durante a noite seguinte. Choveu pesado sobre toda a costa oeste, com chuva mais forte nas partes sul em 11 de novembro.

No entanto, nenhuma chuva alcançou a região de Tucson nesse dia, ao contrário da previsão. Mas um pesado banco de nuvens a sudoeste, oeste e noroeste ao longo do horizonte foi precedido por um denso banco de *fog*, de várias centenas de pés de altura. A umidade foi sentida com bastante nitidez no ar. O puxamento de leste para oeste tinha acumulado um alto potencial no oeste que puxou a umidade que afluía do oceano. Esta umidade foi captada pela corrente galáctica OR e foi levada para o nordeste. Daí ter havido muita chuva e neve no nordeste dos EUA durante os meses do inverno de 1954-1955 (veja fig. 20b).

todos esses acontecimentos foram ignorados pelo Instituto de Física Atmosférica da Universidade do Arizona. Estavam ocupados com um novo projeto: contagem das gotículas que se condensavam em torno das partículas de pós por volume de ar. Tinham recebido US$ 150.000 da Academia Nacional de Ciências em Washington. Eu tinha solicitado um montante similar alguns meses antes sem qualquer sucesso. Não sei o que poderia surgir da contagem de gotículas no ar.

Continuando: supus nesse dia, erroneamente, que o puxamento de leste para oeste tinha impedido a chegada da chuva do oeste. Posteriormente, pensei que devia existir um obstáculo a oeste que impedia a umidade de afluir para a bacia de Tucson. A umidade também parecia passar sobre a região de Tucson sem formar nuvens duradouras. Ela fluía em direção norte como se fosse puxada fortemente pelas regiões desérticas de Utah. DOR sobre as partes norte da bacia desértica bem poderia exercer a influência de atração sobre a direção do fluxo de umidade. Minha escolha de Tucson como uma encruzilhada aberta para três ou quatro direções do fluxo pareceu confirmada pelos resultados do verdadeiro fluxo de umidade.

No entanto, havia dificuldades à frente, desde que não sabia nada sobre a "BARREIRA" que impedia a passagem de nuvens para o leste na cadeia de montanhas a oeste de El Centro. Tive de combatê-la em março de 1955, antes que pudesse obter chuva sobre o Saara americano.

Descobriu-se assim que DOR fazia duas coisas: *puxava umidade para si mesmo, devido a sua fome de água, e ao mesmo tempo impedia a condensação desta mesma umidade em nuvens de chuva*. Naturalmente, havia muita coisa a esclarecer neste ponto.

A bacia de Tucson, o lugar mais quente do deserto do sudoeste dos EUA, pode ter estado, durante 25.000 anos, submetida a ataques de Ea sem que o homem tivesse a menor percepção disto. Seriam os Ea que vimos no céu possivelmente as máquinas do espaço que tinham mantido a formação de desertos durante séculos, impedindo a chuva de cair ao longo do tempo? Ninguém podia responder. Mas isto cabia muito bem dentro dos limites das possibilidades razoáveis. Não podia nem devia ser ignorado.

Choveu em 12 de novembro em Los Angeles, a seca foi então interrompida por 1.3 polegadas de chuva; em Sand Diego com 0.9 polegadas, em Nevada com 0.8 polegadas, no Grand Canyon com 0.4 polegadas, e em Yuma com 0.01 polegadas. A umidade tinha se elevado em nossa base entre 4/11 e 12/11 de 5 para 10% para 55% ao meio-dia. O CPM do fundo atmosférico tinha caído de cerca de 200 para 20 durante o mesmo período.

Em 13 de novembro a umidade relativa ascendeu a 67% ao meio-dia. Nuvens de chuva estavam pesadas e espessas sobre os picos das montanhas. O verdor avançou rapidamente em todas as cadeias de montanhas em torno de nossa base. Via-se a relva amarela da pradaria que se alastrava rapidamente.

Não havia dúvida: *Crescimento vagaroso da umidade na atmosfera era muito mais preferível do que uma chuva repentina sobre o deserto. O solo devia ensopar-se de umidade da atmosfera de acordo com suas próprias necessidades*. A umidade do sol podia ser sentida diretamente ao toca-lo. A areia se tornou mais escura e brilhou com o orvalho da manhã. Foi em 13 de novembro que se tornou claro para mim porque os elevados picos das montanhas nos desertos estão cobertos com vegetação enquanto nos vales não há o menor vestígio do crescimento primário: DOR que desce pesada e baixa nos vales engoliria rapidamente toda a umidade, enquanto os picos livres de DOR reteriam água e vapor d'água. Também as nuvens poderiam despejar sua umidade em torno dos picos das montanhas em vez de ter tempo suficiente para se acumular nos vales. É bastante conhecido o fato de que as chuvas pesadas e repentinas e as enxurradas têm pouco valor até onde diz respeito à preservação do solo e às atividades agrícolas. A água não é absorvida pelo solo porque ele *não é capaz de absorvê-la. O solo precisa primeiro ajustar-se à umidade, absorvê-la gradualmente e mudar vagarosamente sua estrutura microscópica interior retomando de seixo endurecido para solo com bions*. Tais processos podem ser observados com pouco esforço se esses princípios são conhecidos e empregados no estabelecimento de contextos de observação e

experimentação adequados. Isto requer, naturalmente, que a pessoa se livre completamente das muitas suposições erradas que encontramos na literatura sobre o tema relativamente a "esporos", "ravinas devido ao efeito da erosão", etc. *A seca precede a formação das ravinas.*

Em 13 de novembro a umidade relativa às 17h era de 45% contra 5 ou 10% apenas 10 dias antes no final da tarde.

Em 14 de novembro dois Ea brilhantes, pulsantes e cintilantes estavam no céu pouco elevados, mais uma vez a leste, um a aproximadamente 15 graus de altura e outro a 25. Ao puxar, o primeiro sumir após uma cintilação inicial mais forte e permaneceu sumido. O segundo Ea oscilou a princípio por um certo tempo, em seguida também sumiu. Repentinamente, um terceiro suspeito surgiu a leste, aparecendo repentinamente como se viesse de lugar nenhum. Aparecimento e desaparecimento repentinos são as características básicas de Ea, que nós conhecemos bem. (Veja Ea aparecendo repentinamente, foto 3b).

durante toda a segunda metade de novembro, estávamos cientes dos acontecimentos sociais que se misturaram com nossas operações Ea de certo modo, os dois campos, aparentemente bastante afastados, tinham uma relação íntima entre si. As pessoas de todas as condições sociais estavam vagamente cientes das funções cósmicas que afetavam nosso planeta; havia um interesse silencioso mas eloqüente em nossas operações da parte dos fazendeiros, dos trabalhadores, do banco, do governo, e especialmente daqueles que tentaram destruir-nos.

Em 18 de novembro, o Juiz Clifford em Portland, Maine, negou a intervenção de 15 médicos contra a injunção ilegal. Todos os médicos, ao contrário do documento original, foram então isentados dos termos da ordem inconstitucional. Somente WR "ad personam" foi escolhido para vítima. O *Hig* da droga dos EUA arrastou posteriormente Dr. Silvert na lama. Dois *Higs* da droga tentaram alcançar Orgonon, mas foram afastados pelo zelador. Nossa literatura continuou a ser distribuída e o dinheiro chegava regularmente. Dr. Baker em New Jersey foi altamente útil na manutenção das coisas funcionando.

Em 22 de novembro, o Conselho das Nações Unidas aceitou a proposta "Átomos para a paz" de Eisenhower.

Em 19 de novembro, as trilhas de vapor, escritas no céu pelos jatos, se mantinham juntas, mostrando a extensão de uma região livre de DOR tanto em cima quanto fora do Mt. Catalina. Mas os Ea não estavam inativos. Em 24, detectei às 3h e observei durante uma hora, um comprido Ea pulsante e cintilante no sul. Era o mesmo Ea que aparece na foto 3^{A}, e foi fuxado em 17 e 18 de janeiro de 1955. Posteriormente, concentramos nossas operações neste Ea do sul que flutuava baixo sobre Tucson, com exclusão de todos os outros.

Em 27, o Governo dos EUA resumiu seu plano "Átomos para a paz". A URSS queria conhecer a desanaturação do material nuclear. Uma grande conferência científica estava sendo planejada para Genebra para o próximo verão.

Não podíamos nos livrar da sensação de que, de certo modo, estávamos ligados a estes "Átomos para a paz". Fomos compelidos posteriormente a ver a ligação de um modo duro. Devíamos perceber que nosso trabalho ocupava o centro de atenção em círculos sociais elevados; ele foi declarado *"secretíssimo"* ao mesmo tempo. Mais ou menos na mesma 'época, foi noticiado que Einstein dissera que teria sido muito melhor se ele tivesse sido bombeiro em vez de cientista. Ficamos imaginando se ele tinha descoberto o logro que tinha sido penetrado contra ele por um mestre estalinista em 1940. Sua vida estava agonizando; sabíamos bastante dos aspectos práticos de Oranur. Mas a memória de meu encontro com Einstein em janeiro de 1941 ficou retida com grande prazer.

Tinha chovido bastante a nossa volta, mas a chuva recusava-se a cair em Tucson. Não podíamos compreender por quê. Em 16 de novembro tinha chovido em Los Angeles, Nevada e Utah. Às três da tarde, soubemos que tinha chovido na Califórnia no deserto de Mojave. Nuvens estavam mais uma vez vindo do oeste para a bacia de Tucson, mas a chuva não caía. As chuvas desapareciam mais uma vez ou não despejavam sua água. No entanto, a umidade aumentava em todo o solo a nossa volta.

A cooperação da Força Aérea foi mostrada detalhadamente do seguinte modo: Em 18 de novembro às 4h da madrugada, eu estava observando o céu noturno do meu deque. Mais uma vez foi visto um Ea próximo da encosta norte do monte Catalina. Senti claramente estar sendo puxado. O Ea moveu-se para o leste horizontalmente, em seguida para cima. Às 8h as serras do Mt. Catalina estavam pretas com nuvens DOR e um lençol pesado de DOR cobria o horizonte norte. Às 8h57 um avião da AAF circulou a região do Mt. Catalina numa elipse alongada, de acordo com o esboço da nuvem DOR. A AAF sabia então e deixou-se saber que eles sabiam acerca da *ligação entre Ea e DOR*. Não havia mais a menor dúvida relativamente ao papel que Ea desempenhava na dissipação das nuvens de chuva. Não choveu em Tucson, embora tivesse chovido em torno, por causa da concentração de Ea observando nossa região.

Este fato requeria contra-ação séria.

Estabelecimento de um potencial OR no Mount Lemmon

Sentíamo-nos aborrecidos com a falta de chuva em nossa base. Concebeu-se a idéia de estabelecer um alto potencial OR em Mt. Lemmon. Poderíamos levar um cloudbuster montanha acima, acerca de 25 milhas a nordeste, e puxar da bacia de Tucson para a montanha. Isto possivelmente ajudaria as nuvens a despejar sua chuva.

Toda a equipe subiu o Mt. Lemmon em 18 de novembro, o mesmo dia que a intervenção dos médicos foi negada na Corte de Portland. Fizemos observações cuidadosas enquanto subíamos e descíamos a montanha. Via-se claramente DOR suspenso sobre a paisagem. Tive de distinguir o *"Bolsão DOR"* do *"Teto DOR"*. O primeiro penetrava nas ravinas profundas e estava mais pesado no fundo das profundas grutas. O último

pairava sobre a paisagem com uma margem mais ou menos nítida em direção ao espaço externo. Era bastante mais denso sobre Tucson, a ponto de esconder a cidade de nossa visão.

Não foi difícil remover o pesado "Teto de DOR". Puxamos diretamente do teto; às vezes cruzávamos o teto, cortando-o em partes, por assim dizer, afinando-o em vários locais até que ele cedeu, desaparecendo após um puxamento de cerca de 20 minutos.

Nesse momento era mais importante investigar a atmosfera do que realizar feitos tecnológicos de fazer chover. No entanto, nos sentíamos irritados quando não chovia. Aprendemos que o teto DOR tinha a aparência *preta*, visto de cima e dos lados, e tinha a aparência *branca,* visto de baixo quando passávamos através dele.

O bolsão DOR comia as rochas, transformando-as numa massa purulenta amarronzada, *brownite* de barro. Por outro lado, a erosão natural da água corrente causa superfícies arredondadas e polidas nas rochas.

Enquanto estávamos sobre Mt. Lemmon um jato fez vôos rasantes sobre nossos caros. Havia também dois aviões de pesquisa a motor acompanhando nossas operações de puxamento.

Em 21 de novembro uma imensa bola de fogo espatifou-se em Cruxton, Minnesota, de acordo com o noticiário de uma rádio KTUX de Hollywood.

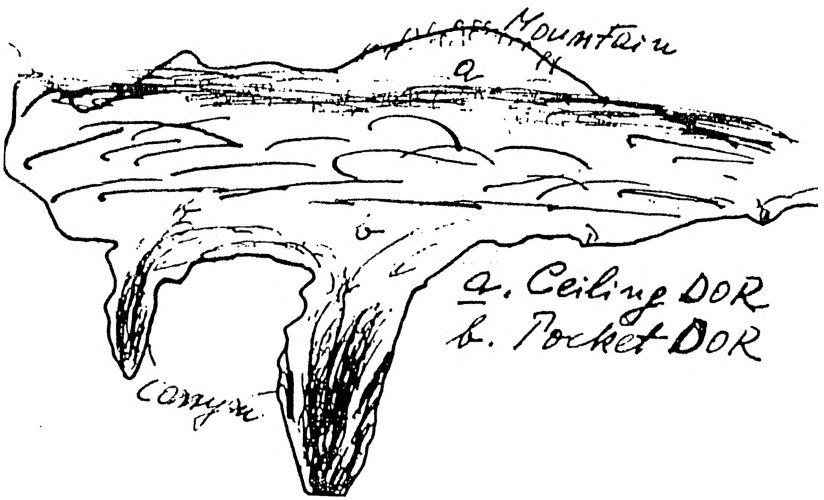


Fig. 24. Teto de bolsão de DOR

Em fevereiro de 1954, o *New Yoirk Herald Tribune* publicou um artigo de Samuel Hoptins Adams defendendo o direito do cientista natural estar errado sem ser molestado. Não tinha estado errado relativamente às características básicas da energia no organismo e na atmosfera que tinha começado a descobrir em 1935. Mais tenho sempre defendido meu privilégio de não temer cometer erros, de não cair no hábito conservador de não me mover com medo de desagradar outros cientistas. Desde o início de minhas atividades de ensino em Viena, tinha enfatizado este ponto de vista: deve-se ser um perito em descobrir os próprios erros e em corrigi-los. Sem essa regra básica de conduta, não é possível a pesquisa básica.

O incidente seguinte mostrará o ponto de vista. Imprimirá, assim espero, na mente do leitor o significado do que está verdadeiramente contido no termo "mentalidade aberta".

Em 28 de novembro de 1954, todos os participantes da expedição fizeram uma observação que permanece insolúvel até hoje. Existem igualmente duas interpretações possíveis da observação factual; a uma se aplica o ponto de vista clássico, a outra o ponto de vista novo e muito problemático que sustenta que naves espaciais estiveram visitando nosso planeta. O ponto de vista a ser examinado aqui é o seguinte:

O conhecimento clássico pode estar completamente errado, como com relação aos círculos copernicanos perfeitos, às elipses de Kepler, ao espaço vazio de Einstein, aos germes do ar dos bacteriologistas pasteurianos, à natureza atômica do Universo, etc. Ver coisas novas *a partir do nada,* esperar que o impossível seja verdade, pertence ao equipamento emocional do verdadeiro cientista pioneiro. Quem não possui essas qualidades não deveria fazer pesquisa básica. Como em outras questões básicas, ela não está destinada, obviamente, aos principiantes ou aos técnicos rotineiros.

Em 28 de novembro, antes do amanhecer, estava observando o céu ocidental com meu telescópio refrator de 3 ½ polegadas. Vênus já tinha despontado como uma foicinha no alto do céu. Ao norte de Vênus, observei uma pequena estrela. Vista com magnificação de 60x apresentava a forma e estrutura seguintes: possuía dois pontos escuros localizados simetricamente que pareciam vigias de uma nave. O objeto tinha perfeitamente a forma de charuto de uma nave espacial. Medi grosseiramente sua velocidade angular ao cronometrar sua passagem através do diâmetro das lentes de meu telescópio. Ele passou em meu campo de visão de baixo à esquerda para o alto à direita em 149 segundos. O movimento estava sincronizado com o de Vênus. A posição dela com relação a Vênus nessa manhã era a seguinte, os esboços foram feitos a partir da visão do telescópio.

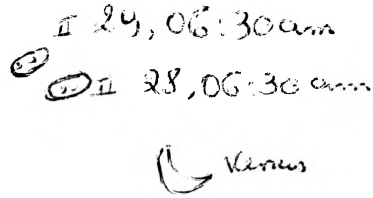


Fig. 25. Posição de UFO com relação a Vênus, 28 e 29 de novembro de 1954.

Não tinha à mão nenhum instrumento para medir o deslocamento do dia anterior, mas não havia dúvida que o objeto em forma de charuto tinha se movido na manhã seguinte, 19 de novembro, 6h30 da manhã, para um pouco além de Vênus contra a linha da eclíptica, em direção ao Polo Norte celeste. A contagem atmosférica de fundo foi naquele momento um tanto errática, entre 50 e 100 CPM.

O objeto parecia uma nave espacial em forma de charuto. Recusei-me a aceitar a idéia, mas o fato de estar afastando-se de Vênus numa direção oposta à trajetória da eclíptica fixou-se em minha mente. Foi nesse momento que tive de me lembrar de meus próprios princípios de conduta na pesquisa básica: Sustentar uma observação sem descartá-la, mas também sem aferrar-se a ela para não incorrer em erro; *manter o assunto pendente;* supor que todo o conhecimento pode estar errado ou que a teoria das naves espaciais pode estar errada. É importante manter as coisas pendentes.

Fig. 26.

Fiz alguns desenhos da coisa obscura em meu livro de notas e deixei o assunto repousando. McCullough que tinha ouvido sobre o assunto e o vira após seu retorno de uma viagem de inspeção ao norte achava que era ou podia ser Saturno; mas não estava certo, e não havia nenhum mapa astronômico à mão para descobrir. Sentíamos que seria improdutivo telefonar para a Universidade solicitando informações. A hostilidade já era óbvia, pelo menos no que se referia ao trabalho com o tempo. Aprendi também a manter meus novos problemas afastados da ciência rotineira.

A foto seguinte foi tirada numa ocasião especial em 1946. Demonstra a impotência da ciência e a necessidade de cometer erros de *bona fide*, isto é, "o direito de estar errado". Deixei a fotografia sem explicação a fim de mostrar o direito de estar errado sem ser molestado.

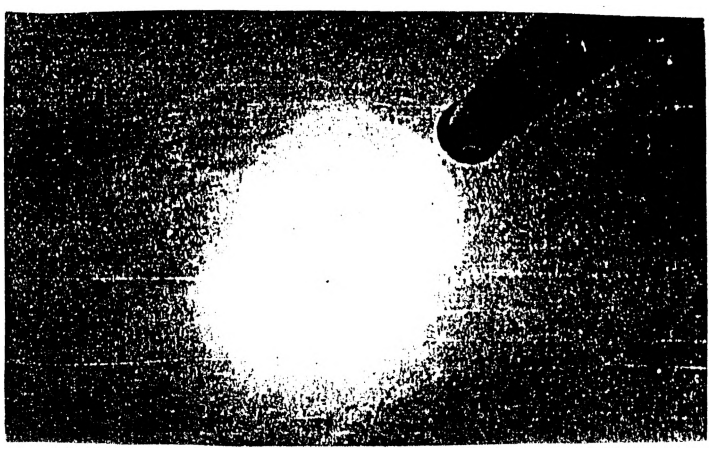


Fig. 27. O que esta fotografia retrata?

Nesta mesma noite, o céu a oeste estava coberto com pesadas nuvens de chuva na forma de um alto banco de nuvens. Em 30 de novembro, o objeto em forma de charuto não podia mais ser observado, pois o céu estava nublado. As nuvens eram empurradas para nordeste. A atmosfera estava agradável, como um ar oceânico. A umidade na atmosfera tinha subido mais uma vez para 67% de umidade relativa; o CPM estava alto, 80 a 100. A região de Oracle, a 40 milhas de distância, estava mais verde; jatos cruzavam o céu. Tínhamos transferido o cloudbuster, localizado em Yuma, para Tucson. Estávamos agora *puxando continuamente com dois cloudbuster a partir do sudoeste*. Tínhamos superado completamente o medo de puxar durante muito tempo. Não se podia realizar no deserto, em

dias de puxamento, o que sobre as terras verdes era possível alcançar com uma operação de puxamento de uma hora. As observações de Ea e da formação de nuvens estavam agora seguramente integradas. Mas retornemos mais uma vez a nossa misteriosa "nave espacial" perto de Vênus. Ela se moveu de acordo com nossas observações, entre 1° e 17 de dezembro, da seguinte maneira com relação a Vênus.

Fig. 28. Posição da forma de charuto em relação a Vênus entre 1° e 17 de dezembro de 1954.

É somente através da integração de vários eventos extraordinários que nosso problema merece atenção. O objeto girou em torno de Vênus e alcançou-o em 17 de dezembro, ficando localizado às 6h20 ao sul de Vênus. Vênus tinha se movido em direção oeste numa linha reta ao longo da eclíptica. Seria Saturno girando em torno de Vênus? Ou a nave espacial tinha decolado de Vênus, antes de 28 de novembro, para o norte se afastando primeiro do próprio planeta, em seguida, de seu campo de gravidade e, finalmente, se dirigindo para o sul?

Diante de uma hierarquia rígida, doutrinária, auto-estabelecida e pronta para matar da censura científica, parece tolice publicar esses pensamentos. Uma pessoa malévola pode fazer com eles o que quiser. No entanto, o direito de estar errado deve ser mantido. Não devemos ter medo de entrar na floresta porque existem gatos selvagens em torno das árvores. Não devemos renunciar ao nosso direito da especulação bem controlada. São certas questões contidas nessa especulação que os adminstradores do conhecimento temem: é possível, pensável, que alguns dos chamados planetas não sejam absolutamente planetas; que sejam uma coisa completamente diferente? Uma coisa nunca ouvida? Não sabemos nem podemos dizer. Mas ao entrarmos na era cósmica, deveremos certamente insistir no direito de fazes questões novas até mesmo tolas sem sermos molestados.

Em 6 de dezembro de 1954, experimentamos dois incidentes chocantes que pareciam corroborar a verdade e a conveniência das atitudes na pesquisa básica tal como mencionamos antes.

O colapso de um operador do canhão espacial

Em 6 de dezembro, entre 9h35 e 11h, um operador recebeu a ordem de *desdorizar* da região do zênite que estava muito preta. Um avião a jato soltou uma trilha de vapor em torno do zênite num amplo círculo que se dissolveu rapidamente. Em alguns lugares a trilha de vapor não se desenvolveu de maneira alguma. Isto apontava para alguma coisa séria acontecendo aí.

Por volta das 10h30, uma outra operadora, que possuía excelente senso de percepção, estava movendo a mão com os dedos esticados para o céu para cima e para baixo; enquanto fazia isto, captou um "campo" de energia; este era um fato conhecido nosso a partir de muitas experiências durante as operações de puxamento, que vinha aparentemente da região da eclíptica, de um lugar onde Vênus deve estar aproximadamente localizado nessa hora. Um contador Geiger foi trazido e corroborou a sensação subjetiva de DOR fluindo para baixo ao mostrar uma contagem de 400 CPM que subiu para 600, 700: *um Ea estava indubitavelmente nesta região no alto do céu.* Dois outros operadores receberam instruções para puxar com um segundo *cloudbuster* da mesma região. Um deles comunicou que "DOR está descendo forte" com um gosto muito amargo, muito mais forte do que o usual e *como se estivesse podre*. O GM deu 700 CPM. Aparentemente pegamos os exautores, ou algo que o valha, que podem ter ficado diretamente sobre nós. A experiência repetiu-se mais uma vez em 7 e 8 de dezembro. Em 7 o mesmo operador estava puxando de um Ea mais uma vez às 11h. ele se queixou que DOR estava descendo forte e "ácido". Sentiu uma sensação de paralisia na perna direita. (O rádio fez ao mesmo tempo um barulho estático contínuo em todas as faixas). O lado direito parecia ter ficado paralisado. A motilidade estava prejudicada. No entanto, ele se recuperou logo. O reflexo pupilar e outros reflexos motores estavam livres, bem como a sensibilidade à sensação tátil.

No entanto, no dia seguinte, 8 de dezembro de 1954, às 8h30, enquanto ele puxava DOR, a paralisia atacou-o outra vez. Foi trazido para os aposentos, doente, com o rosto púrpura, com extrema dificuldade de mover a perna direita, mancando, e com pouca motilidade no braço direito e mão. Um banho morno de imersão foi aplicado imediatamente. Chá quente e licor Southern Comfort removeram a paralisia em grande parte. Sabia, no entanto, que era sério. O operador tinha desenvolvido uma anorgonia paralítica progressiva do lado direito, sob a corrente de DOR, ainda no estado funcional, mas certamente na direção de uma paralisia estrutural possivelmente duradoura e atrofia nervosa. O aperto de mão era fraco do lado direito; o canto direito da boca estava caído e imóvel, com a perna direita imobilizada. Aconselhamos o operador a não procurar nenhum hospital neurológico, pois conhecíamos bem a prática de muitos médicos desta profissão que após décadas de laboriosa pesquisa médica ainda

estavam ignorantes e determinados a permanecer ignorantes das fases funcionais, anorgonóticas, que precede a doença neurológica madura. Seria uma irresponsabilidade entregar um trabalhador importante em nosso campo a esse charlatanismo. Foi-lhe concedida férias e ele voltou para a família, recuperou-se vagarosamente e voltou a trabalhar um tanto debilitado no final de janeiro de 1955. Estávamos felizes em tê-lo conosco mais uma vez; no entanto, ele não teve permissão de puxar DOR outra vez. Achamos também que no caso de qualquer administrador neurótico da medicina charlatanesca oficial declarasse mais uma vez "energia DOR não existe", nós certamente recomendaríamos publicamente a detenção numa clínica de observação durante um certo tempo deste tipo de animal humano. Em algum lugar, em algum tempo, dever-se-ia colocar um fim às aborrecidas atividades no campo social de indivíduos biopaticamente amedrontados, não importa em que profissão ou posição.

A seguir está o relatório do exame médico após seu retorno à base em 28 de janeiro de 1955, realizado pela Dra. Eva Reich:

Geralmente melhorou muito de condição desde o início da dificuldade neurológica em 8-12-1954.

Não apareceram sintomas novos. No entanto, desde o retorno a Tucson em 18-1-1955 não tem progredido continuamente, sente que isto é "uma parada". *Pensa que reage as operações Orur com tontura, e reverte em fraqueza em é após cerca de uma hora. Expressou medo do efeito do cloudbuster nele.* Ainda desajeitado com a mão direita, por exemplo deixa cair um cigarro caso relaxe enquanto o segura. Ainda tropeça em certas palavras, sente que a claridade mental não foi prejudicada. Descreve episódios de "ondas que se movem para cima" sobre o occipício ocorrido nas últimas seis semanas. Cansa-se quando caminha, não pode correr por causa da fraqueza na perna direita. Sabe que os olhos constituem sua principal área de dificuldades agora. O choro ainda é difícil.
PS 110/60, Pulso 80.
Cor - rosa, não pálido em contraste com antes do ataque.

Pode franzir a testa, Pupilas bastante contraídas, reagem prontamente à luz, mas estão *definitivamente encobertas.* Não tem mais nistagmo nem *dizzy spell* ao mover os olhos em todas as direções. Acomoda-se bem. Assume uma expressão parada quando move os olhos (o restante do rosto se torna parecido com uma máscara). Não foi visto nenhum resíduo de fraqueza no nervo motor facial. Ainda está um pouco *hipersensitivo à ponta do alfinete* no lado direito do rosto.

Os pulmões estão limpos com exceção de alguns ruídos mucosos no lobo superior direito. Diz que está ficando resfriado. Tem leve corrimento nasal, laringe avermelhada. Cera no ouvido direito, esquerdo mostra local de perfuração antiga. Tato levemente mais fraco na direita. *Reflexo tríceps correto, ainda hiperativo,* mas o reflexo bíceps está igual. Não tem mais o reflexo positivo de Hoffman. Tem leve dificuldade no teste dedo-para-o-nariz à esquerda. Romberg negativo. Fraqueza definida dos músculos deflexores plantares direitos, certa fraqueza na barrida da perna e coxas. Tem tornozelo definido, mas não clono patelar à direita. Reflexos profundos do

lado direito da perna estão hiperativos sobre o lado esquerdo (joelho, tornozelo).

RMC declarou que no Exército os reflexos nas pernas eram *hipoativos. Resposta de Babinski positiva no lado direito.* Hipersensibilidade à ponta do alfinete no direito. Tem propriocepção normal.
Impressão: Cura dos centros nervosos que tinham enfraquecido biológicamente durante o ataque de DOR. Nenhum sinal de anorgonia agora, os dois lados do corpo com calor e campo iguais. Seqüelas neurológicas residuais de hemiplegia, lado direito, melhorando. Antiga perfuração do tímpano direito. Algum relacionamento com a atual doença? Aconselhado a manter-se afastado de DOR, e se possível empregar alternação de banhos e acumulador.

Um operador num canhão espacial ficou paralisado por DOR enquanto puxava de um Ea. Este fato foi estabelecido sem a menor dúvida.

A chegada de ORUR em Tucson, 14 de dezembro de 1954

em 7 de dezembro ficou claro que as nuvens de seca entre as nuvens de chuva indicavam a presença de Ea. Recusava-se a chover em Tucson. Por este motivo, nesse mesmo dia tomou-se a decisão de fortalecer nossa posic''ao trazendo-se duas agulhas de Ra Orur para Tucson. Combinou-se que a Tucson Hudgin Air Service Co., faria o transporte. Dr. Michael Silvert em New York, ex-Capitão e médico da Força Aérea, foi designado para dirigir o transporte.

DOR foi pesadamente despejado sobre nós nos dias seguintes. A Força Aérea estava muito ativa em nosso território com aviões de pesquisa e jatos. Em 8 de dezembro, vimos seis aviões a jato ocupados o dia inteiro. Às 14h30 desse dia, desligamos um canhão espacial e paramos também o puxamento às 16h45 do dia seguinte. Dez de dezembro teve uma bela manhã sem DOR. Tinha chovido a noite anterior na região ao sul de Tucson durante duas horas com 0.33 polegadas de chuva Oranur final. Estava preocupado com a possibilidade da chuva inundar a protovegetação. Chuva, boa para a vegetação que já havia germinado, significava morte por inundações para Orene. *Umidade à distância era a condição necessária para a protovegetação primal.* A umidade tinha descido para 9% de umidade relativa ao dia 9, mas tinha subido outra vez para 45% no dia 10. Tinha começado a chover às 17h40 do dia 10 sobre o deserto ao sul do Arizona. Pesadas nuvens azul-cinza cobriam todo o céu.

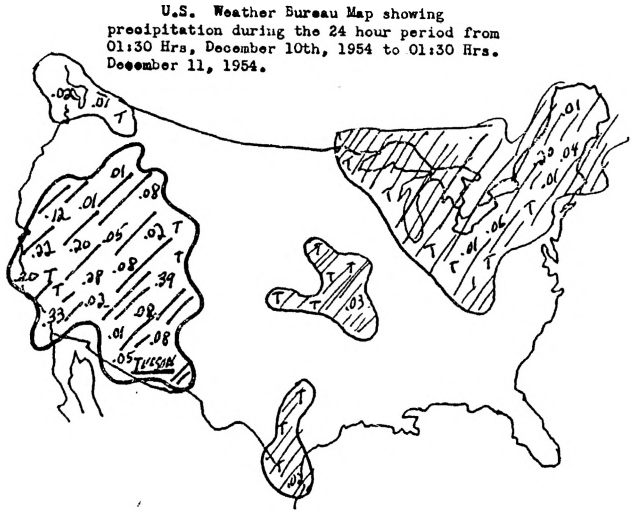


Fig. 29

Fig. 29. Mapa do Serviço de Meteorologia dos EUA mostrando preciptação durante o período de 24 horas de 1h30 de 10 de dezembro de 1954 à 1h30 de dezembro de 1954.

Ocupamos o final de semana na preparação das coisas que viriam. Em 11 de dezembro a umidade atmosférica alcançara 80% redondos de umidade relativa pela manhã. O sol brilhou maravilhosamente do dia inteiro. Todos os .EUA estavam claros neste dia. A umidade relativa tinha subido para 90% às 8h, descido para 32% às 14h. em 13 de dezembro a umidade relativa estava somente em 50% às 8h da manhã. Tínhamos reinstalado os cloudbusters para continuar a puxar a umidade em 12 de dezembro às 18h. foram desligados outra vez em 13 de dezembro às 8h para manter o céu claro para o pouco do avião que trazia o material Orur.

Um indício de que as condições atmosféricas melhoraram, após um pesado período DOR, era as nuvens se juntarem num modo auto-regulador sem a operação de cloudbuster. Quando as nuvens de dissiparam outra vez à maneira de seca, sabíamos que a situação tinha piorado, que ela se voltava mais uma vez para o desenvolvimento do deserto. Por este motivo, era lógico supor que se exercia alguma influência

na energia atmosférica quando o poder auto-regulador da formação de nuvens declinava.

Estava inclinado a supor que Ea era o contra-agente concreto, que neutralizava nossa remoção de DOR. Ea não era provavelmente capaz de permanecer numa atmosfera OR, que funcionava completamente, brilhante e livre de DOR. Só podia existir, assim supus, onde a atmosfera estava dorizada. A partir disto seguiu-se que se os Ea eram tripulados por seres vivos inteligentes, de algum modo eles não deviam ser capazes de manter as máquinas em funcionamento numa atmosfera livre de DOR. Esta idéia era apoiada pelo fato de que os Ea geralmente estavam ausentes durante as noites após um puxamento bem-sucedido, seguido pelos brilhantes dias de verão de OR azul. É natural que esta idéia pode estar errada, mas como uma possibilidade, deve ser menciona. A flutuação da umidade relativa, do equilíbrio OR-DOR, e das pesadas nuvens de chuva contra as nuvens de seca flocosas era nítida e surpreendente naqueles dias, antes da chegada de Orur. Não pude me livrar da impressão de que ele funcionava como um cabo de guerra entre duas partes em luta.

Dr. Silvert tinha sido instruído para que fizesse Tom Ross levar o material Orur de caminhão até o aeroporto em Lewiston, Maine. O caminhão tinha sido ajustado a um comprido 2 x 4 para manter o efeito Orur o mais afastado possível do assento do motorista. A Hudgin Air Service devia voar de Tucson a Lewiston e montar o material. Foi construído um container de madeira especial, um pouco parecido com uma bola de futebol, oco por dentro, com uma abertura adequada a inserção do material Orur. Estava preso a uma forte corda de naylon com 100 pés de comprimento. A outra extremidade da corda foi arranjada de tal maneira que o container podia ser arrastado no vôo à distância de 100 pés.

Um operador estava de prontidão ao lado do telefone o tempo todo durante o vôo. Essas precauções eram bem necessárias. Era a primeira vez que se fazia um reboque desse tipo de material ativo que não tolerava metal em sua vizinhança. Não sabíamos como o próprio vôo, isto é, a fricção do ar que passa, afetaria Orur. O que de fato ocorreu e foi mostrado na chegada.

Não sabíamos como a atmosfera reagiria ao transporte de Orur. Ela reagiu a Orur de uma maneira interessante mas pouco compreensível.

O que mais me preocupava era se o material Orur afetaria diretamente ou indiretamente os instrumentos de navegação, os quais foram afetados.

Dr. Silvert cometeu o erro de carregar o container de chumbo com ele na cabine. As instruções seguintes foram enviadas ao Dr. Silvert em 8 de dezembro:

Instruções para o reboque de Material (ORUR) de Maine a Tucson, Arizona, dadas em 8-12-1954

1. *Nunca levar o material transportado para o avião.*
2. Manter o material que está sendo rebocado afastado do metal; distância de pelo menos 5 pés ou mais quando possível.
3. manter as pessoas afastadas do material.
4. *Observar o pessoal* do avião durante o vôo, piloto, etc, quanto às reações biológicas (possível vermelhidão excessiva), etc.
5. No caso de acontecer algo errado, aterrizar e telefonar para o Instituto Orgone em Tucson, Arizona, tel. 3-8263.
6. colocar material em lugar seguro, afastado de metal, com sinais advertindo o perigo.
7. *No caso de perda do container de reboque*: soltar sinais luminosos de fumaça, localizar a área. Aterrizar no lugar mais próximo, informar a Polícia Estadual. Telefonar para o Instituto Orgone, Tucson, Arizona, ou para Hudgin Air Service, Tucson, Arizona, 3- 1121.
8. Manter o container em observação durante todo o vôo.
9. Manter em observação os instrumentos durante o vôo quanto à reação possível.
10. *Observar a atmosfera durante o vôo* quando o material estiver sendo rebocado do Maine ao Arizona. Não se sabe que efeito o material que está sendo transportado através do ar pode ter sobre as condições atmosféricas.
11. Pouso e decolagem: Ter o tubo de reboque de plástico estendido 4 ou 5 pés atrás do avião. Empurrar o container de reboque para longe do avião tão logo quanto possível após o pouco. Soltá-lo para longe do avião tão logo quanto possível após a decolagem.
12. *Proteção do material:* quando o aivão estiver no solo, ter o material afastado do avião, afastado de metal, protegido com avisos Perigo-Afaste-se. (Se os avisos forem de metal, mantê-los 10 pés afastados do material).
13. *Pouco em Tucson*: O piloto deve informar a Hudgin a hora da chegada: *com a maior antecedência possível.* Hudgin *informará o Instituto Orgone da hora do pouco.* O pouco será no aeroporto Gilpin, em Tucson.

O primeiro relato telefônico veio de Pittsbburg em 12 de dezembro, às 19h:

12 de dezembro de 1954. *Dr. Silvert telefonou às 19h* - do aeroporto Greater Pittsburg, Pittsburg, Pa. A engrenagem de reboque funcionando maravilhosamente, sem problemas***. Nenhuma reação biológica no piloto ou nos homens a bordo. CPM no avião em torno de 20, sobe para 50 ou 60 quando o container de reboque fica perto do avião quando pousa ou decola***. *Um azul profundo no céu parece seguir o avião em vôo com nebulosidade esparsa***, previão do tempo estão mudando rapidamente.* S. passa a noite em Pittsburg***, tempo pode não permitir a decolagem até amanhã depois do meio-dia***, agora não esperamos

chegar em Tucson até terça-feira. Gerente do campo de pouso a principio relutante e com má vontade com relação à idéia de necessidade de proteger o material. *Em seguida tornou-se extremamente cooperativo com a Polícia Estadual que se ofereceu voluntariamente para proteger o material*** Material seguro no campo de aviação com avisos, etc***.* Saberemos com bastante antecedência a hora de nossa *chegada em Tucson.*

O relato telefônico aliviou-me enormemente a preocupação quanto a um possível acidente com o avião.

Tinha dado instruções para o pouso imediato no aeroporto mais próximo se o piloto mostrasse sinais de descoloração púrpura do rosto, olhos injetados, tontura ou pressão elevada no cérebro. Tinha a intenção de examinar os pilotos mas desisti ao considerar o fato de que esta solicitação era inadequada. Algumas perguntas acalmaram minha preocupação. Os homens pareciam basicamente saudáveis. Tinha instruído pessoalmente o piloto no aeroporto antes da decolagem para seguir rigidamente as regras durante o transporte.

As providências foram tomadas de modo cuidadoso, evitando a publicidade desnecessária, perguntas desagradáveis irrespondíveis, como "O que a Comissão de Energia Atônica pensa de Orur?" Possivelmente não podíamos responder que ela não sabia nada ou ainda que seria do mesmo modo em todos os tipos dessa conversa fiada. Ou se "O Serviço de Meteorologia tinha alguma opinião sobre isto"; não tinha nenhuma, mas poderia ter sido muito desagradável contar o fato a um jornalista antes dele acontecer, o que poderia parecer quando impresso coisa de louco. O evento tece alguma publicidade somente em janeiro, algumas semanas depois do transporte completado. Minha prioridade estava assegurada.

Relatório: Transferência de ORUR para Tucson, Arizona, 12-14 de dezembro de 1954

1. 12 de dezembro, 1954 - 5h às 8h: Orgonon, Rangeley, Maine, a Lewiston, Maine. Transportado de caminhão por Tom Ross nas extremidades de dois 2 x 4são ligados por uma travessa, que se projetava na traseira do caminhão. O container de chumbo (CC) era carregado de OR duma extremidade a outra. Ross queixou-se somente de "um bloqueio na nuca" e parecia bem. CPM na cabine do caminhão após a remoção de OR e CC: 36. Não houve nenhuma oportunidade de testar antes da remoção.
2. 12 de dezembro, 1954 - 8 às 9h: Transferência de OR e CC para o avião em Lewiston - Com a aproximação de OR a 3 ou 4 pés, CPM elevou-se rapidamente a mais de 60.000. CPM de CC: 40. CPM no container de plástico duplo foram colocados no compartimento de bagagem do avião, atrás e embaixo do assento traseiro. As duas unidades OR em containers de plástico individuais envolvidas em algodão, em ovos de pau; o qual foi còlocado numa sacola de lona e fortemente amarrado (posteriormente foi também enfaixado quando o laço se soltou ao ser arrastado para trás do avião enquanto este taxiava - somente arrastou

esta vez, a partir daí foi conduzido atrás por Silvert enquanto era enrolado por Bolman, o segundo piloto). A sacola de lona foi rebocada na extremidade de uma corda de naylon de 100 + pés (teste de 1.000 lb) que saía do avião por intermédio da tubulação *mycarda* que se projetava 4 pés da ponta da cauda. A corda chegava até a cabine por intermédio de uma mangueira de borracha de jardim, amarrada num carretel manual improvisado. Durante o vôo, o reboque exercia uma forte tração e requeria considerável esforço para ser bobinado. Silvert puxava a corda, enquanto Bolman bobinava a corda solta.
Pilotos: Henry Hudgin, Frank Bolman.

3. 12 de dezembro, 1954 - 9h às 12h10: (EST)* Lewiston, Me. A Harrisburg, Pa. - OR é bobinado durante a decolagem, em seguida deixado solto tão logo o avião está no ar. De 10 a 15 minutos de intervalo, as seguintes checagens foram feitas: localização (altitude, curso, lugar se conhecido), reboque (checado por puxões), tempo, CPM, instrumentos e pessoal (Registro detalhado na tabela). CPM variou entre 16 e 26. Tempo, a princípio bastante ensolarado e "claro", tornou-se gradualmente nublado cinza azul. Quando os pilotos foram aconselhados a observar e comunicar quaisquer reações incomuns dos instrumentos ou dos indivíduos, Hudgin sorriu: "Já sou um pouquinho disso", respondeu circulando o dedo em torno da têmpora. Logo uma névoa azul apareceu por todo lado. Silvert ficou sonolento as 10h05. Às 11h Hudgin comunicou queimação nos olhos e "dores contínuas no estômago", que atribuiu à fome, pois não tinha tomado café da manhã. Altitude de 3.000 - 7.000 pés dependendo da visibilidade do solo, devido a falta de rádio (avião novo, o rádio ainda não foi instalado). Vôo por contato, sem nenhum plano de vôo. Instrumentos e pessoal não mostraram nenhum outro efeito.
4. 12 de dezembro, 1954 - 12h10 às 13h25 (EST): Parada em Harrisburg para gasolina e refeição - com OR bobinado, tanto no pouso quanto na decolagem, CPM começou a elevar-se cerca de 2/3 de polegadas, chegando a 60 com OR na extremidade da tubulação *mycarda*, acerca de 5 pés da ponta da cauda. Com desbobinagem, CPM cairia outra vez para cerca de 20. Isto repetiu-se regularmente, exceto posteriormente quando o CPM não caiu tão rapidamente ou completamente, como será observado.
5. 12 de dezembro, 1954 - 13h25 às 16h (EST): Harrisburg a Pittsburg, Pa. - Tempo fechado. Hudgin não conseguiu localizar o aeroporto Allegheny County em Pittsburg, continuou o vôo e fez um pouso de emergência no aeroporto Weirton, depois voou para Wheeling e no fog, retornou e pousou no aeroporto Greater Pittsburg. Na minha opinião, a confusão provocada por Oranur conduziu a dificuldade na localização do primeiro aeroporto, em seguida o julgamento deficiente nos vôos adicionais. Os pilotos concordaram posteriormente que isto tinha acontecido.

---

* EST = Eastern Standard Time, horário dos estados do leste dos EUA (N.T.)

6. 12 de dezembro, - 16h à 13 de dezembro - 9h55 (EST): Parada em Pittsburg por causa do tempo e pernoite. Depois de desbobinar OR após o pouso, CPM caiu para 20, mas mais vagarosamente do que antes. Nessa noite, Hudgin tinha o rosto vermelho-púrpura. Bolman estava angustiado e falador, Silvert inquieto e quente o tempo todo. As previsões do tempo indicavam que poderíamos ficar retidos até às 14h, ou se o tempo ajudasse até às 13h. No entanto, o tempo mudou completamente, de modo que partimos antes das 13h. Os funcionários do aeroporto foram a princípio bastante críticos com nosso pouso, por causa da objeção generalizada das companhias de aviação aos aviões particulares. Depois ficaram interessados nos cuidados com OR e foram muito cooperativos ao fornecerem avisos de advertência e oferecerem um guarda estadual noturno, o que julgou-se desnecessário. Havia um pouco de neve neste campo. Silvert insistiu que todos tomassem banhos demorados antes de dormir. Achei que a inesperada mudança de tempo foi um efeito Oranur na sensível atmosfera do leste.
7. 13 de dezembro - 10h05 às 12h30 (EST): Pittsburg, Pa. A Danville, ILL. - A torre de controle de Pittsburg reteve o avião por cerca de 10 minutos enquanto os aviões comerciais estavam pousando e decolando. OR ficou bobinado todo este tempo, o período mais comprido em toda a viagem. Pouco depois da decolagem, Hudgin comunicou que o compasso estava se desviando 20° e lançando-o bem fora do curso antes que ele percebesse isso. Isto cessou gradualmente e após uma hora, o compasso fornecia a leitura verdadeira. Hudgin observou também que quando Silvert inclinava-se para a frente, o compasso se desviava significativamente; quando silvert inclinava-se para trás, o compasso retornava. Uma névoa azul espessa apareceu em volta do avião e continuou o restante da viagem contanto que a luz do dia permitisse a observação. Voava a 5.000 pés, com bastante nuvens em baixo. O desvio do compasso pareceu ser um efeito induzido pela proximidade demorada de OR do avião durante o atraso na decolagem. A observação do efeito da inclinação para frente sobre o compasso sugere que o efeito Oranur sobre o compasso pode ter sido mediado pelo organismo das pessoas a bordo, pelo menos em parte, em vez de diretamente. Deste modo, a mudança nos campos dos organismos vivos afetava, por sua vez, o campo em torno do compasso. A névoa azul espessa era incomum; os pilotos disseram que ela sugeria Los Angeles, de modo que pode ser um outro efeito de Oranur.
8. 13 de dezembro - 12h30 às 13h (EST): Parada em Danville, ILL., para gasolina - Brandamente frio, sem neve.
9. 13 de dezembro - 13h às 15h20 (EST): Danville, ILL., a Kansas City - Pilotos e Silvert sentiam-se um pouco eufóricos. "Sabemos onde estamos agora". A névoa azul espessa aumentou de intensidade. Aumento da nebulosidade causou uma mudança na altitude de 6.000 para 2.000 pés, provocando alguma irritação por causa da velocidade mais baixa e do aumento da turbulência. (A velocidade do avião com

relação ao solo é maior nas altitudes mais elevadas, e os aviões voam mais suavemente acima das nuvens do que embaixo.)

10. 13 de dezembro - 13h20 às 13h55 (MST): Parada em Kansas City para gasolina. "Smog" considerável.
11. 13 de dezembro - 13h55 às 16h30 (MST): Kansas City a Gage, Okla. - Hudgin descansou no assento traseiro enquanto Silvert ficou no assento do piloto. Cruzou-se o rio Mississippi em Hannibal, e deixamos nuvens incômodas para trás quase ao mesmo tempo. ãs 15h vimos dois arco-íris à frente, cerca de 45 minutos após deixarmos o rio Mississippi e enquanto voávamos a 8.000 pés.
12. 13 de dezembro - 16h30 às 16h50: Parada em Gage, Okla., para gasolina. Frio. Alguma impaciência e irritação. Bolman queixou-se a Silvert da "teimosia" de Hudgin.
13. 13 de dezembro - 16h50 às 18h: Gage, Okla., a Amarillho, Texas - todos nós observamos que a temperatura acima do solo era consistentemente mais alta do que no solo. Hudgin disse que embora isto seja visto freqüentemente, era incomum que durasse tanto tempo. Deste modo, um outro efeito Oranur é uma temperatura mais alta em torno do avião. Voamos cerca de 6.000 pós. Pôr do sol belíssimo.
14. 13 de dezembro - 18h às 18h30: Parada em Amarillo para gasolina; poder-se-ia não encontrar gasolina em Roswell, N. M.
15. 13 de dezembro - 18h30 às 21h30 (MST): amarillo al El Paso, Texas - Voamos a 12.000 pés. Percebia o abdômen inchado, desagradável. Tínhamos comido pouco o dia inteiro. CPM agora um pouco mais alto, até 40, contra os 20 anteriores. Nuvens esparsas altas, provavelmente a 20.000 pés ou mais altas.
16. 13 de dezembro - 21h30 às 23h (MST): Parada em El Paso para gasolina e refeição. Telefonema ao OIRL em Tucson (Telegrafei em Lewiston, telefonei de Pittsburg, telegrafei em Kansas City)
17. 13 de dezembro - 23h a 14 de dezembro 1h (MST): el Paso para Tucson, Arizona. Era mais fácil enxergar os faróis de rota do que os sinais no chão durante o dia. Também a familiaridade dos pilotos com a região fez uma notável diferença na atitude deles, de modo que estavam muito mais à vontade. Silvert sentiu dores contínuas na nuca e no pulso direito, algum mal-estar e inquietação, depois sentiu-se melhor. Os pilotos sentiram-se maravilhosamente bem. Voamos a 11.000 pés. Pouca nebulosidade elevada. Instrumentos provavelmente trabalhando bem, embora os pilotos estivessem seguindo os faróis e as áreas familiares. Boa visibilidade do chão.
18. 14 de dezembro - 1h às 8h25 (MST): Aeroporto Municipal de Tucson. Encontramos Mr. Moise. Parada para pernoite. Entrega de CC a OIRL, e remoção do avião por Moise.
19. 14 de dezembro - 8h25 às 8h40 (MST): Aeroporto Municipal de Tucson ao aeroporto na extremidade norte de Tucson. Hudgin e irmão no avião com Silvert.
20. 14 de dezembro - 8h40 - Pouco na extremidade norte de Tucson. OR entregue a WR.

Sumário:

1. ERRO: Silvert levou o container de chumbo para o avião, pondo em risco a perda de OR, o pessoal e o avião pela intensa interação entre OR e o chumbo, com efeito sobre pessoas, instrumentos e sistema de ignição. Durante curtos períodos, CC e OR estiveram a uma distância de 25 pés, mas na maioria das vezes estavam separados 100 + pés.
2. Efeitos sobre os instrumentos: desvio de 20° no compasso depois de deixar Pittsburg após o atraso na decolagem. O desvio cessou gradualmente numa hora. O desvio quando Silvert se inclinava para a frente sugere que o efeito no compasso pode ter sido parcialmente mediado pelas mudanças de campo nos organismos vivos.
3. Efeitos sobre as pessoas: Alguma confusão quando da aproximação de Pittsburg - Em várias outras ocasiões, sonolência, irritação, impaciência, queimação nos olhos, dores contínuas e euforia.
4. Efeitos sobre a atmosfera: O tempo clareou em Pittsburg inesperadamente, permitindo uma partida antecipada em pelo menos 24 horas. Névoa azul espessa em torno do avião, especialmente notada fora de Pittsburg. (Será que a acentuada concentração industrial DOR desta cidade poderia ter interagido com OR e CC?) Temperatura mais elevada em torno do avião em vôo do que no solo, durando mais do que o esperado.
5. CPM: No avião com OR fora do carretel, no chão ou no ar, cerca de 20, subindo para 40 perto do final da viagem. Com OR enrolado, no chão ou no ar, CPM podia elevar-se a 60, começando a se elevar com 2/3 de OR enrolado. Aproximando OR no solo, CPM podia começar a se elevar no limite de 25 pés para mais de 60.000 no limite de 3 ou 4 pés. No final da viagem, CPM podia cair mais vagarosamente do que antes, quando OR não estava enrolado.
6. Efeitos sobre o pessoal do aeroporto e outras pessoas: Tom Ross comunicou um "bloqueio na nuca" em sua longa viagem de Orgonon a Lewiston. Havia um interesse geral com seriedade e boa vontade em cooperar com as medidas de segurança. Várias pessoas observaram: "Nunca vi um equipamento como este antes". Não havia nenhum EP aparente, embora o gerente parecesse um pouco superzeloso ao trazer 3 guardas estaduais para cuidar do local durante a noite, apensar de não termos solicitado nenhum. (Talvez ele estivesse certo e nós errados?)
7. Finalmente, os pilotos Hudgin e Bolman mostraram muita engenhosidade e interesse sério na instalação do mecanismo de reboque em Lock Havan, Pa. O reboque mostrou-se estar completamente adequado à operação, tal como originalmente concebido por WR. A experiência foi rica para todos os interessados.

Com meus respeitos,

Assinado: Michael Silvert - Instituto Orgone, Controle do Tempo Oranur
Michael Silvert, M.D., Operador (Médico), N. Y.

Trechos de notícia de jornal - 10 de janeiro de 1955:

"Os jornalistas de Tucson estão morrendo de curiosidade sobre um recente vôo feito por Al Hudgin*** instrutor de uma escola de vôo aqui. "Hudgin voou para o Maine e retornou com uma pequena quantidade de material radioativo*** tão quente que teve de ser arrastado atrás do avião num fio de cinqüenta pés de comprimento.
"Pousando no aeroporto Greater Pittsburg, o que quer que seja que Hudgin estava arrastando transtornou as operações das telas de radar da força aérea lá. Funcionários do aeroporto foram avisados a ficarem afastados cinqüenta pés do pacote radioativo.
"O recebedor do material quente em Tucson é o Dr. Wilhelm Reich*** um renomado psiquiatra vienense. Dr. Reich é o autor de vários livros famosos de psiquiatria e está atualmente conduzindo experimentos de natureza inexplicada nos Laboratórios do Instituto Orgone de Pesquisa em Mcgee Road.

Chris Cole, repórter".

Televisado em 18 de fevereiro de 1955 de 1955 pela KEAN, Tucson, Arizona:
"Algumas semanas atrás, falamo-lhes de uma porção de urânio irritado*** que veio de avião do Maine para Tucson num avião particular na extremidade de um comprido fio*** porque se acreditava que a coisa fosse muito quente para as agências usuais de transporte lidarem.
"A porção foi entregue ao Dr. Wilhelm Reich, um famoso cientista vienense que está atualmente conduzindo um experimento bem incomum num rancho ao norte de Tucson.
"Visitei Dr. Reich e descobri que ele tem planos para a nossa cidade e para o deserto que a envolve. Descobridor da força natural que denominou energia Orgone, Dr. Reich está tentando combater a seca do Arizona com seus próprios métodos. Ele tem a esperança de fazer chover.
"Formado pela Universidade de Viena, Reich é fundador dos Laboratórios de Energia Orgone em Rangeley, Maine. Durante sete anos trabalhou como primeiro assistente clínico de Sigmund Freud em Viena e é autor de vários livros de psiquiatria. De 1934 a 1939, fez conferências no Instituto Psicológico da Universidade de Oslo, Noruega.
"Declarando que acredita que todos os desertos foram feitos pelo homem durante os últimos vinte mil anos, Dr. Reich me disse que está empregando duas máquinas do tipo que se vê aqui para criar nuvens e inundar Tucson com fina umidade.
"As engenhocas se parecem com canhão antiaéreo e custaram aproximadamente oito mil dólares para serem construídas. Não consegui descobrir que parte o urânio importado desempenha na ação dos cloudbusters de Dr. Reich ***. Mas aprendi que cada uma das máquinas tem um cabo comprido que se estende até um poço profundo no rancho.

"Após satisfazer-se com a possibilidade de fazer chover aqui, Dr. Reich assegurou-me que se dirigirá para Los Angeles para ver que efeito seus cloudbusters terão sobre as condições de *smog* ao longo da costa oeste".

ORUR - Altamente excitado

O avião pousos no Aeroporto Municipal de Tucson a 1h de 14 de dezembro de 1954. O material Orur ficou aí até a manhã. Vimos finalmente o avião pousar num aeroporto auxiliar perto de nossa base com o container que o rebocava atrás. Vimos o container ser puxado antes do pouso às 9h40 de 14 de dezembro de 1954. Medimos a atividade imediatamente depois da chegada em Little Orgonon.

Atividade dentro do container
a 100 pés ..... 100.000 CPM
a 60 pés ..... 100.000 CPM
OR fora do container
no chão ..... 100.000 CPM
em 1" de chumbo ... 100.000 CPM
Somente o container
antes do uso ..... 750 CPM
depois do uso ..... 500 CPM baixando para 200 CPM
Algodão da embalagem ..... 400 CPM constante.

O material Orur tinha se acalmado em 15 de dezembro para uma atividade de
200 CPM a 5 pés (100.000 em 14)
1200 CPM a 3 pés (100.000 em 14)
2400 CPM a 1 pé (100.000 em 14)
80.0 CPM ao contato (100.000 em 14)

O *material Orur estava altamente excitado;* em Orgonon tinha produzido somente contagens baixas fora do container de chumbo. Orur acalmou-se vagarosamente durante as 24 horas seguintes. Seu campo se encolheu gradualmente de 100.000 CPM a 100 pés para 200 CPM a 5 pés às 16h. Mais perto ainda dava sem metal 100.000 CPM. Parecia que o transporte através do oceano de OR e da atmosfera acerca de 250 milhas por hora ao longo de 3.000 milhas tinha tido um efeito excitante sobre ele. Tinha perdido a reação zero. Seu campo se estendeu ao chegar em Tucson para várias centenas de pés. Comportou-se, como era de se esperar da energia da vida, como um animal excitado que se acalma pouco depois. Após nove horas, o campo de excitação tinha se encolhido de 300 para 5 pés.

Durante nossas operações alguns aviões da AAF estavam circulando no céu, provavelmente testando a contagem de fundo verticalmente na atmosfera.

Tínhamos estado tão ocupados com a reação de Orur que não tínhamos dedicado o menor pensamento à questão principal: o problema Ea. No entanto, os incríveis eventos desta mesma noite e do final da tarde

despertaram em todos nós a aguda consciência do que estávamos enfrentando em algum lugar, sobre nossas cabeças.

A batalha Ea de Tucson, 14 de dezembro de 1954 - 16h30

em 14 de dezembro por volta das 16h30, uma batalha interplanetária definida aconteceu; uma batalha que poderia parecer inacreditável bem como incompreensível a qualquer pessoa que não soubesse nada sobre os problemas Ea ou que aderisse a ilusão de que nem Ea nem a Energia Cósmica existem. A *"Batalha Ea de Tucson"* ajustava-se sem dificuldades do padrão de nossas experiências passadas dos encontros anteriores com Ea. Demonstrou de forma concentrada, por assim dizer, o que tinha acontecido antes e o que podíamos esperar, em linhas gerais, dos futuros encontros com nossos visitantes não-convidados do espaço externo.

No momento do desembarcar de Orur no aeroporto Municipal de Tucson, dois operadores presentes testemunharam o aparecimento de cerca de 30 clarões em torno da região. Esses clarões foram vistos durante as operações Ea em Orgonon. Dr. Silvert também informou ter visto muitos clarões (e aviões da AAF) ao chegar em Tucson. Este foi o prelúdio dos eventos mais sérios na tarde de 14 de dezembro.

Os dois membros da equipe retornaram de Tucson no final da tarde em péssimo estado. Um sentia-se doente e parecia atoleimado, um pouco desequilibrado. O outro parecia pálido, sentia-se extremamente nauseado e queixou-se que *"o carro tinha estado muito ruim"*. Informaram que o homem da loja de ferragens, onde tinham comprado algumas coisas, tinha a aparência pálida e agido confusamente, como se estivesse paralisado. Um operador era de opinião que estávamos lidando com um tipo especial de ataque DOR.

Às 16h30 uma imensa nuvem preta, parecendo a fumaça de um enorme incêndio, elevou-se sobre Tucson. A nuvem se espalhou posteriormente e se tornou púrpura profundo com uma espécie de brilho avermelhado. O contador Geiger registrou neste momento 100.000 CPM. A situação parecia, ao mesmo tempo, ameaçadora, bizarra e amedrontadora. Logo ficou claro que não podia ser um incêncio. Tudo indicava um ataque de Ea sobre a cidade de Tucson.

Quinze minutos depois, às 16h45, de acordo com o registro escrito, cerca de doze aviões de vários tipos da Força Aérea apareceram sobre Little Orgonon. As trilhas de vapor dos jatos não se juntavam de maneira alguma. Todos nós sentimos náusea, tremores, dor no abdômen superior e descoordenação dos movimentos.

Alarmei todos os operadores e os instrui para puxar com um canhão espacial do zênite e com o outro da nuvem sobre Tucson, a 8 milhas de distância. O primeiro devia enfraquecer qualquer Ea presente no zênite; o outro devia remover a massa púrpura perigosa, a ameaça esfumaçada sobre Tucson. A nuvens DOR sobre Tucson começou a encolher após alguns minutos de operação. Mas levou cerca de 20 minutos para que o céu ficasse outra vez claro.

Por volta das 17h18, um único avião a jato circulou sobre Little Orgonon. Quatro grandes bombardeiros B-56 a jato que se reuniram sobre Tucson voaram em direção a Little Orgonon e passaram baixo e vagarosamente em formação cerrada às 17h30. Tive a impressão de que eles saudavam nossa base. Havia na situação uma emoção de interesse, determinação e gratidão profundos.

Dr. Silvert que estava conosco no deque testemunhou a batalha total e a saudação seguinte. Meu filho, Peter, tinha ajudado com o megafone, pois minha voz não tinha ainda se recuperado da rouquidão, ao transmitir minhas ordens aos operadores com os dois canhões espaciais. Peter descobriu também um *disco prateado se movendo na região sobre a cidade, onde as nuvens púrpuras tinham se desenvolvido, em direção ao oeste.* Peter me mostrou o Ea e eu o vi imediatamente. Tinha esquecido este incidente até que encontrei uma nota no livro de registro referente a ele ao preparar o material para datilografia uma semana atrás. Até mesmo os operadores experimentados se recusavam a admitir o que tinha acontecido. No entanto, todos nós sabíamos que alguma coisa extraordinária e perigosa tinha acontecido: *teria o Ea lançado o ataque ao campo de pouso municipal na crença de que Orur ainda estivesse lá?* Ninguém pode responder.

A reação GM também se acalmou, com o CPM caindo de 100.000++ para o normal num espaço de duas horas. Todos nós tomamos bebidas fortes e tentamos ficar tão feliz quanto possível nestas circunstâncias. Emocionalmente falando, as palavras sobre a batalha com o Ea chegavam com dificuldade em nossos lábios.

Não tenho condições de dizer quantas pessoas morreram durante esta hora de ataque cardíaco e de reações similares ao repentino e gravíssimo ataque DOR como este que acabávamos de experimentar.

Os nodos de Ea

Ao concentrarmo-nos em regiões específicas, objetos específicos e enigmas específicos, evitamos confusão e alcançamos eficiência. Por exemplo. Descobriu-se que um Ea não tem *energicamente* a forma redonda: está construído com um comprido cone duplo alongado com dois pontos focais distintos. Deveremos adiar a discussão deste fato, que tem bastante relação com outras funções terrestres e celestes, por exemplo, a localização da origem dos furacões.

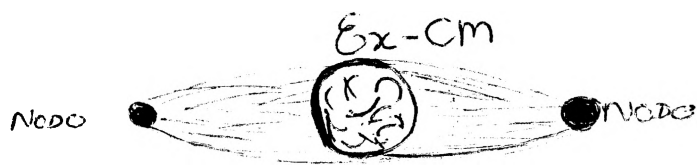


Fig. 30. Nodos Ea-CM (Máquinas Core)

Em 16 de dezembro organizei a primeira operação ORUR com o canhão espacial no deserto. Começamos com uma operação de 10 segundos; orurizamos durante 100 minutos alguns meses depois, numa ocasião especial, em 15 de fevereiro.

A colheita de novo conhecimento foi rica, superabundante, emocionalmente e prenhe de futuro. A ligação entre a seca e as atividades de Ea se tornou precisa.

As primeiras vitórias no combate aos desertos e a seus fazedores, os Ea, tinha sido ganha. Os desertos se mostraram capazes de enverdecerem sem chuva. *A vegetação secundária como os impulsos secundários na couraça estava morrendo com o retorno da vida primordial. O Átomo assassino tinha sido convertido para um emprego pacífico.*

Durante os primeiros dias de operações ORUR no deserto completamente desenvolvido, experimentamos com grande satisfação a visão da cintilante energia OR cinza azulada, avivando a atmosfera anteriormente deteriorada, preta e nauseante. Estava aberto à nossa frente o caminho para avançarmos em explorações ainda mais ricas no combate ao antiquíssimo inimigo da humanidade. A estrada à nossa frente parecia cheia de obstáculos, era verdade, mas o saldo a nosso favor parecia seguro ao lidarmos com o problema do espaço entre o fantasma esquizofrênico, que confundia sua voz ao falar com os homens do espaço, de um lado, e o homenzinho amedrontado em qualquer campo da vida profissional que centraliza seu universo em torno de sua constipação crônica e de sua falta de potência animal masculina ou feminina. Os dois tipos pertencem ao passado. O futuro parecia abrigar um novo tipo de homem e de mulher: o tipo para o qual a onipresença e a atividade de uma Energia Cósmica, uma Energia da Vida, não era de maneira alguma problema e nunca tinha sido; que conhecia o tremor num abraço pleno de prazer. O homem, a mulher e a criança que sempre a conheceram e que às vezes se surpreenderam por que nunca tinham ouvido falar dela nas conferências públicas, nos filmes, nas reuniões sociais, no rádio e na televisão, exposto por professores acadêmicos. Mas todos conheciam bem esta energia sempre presente, que penetra tudo, que era a própria vida brilhando nos olhos das criancinhas, irradiando-se dos corpos das negras de fala macia e boas do sul dos EUA, como fazia em qualquer aldeia esquecida na terra onde o assassino estalinista não tinha ainda penetrado com seu diabólico CCC, conluiando, confundindo, conspirando para matar a vida. O retorno à Vida plena das nauseantes nuvens DOR lembrou-me uma das realidades nos sonhos do homem sobre um retorno da morte que na verdade significa para ele somente o livrar-se da MORTE das emoções. Quão sinceramente ele tentou remover DOR de seu corpo ao banhar-se nas águas dos rios da terra dos Ganges ao Mississippi! Até mesmo a água das profundezas da crosta da terra parecia emergia para a luz do dia outra vez: os leitos dos rios na região de Tucson escureceram e umideceram, como se a umidade das profundezas estivesse tentando encontrar-se com a umidade da atmosfera no deserto que revivia; como se um abraço fraterno após milênios de

separação estivesse unido na visão. Parecia que Deus tinha descido à Terra outra vez.

As chuvas ORANUR em janeiro

No final de dezembro de 1954, um Ea atraiu minha atenção por seus movimentos peculiares. Em 23 de dezembro de 1954, ele se moveu do seguinte modo:

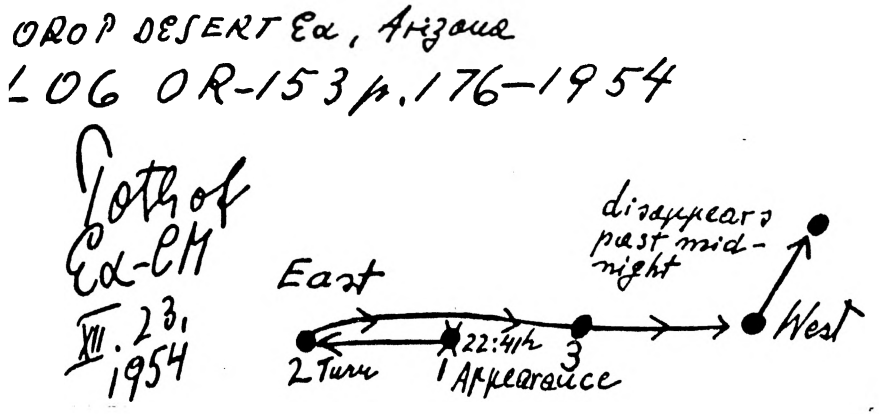


Fig. 31. Trajetória Ea-CM

O Ea continuou a aparecer irregularmente em vários lugares e em momentos diferentes da norte. Ficamos gradualmente acostumados à presença dele, bem como a se aparecimento, desaparecimento ou ausência repentinos. Tínhamos também aprendido a reagir espontaneamente à presença dele com nossas reações orgânicas que agora conhecíamos melhor. No entanto, nossas operações com o canhão espacial se tornaram mais elaboradas à medida que procurávamos nosso caminho no território desconhecido. Foram desenvolvidos vários modos de empregar Orur. Um deles consistia manter Orur fixo no container de chumbo perto dos tubos de puxar. Um outro consistia em sacudir Orur para lá e para cá ou diante dos canos de metal. A duração da Ororização variou grandemente de acordo com a gravidade da emergência DOR, nas notícias sobre o tempo que ouvíamos relativamente aos desenvolvimentos locais e nacionais, etc. Logo aprendemos que a atmosfera do deserto tolerava operações bem demoradas, de até uma hora e meia, sem maiores contratempos.

As pessoas em Tucson e na vizinhança de Oracle ficaram cientes das mudanças que tinham ocorrido no deserto. Eram muito mais atentas às mudanças, naturalmente, do que as pessoas no leste tinham sido porque as mudanças eram muito mais surpreendentes. Em 20 de dezembro nossas operações foram televisionadas.: fiz um breve resumo de suas funções. O filme ficou escurecido. Pode ter sido por causa da presença de Orur na vizinhança. Há também a possibilidade de desonestidade. Dez dias depois, em 30 de dezembro, um agente da droga apareceu em Little Orgonon acompanhado pelo chefe de política que veio "como um amigo, não a serviço, apenas como um observador". Perguntou-se ao agente da droga se tinha vindo em missão oficial. Respondeu que não, mas queria, contudo, em suas próprias palavras, *"inspecionar tudo"*. Ele foi bastante impertinente a ponto de esperar que eu mostrasse meu diário íntimo, meus poemas, minhas cartas de amor, meu livro de registro do microscópio, meus documentos pessoais, completamente à moda de Béria. Naturalmente que ele não foi admitido em nossa casa e teve de partir. É extremamente difícil sujeitar-se a situações que surgem da maldade subterrânea; a visita tinha, no entanto, certa ligação com rumores que corriam relativamente ao nosso trabalho.

O filme sobre nossa base despertou interesse. Se o escurecimento do filme foi devido a alguma interferência ilegal, não podemos dizer - mas estava totalmente dentro do domínio do possível A Corte de Apelação de Boston tinha também negado a solicitação dos médicos para intervir com injunções ilegais. Não havia dúvida de que os inimigos de nosso trabalho estavam ocupados nos bastidores para descobriu o que estávamos fazendo em Tucson. Tanto a indústria química americana como os políticos russos estavam bastante interessados. Vivia e trabalhava numa casa de vidro, por assim dizer.

Janeiro de 1955 foi o mês que choveu repetida e abundantemente no sudoeste dos EUA, devido a nossas operações. O transporte do material Orur de 14 de dezembro foi noticiado no noticiário da televisão em 10 de janeiro. Uma reunião com fazendeiros locais, representantes dos negócios e funcionários dos bancos foi marcada para 28 de janeiro para discutir o problema de como continuar o trabalho sobre o deserto após nossa partida que estava planejada para o final de abril.

A chuva Oranur de 3, 6 e 7 de janeiro foi abundante e continuou mansamente durante toda a noite. Havia profundas poças d'água nas ruas. O chão estava bem encharcado. Havia neve no Mt. Catalina. Houve dilúvio em Mexicali. Duas mil famílias que viviam nos leitos dos rios sempre secos tiveram então de ser evacuadas.

A situação DOR tornou-se mais uma vez muito ruim em 12 de janeiro. Havia um lençol DOR preto e pesado no horizonte norte. Três aviões a jato voavam além, às 11h de norte para sul com trilhas de vapor visíveis. Repentinamente as trilhas de vapor desapareceram. Sem a menor dúvida, parecia haver dificuldades nessa região. Orurizamos em direção àquela região às 11h15 durante cinco minutos, alternando com puxamento do zênite que estava pesado com DOR. Às 11h20 os três jatos voaram

baixo sobre nosso canhão espacial como se estivessem de acordo. Às 17h15 o zênite estava preto outra vez. Não havia dúvida que estava acontecendo uma nova luta com os Ea.

Pela primeira vez um canhão espacial foi instalado para puxar continuamente da região onde sabíamos que Ea geralmente aparecia durante a noite; a finalidade era enfraquecer *antecipadamente* o potencial *naquela região.* Foi um dia ruim. O horizonte estava preto com DOR que nos envolvia. Somente o céu sobre Little Orgonon parecia estar claro. DOR no horizonte não se movia. Em 13 de janeiro, antes da aurora, apareceu no céu ocidental um Ea, grande, amarelo, cintilante, na região para qual o canhão espacial tinha estado apontado durante toda a noite.

Treze de janeiro, ao contrário de 12, foi um dia claro com umidade relativa alta, 70% em nossa base, e de acordo com notícias do rádio 80% no aeroporto. As trilhas de vapor se mantiveram maravilhosamente nesse dia. O sol brilhou esplendidamente, não como o sol do deserto, através de uma maravilhosa bruma cinza azul. Às 13h30 o céu começou a ficar totalmente nublado sem nenhuma chuva em perspectiva. Às 20h começou a chover mansamente; a chuva continuou durante toda a noite até 14 de janeiro. A umidade na atmosfera tinha subido para 90% na base, e para 96% no aeroporto. Um dos quatro médicos de Nova York que estiveram nos visitando não pode seguir viagem de avião por causa da chuva forte. Nenhum avião pousou nessa manhã. Foi noticiado que um evento como esse não acontecia há muitos anos. O pessoal de vôo estava atônito.

A chuva do Arizona continuou para o Texas e Novo México com aguaceiros abundantes. *Fog* cobriu o vale de Phoenix. Uma tempestade gigantesca se desenvolveu no Atlântico de Porto rico ao Labrador, como uma ventania sobre uma extensão de 1.600 milhas.

Clareei o céu sobre Tucson ao meio-dia. Nesse dia, as nuvens estavam em torno da bacia de Tucson. Os aviões que estavam retidos puderam decolar do aeroporto de Tucson.

Os dois canhões espaciais permaneceram centralizados desde às 18h sobre o Ea do sul que geralmente aparecia por volta das 21h. (foi em 17 e 18 de janeiro que foram tiradas as duas fotografias do Ea do sul).

O *survey* seguinte transmite a impressão das visões e operações de 21 de dezembro de 1954 a 28 de janeiro de 1955. A concentração de nossa atenção num único Ea produziu seus frutos:

"O Ea-CM do sul" sobre Tucson, Arizona*

Noite Data	Presença com. Fim (horas)	descrição	Localização, Movimento	Cloudbuster puxando de CM	Resultado, observações
21/12/54	23h ?	Vemelhor-Branco-Azul Pulsação +++	E-W 10° 15° W de S	-	-
22/12/54	+ +	"	"	-	-
23/12/54	+ +	Amarelo Pulsação +++	10° E de S	25 min 2h05 2h30 1 CID	mais fraco, 2h30 s/pulsação s/luz verm.
24/12/54	22h41 2h30	Verm-azul-branco	E-W	+ Orur	mais fraco, após puxamento, desaparecimento, não completo. Sem puls. Amarelado.
25/12/54	23h 23h05 23h25 2h30	Verm.-azul-branco Pulsação +	E-W e acima	+ 2 CIB 23h25 - 24h05	Clarão azul comprido Sul 23h12 mais fraco.
26/12/54	22h45 23h25 24h 2h30	verm. Azul-amarelo Pulsação +	E-W e acima	+ Orur 8 min. 23h25-23h31	Mais fraco, pisca, agitado mas fica no céu. OROP 50%
27/21/54	22h30 2h30	verde-amarelo constante	15° E de S E-W	+ Orur	CM se move p/cima para E durante puxamento. Mais fraco, ainda aí a 1h.
28/12/54	22h20 22h30	Amarelo-Verde Pulsação ++	Aparece a 3° 15° E de S	+ Orur 9 min. 22h56-23h57	Oscila, some
29/12/54	22h12 23h45 visto com binóculos 23h50 2h	Amarelo-Azul, pouco vermelho. Pulsação +	E-W, acima	+ 2 CIB 20 min. 22h56-23h05	Muito menor, mas fraco, s/pulsação, não vermelho

* CM - CORE Machine (Máquina CORE). Estas notas, em linhas gerais, são às vezes imprecisas. Os esclarecimentos serão obtidos, se possível, a partir das notas originais numa data posterior.

30/12/54	19h05 ? 21h58	Amarelo Pulsação ++	"	+ 1 CIB	fica mais fraco, não pulsa, pisca mais.
31/12/54	Nublado	-	-	-	-
01/01/54	21h55 22h40 22h50 2h ?	Amarelo, pisca, desaparece	"	+ CIB 27 min. 22h10-22h37	Pisca dirante puxamento, ao retornar parece "refrescado", pulsando Verm.Branco.Amarelo, outra vez
02/01/54	Nublado, chuva	-	-	-	-
03/01/54	Nublado, chuva	-	-	-	-
04/01/54	Claro WR 18h? a SE? 22h 2h	amarelo Pulsação +	-	-	-
05/01/54	21h45 2h	Amarelo, verm. Ocasional Pulsação ++	Aparece a 3°, R de S Move-se E-W	+ 30 min. 22h-22h30	Clarões menos vermelhos fraco após puxar; 22h brilhante clarão ao S, core verm.Amarelo azul vivo. Obs. "Ponto F" a Oeste de CM 10°
06/01/54	21h40 Antes 2h	amarelo, verm. Ocasional Pulsação ++	3° E de S Move-se E-W, acima	1 CIB 21h50-22h20 30 min. Orur+ 6 min. 22h27	Mais fraco se puxamos dos pontos nadais 10° a E e W desaparece quando este ponto é tocado.
07/01/54	Chuva	-	-	-	-
08/01/54	22h antes 2h Nuvens claro	Vermelho-Amarelo Pulsação ++	Igual	1 CIB 0h20-0h25	Puxou-nos fortemente à meia-noite. Para parar isto, puxamos dele: muito amargo. Mais fraco depois

09/01/54	21h30 1h30	Amarelo Pulsação ++		+ Orur 4 min. 21h50	Faísca mais fraco, não se sentiu pontos amargos claramente
10/01/55	21h25 1h30	Amarelo Pulsação ++	E aW	CIB para S toda a noite	(Forte DOR em AM)
11/01/54	21h30 1h + fora 4 vezes			+ 1 CIB 1h 21h25 23h15	Extinguiu-se 4 vezes ao puxar fogo cruzado nos pontos nodais.
12/01/54	Não Apareceu céu claro às 21h. Céu nublado, chuva começou às 21h30				
13/01/54	Chuva	-	-	-	-
14/01/54	Nublado	--	-	-	-
15/01/54	Nublado meia-noite 1h	-	-	-	-
16/01/54	chuva	-	-	-	-
17/01/54	21h 1h	Amarelo-Verm. Azul Clarão	-	-	-
18/01/54	21h 21h15 21h30 0h30+	Vermelho ocasional		30 min. 2 CIB Antecipadam ente "cruzado"	Eficaz, fraqueza, CM antes de aparecer. Fraco esgotou-se repentinamente
19/01/54 Nublado, chuva 21h	-	-	-	-	-
20/01/54	20h55 1h	Esbranqui-çado		45 mim 1 CIB	Mais fraco, parece mais distante

Compilado pela Dra. Eva Reich, 21/01/55

CAPÍTULO VIII

ROMPENDO A BARREIRA

A Busca da auto-regulação atmosférica e os obstáculos no caminho

Com a batalha Ea de Tucson, o primeiro capítulo da história orgonômica chegou ao fim. Com o emprego sistemático de Orur nas seguintes operações contra DOR, Deserto, Seca e Ea, começa o capítulo seguinte. Mas antes de continuarmos com o relatório dos quatro meses restantes da expedição, alguns fatos esparsos devem ser relatados. Alguns pontos gerais que resumem os dois primeiros meses devem também ser enunciados.

Mencionei um pouco atrás que nunca tinha sido o objetivo da expedição *"fazer chover nos desertos"*. O verdadeiro objetivo tinha sido o estudo cuidadoso das condições responsáveis pela seca, deserto e fome do Vivo: em resumo, os *"Obstáculos no caminho"*. *Não* era ainda finalidade da expedição fazer chover, mesmo depois de termos interrompido a seca no Arizona com cinco anos de duração e termos alcançado nossa primeira chuva fina do tipo Oranur em 9 de dezembro e nos dias seguintes. O objetivo era *encontrar a fronteira onde nossos esforços para uma nova tecnologia atmosférica podiam terminar e serem substituídos pelas leis auto-reguladoras, auto-sustentadas, que governam o comportamento da formação de nuvens, dos ciclos de chuvas, do metabolismo da energia cósmica na atmosfera,* etc., tal como acontece no organismo vivo. O leitor ficou ciente agora do fato de que minha diretriz-mestra em todos os procedimentos na natureza não-viva foi o que aprendi do comportamento das emoções básicas e da energia OR no organismo vivo. Este princípio ainda se mantém hoje e será válido para o tempo que se aproxima. Aventurar-me-ia mesmo a sugerir a manutenção deste princípio no estudo da energia cósmica para todo o tempo futuro. Não há melhor diretriz do que soar em uníssono com os processos internos e externos da natureza. Mas, sem essa harmonia, pode-se esperar que pouco será alcançado no domínio do funcionamento cósmico. E é exatamente este princípio, juntamente com a regra antes mencionada de ajudar a natureza a cuidar-se de si mesma, que distingue o funcionalismo das abordagens mecanicistas místicas à natureza. Descobrir a verdadeira fronteira entre a medida artificial e a auto-regulação é a essência da arte de orientar.

É também o sinal que separa os domínios do ditador dos do orientador social. O primeiro diz *o que* a pessoa fazer, *para onde* ir, *como* chegar lá e, nas suas formas extremas, atira na pessoa ou queima-a e a seus livros caso ela não obedeça as suas ordens. No outro caso, deixa-se que a pessoa escolha sua própria meta e o próprio caminho para a meta, que muito provavelmente, na média, será a meta da sociedade como um todo. Ele diz: "Se você me procurou solicitando conselho sobre *como* lidar com *sua própria capacidade*, tomarei sua mão e vou guiá-lo. Desaparecerei tão logo minha tarefa esteja terminada".

Esta regra básica de toda auto-regulação verdadeira, a manutenção do equilíbrio adequado entre orientação e livre ação, está em nítido desacordo com o manuseio forçado da natureza, como o fornecimento crônico de drogas ao organismo, de um lado, e com deixar a pessoa que precisa de orientação fazer o que ela quer, de outro lado. O deserto não pode ser lidado com operações contínuas; não pode ser deixado entregue a si mesmo nem ser remendado por esforços de irrigação tendiosos, caros e frustrantes, por intermédio de regos e represas infinitas; se não por outra razão, pelo menos por esta: um deserto agonizante matará mais cedo ou mais tarde as fontes profundas de águas e destruirá os dutos artificiais.

Há pouca utilidade no remendo conforme os costumes antigos. A descoberta da Energia da Vida tem revelado a maneira pela qual a natureza funciona, a saber, funcionalmente, de um modo auto-regulador, num metabolismo constante entre a tendência a decair e a superabundância. O problema da auto-regulação natural constituirá um capítulo especial em nosso relato sobre ORENE, a ser publicado num diferente contexto.

Neste ponto, é muito importante supor que o deserto, uma vez revivido na relva da pradaria que cresce, no declínio da vegetação secundária, no retorno do estrume natural pela pastagem de gado, carneiros, cavalos, etc..., no retorno do ciclo natural de sol e da fina chuva ensopadora, diria por si mesmo onde poderia ser encontrada a fronteira entre o controle artificial e o auto-regulador. Neste processo, muito do que já estava determinado, muitos *"obstáculos no caminho"* da auto-regulação ainda profundamente escondido seriam detectados e, se possível, removidos; isto aumentaria o poder da ação auto-sustentada e diminuiria a necessidade de interferência tecnológica.

Podemos imaginar este equilíbrio entre liberdade e orientação também válido para as forças sociais da natureza humana. Neste ponto a meta da *democracia do trabalho* deve reduzir continuamente a necessidade de interferência governamental ou administrativa e aumentar constantemente o poder de autodireção dos grupos sociais pela constante *remoção dos obstáculos no caminho da completa auto-regulação.* Caso os nossos sentidos não estivessem tão embotados como na verdade estão pelas forças do logro maldoso, da mentira organizada e das regras de suspeita e assassinato dos *higs* estalinistas-hitleristas, teríamos conseguido encontrar nosso cominho através do labirinto da confusão milenar dos negócios humanos truncados. Assegurar a paz e a liberdade e os meios para alcançar os "Obstáculos no caminho" é, então, a tarefa básica de toda pesquisa e organização social, seja no combate à pobreza, ao deserto ou à superação da gravidade.

Foi emocionante durante os meses seguintes buscar a fronteira escondida entre a orientação necessária e a auto-regulação. Aproximei-me da tarefa vagarosamente, cuidadosamente, com aguçado senso de observação. Por exemplo, podia deixar o cloudbuster puxar umidade do oceano Pacífico até que sentisse que a atmosfera estava suficientemente saturada. Então desligaria o cloudbuster por um dia ou dois para ver o que

aconteceria. No começo, de aproximadamente a metade de dezembro ao início de janeiro, a atmosfera DOR podia retornar somente após algumas horas da interrupção das operações de puxamento. Em seguida, poderíamos prolongar o puxamento até que a atmosfera ficasse outra vez úmida. Poderíamos então repetir este procedimento.

As direções do puxamento desempenharam algum papel na descoberta da fronteira. Os puxamentos do sudoeste e do oeste eram mais eficazes do que os do norte (da bacia do deserto) ou do oeste. O puxamento do noroeste mostrou-se posteriormente estar correlacionado com o puxamento do estes. Os puxamentos do zênite eram sempre de natureza crucial. Mas a região a oeste parecia oferecer os maiores enigmas. Produziu o melhor desenvolvimento do fluxo de umidade e dos bancos de nuvens. No entanto, instantes depois, deteriorava-se, ficava difícil de ser mobilizada; *alguma coisa estava errado a oeste.* Não conhecia a natureza do obstáculo a oeste, nem mesmo sua distância nem localização. Mas, com o passar das semanas, ganhou força a impressão de que existia um obstáculo a oeste. Constatou-se posteriormente que este obstáculo era a "Barreira" das montanhas Sierra a oeste de El Centro. É importante aqui *não o que* existia, mas *como* foi detectado. Este assunto será tema de um capítulo especial.

"Como" alcançar o obstáculo a auto-regulação natural é sempre mais importante do que tentar introduzir o controle auto-regulador num sistema não auto-regulador, seja ele social, individual ou natural. Dos princípios de pesquisa básica semelhantes a estes, uns, em vigor na mecânica tecnológica de hoje têm qualquer alusão ou conhecimento prático. Ninguém deveria se preocupar e deveria mesmo reconhecer a necessidade, sob as determinadas circunstâncias, de certa quantidade de regulação mecânica dos negócios se as mentes embotadas não assumissem a posição arrogante de julgar ou mesmo de tentar obstruir de modo mais nocivo, o que não compreendem.

Tornou-se evidente no curso das exploração que Orur era indispensável à descoberta de obstáculos. Ele agia como um imenso instrumento sensibilíssimo. Sem Orur a Barreira a oeste nunca teria sido realmente encontrada nem mesmo rompida. Além disso, não teria sido possível pesquisa Ea mais detalhada e exatamente. Ademais, duvido se jamais teria alcançado o ponto em meu trabalho no qual podia dizer a mim mesmo: aqui, exatamente neste ponto, está localizada a divisão que separa o organismo doente que necessita de constante ajuda do organismo saudável que pode atingir sua capacidade, mesmo se claudicando de vem em quando.

A este método de abordagem devo também a compreensão final da "tempestade de poeira".

O mapa seguinte retrata aproximadamente o território submetido ao teste da auto-regulação:

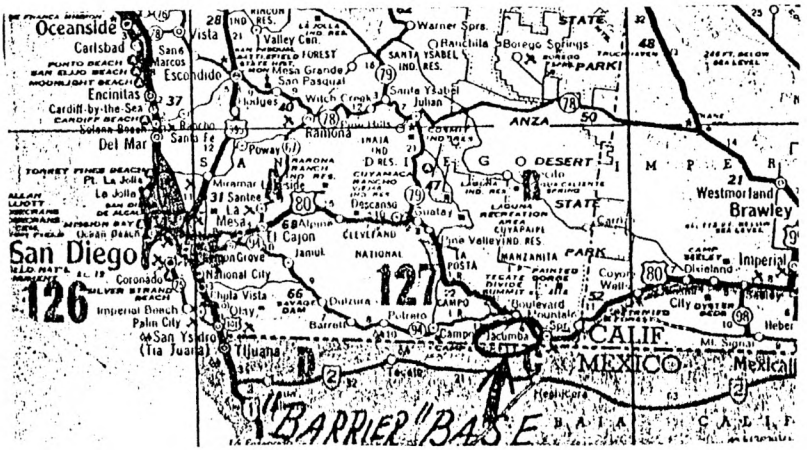


Fig. 32. A base de operações em Jacumba, Califórnia, oeste da "Barreira".

Busca experimental da Barreira Ea

Durante a luta de 12 de janeiro, Ea parecer ter assediado o Vale de Tucson; concebi a idéia de que isto podia ser uma medida de rotina da parte dos homens do espaço para atacar uma certa região. Sabia que existia uma nítida fronteira entre as verdes serras nas encostas a oeste da Sierra e as encostas desérticas, áridas, a leste. Era possível que a *"Barreira"* estivesse aí, separando a terra verde da árida? Decidi descobrir isto praticamente. Dois operadores foram para a costa oeste a 400 milhas de distância, para descobrir se tal barreira existia. *Existia.* Comunicaram da divisão da Sierra que as nuvens que vinham da *Costa Oeste não passavam, mas se dissipavam sobre a barreira nas serras que separavam.*

Alto COM indica "febre atmosférica"

gostaria de introduzir neste ponto o termo "febre atmosférica". O termo "febre" ou "temperatura alta" tem sido aplicado até aqui somente aos organismos animais vivos. Indica que uma grave reação foi expressa numa elevação da temperatura do corpo a certos tipos de irritação. Na medicina clássica fala-se em febre "funcional" quando parece não haver causa aparente para a elevação da temperatura. "Funcional" em nossa terminologia indica um distúrbio não material, não bacteriano, no equilíbrio de energia, o qual é desconhecido e arbitrariamente contornado pela ciência orientada somente para a química atômica.

Como as funções básicas da energia nos organismos são as mesmas que na atmosfera, é legítimo aplicar as conclusões de um campo ao outro.

A excitação de energia OR está representada, segundo a visão orgonômica por uma mudança de *foggy* para uma outra forma *flagrante* de existência. (Veja fig. 7d) Com esta mudança surge a força motora da

natureza mecânica. Em determinadas circunstâncias, ainda enormemente desconhecidas, essa mudança pode ser expressa em função de alta temperatura. Sob diferentes circunstâncias, não há elevação na temperatura, desenvolvendo-se apenas uma força motora. O calor variante é uma alternativa ao motor variante. Podemos supor que a mesma mudança de energia que sob um conjunto de circunstâncias causa movimento mecânico, sob um outro conjunto de circunstâncias causa elevação da temperatura. Como estamos livres para descartar esta suposição toda vez que acharmos inadequada, podemos especular mais: *Se a energia OR na sua forma flagrante excitada, não encontra objeção ao se mover mecanicamente, causará a temperatura elevada dos gases ou substâncias sólidas por atrito interno.* Por mais tosco que este pensamento seja, ele merece consideração.

Os cliques no contador Geiger constituem, sem a menor dúvida, a expressão de pontos singulares de energia OR carregando um vácuo, uma grelha de um tubo eletrônico ou que se movem na membrana de um amplificador sonoro mecânico.

Estamos lidando nesses raciocínios não com variações alta e tecnicamente desenvolvidas de cérebros mecanicistas eletrônicos, mas com simples idéias e fatos relativamente às funções mais primitivas de natureza física. Parece aconselhável, evitar a superestrutura complicada e aderia ao simples ainda que ingênuo.

De acordo com nossa suposição, a energia OR atmosférica expressará sua excitação de algum fatos perigoso na vizinhança desenvolvendo o estado de existência flagrante. Reagirá, de acordo com o contador GM, com contagens mais elevadas. O perigo pode ser a difusão de radiação atômica no curso de uma explosão atômica; pode ser a presença na atmosfera de DOR proveniente dos exaustores das naves espaciais; pode também ser DOR elevando-se de nossa energia atmosférica quando nosso envoltório OR morre. Não devemos nos tornarmos rígidos, mas flexíveis, em todos esses raciocínios; neste novo campo do conhecimento tudo pode ser possível, qualquer coisa além de nosso conhecimento atual pode aparecer em nossas pesquisas.

Quando uma bomba atômica explode, uma enorme quantidade de material nuclear (NU) fica repentinamente irritado numa forma concentrada de Energia da Vida atmosférica, não preparada, não concentrada. Por outro lado, *quando Oranur está agindo, uma diminuta quantidade está irritando a energia da Vida Altamente concentrada.*

No primeiro caso, Energia Or é vítima de prostração e decadência. No segundo, a energia OR reage após um breve período de consternação ou paralisia com uma força motora violenta. Fica então compreensível por que não são observadas contagens de fundo elevadas além de um estreito círculo em volta do ponto zero da explosão atômica. No entanto, no segundo caso as contagens são baixas no material nuclear enquanto podem elevar-se a muitas centenas de milhares por minuto na atmosfera circunstante. A orurização da atmosfera representa apenas uma variante do segundo caso. Quando orurizamos a atmosfera, estamos fazendo com que

a atmosfera reaja violentamente como em Oranur ao colocar uma pequena quantidade de NR num dos tubos do canhão espacial ou ao passar esse material para lá e para cá perto da base metálica do canhão espacial ou dos tubos. Somente a forma da reação Oranur varia nos dois casos. O princípio é o mesmo.

Como aprendemos, a orurização da atmosfera retira quaisquer nuvens DOR que possam estar presentes. É irrelevante aqui o que acontece à Energia DOR: se é reconvertida em energia OR, se se transforma em vapor d'água ou é absorvida no solo ou num poço.

DOR desaparece em todos os casos.

Em 15 de fevereiro de 1955, às 9h45 da manhã durante nossa reunião diária, uma grande explosão foi ouvida ao norte; a qual foi sentida por todos os presentes no deque de observação. Depois disso, o céu foi meticulosamente observado com binóculos e telescópios até as 14h. supomos que tinha havido uma explosão atômica. Às 9h49 a contagem OR atmosférica, medida com o SU-5 GM Counter (contador SU-5 GM) era 400 - 600 CPM. A tabele seguinte representa o registro original escrito durante a operação:

Registro
Ditado por Wilhelm Reich, M.D.
Data: 15 de fevereiro de 1955

Assunto: OROP ORUM At. OR 1

Hora	N° min.	CPM	ORUR	Fenômeno
9h44				Grande
9h47				explosão ouvida e sentida por WR e quatro outras pessoas. DOR assentando-se a NW
9h49	0	400-600		
9h50	1	700-750		
	1	600-900		
9h51	2	1000-700		
9h52	3	600-700		
9h53	4	800-400		
		500-500		
9h55	6	800		
9h56	7	800	# 1 estacion.	
9h57	8	500	"	trilhas de vapor mantinham-se longas em direção W e NW
9h58	9	600	"	
9h59	10	400	"	

10h	11	400	"	
	12	500	"	
	13	600	"	
	14	500	"	Nuvens não se dissolvem, DOR assentando-se pesadamente. ORUR não se opõe aos CPM's
	15	500	"	
	16	500	"	
	17	400	"	
	18	300	"	
	19	400	"	
10H1 0	21	700-600	Começar # 1 oscilação	
	22	600-400	"	
	23	450-300	"	
	24	300	"	Nuvens se organizando em padrões paralelos. ORUR pulsátil + eficiente do que estacionário. Nuvens continuam se estratificando.
	25	300	"	GM fora
10h15	26	400-350	"	Sol tem 1 anel
	27	350	"	
	28	400-450	"	Céu azul; nublado e estratificado.
	29	500	"	
½ h	30	450	"	12 mili-Roentgen.
10h20	1	450-500	"	1 fita de nuvem estendendo-se ao longo do Plano Galáctico
	3	600-700	Fim 1 (27 min)	
	4	650		Nuvens e azul mantêm-se bem. DOR assentando-se mais forte.
	6			
	7	500		Meio anel a leste em torno sol.
	8			DOR espalhando-se fortemente; nuvens se dissolvendo; sem ORUR.
10h30	11			DOR espalhando-se a NW e N - não em direção a S o ou E.
	13	800-650	2. In. (estacionário)	
	14	650	(oscilante)	Nuvens DOR formando-se novamente.
	15	550	"	DOR reduzindo de W para N.
	16	600-650	"	
	17	600	(estacionário)	Trilhas de vapor se mantêm no N. de 30° até Z.
	18	500		DOR forte sobre horizonte e sobre Tucson. Trilhas de vapor se mantiveram o tempo todo Brisa do E. Diminuição do cloudbuster de 30 para 10°. DOR desaparece completamente do horizonte com varredura.

10h44	23	600	(2 in.)	Sem DOR
10h45	24	600	"	Espera-se chuva na parte S-SW DOS EUA, Não NO MEIO NORTE.
	25		"	Puxamento baixo sobre Tucson e NW.
	28	600-800	"	cloudbuster até 45° novamente, varredura completa.
	29	600	"	
10h51	30	"		
10h52	1	"		
	2	500	Fim 2	Cloudbuster no zênite
	3	600	(19 minutos)	
	5			DOR chegando forte
	6	600		DOR espalhando-se para cima a W e N. Nuvens encolhendo outra vez. COM em DOR do horizonte N. para W. A E e S. ainda prevalece o azul. DOR parece se aproximar do N.
11h	9			Céu sem nuvens no arco do W sobre N. para E.
	13	700		
	15	700-800		
	16	800	Começar 3.	Varredura baixa para N-NW
	17	600	Estacionário	
	18	600	"	Varredura a 30°. Nenhum DOR sobre Tucson. Névoa azul sobre W. e S. Norte NW DORizando.
11h10	19	300	"	Outra vez brisa do W.
	21	700	"	Varredura sobre Tucson no horizonte. DOR pesado no horizonte norte.
11h21	30		"	
11h22	1	700-800	"	
11h25	5	600-700	Fim 3 (19 minutos)	

13h CPM: 250-300; cerca de metade do céu a nordeste estava sem nuvens e a metade do sul estava nublada.
14h COM: 90-100; nuvens voltando ao céu. nenhum DOR em volta.

Resumo:
1h; 36 min. Puxou-se com um cloudbuster
1h; 5 min. ORUR.

Assinado: Wilhelm Reich, M.D. Robert ª McCullough, William Moise, Eva Reich, M.D.

Citaremos aqui somente os pontos principais. Sete minutos depois que a explosão foi ouvida, as contagens subiram para 1.000 CPM. Se, como supusemos, isto foi uma explosão atômica em algum lugar nos campos de provas militares do Nevada ao norte e a altas contagens provinham da difusão NU, a alta contagem de fundo atmosférica tinha

viajado mais vagarosamente do que o som e tinha alcançado seu pico, em nosso contador GM, sete minutos depois da onda sonora ter sido ouvida. Isto parecia muito improvável.

Parecia muito mais seguro supor que a atmosfera em torno de Little Orgonon estava condicionada a reagir a irritação de NU e tinha reagido a uma excitação que tinha viajado através da massa de ar à velocidade do som. Deveria haver um outro mecanismo de transferência em funcionamento. Não sabíamos e não queríamos perder muito tempo com especulações teóricas. Muito mais importante era agir sobre este evento, imediatamente, de uma maneira experimental. A primeira onda de alta atividade de energia OR tinha sido liberada por um evento desconhecido, qualquer que tenha sido ele. Desejávamos aprender como a atmosfera se comportaria numa longa orurização forçada. Orurizamos a atmosfera uma hora e cinco minutos. Puxamos ao mesmo tempo uma hora e trinta e seis minutos.

A excitação atmosférica ainda era alta com 300 CPM às 13h; ainda estava errática com 100 COM às 14h, mais de quatro horas depois.

No curso desta operação em 15 de fevereiro de 1955, surgiu em minha mente um pensamento que parecia absurdo, mas era irresistível. Se a explosão do material nuclear é devido a uma mudança rápida, instantânea, da energia cósmica *secundária* ("após a matéria"); se além disso a atmosfera suficientemente preparada por meio de orurlzação repetida se tornasse mais capaz de resistir ao assalto por NR, um remédio preventivo contra a infestação da atmosfera como poeira atômica podia ter sido encontrado.

Não tenho condições de dizer se minha especulação é correta ou não. Tampouco desejo especular mais. Mas a possibilidade parecia definitivamente estar dentro do domínio racional. Mais, como o devido cuidado para não me tornar excessivamente especulativo, um pensamento adicional não parecia de todo temerário: *a criação de um potencial atmosférico mais alto do que o da bomba atômica poderia torná-la sem utilidade como arma de guerra.*

Desde que não tinha nenhuma condição de provar ou desaprovar minha asserção, logo retornei, ainda profundamente imerso nesses pensamentos, às minhas atividades regulares OROP no deserto Ea. A 'nica coisa que podia fazer era manter a atmosfera limpa e forte.

Tentamos estabelecer a fonte da explosão de 15 de fevereiro. Não houve notícias no rádio ou nos jornais. O repórter policial do Arizona Dailly Star não tinha registro de qualquer explosão nesse dia. O xerife também não tinha ouvido nada nem recebido nenhuma notícia sobre qualquer explosão naquele dia. Alguém sugeriu que a explosão podia ter-se originado na Base da força Aérea Davis Monahan. Uma coleta de informações alguns dias depois na base teve resultado negativo. Não havia registros de uma explosão. O serviço de segurança também não sabia nada sobre uma explosão. Finalmente um sargento de uma corporação disse ao nosso operador que todos os dados desse tipo eram classificados e que não havia acesso a eles. Perguntado se uma observação importante ligada

à explosão podia ser transmitida a alguém, respondeu que não havia ninguém para se ver. Perguntado se esta resposta era para ser tomada como negativa, disse que era para ser tomada como uma *"não resposta"*, pois a informação estava classificada.

Deste modo nunca ficamos sabendo que explosão tinha ocorrido, o que tinha causado as altas contagens naquele dia.

Durante nossa operação naquele dia, DOR tinha descido rápido e pesadamente a oeste e a norte; estava ausente ao sul e a leste. A atmosfera excitada tinha reagido à orurização com calma, isto é, com abaixamento de CPM.

A longa orurização provocada tivera efeitos positivos. A atmosfera um tanto seca do começo de fevereiro tinha cedido à rica chuva de 17 de fevereiro às três da tarde. Tinha ouvido ao longo de toda a costa oeste com 1.44 polegadas em St. Bárbara, de acordo com a estação DOPO de Pjoenix e a KFI de Los Angeles. Foi uma chuva fina, uma típica chuva Oranur, encharcando o solo, uma umidade mito bem-vinda. A chuva se moveu para o interior de acordo com nosso puxamento de SW e oeste.

Los Angeles Times 2/15/58

RAINFALL FIGURES

Following is the rainfall, in inches, reported from various Southern California points up to 4 p.m. yesterday. (Normal L.A. rainfall to date 9.37 inches):

	Storm Season	Last Year
Los Angeles	.30	7.49	8.76
Agoura	.51	8.86	10.49
Alhambra	.51	8.86	11.06
Altadena	.74	10.25	11.36
Anaheim	.63	7.27	9.10
Arcadia	.15	9.77	13.54
Avalon	.31	6.76	8.70
Azusa	.58	9.03	12.69
Bakersfield	.23	3.56	3.08
Banning	.23	9.73	9.33
Bardsdale	.66	8.89	11.64
Bear Valley	1.29	20.42	21.55
Bell	.45	7.88	8.61
Box Springs Mt	.60	6.39	7.46
Brea	.68	9.23	9.86
Buena Park	.55	7.06	7.70
Burbank	.56	7.25	8.73
Cabazon	.62	7.31	8.29
Camarillo	.72	7.90	9.42
Campbells Sta	.70	8.29	10.26
Capistrano	.97	6.93	9.99
Carlsbad	.66	7.51	7.22
Cathedral City	T	2.74	2.15
Chatsworth	.65	9.85	11.00
Chino	.62	8.63	9.90
Chula Vista	.18	4.74	4.21
Claremont	.52	9.22	13.21
Colton	.42	7.65	8.65
Compton	.68	7.90	7.87
Corona	.65	6.64	7.66
Corona del Mar	.50	5.81	7.72
Coronado	.11	4.49	3.91
Costa Mesa	.51	6.67	6.31
Covina	.55	7.78	11.01
Cypress	.50	7.28	9.52
Del Mar	.15	5.10	4.76
Del Rosa	.56	9.57	11.29
Duarte	.59	8.50	11.75
East Highlands	.50	8.22	9.20
El Monte	.51	9.51	9.72
El Segundo	.46	6.85	8.14
Elsinore	.49	6.31	7.42
Encino	.61	9.82	9.99
Escondido	.47	6.90	9.00
Etiwanda	.61	11.02	11.17
Fillmore	.64	8.37	11.37
Fontana	.64	10.14	11.65
Foster Park	1.09	9.94	12.84
Fresno	.03	2.59	5.67
Fullerton	.57	6.76	8.32
Gardena	.60	7.03	9.66
Garden Grove	.63	6.91	7.15
Glen Avon	.78	6.88	8.22
Glendale	.60	9.01	8.17
Harbel Road	.71	6.18	6.60
Hemet	.65	7.18	6.07
Hermosa	.46	4.86	6.63
Huntington Bch.	.50	5.26	6.43
Indio	T	2.16	.82
Inglewood	.57	7.76	9.90
Irvine	.75	6.43	8.31
Johnson	.56	5.78	7.48
Julian	.50	12.16	12.21
La Canada	.80	9.91	11.53
Lachuza Cyn.	.92	10.45	11.77
La Crescenta	.68	10.16	16.09
Laguna Beach	.69	6.77	8.23
La Habra	.60	8.06	9.66
La Jolla	.33	5.11	4.95
Lake Arrowhd	1.50	22.19	26.07
Lake Hodges	.52	6.88	9.13
Lake Sherwood	.57	10.50	11.13
Lake Wohlford	.69	7.22	11.19
Lambert	.85	6.83	9.19
La Mesa	.19	5.55	6.89
La Quinta	T	2.02	.68
Las Flores Bch	.65	7.59	12.03
Lemon Heights	.76	6.68	9.03
Limestone Cyn	.70	7.14	12.14
Lomita	.59	6.65	8.33
Long Beach	.54	6.85	9.91
Los Alamitos	.54	6.50	7.11
La Verne	.50	8.81	12.11
Lynwood	.59	8.43	8.18

	Storm Season	Last Year
Manhattan Bch.	.41	6.39	8.17
Malibu Dam	1.51	10.66	13.64
Mecca	T.	2.17	.61
Meiners Oaks	1.39	11.18	16.51
Modjeska	.90	10.31	12.83
Monrovia	.77	10.89	12.59
Montalvo	.90	7.31	11.82
Monte Nido	.53	9.62	14.33
Monterey Pk.	.48	9.33	10.37
Moorpark	.79	7.10	11.91
Mt. Baldy	.94	14.42	21.53
National City	.21	4.53	3.46
Newport Bch.	.45	6.30	6.60
Norco	.37	6.59	6.94
N. Hollywood	.61	7.57	8.06
Ojai	1.13	9.31	13.17
Oakview	1.42	9.57	13.18
Oceanside	.26	7.26	9.21
Olive	.67	7.52	9.11
Orange	.68	6.27	8.75
Oxnard	.75	7.31	11.00
Pacific Palisades	.53		
Palm Spgs.	T.	4.56	3.86
Palos Verdes	.55	6.11	9.79
Pasadena	.61	9.72	11.45
Perris	.52	6.88	8.52
Piru	.80	8.51	11.20
Placentia	.81	9.01	9.45
Pomona	.71	9.66	12.22
Pt. Hueneme	.61	6.31	10.26
Port Bend	.65	6.13	7.16
Poway	.38	6.75	7.72
Ramona	.42	6.89	7.83
Redlands	.60	7.94	8.18
Redondo Bch.	.57	6.42	7.52
Rialto	.59	10.08	11.44
Rincon	1.56	7.69	12.60
Riverside	.56	6.86	7.11
Rolling Hills	.58	7.07	8.86
Saddleback	1.15	15.88	27.18
San Bernardino	.58	9.43	10.59
San Clemente	.75	6.59	7.48
San Diego	.18	5.06	4.69
San Dimas	.51	8.65	12.93
San Gabriel	.42	8.53	10.22
San Jacinto	.28	7.31	6.17
San Luis Obispo	.70	13.21	13.47
San Marcos	.65	8.55	10.18
San Pedro	.50	6.61	8.43
Santa Ana	.67	6.96	8.02
Santa Ana Val.	1.18	10.65	11.06
Santa Barbra	1.44	11.54	8.84
Santa Monica	.39	7.10	9.20
Santa Paula	.77	8.07	10.28
Santa Susana	.64	8.62	8.13
Santiago Dam	.69	6.76	11.20
Saticoy	.84	8.71	11.79
Sawpit Dam	.65	11.20	14.01
Seal Beach	.51	5.22	6.84
Shadybrook	.56	7.64	8.58
Sierra Madre	.61	9.67	12.29
Silverado Canyon	.90	9.45	15.60
Simi	.81	7.54	8.24
Somis	.74	7.01	12.46
S. Pasadena	.11	8.82	10.81
Stanton	.58	6.10	7.01
Tarzana	.50	7.26	8.60
Temple City	.46	9.41	10.27
Thousand Oks	.51	7.56	9.12
Topanga Can.	.59	11.97	15.55
Toro Canyon	.59	12.07	15.35
Torrance	.63	5.78	6.95
Trabuco	.82	9.10	12.42
Tujunga	.62	9.42	10.08
Tustin	.71	7.00	7.19
Upper Ojai	1.36	11.17	14.39
Valley Center	.62	7.30	11.11
Van Nuys	.65	8.59	7.66
Venice	.26	7.26	9.21
Ventura	1.04	7.59	8.75
Westminster	.68	5.71	7.01
Wintersburg	.64	5.82	7.59
Yorba Linda	.78	8.61	10.20
Yucaipa	.66	9.01	11.15
Zuma Beach	.77	6.59	11.09

a. Southern California

a. Califórnia do Sul

b. Califórnia-Arizona

Fig. 33. Valores da precipitação pluviométfrica, 16 a 18 de fevereiro de 1955.

As nuvens estavam pesadas sobre a bacia de Tucson em 17 de fevereiro, mas a água se recusava a cair delas. Não compreendia por que. No entanto, com a ajuda de um operador, fui bem-sucedido em conseguir uma chuvarada sobre Little Orgonon e toda a bacia durante 3 horas. Seria demasiado tedioso relatar detalhadamente como consegui retirar a chuva de nuvens que durante horas tinha se recusado a soltá-las. Em poucas palavras, continuamos a perfurar buracos nas nuvens, que se alternavam com puxamentos do céu ainda sem nuvens. Continuamos irritando a atmosfera um tanto deteriorada até que ela cedesse. Finalmente cedeu e ficamos muito contentes com nossa vitória. Um jato da AAF voou sobre Little Orgonon exatamente quando a chuva começou a cair, e moveu as asas; aparentemente tinha observado nossos esforços com interesse.

A chuva de 17 de fevereiro foi frutífera; o solo no deserto tinha então absorvido bastante umidade e estava bem preparado para reagir com mais chuva com grande produtividade. O Tucson Daily Citizen escreveu em 23 de fevereiro de 1955, página 11 (AP):

"Melhores perspectivas com as tempestades de inverno

As boas tempestades de inverno prometem melhores perspectivas do que as previsões feitas recentemente.

O relatório do serviço federal sobre agricultura e pecuária, que realizou seu *survey* mensal no Arizona, informou que o gado está em boas condições, embora geralmente afetado pelo frio.

Condições nos condados: ***

PINAL - *Previsão de boa primavera devido à chuvas.* O tempo frio reteve a grama da primavera e a alimentação do inverno está se tornando escassa.

PIMA - fornecimento de água e alimentos adequados, *após um aguaceiro que se diz ser o mais longo em 25 anos".*

Como se esperava a partir das experiências anteriores, o progresso no combate ao deserto causou também a reação dos Ea aos nossos esforços. Naturalmente é muito difícil contar precisamente com palavras conhecidos; os Ea permaneceram principalmente invisíveis e não se comportaram como qualquer obstáculo hostil conhecido faria. Um dos critérios mais seguros para julgar a extensão e a natureza das atividades dos Ea é observar o comportamento das nuvens, a intensidade e a freqüência do aparecimento de nuvens DOR, sua localização e, testando com o canhão espacial, sua reação à orurização. É desnecessário acentuar aqui que esses critérios são cheios de ciladas. No entanto, como em qualquer outro domínio, a pessoa se acostuma aos novos processos; gradualmente se familiariza e facilmente reconhece. Com isto também a segurança de julgamento aumenta.

As nuvens mantiveram-se bem e solidamente. Tinha chovido toda a noite para o dia 18. Uma explosão de bomba A foi prevista pela KTUC para às 8h30 Mountain Time (horário das montanhas). Foi noticiado um repentino declínio na taxa de criminalidade de 15% em Los Angeles desde 1° de janeiro de 1955. A remoção de DOR e a melhoria na situação de seca tinha causado isto? Não havia possibilidade de responder desde que o relacionamento com os Centros Administrativos Oficiais não foi, devido às contínuas atividades caluniosas dos vários grupos farmacêuticos, tão bom quanto poderia ter sido.

Estávamos indecisos se mantínhamos a chuva ou não. Telefonamos ao Sr. Goyette da Câmara de Comércio de Tucson, que nos informou que a chuva seria prejudicial de 22 a 28 de janeiro. Toda Tucson estava esperando se divertir no festival de rodeios. Depois disso, o cloudbuster foi desligado em 18 de fevereiro às 12h45 enquanto o puxamento para a chuva era mais eficaz. O gerente da Câmara de Comércio compreendeu perfeitamente bem a natureza de nossas dificuldades com os agentes farmacêuticos na Universidade do Arizona; os quais apoiavam os interesses dos bombardeadores de chuva contra os interesses e os desejos dos fazendeiros. Os fazendeiros estavam se queixando das atividades dos bombardeadores de chuvas e de seus métodos financeiros.

Tornou-se urgente remeter uma mensagem para o escritório do Presidente sobre a gravidade do problema Ea. Certas razões desaconselhavam solicitar contatos com o governo. O *lobby* estava pressionando de modo nocivo em tal extensão que o melhor que se tinha a

fazer era não ser participante do *lobby*. A pressão dos problemas Orur e Ea cresciam rapidamente contudo.

Os Ea eram freqüentes e poderosos no céu outra vez após termos desligado os dois canhões espaciais em 18 de fevereiro. Nem sempre podíamos dizer se Ea ou "o átomo" tinha causado as freqüentemente crescentes altas contagens na atmosfera.

O poder de Orur era tremendo. Não podia ser superestimado. Qualquer coisa parecia possível no seu desenvolvimento ulterior. Orur parecia causar uma *ampliação* da atmosfera gasosa do globo. Não tinhamos maneira de provar esta impressão. No entanto, os vapores dos jatos apareciam na ocasião cada vez mais altos; pareciam manter-se melhor e por mais tempo nas altitudes mais elevadas. Um dia dois jatos foram vistos um sobre o outro. Ambos despejavam seu vapor na atmosfera. O vapor do mais baixo mantinha bem a sua forma; o vapor do mais alto era fino e se dissipava rapidamente. A Força Aérea tinha descoberto a ampliação da atmosfera? Não tinha nenhuma certeza de que isto tinha acontecido. Mas a julgar a partir dos movimentos dos jatos em altitudes crescentemente mais altas, podia-se admitir essa suposição. O problema não podia ser atacado sem os fatos de Orene.

Em 21 de fevereiro de 1955, às 9h da manhã, o CPM elevou-se mais uma vez para 300-500 na atmosfera. Retornou ao normal ao meio-dia. Tinha sido detonada a explosão de bomba A tantas vezes adiada recentemente? Não podíamos dizer. Estávamos todos muito doentes com DOR. Os russos anunciaram um "novo remédio contra as explosões atômicas". As declarações deles nunca mereceram confiança, pois inventaram muito em seus relatórios de acordo com a conveniência política. Uma bomba atômica foi detonada às 6h45 Pacific Time (Horário do Pacífico) em Nevada. Às 8h45 Tucson Time (Horário de Tucson) foi registrado 300-500 contagens em Little Orgonon. Às 10h as contagens estavam em 500 CPM. Começamos a orurizar a atmosfera às 10h15; o que continuou até às 10h21. A atmosfera clareou imediatamente. Orurizamos mais uma vez durante 6 minutos com Orur no chumbo e seguiu-se uma reação 100.000+++ CPM. Em 24 de fevereiro uma "teia de areia radioativa", um produto de Ea na forma de Et fibroso, foi encontrado no estado de Nova York. Perigosas nuvens DOR enegrecidas se formaram sobre as serras a sudoeste de Tucson parecendo muito com tornados em formação. Dissolveram-se às 10h35 com simples puxamento. As trilhas da AAF persistiram durante uma hora no céu naquele dia. Às 9h30 foram detectados 400 CPM nessa mesma manhã.

É bem possível que devido à nossa operação Orur diária *a barreira a oeste tinha se tornado palpável pelo final de fevereiro de 1955.* Tinha chovido toda a noite em Oracle Junction a 25 milhas ao norte. Mais uma vez a umidade relativa tinha subido a 70% em 26. Phoenix noticiou umidade fluindo do sul (Estação meteorológica KUHO). Todo o sudoeste estava coberto com nuvens e recebeu aguaceiros. Mas o deserto tinha recebido somente vestígios da chuva: 0,09 polegadas em Phoenix, 0,13 em Douglas, 0,33 em Flagstaff. Por outro lado, o Havaí tinha noticiado 14 polegadas de

chuva em 24 de fevereiro. A Austrália comunicou grandes inundações. Havia previsão de chuva para praticamente todos os EUA. Choveu mais uma vez na Califórnia do Sul e em Flagstaff e Prescott ao norte.

Parecia chover em toda a região circunvizinha com exceção da bacia de Tucson e da vizinhança a oeste de Tucson. Um Ea foi visto na noite de 26 de fevereiro de 1955 ao sul, sobre Tucson, às 21h, durante apenas 1 hora. Não foi visto depois. Não havia nuvens ao sul. Um operador teve a impressão que um Ea estava em dificuldades, cintilando em vermelho quase puro 3 vezes e raticamente.

Em 27 de fevereiro, fiz uma longa viagem *em direção oeste* para inspecionar a fronteira entre o nosso território experimental e o limítrofe. Enquanto a relva da pradaria estava crescendo abundantemente a leste e ao norte em Oracle e além, não havia relva crescendo a oeste ou então o crescimento era escasso. A linha entre a região onde a relva ainda aparecia e o deserto sem relva era nítida. Também as rochas sobre o passo eram nítidas, feias, carcomidas e pretas. DOR visível, gosto ácido, palmeiras esparsas nas encostas a oeste eram indicações bem claras de que existia uma barreira a oeste, nitidamente delineada a partir da claridade da atmosfera a leste. *Tinha descoberto as porções exteriores da barreira a oeste.* Mas era necessário encontrar o início ocidental da barreira, o que se começou a fazer nos dias seguintes.

Em 28 de fevereiro medimos mais uma vez 800-1000 CPM com sol, nuvens altas e 71% de umidade. Choveu mais uma vez na Califórnia e em todo o deserto com exceção do Arizona onde havia previsão de chuva, mas a chuva não veio. Um Ea cintilante tinha sido visto durante a noite ao sul de Tucson, das 19h45 até cerca das 23h. Desapareceu três vezes de acordo com informações do operador. No oeste uma grande bola de fogo estava se movendo em direção a oeste as 3h. Os Ea tinham andado bastante ocupados naqueles dias.

Investigando a Atmosfera sobre as Serras

Na noite de 1° de março concebi a idéia de levar o canhão espacial para Oracle a partir de uma serra. Para esta finalidade, a serra em Oracle, 40 milhas ao norte de Tucson, parecia a mais adequada, pois ela permitia uma visão de outras 50 milhas ao norte, leste e oeste. DOR tinha estado pesado nessas serras longínquas a maior parte do tempo; elas não estavam nos limites da região de Tucson livre de DOR. Além disso, como tinha planejado investigar a serra na torre da Sierra ao sul, Oracle oferecia um excelente lugar para afiar as nossas ferramentas de pesquisas:

Até onde chegariam os efeitos Orur?

Embora o processo de trabalho factual se desenvolvesse satisfatoriamente, as situações emocionais e sociais eram bastante angustiantes. Nessa noite todos os trabalhadores em nosso campo estavam gravemente doentes de DOR com diarréia, calafrio, vômitos, insônia, sede, secura na garganta, "agonia no plexo solar", inquietação, reações vasovegetativas nas duas extremidades - palidez e ondas de quentura (*hot flashes*). Até mesmo nosso cachorro, Troll, que alguns meses depois seria

vítima de um ataque maligno de um Modju escondido, sofreu nesse dia negro com evacuação intestinal involuntária.

Eu tinha sido visto ao sul e oeste por pouco tempo durante a noite. A gravidade de doença DOR não parecia depender da duração de presença de Ea. Dependia de alguma coisa desconhecida.

Também a batalha em torno da descoberta da Energia da Vida parecia cada vez mais encarniçada naquela época no campo social, com nossos inimigos ocultos, trabalhando contra nossa expedição e seu background organizativo como toupeiras em suas tocas. A batalha enfureceu os níveis sociais mais altos bem como os locais. A presteza em matar pela calúnia, obter informações pela esplanagem, pela intrusão ilegal, etc., ou por outros meios igualmente vis era óbvio a qualquer pessoa que partilhasse aqueles dias em nossas vidas. A batalha se dava no Serviço de Meteorologia, nas fazendas com vaqueiros e fazendeiros contrários aos físicos burocratas da Universidade local que protegiam os interesses químicos do bombardeamento de nuvens. Os agentes da droga estavam esperando para irromper em nossos arquivos e conseguir material tanto para matar pela calúnia como para roubar nossos segredos para os grandes interesses da droga. Na AEC a batalha parecia centralizar-se em torno da legitimidade e conveniência de destruir nossa atmosfera ou o que ainda restava dela, por demonstrações contínuas de poder explodindo bombas atômicas. A guerra enfureceu o cenário ideológico entre aqueles que buscavam desesperadamente uma solução pacífica de problema da humanidade, como acontecia com a administração Eisenhower, *versus* aqueles que continuavam o velho sistema assassino de politicagem e desonestidade moral. Nisto, os poderes ocidentais amarrados às regras de procedimento democrático, pareciam fracassar ante os operadores diferentes, sem consciência, concentrados na hierarquia estalinista. Esta deveria cair depois, mas lançou sem poder maligno nessa época, apoiada pelos piratas dos negócios igualmente incansáveis nos EUA.

Freqüentemente imaginava, e meus parcos assistentes comigo, como agiríamos para sobreviver a este holocausto, sem apoio do público, com uma renda miseravelmente insuficiente, proveniente de minha doação do emprego médico da energia OR, de cerca de 30.000 a 40.000 dólares por ano, que estava ameaçada naquela época pela pressão da agência de drogas no governo. Somente alguns homens e mulheres que recebiam salários baixos mas devotados mantinham-se bravamente. De certo modo, os magníficos resultados que alcançávamos diariamente no combate aos desertos fazia-nos prosseguir.

A atmosfera parecia estar sofrendo uma mudança radical. Esta mudança foi um dos principais objetivos de nossa pesquisa nos meses seguintes: o Serviço de Meteorologia admitiu que a precipitação tinha excedido a média na região do deserto em 1,53 polegadas. No entanto, cometeram o erro de extrair a média de períodos compridos, enquanto durante vários anos não tinha havia absolutamente nenhuma chuva. Com relação à seca de 5 anos, nossos resultados eram muito melhores do que os mostrados pela média.

Em 1° de março, de manhã cedo, foi conduzida uma orurização da atmosfera durante 30 minutos, de 9h05 até as 9h34. As contagens de fundo nessa manhã fora as seguintes:

9h	.....	400-500 CPM
9h30	.....	600-800 CPM
10h	.....	1000-1200 CPM
11h30	.....	600-1500 CPM

A atmosfera se recuperou do choque com veemência moderada. Parecia muito mais poderosa e também mais bem sucedida na manutenção do desenvolvimento de DOR, isto é, energia OR agonizante.

OROP ORUR

Registro: OROP ORUR, *ORUR de 30 minutos.*
Data: *1° de março de 1955*
Lugar: Little Orgonon, Tucson, Arizona.

09:00 - Sem nuvens; DOR pesado sobre Tucson; brisa suave do leste. Às 6h30 da manhã a AEC tinha explodido uma bomba A tamanho médio em Yucca Flats, Nevada. *CPM - 450-550.*
09:05 - ORUR dentro; no cano, cloudbuster puxando em torno do zênite.
09:07 - Brisa de SE. Puxamento num ângulo menor. Vagarosamente em degraus.
09:10 - DOR reduzindo-se rapidamente sobre Tucson.
09:11 - Puxamento em espiral em cerca de 45°.
09:13 - Puxamento em torno do horizonte - especialmente sobre Tucson.
09:18 - *DOR elevando-se nitidamente* sobre Tucson.
09:20 - 500 CPM. Puxamento de exatamente sobre Catalinas.
09:23 - 550 CPM. Puxamento de NW a 45°.
09:26 - Puxamento do zênite.
09:29 - Brisa refrescante do sul. *CPM - 600-800-900-1000.*
09:30 - 800 CPM.
09:32 - Puxamento de sobre Tucson. Sentimento de náusea.
09:33 - 700 CPM.
09:35 - *ORUR fora. Cloudbuster* no zênite.

Registro - OROP ORUR, *ORUR 45 minutos.*
Data: *2 de março, 1955.*
Lugar: Little Orgonon, Tucson, Arizona.

09:10 - Banco de nuvens alto, rendado, a S. SE e E. Brisa E. Céu claro. 400-700-400 CPM (WR: noite passada era 150 CPM). *DOR sobre Tucson.*
09:15 - *ORUR dentro.* 450 CPM. Puxamento em torno do zênite.

09:17 - Puxamento a 45° do setor N.; não S. Coesão das trilhas de vapor aumentam.
09:20 - Nuvens aumentando, DOR sobre Tucson movendo-se a oeste, névoa espalhando-se por todo o céu (obscurecendo parte das trilhas de vapor).
09:28 - Brisa SE, mais forte. Puxamento de em torno do zênite. Trilhas de vapor mantendo-se.
09:30 - *900 CPM.* DOR da região de Tucson se concentra sobre a região montanhosa a SW, enquanto o restante do céu fica claro.
09:33 - *500 CPM.* Puxamento do horizonte NW.
09:34 - ORUR fora do tubo e dentro do *container* de chumbo sobre a base.
09:40 - WR tem acesso de tontura. ER e WM sentem-se muito melhor do que antes de começar. Banco de nuvens a NE e S. alonga extremidades em direção ao zênite. Céu enevoado obscurecendo crescentemente as partes das trilhas de vapor. Fluxo de OR de E para W.
09:44 - Puxamento do N. por Mt. Catalina de perto das nuvens.
09:45 - 700 CPM. Varredura E sobre banco de nuvens. WM sente esta operação mais forte do que antes.
09:50 - DOR a SW levantando-se. Brisa S., forte. Tentativa de pegar a brisa.
09:55 - *Cloudbuster* fixo a WNW até 45°.
09:58 - *CPM - 500-800-900.*
10:00 - Puxar do zênite. Não se move, tentar mover. *ORUR fora.* RMC sentia-o exatamente fora do lugar onde estava bom; uma pressão.
10:01 - *CPM - 1000-1200. WR: Há um ponto no qual ele muda de positivo para negativo.* (20 minutos de ORUR no tubo e 25 minutos de ORUR *no container).*

ASSINADO: Robert A. McCullough
Registrador.

Não parecia impossível que, no devido tempo, a atmosfera pudesse ser imunizada contra as explosões atômicas tal como se imunizávamos sistemas vivos contra infecção. Somente aqueles ignorantes da identidade funcional entre a energia OR Orgônica e a Atmosférica poderiam ficar chocados com essa idéia. Um atmosfera altamente orurizada poderia afastar qualquer tipo de energia OR proveniente de detonações atômicas ou de Ea. Tínhamos a impressão que havia dificuldades em detonar a bomba A. Naquele dia o enigma do relacionamento de DOR com a água foi satisfatoriamente resolvido na forma de uma equação orgonométrica.

A caminho da Costa Oeste

Estávamos prontos para ir a oeste para descobrir, explorar e se possível, romper a barreira. Um Orur devia ser transportado de avião para Jacumba, a oeste de torre de divisão na Sierra mais tarde.

A viagem a umas 400 milhas a oeste foi interessante e muito recompensadora. Vi mais uma vez o deserto seco e arenoso a cerca de 50 milhas de Tucson. O contraste com as pradarias verdes que tinha acabado de deixar para trás era surpreendente e reconfortante, pois colocava em foco o que realmente tinha sido realizado em alguns meses de trabalho sistemático.

No caminho de Gila Bend, 3 de março de 1955, 10h30 70 milhas a oeste de Tucson, havia pouco DOR. Relva verde estava brotando em canteiros de vegetação nova. O solo estava úmido e tinha a aparência fértil. Por outras 30 milhas, o verde ainda estava brotando nos dois lados da estrada; mas a vegetação se tornou mais rala. As montanhas eram desertos nus sem qualquer vegetação e com aparência desolada. *Rochas pretas,* mostrando Melanor, atacando febrilmente o granito e o arenito, foram vistas acerca de 120 milhas a oeste na estrada 84; 180 milhas a oeste de Tucson apareceram lugares de um deserto do tipo Saara. Canteiros de rochas Et brancas sobre morro preto, infestando com Melanor, eram entremeados com trechos de areia. A paisagem estática transformava-se numa sucessão funcional de eventos que revelavam, por assim dizer, suas história: vegetação verde → seca devido ao ataque de DOR → agonia da vegetação → mais DOR transformando-se em Melanor sobre as rochas → corrosão das rochas → Melanor ficando branco → rochas transformando-se em argila e finalmente em areia.

Parecia inacreditável que a sistemática remoção de DOR durante alguns dias fosse suficiente para mudar a maré de morte, para fazer aparecer a vida verde mais uma vez nessa desolação. Era ainda mais inacreditável que o homem não tivesse conhecimento disto durante muitos séculos. O próprio homem tinha obstruído a redenção pela qual tinha rezado em todo o globo há tanto tempo, com tanto ardor. Então, mais uma vez, lembrei-me dos pais que cultuavam o conhecimento orgonômico e então me traziam seus filhos com os tórax altos, endurecidos, e com as faces pálidas ou enegrecidas, e como um leve alívio do tórax com pressão alta ou das costas arqueadas era suficiente para melhoras a situação, visível o aparecimento de um sorriso e na cor de rosa do rosto. Quão paciente é a vida.***

Perto de Yuma passamos por um trecho de **Rochas Pretas**. O conhecimento da existência e das qualidades de Melanor ajudou enormemente a compreender o que víamos. Primeiro, a aparência maligna do próprio pretume. Impressionava o observador como um atacante, solapador da força. Era como se o pretume estivesse escavando seu caminho dentro da rocha, fazendo com que ela formasse em primeiro lugar, pequenos buracos, e, em seguida, buracos maiores. Em outros lugares, a rocha atacada tinha atingido o estágio no qual se desfazia em seixos ou areia grossa. A cor esbranquiçada de Orite tinha se estabelecido nesses trechos do desenvolvimento inicial da duna. Orite branco nada mais é do que antigo Melanor preto. Isto soa estranho a princípio mas é facilmente compreensível: Melanor "sedento" e "faminto" de umidade e oxigênio *absorve* somente energia. Quando saturado começa a ceder ou radiar

energia, tornando-se branco, totalmente de acordo com as qualidades de absorção do preto e com as qualidades de desprendimento de radiação dos corpos brancos de acordo com Kirchhoff.

255 milhas a oeste de Tucson entramos no "Saara Americano", vastas extensões de dunas completamente desenvolvidas e com uma paisagem arenosa, arredondada e íngreme. E mais uma vez a estrutura das dunas e colunas contou a história de seu desenvolvimento tal como é a tendência do ser humano contar a história de sua vida ao olho experimentado.

Essas colinas de areia arredondadas e lisas constituíram o resultado final da corrosão das rochas e da marga seca por DOR e Melanor. As antigas torrinhas pontiagudas transformaram-se vagarosamente em dunas. A vegetação secundária também tinha morrido. E Orite tinha penetrado na areia em grande profundidade.

Teriam os imensos depósitos de petróleo nas regiões desérticas alguma coisa a ver com a penetração de Melanor nas profundezas? Certamente tinha. Mas há ainda um longo tempo para compreender perfeitamente este enigma.

Os desertos arenosos desenvolvidos podiam se transformar em pastagens verdes? Isto precisava ser verificado, mas parecia improvável.

Às 15h15 em Grand Wells, o homem do posto de gasolina informou-nos que tinham tido boa chuva no deserto do "Saara" em dezembro de 1954 e em janeiro de 1955, mas não antes até onde a memória dele alcançava. Eram as *nossas* chuvas, que tinham chegado até o "Deserto do Saara" com a umidade puxada para o interior a partir da costa oeste. Naquele momento estava viajando para inspecionar as praias do oeste de onde a chuva tinha vindo para o deserto. Descobrir e destruir a *Barreira* abriria possivelmente o caminho para mais chuva. Isto aconteceu cerca de uma semana mais tarde.

15 minutos depois, após ter viajado através do "Saara Americano" Orite branco foi visto abundantemente endurecendo os arbustos e ar árvores ao lado da estrada: precursores da desolação completa. Como tudo isto parecia lógico agora, após a descoberta Orene, DOR e Melanor.

Sexta-feira, 4 de março, 7h30, 20 milhas a oeste de El Centro, havia uma pesada camada de DOR sobre a serra onde a barreira foi posteriormente descoberta e destruída. Passando através das montanhas em sentido ascendente na estrada que conduzia ao passo com a torre de observação, vimos então o mesmo teto DOR a leste por volta das 8h10 da manhã. Era espantoso que as partes mais altas das montanhas aparecessem brancas, enquanto as partes ais baixas eram preto amarronzado. Possivelmente isso acontecia porque Melanor tinha atacado a parte de cima, atingindo deste modo os cimos das montanhas primeiro. Enquanto satisfazia sua infinita sede de umidade e fome de oxigênio, arrancando os dois do granito sólido, e com isso tornando-o branco, Melanor atacava as regiões mais baixas depois e, ainda não naturado, mantinha sua horrenda cor preta, o sinal físico de absorção e avidez de umidade.

A torre foi alcançada às 8h45. Constatamos imediatamente uma contagem básica de 400 CPM na serra e 600 CPM 3 milhas a oeste de Jacumba. Desde que as contagens altas indicavam sempre a presença de Ea, não podia haver dúvidas de que os efeitos de Ea estavam presentes na divisão claramente delineada.

No lado oeste, os bancos de marga e de argila mostravam sinais de reorganização em direção à rocha. Este foi o primeiro sinal de um processo em sentido contrário ao desenvolvimento do deserto. Algumas milhas depois encontramos as primeiras campinas verdes das encostas oeste da Sierra.

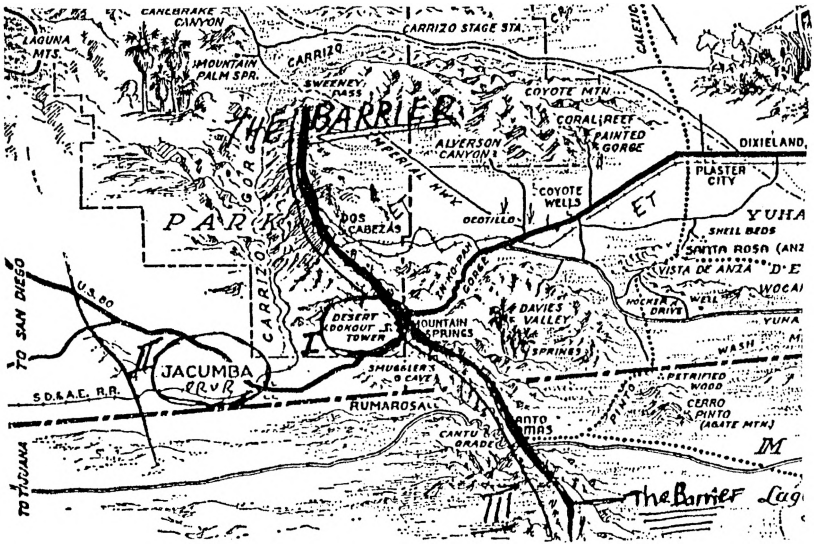


Fig. 34. A "Barreira" com a torre de observação onde foi rompida.

A viagem para San Diego foi um grande prazer. Foi um alívio ver pastos verdes mais uma vez e uma vegetação que não era do tipo de deserto. Mas os sinais de seca progressiva eram muitos e inequívocos ao longo da costa do Pacífico. Mais uma vez tive a impressão de um cabo de guerra entre as forças da Vida e as forças da Morte, entre OR e DOR, Orene amarelo que produzia clorofila ao se fundir com a energia OR atmosférica azul e Melanor preto que absorvia o amarelo da vegetação e

assim destruía a clorofila verde. Como os métodos de pesquisa mecanistas estavam distante desses *insights*, os quais estavam perdidos na rígida teoria da partícula atômica, inaplicável a quaisquer funções naturais,árida e estéril como o próprio deserto, completamente distante no que se referia as funções da vida.

Após três dias maravilhosos cheios de felicidade em San Diego, uma cidade bonita e rica, e após uma viagem pela costa até Los Angeles, retornamos mais uma vez para o leste, para a divisão, e a barreira situada sobre ela. Na viagem de volta tivemos a impressão, mais forte ainda do que na ida, que as terras verdes estavam morrendo. Mais uma vez a estrutura da paisagem contava a história de um processo. DOR estava pesado nos vales. As árvores estavam mais retorcidas nos vales do que acima deles. Campinas e serras estavam morrendo.Havia muitos trechos de areia, rochas *brownites*, tanto se decompondo quanto se reorganizando.

A Barreira cede

Chegamos em Boulder Park na divisão no final desse dia e estávamos prontos para começar as operações na barreira no dia seguinte, 6 de março. Vi que as nuvens ao se aproximarem ou enquanto passavam a barreira se dissipavam exatamente de modo que tinha visto acontecer sobre o observatório em Orgonon nos anos Oranur, 1952 e 1953. As nuvens espessas e esbranquiçadas se tornavam flocosas nas franjas dianteiras, os fios finos se dissolviam completamente até que toda nuvens, não importa quão espessa fosse, nunca mais era vista em sua forma original. Era absorvida por DOR. Isto podia ser visto pela mudança na cor branca para cinza aço ou cinza sujo e por se tornar retangular. Nuvens cinza aço, retangulares ou flocosas eram por este motivo, sempre sinais da presença de DOR, tal como o céu preto e sujo e contagem básica alta. Ambos indicavam os efeitos atuais ou passados de Ea. A destruição de nuvens na barreira oeste era deste tipo e inquestionável.

O caminhão com o canhão espacial chegou à divisão ao meio-dia de 6 de março; às 14h a operação começou. Esta primeira operação confirmou plenamente o que tínhamos aprendido no Maine e no Arizona. A contagem básica era de 500 a 800 às 14h. Havia nítidas faixas de DOR enegrecido ao longo da terra na direção sul a norte. As nuvens se dissipavam ao passarem a barreira. Puxamos do zênite durante muitas horas, de forma entrecruzada; os 3 operadores se alternaram nos controles do canhão espacial com movimento constante dos tubos de puxamento. Não orurizamos nesse dia. O resultado foi bom. Às 17h15 o zênite estava coberto de nuvens. As nuvens começaram a passar mais ainda estavam se dissipando mais além a leste. Às 17h30 a contagem básica tinha caído dos anteriores 800 para 200 CPM. No dia seguinte, 7 de março, a contagem era 150 às 7h, mas permaneceu alta de 500 a 900 o dia todo. Com nossas operações tínhamos aparentemente atraído a atenção de nossos visitantes espaciais.

Uma bomba atômica foi detonada em 7 de março às 7h30 horário das montanhas. Nesse dia puxamos principalmente de zênite. A barreira DOR que se estendia ao longo das montanhas, em sentido paralelo à direção norte a sul, comportou-se, empregando um exemplo do campo do vivo, como um *"animal dormindo"* que foi cutucado; moveu-se um pouco mas recusou-se a acordar. O ar estava deteriorado. Com suficiente puxamento, ele se avivava numa brisa refrescante e o gosto azedo de DOR diminuía. No entanto, tão logo a operação parou, a atmosfera retornou a sua inércia. DOR chegava pesado até o chão. As grandes pedras do deserto ao norte que tinham sido branco-cinza começavam visivelmente a escurecer.

No início da tarde, a barreira parecia desmoronar-se. Melanor apareceu sobre as rochas, serras, grandes pedras *en masse.* As areias brancas escureceram. Em torno do nosso caminhão, começou a aparecer o verde. Todos nós tivemos a impressão de que a areia branca absorvia Melanor avidamente. Decidimos orurizar no dia seguinte.

Em 8 de março às 9h55, o avião chegou de Tucson trazendo Orur no *container* a reboque. As contagens dentro do avião eram 400, a 50 pés de distância 800, e no próprio *container* 100.000 +++.

As operações começaram às 10h08. A atmosfera de uma contagem de 900 a 1000 CPM, 12 minutos depois 400 CPM. A temperatura na máquina tinha se elevado para 110° Fahrenheit. A operação Orur foi concluída às 11h36, com um total de 88 minutos. O céu sobre a antiga barreira estava claro. Uma brisa fresca soprou do oeste. Não esperava, contudo, que ela durasse; esperava-se que a barreira fechasse outra vez. Decidi deixar o material Orur no aeroporto de Jacumba e, se necessário, mandar um avião de Tucson apanhá-lo posteriormente. O material permaneceu em Jacumba quando a base estava estabelecida aí numa fazenda.

3 jatos com trilhas de vapor foram vistos entre 9h30 e 9h43 sobre a barreira, voando de leste para oeste. As trilhas de vapor eram curtas e um tanto finas.

Um operador permaneceu perto do aeroporto de Jacumba e continuou a puxar toda aquela tarde após eu ter partido. A resposta da atmosfera acelerou-se. O fluxo de energia OR foi de leste para oeste o dia todo. Nuvens altas e finas começaram a se formar sobre a barreira durante a noite.

Às 7h da manhã seguinte as nuvens ainda se dispersavam sobre a barreira; a atmosfera estava enegrecida e *"insípida".* No entanto, a resposta às operações de puxamento tinha melhorado, com os ventos vindo do sudoeste, uma indicação sempre possível de chuva,. O azul começou a afluir aos vales vindo do oeste, a insipidez decresceu e a atmosfera começou a brilhar. A temperatura no sol caiu de 80° para 74° F. por volta das 9h.

Às 11h uma névoa azul formou-se diante das montanhas. O fluxo OR era mais forte, e o vento continuou vindo do sudoeste. Nuvens se formaram rapidamente, mas ainda se dispersavam sobre a barreira.

Às 14h a temperatura tinha caído para 72°. Sentia-se a atmosfera úmida. Umidade estava afluindo do sudoeste. A névoa azul e a nebulosidade aumentaram mais, e às 16h a temperatura tinha descido para 64° F. a maior parte do tempo o operador tinha estado em contato com o "vento", isto é, a brisa suave que se sente quando a operação está em contato com uma forte corrente OR. Deixou-se a máquina operar estacionária puxando do sudoeste. Um orvalho abundante desenvolveu-se durante a noite. O céu tornou-se nublado. Mas as nuvens ainda estavam se dissipando. O céu tinha, contudo, a aparência esbranquiçada e úmida.

De manhã cedo, às 8h30, enquanto se "pegava o vento", descobriu-se que o puxamento do nordeste aumentava o crescimento das nuvens no zênite e no sudoeste. Às 10h o céu estava na maior parte nublado com nuvens finas. Estranhas formações de nuvens apareceram a oeste e se moveram para o leste. Eram a princípio linhas negras onduladas contra as nuvens brancas. Desceram em direção as serpentinas, aparentemente atraídas pelo teto DOR ainda existente. Em seguida transformaram-se em nuvens roliças e se tornaram marron amarelado. Continuaram a crescer e então se tornaram azul escuro e pesados como as espessas nuvens de chuva Às 10h caíram as primeiras gotas de chuva em Jacumba. Durante as duas horas seguintes parecia que a chuva tinha dificuldade de cair, mas o céu permaneceu nublado. O operador continuou a puxar, como deve ser feito nesses casos, das áreas fracas do céu. Deixou-se que o cloudbuster puxasse do noroeste. Chuva leve começou a cair e continuou assim durante toda a noite nos locais em que a barreira foi dissolvida.

Na manhã seguinte a chuva ganhou força. Choveu às 6h uniforme e abundante no modo típico do Oranur: chuva fina e que encharca. Motoristas contaram sobre chuva pesada no deserto em volta de el Centro ao longo da barreira a leste.

Às 10h, contudo, a chuva parou. As nuvens começaram a se dissolver outra vez na barreira. O operador foi incapaz de parar a dissolução com o cloudbuster. Às 12h as nuvens se dispersaram na borda a sudoeste. Formações de nuvens dispersas jaziam sobre o deserto a leste.

O vento continuou vindo do sudoeste. As operações de puxamento também continuaram pelo sexto dia consecutivo.

Os totais das chuvas de 11 de março de 1954 foram:

Jacumba, Calif.	¼ de polegada
El Centro	½ polegada
San Diego	0,38 polegada
La Jolla	0,49 polegada
Pasadena	1,00 polegada
Los Angeles	0,56 polegada
Yuma, Ariz.	apenas vestígios

Em 12 de março houve orvalho abundante mais uma vez durante a noite. No entanto, houve pouca resposta da atmosfera à operação, possivelmente porque a umidade tinha sido esvaziada. As encostas das montanhas estavam enverdecendo, e a relva da pradaria tinha aparecido nas encostas de modo análogo à região de Tucson.

O operador retornou à base durante à tarde. Ele parou o puxamento e ao ir para casa guiou também com os canos do cloudbuster abertos.

RELATÓRIO SOBRE A BARREIRA OROR "ORUR", JACUMBA, CALIFÓRNIA

Terça-feira, 8 de março, 1955

Puxamento continuado durante toda a tarde de SW, W e zênite, pegando o vento.

Resposta da atmosfera ao *cloudbuster* gradualmente se acelerou durante a tarde.

Cloudbuster puxando de SW durante a noite, movimento ocasional.

Fluxo OR foi de E-W o dia todo.

Formou-se nebulosidade alta e fina durante a noite.

Noite mais quente do que o usual.

Quarta-Feira, 9 de março, 1955.

7h - Sem brisa, atmosfera insípida, enegrecida, nuvens dispersas.

8h - Começou puxamento, cloudbuster móvel. Resposta imediata, vento vindo do SW.

Ar fica fresco, azul começa a derramar-se sobre o vale vindo do oeste.

Insipidez decresce e a atmosfera começa a brilhar.

Fluxo OR W-E fraco.

Temperatura no sol cai de 80 às 8h para 74 por volta das 9h da manhã.

11h - Azul continua a derramar-se, uma névoa azul em frente das montanhas.

Fluxo OR muito forte W-E.

Vento forte continua vindo do SW.

Puxamento é em grande parte do SW, zênite e W.

Nuvens começam a se formar e se dispersar no céu.

14h - Temperatura no sol desce para 72.

Sente-se o ar muito úmido, *embora a umidade afluísse do SW.*

15h30 - Névoa azul e nebulosidade aumentando.

16h - Temperatura desce para 64.

22h - *Cloudbuster* permanece estacionário para puxar de SW.

Cloudbuster móvel, capitação do vento tinha sido conduzida na maioria dos casos desde às 8h da manhã.

Quinta-Feira, 10 de março, 1955

Orvalho abundante durante a noite. Céu nublado; no zênite e a SW, nuvens começando a se dissolver. Céu tem um nublado branco de aparência úmida.

8h30 - Começou puxamento *** captação do vento *** descobriu-se que puxando do NW aumenta o crescimento de nuvens no Zênite e a SW.

10h- Céu em grande parte nublado, nuvens esbranquiçadas finas *** estranhas formações de nuvens aparecem a oeste e se movem para leste. A princípio eram linhas pretas onduladas contra o nublado branco, mandavam serpentinas para baixo, começam a se transformar em nuvens redondas, tornam-se marron amarelado, continua a crescer e em seguida ficam azul muito escuro e pesadas *** como espessas nuvens de chuva.

20h- Ocorrem as primeiras gotas.

Gotículas ocorrem nas duas horas seguintes, parecia que havia dificuldade em despejar-se ***céu coberto. Puxamento contínuo, das áreas fracas no céu, de baixo para as montanhas a leste e de baixo para NW.NW baixo parecia ser mais eficaz.

24h- Parou puxamento; deixar *cloudbuster* puxando de baixo para NW.

Começa *chuva leve*, chove intermitentemente toda a noite.

Sexta -feira, 11 de março, 1955.

6h - *Chuva leve,* aumenta e chove uniforme e abundantemente até as 9h da manhã. *Chuva está ensopando e penetrando, do tipo Oranur uniforme.* Motoristas e motociclistas comunicam chuva pesada no deserto em volta de El Centro, ao longo da barreira a leste.

10h-`Chuva leve pára, nuvens começam a dissolver-se ***impossível impedir dissolução com *cloudbuster.*

12h- Na torre do deserto *** nuvens vindo do SW se expandem e dispersam na borda *** formações de nuvens dispersas jazem sobre o deserto a leste.

Puxando-se do solo do deserto de NE, as nuvens que vêm não see dispersam tão rapidamente ou tão completamente.

Totais de chuva:

Jacumba, Calif	1/4 polegada
El Centro, Calif	1/2 polegada
San Diego, Calif	.38 polegada
La Jolla, Calif	.49 polegada
Pasadena, Calif	1.00 polegada
Los Angeles, Calif	.56 polegada
Yuma, Arizona	vestígios

Nuvens e chuva vieram do sudoeste.

15h - Nuvens baixas dispersas, muito claro, fresco, e atmosfera limpa. Vento constante continua vindo de SW.

Puxamento continuado de SW.

Sábado, 12 de março, 1955.

Mais uma vez *orvalho abundante* durante a noite. Comunicou-se que orvalho é raro nesta área.

Fluxo OR E-W, névoa muito azul na frente das montanhas.

Calmo, sem brisa.

Pouca resposta da atmosfera ao Orop do *cloudbuster.*

Encostas das montanhas enverdecendo, relva da pradaria tem aparecido sobre as encostas das montanhas, análogo à região de Tucson.

OROP "ORUR", Jacumba, Califórnia.

9h às 10h (1h)

Primordialmente do zênite e SW*** tentativa de perfurar buracos na atmosfera.

O Serviço de Meteorologia não mencionou a chuva sobre o "Saara Americano" e El Centro. Por este motivo foi enviada a seguinte carta:

Expedição Orop no Deserto Ea
RT. 6, Box 281
Tucson, Arizona

15 de março de 1955

F.W. Reichelderfer
Chefe do Serviço de Meteorologia dos EUA
Washington, D.C.

Prezado Senhor Reichelderfer:

Desejamos fazer o registro dos seguintes fatos e eventos: Em 7, 8, 9 e 10 de março de 1955, a expedição Orop no Deserto Ea do Instituto Orgone conduziu operações de Controle do Tempo Oranur experimentais em Jacumba, Califórnia. Esses experimentos resultaram em chuva intencional em toda a Califórnia do Sul, que se estendeu da costa em sentido leste para as *regiões desérticas* da Califórnia do Sul. A chuva alcançou Jacumba na noite de 9 de março e estendeu-se em sentido leste para o deserto durante o começo da manhã de 11 de março de 1955. A chuva continuou até o meio da manhã nesta área, num período de 8 a 9 horas, com um acúmulo de *¼ de polegada* em Jacumba e *½ polegada no meio do deserto em* El Centro, Califórnia. Os registros e as quantidades de chuva mencionados foram obtidos nos locais de observação. Foi bastante intrigante que esta incomum chuva no deserto não tenha sido mencionada nem noticiada em quaisquer notícias sobre o tempo da Califórnia ou do Arizona, quer em jornais, quer em rádios. O mapa das chuvas publicado no

Los Angeles Times de 12 de março não somente não mencionava chuva no deserto como também omitiu completamente as quantidades de chuva da região desértica de El Centro.

Nessas ocasiões omitir ou não noticiar um fenômeno incomum é uma questão muito séria que diz respeito ao interesse nacional.

Atenciosamente,

Assinado: William Moise
Secretário do Laboratório de Pesquisa do Instituto Orgone
Expedição OROP no Deserto Ea

Comitê Consultor sobre o Controle do Tempo
Edifício da Administração dos Serviços Gerais, 1128
Washington 25 D.C.
21 de março de 1955
Sr. William Moise, Secretario
Laboratório de Pesquisa do Instituto Orgone
Route 6, Box 281
Tucson, Arizona.

Prezado Senhor Moise:

Agradecemos imensamente o envio de uma cópia de sua carta ao senhor Reicheldelfer. Gostamos muito de saber de suas atividades.

Atenciosamente,

Assinado: Chas. Gardner, Jr.
Secretário Executivo

CAPÍTULO IX

AUTO-REGULAÇÃO CÓSMICA NO METABOLISMO DE ENERGIA OR

A dissolução da barreira DOR na Sierra Nevada a leste de San Diego realizou com êxito a penetração de energia OR fresca do oeste e sudoeste para a bacia do deserto. Durante 1955 o processo cíclico metabólico auto-regulador de OR → energia DOR → chuva → energia OR tomou conta do deserto.

Energia DOR no homem, animal e planta; energia DOR na atmosfera; energia DOR no espaço cósmico exterior - todas são idênticas e produtos da metabolização da energia OR cósmica primordial. Aqui está a essência do modo pelo qual a energia OR envolve e expulsa a energia DOR: em 15 de março de 1955, pouco depois das 11h da manhã, o contador Geiger SU-5 mostrou fora do edifício em nossa base 80.000 a 100.000 CPM. Mais além, no quintal, o contador GM avançava sobre todos os valores para o 100.000 extremo e além. Reagia erraticamente. Imaginei se não havia alguma coisa errada com o contador, no entanto, dentro do edifício constatei uma contagem quase normal de 50-70. Voltando à atmosfera livre, o contador registrou outra vez mais de 100.000, e permaneceu assim durante as semanas seguintes.

Havia muitos aviões da AAF no céu. Pareciam entrecruzar o céu de uma maneira nervosa, de busca. Tinham também eles descoberto a irritação incomum da atmosfera? Suas trilhas de vapor eram compridas e mantinham-se durante muito tempo. A atmosfera parecia azul cinza, com uma névoa tal como se vê nos belos dias quentes de verão.

Dirigimo-nos de carro para Oracle Junction, a 40 milhas de distância. Em todos os lugares as contagens subiam para 100.000+++ ao ar livre numa maneira errática, nervosa. As contagens dentro do carro eram normais em todos os lugares. 50-80 CPM, mas também erráticas, inconstantes. Muitos jatos estavam no céu; as trilhas se mantinham em todos os lugares, com exceção às vezes, do zênite. Fortes rajadas de vento sul levantaram a areia, formando *dust devils* aqui e ali. As nuvens estavam estratificadas, com as bordas nítidas.

O que causava as contagens de 100.000+++? Foram as seguintes as contagens durante a tarde desse dia:

13:00h	.....	100.000+++	CPM
13:30h	.....	100.000 +++	CPM
14:00h	.....	100.000	CPM nublado
15:00h	.....	40.000	CPM DOR "debandado"" , 12 min. Orur a zênite.
17:30h	.....	40.000 a 60.000	CPM
20:00h	.....	40 a 80	CPM

No dia seguinte as contagens foram:

09:00h	.....	40.000	CPM
12:00h	.....	100.000	CPM
16:00h	.....	100.000	CPM
19:00h	.....	40-60	CPM

Um Ea tinha aparecido na noite anterior no zênite e tinha sido puxado das 19h10 às 19h30 por um operador. Teria este Ea feito algum dano a nossa atmosfera, ou estávamos lidando com um tipo desconhecido de reação em cadeia auto-sustentada? Em qualquer caso, a atmosfera reagiu como se estivesse altamente irritada.

Em 17 de março às 7h, contei 6.000 CPM ao ar livre. Às 9h, 11h, 12h, 13h e 16h as contagens se elevaram outra vez rapidamente até 100.000+++. As contagens de mili-roentgen subiram para 20 mr/h. Nessa tarde as contagens foram 40.000 a 60.000 às 17h em Oracle e 20.000 às 16h em Oracle Road. Desceram para 600 a 800 CPM às 18h30 em Little Orgonon. Tinha chovido em Oracle na noite anterior.

Telegrafei ao Dr. Silvert em Nova York:

"Favor medir de hora em hora durante o dia e a noite contagens Geiger atmosféricas por minuto fora da cidade. Telegrafar resultado. Contagens aqui a mais de 100.000 pelo 6º dia consecutivo".

Sua resposta foi:

"Medições por hora em Montauk a 120 milhas durante a noite e retornaram de 1800 em 19 de março para 1500 em 20 de março mostrando 30 CPM máximo".

Durante a noite o enigma foi decifrado no quadro da teoria Orgone:

Era bastante lógico supor que a superfície do globo desenvolveu, de conformidade com o idêntico processo nos seres vivos, uma concha ou uma couraça entre o solo e o teto DOR. Esta couraça estava agora se fendendo. O teto DOR tinha sido removido antes. As altas contagens do contador GM representavam descarga de energia e o repentino alívio da energia grandemente enclausurada. A energia OR ao descarregar é sempre motora e sobre a forma de existência flagrante. A comparação seguinte servirá para ilustrar sinópticamente:

Organismo vivo encouraçado	**Deserto**
Energia da vida se deteriora	o mesmo
Seqüestração de DOR = couraça	teto DOR DOR sobre o solo
Secura, sede	secura, ressecamento
Impulsos secundários	vegetação secundária
Caráter defensivo, "espinhoso"	crescimento espinhoso
Ajustamento à vida com DOR	ajustamento à vida do deserto
Excitação com a dissolução da couraça	contagens CPM altas com a dissolução de DOR
Febre funcional: OR expulsa DOR	o mesmo: OR expele DOR (furacão, tornado, remoinho de vento)

Mais uma vez a formação da teoria orgonômica tinha alcançado um novo nível em busca de PCF da natureza: N = 1.

As altas contagens atmosféricas permaneceram iguais durante os dias seguintes. Parei todas as operações de rotina e medições em 24 de março de 1955. As contagens continuaram a estar próximas do normal dentro do edifício; baixas, de algumas centenas de CPM no começo da manhã, aumentando para 100.000+++ durante o dia e decrescendo outra vez para uma centena no final da tarde. Acompanhava a radiação solar e sua variação no ciclo diário.

Esta reação em cadeira auto-regulatória continuaria a elevar-se ou pararia algum dia? Durante 1955 e 1956, descobri mais sobre esta excitação auto-regulatória e de auto-limpeza da atmosfera em várias regiões dos EUA.

As altas contagens acompanhavam a forte umidade e a névoa azul cinza. O sudoeste se tornou mais frio. As explosões de bomba atômica foram adiadas pela 6ª vez em 20 de março.

Tinha chovido no sul da Califórnia. Às 12h50 nuvens pesadas estavam vindo do oeste "Tempestades de Poeira". A poeira naturalmente fazia parte delas, pois as rajadas de vento tinham trazido areia. Basicamente, contudo, e plenamente de acordo com a suposição orgonômica de que o movimento mecânico é o resultado de movimentação de energia OR, a tempestade de areia e as nuvens revelaram-se ser nuvens DOR, caçadas pela energia OR poderosa, espiralante, rodopiante. E atrás de DOR caçado veio a chuva. Tão logo a chuva começou, o CPM desceu de 100.000 para 15.000. quando a chuva parou outra vez, as contagens se elevaram para 100.000+++.

As nuvens tinham sido desencadeadas pela perfuração de buracos no céu para despejar a chuva. A água nunca alcançou o solo, como se fosse absorvida ou convertida em alguma coisa que não era água.

A água não estava sendo absorvida por DOR. A água se convertia em DOR.

Isto ficou bastante óbvio. Explicou o conhecidíssimo fenômeno que ocorre no deserto da chuva sair das nuvens, mas parar na atmosfera, nunca alcançando o solo. *Água converte-se em DOR.* E o raciocínio seguinte seguiu-se de um modo lógico: *DOR também se converte em água.* Na forma de uma equação orgonométrica:

A água degenera-se em DOR pela deterioração de seus constituintes químicos em íons H^+ e ozone, 0_3.

A água retorna de DOR pelo reagrupamento de seus constituintes:

$$DOR \rightarrow 2H;\ 30 \rightarrow HOH;\ (H_2O);\ O_2 \rightarrow 0R$$

Pode ser que a pesquisa adicional descubra que os oceanos do planeta se originaram pela transformação de DOR, que penetrou profundamente na rocha da superfície planetária, em água, que então preenchia os profundos *canyons* escavados.

Isto toca no problema da *criação de nossa atmosfera*. Nada mais deve ser dito sobre este assunto neste ponto, apesar de serem tentadoras as especulações imediatas sobre o tema.

Choveu metodicamente em 21 de março de 1955. Concluímos nossas operações em 24 de março de 1955. Estabelecemos uma base em Jacumba, equipada com dois *cloudbusters,* um caminhão e equipamento de laboratório suficiente. Encerramos nossas atividades em abril e começamos a jornada de volta a Orgonon no final de abril de 1955. Nossa tarefa no Arizona estava cumprida.

Escrito durante o inverno de 1955-1956 a partir dos registros da expedição Orop no Deserto Ea, por Wilhelm Reich.

Assinado: Wilhelm Reich.

PENSAMENTOS DE IMPORTÂNCIA

Pensamentos de importância
São construídos como catedrais
Que alcançam os céus
Como se quisessem voar.

Avante, proclamam
Desde as profundezas do mar
Ricos como o avolumar-se
De um designo cada vez maior.

Prescrutemos os céus
Alcancemos as estrelas
Arrebentemos o grito
Transcendendo todas as barreiras.

"Nenhum presidente, juiz, membro do Congresso ou Senado na terra tem o conhecimento ou o poder de decidir qual será o conhecimento de amanhã." Wilhelm Reich

Esse livro, uma das últimas publicações de Wilhelm Reich, contém o resultado de seis anos de pesquisa e traz um relato científico natural com base em medidas práticas para combater a emergência da energia DOR. Este volume é uma exposição dos mais recentes desenvolvimentos na tecnologia de Engenharia Orgonômica Cósmica.

É um livro muito interessante que traz uma série de experimentos conduzidos por Reich e seus assistentes no sul do Arizona (1954-1955) - que explica a contração e morte da Energia Vital e por consequencia, a formação dos desertos.

==========

CENTRO REICHIANO
Av. Pref. Omar Sabbag, 628 - Jardim Botânico
Curitiba/PR - Brasil - 80210-000
(41) 3263-4895 - centroreichiano@centroreichiano.com.br
www.centroreichiano.com.br